
Sandra Brown
CORTE SÚBITO
ROCCO

Sandra Brown

CORTE SÚBITO

Tradução de Alice Klesck

ROCCO DIGITAL

Título original
SMASH CUT

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança a acontecimentos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2009 by Sandra Brown Management Ltd.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma.

Primeira publicação nos EUA pela Simon & Schuster, Nova York.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Maria Carvainis Agency, Inc. e Agência Literária Riff Ltda.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Foto da autora: Patrick Demarchelier, Inc.
Cabelo e maquiagem: Donald Mikula
Figurino: Laura Ferrara

Capa: Rodrigo Rodrigues

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B897c
Brown, Sandra, 1948-
Corte súbito [recurso eletrônico] / Sandra Brown; tradução de Alice Klesck. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital

Tradução de: Smash cut
Formato: e-Pub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8122-149-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Klesck, Alice. II. Título.

12-6516 CDD–813 CDU–821.111(73)-3

PRÓLOGO

Um delicado ping anunciou a chegada do elevador. As portas duplas se abriram. Dentro, havia três pessoas: duas mulheres de meia-idade, que conversavam como velhas amigas, e um homem de trinta e poucos anos, com a aparência estressada de um jovem executivo. Ele chegou para trás a fim de abrir espaço para um homem e uma mulher que esperavam para entrar.

Eles sorriram alegremente ao entrar, depois viraram para a frente. O elevador começou sua descida ao lobby do hotel, com os cinco passageiros refletidos em suas portas de bronze.

O casal estava lado a lado, em silêncio. Uma das mulheres de trás não parava de falar, mas, por educação, mantinha a voz baixa. Sua amiga cobria a boca para conter uma risada e pôde-se ouvi-la dizer: "Minha nossa. E ela ainda tinha orgulho daquele troço maldito."

Quando o elevador desacelerou e um tinido anunciou uma parada no oitavo andar, o jovem executivo deu uma olhada em seu relógio e se retraiu como quem se conforma de estar atrasado.

As portas do elevador se abriram.

No corredor havia uma pessoa usando um agasalho esportivo azul-marinho, óculos de sol opacos e uma máscara de esqui. No buraco da boca, a lã havia sido tricotada com o desenho da boca aberta de um tubarão com dentes serrilhados e pontudos.

Antes mesmo que os ocupantes do elevador tivessem tempo de assimilar a surpresa, o homem estendeu o braço e, com a mão enluvada, apertou o botão que mantinha as portas abertas. Na outra mão, empunhava uma pistola.

– De joelhos. Agora!

Sua voz era alta e entoada, e, por vir das mandíbulas de um tubarão, tornava-se ainda mais aterrorizante. As duas amigas imediatamente caíram de joelhos. Num sussurro, uma delas disse:

– Por favor, não nos mate.

– Cale a boca. Você. – Ele apontou a pistola na direção do homem de negócios. – De joelhos. – O jovem ergueu as mãos e abaixou-se, deixando apenas o casal de pé. – Vocês são surdos? De joelhos!

– Ele tem artrose – retrucou a mulher.

– Não me interessa se ele tem pólio. Ajoelhe, porra! Agora!

Uma das mulheres de trás choramingou.

– Por favor, façam o que ele diz.

O homem de cabelos grisalhos pegou a mão da mulher a seu lado e ajoelhou, com evidente desconforto. Ofendida, a mulher fez o mesmo.

– Relógios e anéis. Coloquem aqui. – O assaltante empurrou um saco de veludo preto na direção do homem de negócios, que ali colocou o relógio que apenas alguns instantes antes lhe causara consternação.

O saco foi passado às mulheres atrás dele, que rapidamente colocaram as joias ali

nele.

– Os brincos também – o ladrão disse a uma delas. Ela rapidamente obedeceu.

O último a pegar o saco de veludo foi o cavalheiro com artrose nos joelhos. Ele o segurou aberto para a mulher que o acompanhava, que colocou suas joias nele.

– Ande logo! – o ladrão ordenou naquele horrendo tom de voz infantil.

O cavalheiro colocou seu Patek Philippe no saco, depois o estendeu ao ladrão, que o arrancou de sua mão e enfiou no bolso com zíper do moletom de capuz.

– Tudo bem. – A voz do cavalheiro tinha um tom de autoridade. – Você já tem o que quer, agora nos deixe em paz.

O estrondo da pistola foi ensurdecedor.

As duas mulheres de meia-idade gritaram de pavor.

O jovem executivo, em choque, lançou uma maldição, com a voz rude.

A mulher com o cavalheiro ficou boquiaberta e horrorizada diante do sangue respingado na parede do elevador, atrás do corpo encolhido.

CAPÍTULO 1

Creighton Wheeler irrompeu pelo terraço de pedras azuladas, tirando a viseira, limpando o suor do rosto e, sem perder o ritmo, furiosamente arremessou toalha e viseira numa espreguiçadeira.

– É bom que isso seja importante. Eu estava prestes a quebrar o serviço dele.

A empregada que fora chamá-lo na quadra de tênis não se abalou com seu humor.

– Não fale comigo assim. É seu pai que quer vê-lo.

O nome dela era Ruby. Creighton não sabia seu sobrenome e nunca se deu ao trabalho de perguntar, embora ela estivesse com a família desde antes do seu nascimento. Sempre que ele se portava mal, ela lhe lembrava que havia limpado seu traseiro e seu nariz, ambos bem sujos, e que ela não gostava de limpar nenhum dos dois. Ele se irritava em saber que ela tivera tanta intimidade com sua pessoa, mesmo quando ele era bebê.

Ele passou por seu corpanzil de 150kg, atravessou a cozinha industrial e seguiu até uma das geladeiras, escancarando a porta.

– Agora mesmo, foi o que ele disse.

Ignorando-a, Creighton pegou uma lata de Coca-Cola, abriu e deu uma boa golada. Ele rolou a lata gelada na testa.

– Leve uma dessas lá fora para o Scott.

– As pernas do seu instrutor de tênis não estão quebradas. – Ela se virou para o balcão e bateu num grande naco de carne que estava preparando para colocar numa assadeira.

Alguma coisa tem que ser feita quanto a essa insolência, pensou Creighton, empurrando a porta vaivém e seguindo até a frente da casa, onde seu pai tinha um escritório. A porta estava entreaberta. Ele parou do lado de fora, bateu uma vez com a lata de refrigerante, empurrou a porta e entrou, girando a raquete de tênis no ombro. Sua aparência era de um aristocrata tirado de uma saudável sessão de exercícios. Era um papel que ele interpretava perfeitamente.

Doug Wheeler estava sentado atrás de sua escrivaninha de porte presidencial, porém, muito mais pretensiosa do que qualquer coisa dentro do Salão Oval. A escrivaninha era ladeada por mastros; um deles ostentava a bandeira do Estado da Geórgia; o outro, a bandeira dos Estados Unidos. Ancestrais olhavam das pinturas a óleo penduradas nas paredes opostas, revestidas de cetim manchado destinado a durar para sempre.

– O tempo de Scott é dinheiro e o relógio está correndo – disse Creighton.

– Receio que isso não possa esperar. Sente-se.

Creighton sentou numa das poltronas de couro diante da mesa do pai e encostou a raquete de tênis.

– Eu não sabia que estava aqui. Você não tinha marcado de jogar golfe essa tarde? – Ele se inclinou para a frente e pousou a lata de Coca na superfície polida da mesa.

Franzindo o rosto, Doug colocou um porta-copo embaixo da lata, para que não deixasse uma marca.

– Passei por aqui antes de ir ao clube, mas algo urgente...

– Não me diga – Creighton interrompeu. – A auditoria de clipes de papel descobriu um desfalque. Essas malditas secretárias sorrateiras.

– Paul está morto.

O coração de Creighton deu um solavanco. Seu sorriso sumiu.

– O quê?

Doug limpou a garganta.

– Seu tio levou um tiro e foi morto no Hotel Moultrie, há aproximadamente uma hora.

Creighton continuou a encarar o pai, depois, finalmente soltou o ar.

– Ora, nas palavras imortais de Forrest Gump. Na verdade, da mãe dele. "A vida é uma caixa de chocolates. Você nunca sabe o que vai encontrar."

Seu pai levantou bruscamente.

– É só isso que você tem a dizer?

– Acho que isso descreve bem.

Creighton nunca tinha visto o pai chorar. Ele não estava chorando agora, mas seus olhos pareciam suspeitamente marejados e ele engolia com dificuldade. Na tentativa de esconder a emoção prestes a dominá-lo, ele foi até o janelão. Olhou a extensão da propriedade, onde trabalhadores mexicanos catavam ervas daninhas de canteiros de caládios.

Em voz baixa, Creighton perguntou:

– Eu ouvi direito, pai? O tio Paul levou um tiro?

– Na testa. Praticamente à queima-roupa. Aparentemente, durante um assalto.

– Um assalto? Tipo um roubo? No Moultrie?

– Por mais estranho que pareça.

Doug passou a mão pelos cabelos cheios e grisalhos, como os do irmão – agora falecido –, que era apenas onze meses mais velho. Ele e Paul frequentavam o mesmo barbeiro, o mesmo alfaiate. Quase idênticos em peso e altura, eram frequentemente confundidos, por quem os via de costas. O relacionamento dos irmãos era quase tão próximo quanto de gêmeos.

– Não sei detalhes – prosseguiu Doug. – Julie estava desesperada demais para falar.

– Ela foi avisada antes?

– Na verdade, ela estava com ele, quando aconteceu.

– No Hotel Moultrie. No meio de um dia de semana.

Doug contornou a mesa e lançou um olhar duro ao filho.

– Ela estava quase histérica. Segundo o policial. Investigador, na verdade. Ele disse que ela insistiu em ligar e ela mesma me contar. Mas só conseguiu falar algumas palavras incoerentes, antes de começar a chorar de um jeito que me impedia de compreendê-la. – Ele parou para limpar a garganta.

"O invstigador, acho que seu nome era Sanford, pareceu bem decente. Ele me deu as condolências e me disse que eu poderia ir até o necrotério se... se eu quisesse ver o corpo de Paul. Haverá autópsia, é claro."

Creighton desviou o olhar.

– Meu Deus.

– Sim – disse Doug, suspirando profundamente. – Também não consigo me conformar.

– Eles pegaram o cara?

– Ainda não.

– Em que lugar do hotel?

– O investigador não disse.

– Numa das lojas?

– Eu não sei.

– Quem roubaria...

– Eu não sei – Doug estrilou.

Um silêncio tenso veio a seguir. Os ombros de Doug caíram pesadamente, em seu porte alto.

– Desculpe, Creighton. Eu... estou meio fora de mim.

– Compreensível. É estarrecedor.

Doug massageou a testa.

– O investigador disse que faria um relato completo quando eu chegasse lá. – Ele deu uma olhada para a porta aberta, mas não fez nenhum movimento em direção a ela, claramente relutante em sair para cumprir aquela tarefa.

– E quanto à mamãe? Já lhe contaram?

– Ela estava aqui quando Julie ligou. Naturalmente está aborrecida, mas há providências a serem tomadas. Está lá em cima, agora, fazendo as ligações preliminares. – Doug foi até o bar e se serviu de uma dose de bourbon. – Quer um?

– Não, obrigado.

Doug tomou o drinque e pegou novamente a garrafa.

– Por mais difícil que seja absorver essa tragédia, há questões práticas que precisam ser encaminhadas.

Creighton se preparou. Ele desdenhava qualquer coisa ligada à palavra prática.

– Amanhã de manhã, eu quero que você vá ao escritório e faça um comunicado ao nosso pessoal.

Creighton gemeu por dentro. Ele não queria qualquer contato com o pessoal deles, que chegava a algumas centenas de pessoas, cada uma das quais com imensa consideração por seu tio Paul, enquanto a maioria não demonstrava nada além de desprezo quando ele raramente dava o ar da graça na sede da empresa.

As Organizações Wheeler fabricavam algum tipo de material de construção. Oba. Que fascinante.

Seu pai olhou-o por cima do ombro. Obviamente estava esperando alguma resposta.

– É claro. O que devo dizer?

– Vou escrever algo essa noite. Ligarei convocando uma assembleia geral, no auditório do terceiro andar, às dez horas. Faça o comunicado, e um minuto de silêncio talvez seja bom.

Creighton assentiu, sério.

– Muito apropriado.

Doug tomou o segundo drinque, depois colocou o copo no bar, decidido.

– Talvez você precise assumir algumas responsabilidades, enquanto estivermos cuidando de tudo isso.

– Tudo o quê?

– O funeral, para começar.

– Ah, é claro. Isso será um acontecimento.

– Sem dúvida – disse Doug, dando um suspiro. – Farei o mais digno possível, mas seu tio era envolvido em...

– Tudo. Ele era o rei não declarado de Atlanta.

Doug continuou:

– Sim, e agora o rei está morto. Para complicar as coisas, sua morte foi um homicídio. – Pensar na brutalidade disso, o fez estremecer e levar as mãos ao rosto. – Meu Deus. – Ele deu uma olhada no bar, como se estivesse pensando em tomar mais um drinque do melhor bourbon do Kentucky, mas não o fez. – A polícia vai precisar de nossa colaboração integral.

– O que podemos fazer? Não fomos testemunhas.

– Mas o assassino de Paul tem que ser preso. Você irá colaborar e de boa vontade. Estamos entendidos?

– É claro, pai. – Creighton hesitou, depois disse: – Embora eu espere que você atue como o porta-voz da família. A mídia irá nos assediar como abutres na carniça.

Doug assentiu bruscamente.

– Vou providenciar para que você e sua mãe sejam protegidos. Embora eu seja obrigado a fazer do funeral um evento público, vou insistir para que seja o mais discreto possível.

"Precisamos dar o exemplo aos nossos empregados e fazer com que a empresa continue funcionando normalmente, como Paul gostaria que fizéssemos. Nesse sentido, eu quero que você esteja preparado. Deixei um material em seu quarto. Você deve revisá-lo essa noite, atualize-se dos novos produtos, nossa posição no mercado, nossas projeções para o ano que vem."

– Tudo bem. – Até parece.

O pai pareceu ler seus pensamentos. E enrijeceu o tratamento.

– É o mínimo que você pode fazer, Creighton. Você tem quase trinta anos. Eu fui negligente e assumo parte da responsabilidade por sua falta de interesse na empresa. Eu deveria ter lhe dado mais responsabilidade, tê-lo envolvido mais na expansão dos negócios. Paul... – Ele hesitou à menção do nome. – Paul me incentivava a fazê-lo. Em vez disso, eu o mimei. Agora chega. Está na hora de você se apresentar. Agora que Paul se foi, você assumirá, quando eu me aposentar.

A quem ele estava querendo enganar? A si próprio, talvez, mas certamente a Creighton, não. Seu pai estava delirando, se achava que Creighton planejava mergulhar no caldeirão corporativo. Ele não sabia nada de negócios nem de administração, nem queria saber. Tudo que queria do negócio da família era o lucro. Ele adorava sua vida

exatamente como era e não tinha qualquer intenção de mudá-la, assumindo a responsabilidade de qualquer um que soubesse dizer sim sem retrucar.

Mas agora não era a hora de repassar a cena que ele e o pai já tinham vivido mil vezes, em que suas falhas e prioridades mal estabelecidas tinham sido expostas para sua revisão, quando ele foi lembrado do dever e do que significava ser um adulto, um homem, um Wheeler. Baboseiras desse tipo.

Mudando de assunto, Creighton perguntou:

– Já saiu no noticiário?

– Se não saiu, sairá em breve. – Doug foi até a mesa e pegou um pedaço de papel, passando a Creighton. – Você poderia, por favor, ligar para essas pessoas e avisá-las? Elas merecem saber por um membro da família, em vez de ouvir isso no noticiário.

Creighton deu uma olhada na lista datilografada, reconhecendo a maioria dos nomes como amigos pessoais de Paul, acionistas da Wheeler, autoridades municipais e estaduais, e outros proeminentes homens de negócios.

– E você também daria a notícia a Ruby? – pediu Doug. – Ela sabe que aconteceu alguma coisa, mas eu não tive coragem de contar, principalmente levando-se em conta as circunstâncias. Você sabe o quanto ela adorava e admirava Paul.

– Sim, eu farei isso. – E vou adorar, pensou Creighton. Essa era uma forma de revidar por ela ser tão insolente com ele. – Gostaria que eu o acompanhasse até o necrotério?

– Obrigado, mas não – disse Doug. – Eu não lhe pediria isso.

– Bom. Não consigo pensar em nada pior. – Creighton fingiu pensar, por um momento, depois estremeceu. – Talvez um cruzeiro festivo.

CAPÍTULO 2

– Julie?

Ela estava olhando o vazio, sem notar os telefones que tocavam, a intensa movimentação do trabalho sendo feito, as pessoas passando, os olhares curiosos lançados em sua direção. Ao som de seu nome, ela virou, depois levantou para cumprimentar o homem que caminhava em sua direção.

– Doug.

Quando o irmão de Paul viu as manchas de sangue em sua roupa, ele parou e suas feições foram tomadas de tristeza. Usando o sabão forte e desinfetante do banheiro feminino da delegacia de polícia, Julie tinha lavado o rosto e o pescoço, os braços e as mãos, mas ainda não tivera a oportunidade de ir até em casa e trocar de roupa.

Por causa de Paul, ela e Doug eram amistosos, mas nunca ficaram totalmente à vontade um com o outro. Mas agora ela sentiu total compaixão por ele. Devia ser chocante para ele ver o sangue do irmão nela, uma prova indelével do ato de violência que lhe tirara a vida.

Ela diminuiu a distância entre eles, mas foi Doug quem esticou os braços para abraçá-la. Meio sem jeito. Deixando um vácuo entre os dois. Da forma como um homem abraçaria a namorada do irmão.

– Eu lamento, Doug – sussurrou ela. – Você o amava. Ele o amava. Isso deve ser horrível para você.

Ele a soltou. O brilho das lágrimas estava em seus olhos, mas ele se conteve de forma admirável, como ela esperava que fizesse.

– Como você está? – perguntou ele. – Você se feriu?

Ela sacudiu a cabeça.

Ele deu uma olhada nela, depois esfregou o rosto com as duas mãos, como se quisesse remover a visão das manchas de sangue que Julie tinha na roupa.

Respeitosamente distantes dela e de Doug, permitindo a privacidade do momento, havia dois investigadores que tinham se apresentado a Julie ao chegarem ao hotel para a investigação da cena do crime.

O investigador Homer Sanford era um negro alto, de ombros largos, com uma ligeira barriguinha que delatava sua idade, que Julie supunha ser pouco mais de quarenta. Ele parecia um ex-jogador de futebol americano.

Fisicamente, sua parceira era totalmente oposta. A investigadora Roberta Kimball tinha pouco mais de 1,50m e tentava, em vão, camuflar seus dez quilos extras na cintura com um blazer preto sobre uma calça cinza apertada nas coxas.

Os primeiros a comparecer no Hotel Moultrie foram policiais uniformizados da delegacia local de Buckhead. Mas eles imediatamente solicitaram uma unidade da polícia perita. Essa unidade e os dois investigadores haviam sido despachados da sede principal da polícia.

Sanford e Kimball tinham impressionado Julie pela postura inteiramente profissional, porém humana. No local, eles a trataram com muita delicadeza, desculpando-se

inúmeras vezes por terem de iniciar a investigação imediatamente, fazendo perguntas, quando ela ainda estava em estado de choque pelo crime que resultara na morte de Paul.

Agora, Kimball abordava Doug educadamente.

– Precisam de mais alguns minutos, antes de começarmos, Sr. Wheeler?

– Não, tudo bem. – Ele falou rapidamente, como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

Os investigadores o acompanharam até ali, diretamente do necrotério. Um cheiro característico impregnava os três. Julie ainda estava gélida, de corpo e alma, devido à sua visita ao local sinistro.

– Espero que não se importe se o Sr. Wheeler ouvir, enquanto pegamos seu depoimento – Sanford disse a ela.

– De forma alguma. – Doug iria querer ouvir seu relato do crime em algum momento. Melhor que fosse logo agora.

Eles entraram na Unidade de Crimes Violentos, e Sanford os levou até um cubículo, aparentemente o dele. Julie adivinhou corretamente. Havia uma foto dele com uma camisa do Bulldogs e um capacete arranhado, atravessando a linha de gol com uma bola embaixo do braço. Outras fotos eram de uma bela mulher, com três crianças sorridentes. Ele usava aliança. Roberta Kimball, não.

Sanford puxou uma cadeira para Julie.

– Srta. Rutledge. – Ela sentou. Ele trouxe mais uma cadeira para Doug. Kimball disse que preferia ficar de pé. Sanford sentou junto à mesa e esticou o braço para pegar uma pasta etiquetada com data, o nome de Paul e o número do caso. Ele tinha morrido a menos de cinco horas, mas já era uma estatística.

Sanford virou-se para Julie.

– As outras testemunhas já deram seus depoimentos. O seu, dado mais cedo, foi transcrito. Antes de assinar a transcrição, eu gostaria de falar a respeito, caso tenha se lembrado de alguma coisa e queira acrescentar ou mudar algo.

Julie concordou. Ela cruzou os braços, segurando os cotovelos.

Percebendo o gesto, Kimball disse:

– Nós compreendemos o quanto isso deve ser difícil para a senhorita.

– Sim, é. Mas eu quero ajudar. Quero que o culpado seja pego.

– Nós também. – Sanford pegou uma caneta esferográfica e ficou clicando a ponta diversas vezes enquanto olhava as folhas datilografadas da pasta. – Antes do incidente, a senhorita e o Sr. Wheeler estavam ocupando o quarto 901? É uma suíte de canto, correto?

– Isso mesmo.

Os investigadores a olhavam em silêncio. Doug olhava abaixo, para os sapatos.

– Paul e eu nos encontramos por volta de uma e meia – disse Julie.

– A senhorita foi diretamente para a suíte. Não fez o registro de entrada.

– Paul já tinha feito por nós dois. Eu estava alguns minutos atrasada. Ele já estava na suíte quando eu cheguei lá.

O investigador e sua parceira se comunicaram em silêncio, trocando um rápido olhar, depois Sanford olhou de volta para a pasta. Julie achava que ele não estava lendo a folha datilografada, e sim que ele talvez não precisasse fazê-lo. A essa altura, ele saberia que ela e Paul tinham uma reserva confirmada para aquela suíte, toda terça-feira, chovesse ou fizesse sol, cinquenta e duas semanas por ano. Ela não entraria em detalhes sobre isso. Não era importante.

– Vocês pediram almoço do serviço de quarto – disse Sanford.

Seguido por Kimball, que acrescentou:

– A equipe de empregados do hotel nos contou.

Sem dúvida, eles também saberiam o que ela e Paul teriam comido. Saberiam que hoje Paul teria pedido champanhe. O que achariam disso? Como eles não abordaram o fato, ela também não mencionaria.

– Fora o garçom do serviço de quarto, ninguém mais os viu na suíte? – perguntou Sanford.

– Não.

– Vocês ficaram sozinhos o tempo todo?

– Sim.

Depois de uma pausa expressiva e constrangedora, Sanford disse:

– Mais cedo, a senhorita nos disse que deixou a suíte por volta de três horas.

– Eu tinha um compromisso marcado para as quatro.

– Em sua galeria?

– Sim.

– A ligação para a emergência foi feita às 15:16 – afirmou Sanford.

Como se completasse sua frase, Kimball disse:

– Portanto, o roubo teria ocorrido alguns minutos antes disso.

– Então, acho que deviam ser alguns minutos depois das três, quando deixamos a suíte – disse Julie. – Porque nós caminhamos diretamente da suíte até o elevador, e não precisamos esperar muito por sua chegada.

Doug, aparentemente inquieto por conta dos detalhes dos horários, falou, pela primeira vez:

– O assassino fugiu?

– É isso que estamos tentando concluir, Sr. Wheeler – disse Sanford. – Todos os hóspedes do hotel estão sendo interrogados. Todos os empregados.

– Ele não poderia ter saído andando pelo hotel usando aquela máscara horrenda – disse Julie.

– Imaginamos que ele tenha se livrado dela imediatamente – disse Kimball. – Porém, uma busca minuciosa no hotel não descobriu nada. Nem o agasalho esportivo, nem a máscara...

– Nada – disse Sanford, terminando para ela.

– Há muitos locais de esconderijo num hotel do tamanho do Moultrie – disse Doug.

– A busca está em curso – disse Sanford. – Também estamos vasculhando lixeiras, bueiros, galerias de esgoto, qualquer lugar onde ele possa ter escondido as coisas que

levou para fora.

– Ele simplesmente saiu andando? – perguntou Doug, incrédulo.

Kimball pareceu relutante em admitir, mas disse:

– É uma possibilidade.

Doug xingou baixinho.

Sanford clicou a caneta mais algumas vezes e leu o material.

– Vamos recuar um minuto. – Ele olhou para Julie. – Não havia ninguém no corredor, quando vocês deixaram a suíte?

– Não.

– Camareira, serviço de quarto...

– Ninguém. – Ela se lembrou da caminhada até o elevador. Paul havia passado o braço ao redor de seus ombros. Ele tinha sido uma presença sólida ao seu lado. Forte, terno, vibrante. Tão diferente do corpo sob o lençol no necrotério. Ele havia perguntado se ela estava feliz e ela dissera que sim.

– Você falou com os outros passageiros, quando entrou no elevador? – quis saber Kimball.

– Não.

– E o Sr. Wheeler, falou?

– Não.

– Alguém pareceu reconhecer algum de vocês?

– Não.

– Nenhum deles falou com vocês?

– Realmente, não. As duas mulheres estavam conversando e não prestaram nenhuma atenção em nós. O jovem não disse nada, embora tenha educadamente chegado para trás, para que pudéssemos entrar. Ele parecia perdido em seus pensamentos.

– Ele estava aqui, vindo da Califórnia, para uma entrevista de emprego, às 15:30. Estava com receio de não chegar na hora – disse Kimball. – Nós verificamos isso.

– As duas mulheres são de Nashville – disse Sanford. – Estão na cidade para o casamento da sobrinha, esse fim de semana.

– Que terrível para elas – murmurou Julie.

Certamente todos no elevador ficaram traumatizados. Mas aqueles três não haviam perdido alguém, como ela. Além de compartilharem aquela rápida jornada no elevador, eles não tinham qualquer ligação com Paul Wheeler. Ele não era nada além de um nome, uma vítima infeliz. Sem dúvida, eles seriam afetados pelo incidente e pensariam a respeito, cada vez que entrassem num elevador, mas isso não tinha deixado um vácuo em suas vidas. Para eles, a consequência não era irreparável.

Sanford soltou a caneta na mesa.

– Por que não nos fala a partir desse ponto? Para que o Sr. Wheeler saiba, e nós também. – Ele enlaçou os dedos longos e os pousou sobre a fivela do cinto, numa atitude de ouvinte.

Kimball encostou no canto da mesa. Doug estava com uma das mãos sob o queixo, de olhos fixos em Julie.

Ela relatou a breve descida até a próxima parada, no oitavo andar, a abertura das portas, o ladrão enfiando a mão no elevador e apertando o botão para manter as portas abertas.

– Qual foi sua primeira impressão? – perguntou Kimball.

– A máscara. A boca do tubarão.

– Não podia distinguir suas feições?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não havia pele ou cabelo à mostra. Nem seus punhos. Ele estava com as mangas do moletom por cima das luvas. A máscara estava para dentro do colarinho do casaco, com o zíper fechado até embaixo do queixo.

– Altura, peso?

– Mais alto que eu, mas não muito. Peso médio. – Os investigadores assentiram, como se essa tivesse sido a descrição dada pelas outras testemunhas.

– Nos próximos dias – disse Sanford –, gostaríamos que a senhorita ouvisse algumas gravações, para ver se pode identificar a voz, a partir de algumas usadas em outros crimes.

A menção da voz sinistra fez os pelos dos braços de Julie eriçarem-se.

– Foi horrível.

– Uma das moças disse que era como unhas num quadro negro.

– Pior. Muito mais assustadora.

Ela teve um flashback perturbador dos óculos de sol que se encaixavam às laterais do rosto.

– Os óculos eram bem escuros, deixando os olhos dele negros como os de um tubarão. Mas tive a sensação de que ele estava me olhando.

Sanford inclinou-se ligeiramente para a frente.

– Se não podia ver os olhos dele, como sabe que ele a olhava?

– Simplesmente sei.

Por um instante, ninguém disse nada, depois Kimball a induziu.

– Ele disse a todos para se ajoelharem.

Ela continuou, ininterruptamente, até chegar à parte em que Paul se dirigiu ao ladrão.

– Ele disse: "Tudo bem. Você já tem o que quer. Deixe-nos em paz." Eu pude sentir, pelo seu tom de voz, que ele estava mais zangado do que assustado.

– Eu posso imaginar – disse Doug.

– Virei a cabeça e estava prestes a pedir que ele não provocasse o bandido. Foi quando...

Um soluço de choro involuntário surgiu de sua garganta, impedindo-lhe as palavras. Ela abaixou a cabeça e pôs as mãos sobre os olhos, na tentativa de bloquear a imagem do impacto da bala.

Ninguém falou nada, criando um silêncio interrompido apenas pelo tique-taque do relógio de pulso de alguém. Aquilo serviu como um lembrete. Julie baixou as mãos do rosto.

– Por que ele só nos roubou as joias e os relógios? Por que não as carteiras? Isso não

seria mais prático? Joias precisam ser receptadas, penhoradas, mas carteiras têm dinheiro, cartões de crédito.

– Acreditamos que ele tenha tido a intenção de carregar pouca coisa – disse Kimball. – Ele não quis o peso de carteiras ou bolsas que teria que vasculhar e descartar, antes de deixar o hotel.

– Depois de atirar em Paul, o que foi que ele fez? Para onde foi? – perguntou Doug.

– Não sei lhe dizer – respondeu Julie. – Eu fiquei... Eu realmente não me lembro de nada depois do tiro.

– As outras três pessoas no elevador também estavam horrorizadas demais para notarem para onde ele foi, Sr. Wheeler – afirmou Sanford. – O jovem disse que, quando caiu em si, o atirador tinha desaparecido. Ele apertou o botão para que o elevador descesse. Não sabia mais o que fazer.

– Ele poderia ter tentado perseguir o homem.

– Não o culpe, Doug – Julie falou baixinho. – Tenho certeza de que ele ficou com medo. Ele tinha acabado de presenciar Paul sendo alvejado na cabeça.

Novamente, todos se calaram por alguns instantes. Sanford clicou a caneta.

– Bem, a menos que se lembre...

– Eu me lembro – disse Julie, subitamente. – Ele não estava calçando sapatos. Alguém mais notou isso?

– Uma das mulheres de Nashville – disse Sanford. – Ela disse que ele estava de meias.

– Novamente, é apenas um palpite – disse Kimball –, mas ele provavelmente sabia que sapatos, principalmente calçados atléticos, deixam pegadas que podem ser impressas.

– Ele deixou pegadas? – perguntou Julie.

– Nossa unidade de peritos checou. Não.

Doug deu um suspiro.

– Parece que ele pensou em tudo.

– Em tudo, não, Sr. Wheeler – disse Sanford. – Não existe crime perfeito. Estou confiante de que iremos pegá-lo.

Enfatizando o otimismo de seu parceiro, Kimball disse:

– Pode contar com isso.

Sanford esperou para ver se mais alguém iria acrescentar algo, depois disse:

– Então, por ora, isso é tudo, Srta. Rutledge. Está pronta para assinar seu depoimento?

Ela o fez, e os dois investigadores acompanharam-na, junto com Doug, à saída. Enquanto seguiam pelo corredor, em direção ao elevador, Kimball tocou-lhe o braço.

– Prefere descer pela escada, Srta. Rutledge?

Julie ficou grata pela sensibilidade.

– Obrigada por perguntar, mas, não, estou bem.

Sanford estava dizendo a Doug que ele seria notificado quando o legista concluísse seu trabalho e o corpo fosse liberado para que a família fizesse o enterro.

– Assim que possível, eu agradeceria saber quando será – disse Doug. – Teremos que tomar muitas providências.

– É claro. Também gostaríamos de falar com os outros membros de sua família. Sua esposa. Seu filho. Amanhã, se possível.

Doug parou e o encarou.

– Para quê?

– Rotina. Se seu irmão tinha algum inimigo...

– Ele não tinha. Todos adoravam Paul.

– Tenho certeza que sim. Mas alguém próximo a ele talvez saiba de algo que nem imagine saber.

– Como podem saber algo? Foi um roubo aleatório.

Sanford deu uma olhada para Kimball, depois voltou para Doug.

– A essa altura, é nisso que acreditamos. No entanto, nós precisamos considerar todas as eventualidades.

Doug pareceu prestes a retrucar, mas pensou melhor.

– Eu lhe asseguro que eu e minha família faremos tudo que pudermos para auxiliar na investigação.

– Vocês sofreram uma tragédia e estão pesarosos, Sr. Wheeler. Somos intrusos em seu pesar. Compreendo e lamento por isso. – Apesar de seu pedido de desculpas, Sanford disse a Doug que ligaria pela manhã para combinar o horário de uma reunião. – Srta. Rutledge – disse ele, virando-se para Julie –, pode ser que também voltemos a procurá-la.

– Eu dei meus contatos à Srta. Kimball. Estarei disponível sempre que precisarem.

Se sobrevivesse a essa noite, pensou ela. Sua exaustão era tamanha que mal podia se mexer. No entanto, voltar para casa sozinha, deitar na cama e apagar a luz não era uma perspectiva muito atraente. Com a lembrança da morte repulsiva de Paul na mente, como poderia algum dia voltar a dormir?

Como se estivesse lendo seus pensamentos, Kimball perguntou se Julie tinha alguém para lhe fazer companhia. Ela sacudiu a cabeça.

– Nós podemos providenciar uma policial...

– Não, obrigada – Julie interrompeu. – Eu prefiro ficar sozinha, na verdade.

A investigadora assentiu, compreensiva.

O elevador chegou. O coração de Julie se apertou, mas ela entrou e virou de frente para a porta. Doug acompanhou-a. Sanford desviou um olhar de remorso de um para o outro.

– Por favor, aceitem minhas profundas condolências.

– Minhas também – disse Kimball.

Então, as portas se fecharam, deixando Julie e Doug sozinhos.

– Para poupar constrangimento à família – disse ela –, eu manterei uma distância respeitável. – Ela torceu para que Doug contestasse essa decisão. Ele não o fez. – Eu só tenho um pedido, Doug. Você me permite escolher as flores para o caixão de Paul? – Sua garganta se fechou, mas ela se recusava a cair em prantos diante dele. Seu olhar

mantinha-se fixo na fresta entre as portas do elevador, a cabeça erguida, a postura ereta. – Por favor.

– É claro, Julie.

– Obrigada.

Ele fez um som de choro e, de esguelha, ela viu que ele estava chorando silenciosamente, com os ombros tremendo, na tentativa de se controlar. Seu instinto foi de estender a mão como consolo, de fazer algum gesto de compaixão. Mas, incerta quanto à forma como ele receberia o gesto, ela não o fez.

– Eu ainda não consigo acreditar – disse ele, rouco.

– Nem eu.

– Ele realmente se foi.

– Sim.

– Meu Deus. – Ele suspirou pesadamente e esfregou os olhos nos punhos. – Um ato tão chocante e violento. E que audácia. Apenas um cara sem nada a perder se atreveria a isso.

– Ou alguém que tivesse certeza de que poderia se safar.

Ela virou e olhou-o diretamente nos olhos. Então, as portas do elevador se abriram e ela saiu, sem olhar para trás.

CAPÍTULO 3

Ficou decidido ao meio-dia, durante o segundo Bloody Mary que bebiam. Ao menos ele estava decidido e, a julgar pelos sinais que estava emitindo, ela também. As condições não eram ideais. Isso exigiria manobras muito astutas, porém, ele casualmente era bom com manobras espertas, principalmente onde havia um testamento envolvido.

Nesse momento, seu desejo estava tornando seu cinto de segurança desconfortável.

Felizmente, eles estavam voando na primeira classe, não na econômica. Um bilhete de primeira classe quase valia a fortuna que a companhia aérea cobrava por um voo transatlântico. Os assentos de couro eram macios e espaçosos. Com a conveniência do acionamento de um botão, o passageiro podia configurar a poltrona praticamente de qualquer jeito que quisesse, até recliná-la quase plana. Não era o descanso da Bela Adormecida, mas, sem dúvida, não era páreo para as poltronas da classe econômica.

Cada passageiro tinha seu próprio sistema de vídeo, embora ele ainda não tivesse utilizado o seu. A comida, pelo preço da passagem, tinha sido mais que satisfatória. Segundo seu relógio biológico, era hora do café da manhã, mas a refeição que acabaram de lhe servir fora o almoço. Durante os inúmeros pratos, ele havia lido a edição europeia do The New York Times, que havia comprado numa banca, durante sua corrida até o Aeroporto de Gaulle.

Ele nunca chegava cedo ao aeroporto. Em vez disso, costumava chegar em cima da hora de despachar a bagagem, se fosse o caso, passar pela segurança e chegar ao portão de embarque, quando este estava sendo anunciado. Ele jogava com a possibilidade de não conseguir. O risco acrescentava o fator diversão ao processo que, de outra forma, seria tedioso, e tornava a viagem aérea tolerável.

A comissária de bordo o convencera a tomar um sundae com calda quente de chocolate, feito especialmente para ele, com sua escolha de coberturas. Ele se parabenizara pelo esforço necessário para dispensar o creme chantili.

Das castanhas aquecidas até a sobremesa saborosa, o serviço de almoço ocupara as duas primeiras horas de voo. Com mais oito pela frente, ele abaixou o protetor da janela, como solicitado, para escurecer a cabine, de modo que os outros pudessem dormir. Acendeu o spot de sua poltrona, acomodou-se de forma mais confortável e começou a ler um novo suspense que estava na lista dos mais vendidos. Já lera cinco capítulos quando a mulher da 5C passou por sua fileira, a caminho do toalete.

Essa não era a primeira vez que ele a notara.

Quando os dois se encaminhavam à fila que se formou, no chamado dos passageiros da primeira classe para o embarque, eles se olharam casualmente. Desviaram o olhar, como fazem os estranhos, mas, depois, ambos deram uma segunda olhada. Já a bordo, enquanto guardavam suas bagagens de mão no compartimento acima das poltronas, ele por acaso flagrou-a olhando em sua direção.

Ele estava atento quando ela foi ao lavatório. Estava atento quando ela saiu. Ele a observava conforme ela voltava ao seu assento e ficou encantado quando ela parou em sua fileira, inclinou-se sobre a poltrona vazia, junto ao corredor, e apontou para o

romance.
– Mais cedo, eu notei o que você está lendo. É bom.
– Começa bem.
– E melhora conforme prossegue. – Ela sorriu e estava prestes a sair quando ele inclinou-se para a frente e a deteve, perguntando:
– Você já leu outros livros dele?
– Sou fã.
– Hã. Interessante.
– Por quê?
– Pode me chamar de sexista, mas a narrativa dele não é mais direcionada a um leitor masculino? É aguçada, mordaz.
– Você é um sexista.
Ele sorriu, gostando da rapidez dela no argumento.
– Algumas mulheres gostam do aguçado e mordaz – acrescentou ela.
– Você?
– Eu confesso.
Ele gesticulou para o assento vazio ao seu lado.
– Posso lhe pagar um drinque?
– Acabei de almoçar.
– Posso lhe pagar um drinque digestivo?
Ela deu uma olhada na direção de sua poltrona, a duas fileiras de distância, do outro lado do corredor, depois olhou de volta para ele.
– Um Bloody Mary?
– Seria a minha escolha.
Ela sentou e cruzou as pernas na direção dele. Belas pernas. Salto alto. Sem meias, pois não eram necessárias. Ela o pegou olhando onde terminava a bainha, pouco acima do joelho, mas isso não pareceu deixá-la constrangida. Ela olhou-o tranquilamente, quando ele ergueu os olhos em direção aos dela. Olhos muito bonitos, ele notou. Cinzentos. Da cor das nuvens de tempestade acima do oceano.
Ele esticou o braço e apertou o botão para chamar a comissária.
– Sou Derek Mitchell.
– Eu sei.
Ele ficou quente de prazer, acreditando que ela o reconhecera, até que ela esticou o braço e tocou o cartão de embarque com a ponta para fora do bolso da camisa dele. Seu nome estava claramente legível.
Ela riu baixinho da vergonha dele, depois perguntou:
– Você mora em Atlanta?
– Sim. Você?
– Sim. O que estava fazendo em Paris? Negócios, lazer, ou só fazendo conexão vindo de outro lugar?
– Lazer. Mais ou menos. Foi o aniversário de sessenta e cinco anos de minha mãe. Ela nunca tinha estado em Paris, então, bateu pé firme com meu pai, para comemorar lá, e

um bando de Mitchell aterrissou na cidade.

– Família grande?

– Grande o suficiente. Ao menos, deixamos os parisienses achando que sim.

Novamente, aquele riso que mais parecia um ronronar. Ele ficou imaginando se ela percebia o quanto era sexy, depois concluiu que sim. Claro que sim.

– Sua mãe se divertiu?

– Ela se divertiu muito. – Ele deu uma olhada à frente da cabine. A comissária estava demorando prazerosamente.

Como se tivesse lido seus pensamentos, sua companheira levantou e saiu para o corredor. Ele receou que ela estivesse partindo, mas ela sussurrou:

– Quer picante?

– Positivo.

Conforme ela foi andando pelo corredor, ele teve uma visão excelente de trás. Não apenas boa, mas excelente. Seu conjunto de três peças era feito sob medida, mas feminino. O caimento da roupa no corpo transparecia corte de grife. Seus cabelos escuros estavam presos num rabo de cavalo, algo que geralmente não o atraía. Mas, de alguma forma, nela deu certo. Ela tinha gosto e classe, assim como perspicácia e sex appeal. E não estava usando aliança.

Ela se virou, seguida pela comissária que carregava uma pequena bandeja. A comissária inclinou-se para servir seu copo de gelo e a mistura de Bloody Mary, e uma garrafinha de Ketel One. O drinque dela já estava misturado.

– Volte daqui a pouco para ver se preisamos de alguma coisa – disse ele à comissária.

– Farei isso.

Ele serviu a vodca no copo, mexeu rapidamente com o mexedor de drinque, depois ergueu o copo. Ela fez o mesmo. Eles tilintaram os copos, mas os mantiveram encostados, um no outro, durante alguns instantes, enquanto se olhavam atentamente. Então, ela olhou para cima, para a luz de leitura.

Agindo por instinto, sem consultá-la, ele apertou o botão que apagava a luz, no braço da poltrona.

– Melhor assim?

– Sim. A claridade... – Ela falou num tom de voz bem mais baixo, como se a ausência de luz convidasse ao sussurro, e não terminou o que estava prestes a dizer. Em vez disso, ela deu um gole em seu Bloody Mary, ligeiramente nervosa, segundo ele. Mantendo a cabeça baixa, ela olhava para seu copo e mexia na rodela de limão com o mexedor de drinque. – O que você faz?

– A respeito de quê?

Ela ergueu a cabeça e lançou-lhe um olhar.

Ele riu. – Advogado.

– Corporativo?

– Criminal.

Isso chamou a atenção dela. Virando-se mais na direção dele, a ponta de seu sapato passou na perna da calça dele e subitamente a panturrilha dele passou a ser uma zona

erógena.

– Que lado? – perguntou ela.

– Defesa.

– Eu teria adivinhado.

– Teria?

– Ahã – murmurou ela, dando outro gole em seu drinque. Ela deu uma olhada nele. – Você se veste bem demais para um homem que ganha um salário de funcionário público.

– Obrigado. – E como ela ainda o olhava, ele disse: – E?

– E você não parece... – ela inclinou a cabeça para o lado, pensando – íntegro o suficiente para ser um promotor.

Ele riu alto o bastante para fazer com que o homem do outro lado do corredor olhasse para eles e ajustasse o volume do fone de ouvido. Seguindo a dica, Derek aproximou-se mais, chegando o rosto apenas a alguns centímetros do dela. Ela não recuou.

– Acho que ninguém usaria íntegro como um adjetivo para me descrever.

– Então, as piadas depreciativas de advogado não o ofendem?

– De jeito nenhum. Na verdade, sou a base da maioria.

Atenta ao homem do outro lado do corredor, ela mordiscou o lábio inferior, para não rir. Dentes retos. Um lábio inferior suculento, com um ligeiro brilho. Uma boca sexy.

– Por que direito criminal? – Ela estava remexendo no primeiro botão de sua blusa e, por um momento, o movimento de seus dedos o distraiu.

– Direito criminal? É onde estão os caras malvados.

– E você defende os caras malvados.

Ele sorriu novamente.

– De forma muito rentável.

Eles continuaram a papear durante o primeiro Bloody Mary. Falaram sobre seus restaurantes preferidos de Atlanta, do sério problema do tráfego, disso e daquilo, nada pessoal.

Então, do nada, ela disse:

– Imagino que você não seja casado.

– Não. Não sou. O que a fez pensar isso?

– Deduzi. Se fosse casado, mesmo que fosse um casamento infeliz, sua esposa estaria com você. Nenhuma mulher dispensaria uma viagem a Paris, mesmo que isso significasse passar pelo sofrimento da comemoração do aniversário da sogra.

– Minha esposa poderia ter vindo, mas ficou em Paris para passear mais.

Ela deixou isso no ar, por um tempo, depois olhou para seu copo e mexeu os cubos de gelo com a ponta do mexedor.

– Eu duvido que uma esposa confiaria em deixá-lo viajar sozinho.

– Não pareço confiável?

– Uma esposa não confiaria em outras mulheres.

O ego dele ficou inebriado. Ele se aproximou mais um centímetro.

– Você também está viajando sozinha.

– Isso mesmo.

– Negócios ou lazer?

Ela terminou o restinho do drinque, depois olhou para baixo, para a mão esquerda, que notoriamente não tinha aliança.

– Fui até Paris para flagrar meu marido com a namorada.

Bingo, pensou Derek. Ele tinha acabado de ganhar na loteria. O orgulho dela tinha sofrido um baque. Ela, com seus olhos cinzentos e boca beijável, pernas maravilhosas e bunda bem-feita, tinha sido dispensada por outra mulher. Ela estava vulnerável, em busca de validação, com necessidade da certeza de que ainda era uma mulher atraente, sedutora.

Ele assentiu em direção ao copo vazio.

– Outro?

Ela manteve os olhos nos dele, e ele viu que ela chegara a um impasse. Agradecer-lhe cordialmente, mas declinar e voltar à sua poltrona? Ou ficar e ver onde isso daria? Ela novamente mordiscou aquele lábio inferior deleitável, depois disse:

– Claro. Por que não?

A comissária atendeu mais prontamente ao chamado, e eles pediram outra rodada. Enquanto esperavam, ele notou que os outros passageiros da cabine já estavam dormindo ou profundamente envolvidos nos filmes a que assistiam em suas telas privativas de vídeo. As luzes da cabine tinham sido apagadas, exceto as que marcavam as saídas e os toaletes. Do outro lado da cabine, uma senhora estava lendo usando seu spot de luz, único ponto de iluminação.

A comissária voltou, servindo os drinques da mesma forma como fizera antes.

– Por que ela já traz o seu pronto? – perguntou ele.

Ela inclinou a cabeça timidamente, mexeu no botão da blusa outra vez.

– Eu pedi. Quando fui lá na frente, pedi a ela que me servisse doses duplas.

– Isso não vale! – gritou ele, sussurrando.

– Eu não queria que você me achasse uma beberrona. – Foi quando ela tirou o elástico dos cabelos e sacudiu a cabeça. Seus cabelos escuros caíram como uma capa ao redor dos ombros. Suspirando, ela recostou a cabeça na poltrona e fechou os olhos. – Eu precisava relaxar... bloquear minha mente para não pensar sobre... isso.

– Foi uma cena difícil, em Paris?

Ela engoliu em seco, e uma lágrima escorreu de suas pálpebras, descendo pela bochecha.

– De um a dez?

– Dez?

– Doze.

– Eu lamento.

– Obrigada.

– Ele é um idiota.

– Obrigada, novamente. – Mantendo a cabeça recostada, ela virou na direção dele. – Não quero falar sobre ele.

– Nem eu. – Ele parou, contou até dez, depois esticou o braço e limpou a lágrima no rosto dela, com a ponta do dedo indicador. – Do que devemos falar?

Sem tirar os olhos dos dele, ela contou até vinte e perguntou, numa voz rouca:

– Precisamos falar?

Os olhos dela miraram seus lábios, onde permaneceram por vários segundos, antes que ela olhasse novamente nos olhos dele. Foi quando ele soube. Era certo. Eles iam fazer sexo. E não quando chegassem a Atlanta. Bem ali. Agora.

Ele tinha amigos que se gabavam de ter feito num avião. Já ouvira as lendas urbanas sobre casais flagrados no delito, mas não dera muito crédito a essas histórias.

Sob um ponto de vista prático, era algo perigoso. Uma coisa era certa, havia centenas de possibilidades de ser flagrado, dependendo do tamanho da aeronave e do número de passageiros a bordo. O local era outro fator e o espaço era limitado, independentemente de onde fosse feito.

Mas a possibilidade deixara todo o seu corpo pulsando de testosterona.

Principalmente, já que sua parceira o olhava com uma carência desguarnecida, e seus olhos transpareciam uma natureza sexual efervescente, encoberta de classe. Talvez ela estivesse pensando que o marido a traíra porque ela havia sido reservada demais no leito matrimonial, que deveria ter sido mais descontraída, agido por impulso, mandado as inibições para o inferno.

Seja o que for.

Ele olhou em volta. A leitora tinha apagado sua luz. O homem do outro lado do corredor estava cochilando durante o filme. Quando os olhos de Derek voltaram a ela, eles transmitiam seu desejo com uma intensidade que ele usava para comunicar a inocência a um júri cético.

Ela pousou o copo no braço da poltrona, depois tocou a mão dele com as pontas frias dos dedos. Foi um leve toque nos nós de seus dedos, mas foi um convite inequívoco. Num instante ela se foi, seguindo silenciosamente pelo corredor, em direção aos toaletes, na frente da cabine.

Uma cortina havia sido puxada fechando a galley, do outro lado da cabine. Ninguém, nem passageiro, nem comissário, estava olhando. Apesar disso, seu coração estava disparado. Ele estava doido? Tinha perdido completamente a cabeça? Ele realmente ia fazer isso?

Pode apostar que sim.

Porque ele fazia sucesso em situações de alto risco. Porque ele estava com o maior tesão de todos os tempos. Porque se uma mulher algum dia precisou de uma trepada, essa era a mulher. E pelo motivo mais fundamental: Ele a queria.

Ele soltou seu cinto de segurança, depois, dolorosamente levantou e seguiu pelo corredor, tentando não chamar a atenção de ninguém, nem perturbar os passageiros que cochilavam.

Ela deixara uma fresta aberta na porta do banheiro. Ele entrou no cubículo incrivelmente pequeno, depois esticou a mão para trás para puxar a porta e fechá-la. Ele se certificou de que estivesse seguramente trancada.

Ela estava praticamente sentada na pia. Tinha tirado o blazer do conjunto. Os três primeiros botões de sua blusa estavam abertos, dando a ele um vislumbre de seu decote, acima do sutiã de renda. Eles se entreolharam por uns dez segundos, depois se atracaram. Seus lábios se fundiram num beijo tão amoroso quanto qualquer um, em sua memória recente. Ela recebeu a língua dele na boca, com um erotismo que o fez gemer pela onda de cobiça inigualada, desde sua adolescência.

As mãos dele foram direto ao quarto botão perolado da blusa dela, e o desabotoaram, assim como o de baixo. Ele colocou as mãos na blusa dela em cima dos seios, apertando-os delicadamente, acariciando os mamilos. Ela resfolegou nos lábios dele.

Mantendo o beijo, ela remexeu no cinto e no zíper dele, enquanto ele deslizava as mãos pelas laterais das coxas dela, depois levantava sua saia, até poder alcançar sua calcinha. Ele puxou a calcinha, abaixo dos joelhos, passando pelos tornozelos.

Acomodou-se entre as pernas dela, agarrou seu quadril e, num impulso forte, mergulhou dentro dela.

Quando terminou, eles riram trêmulos e constrangidos.

Finalmente, ela ergueu a cabeça do ombro dele. Sem jeito, eles se separaram. Ele notou o quanto ela estava corada no rosto e peito, enquanto ela, desajeitada, tentava combinar os botões com suas casas.

Ele arrumou a camisa para dentro da calça, fechou o zíper e afivelou o cinto enquanto ela vestia o blazer. Ela esticou a mão para pegar a calcinha que, na pressa, ele jogara ao lado, mas não vestiu. Ele ajudou-a a ficar de pé, depois a alisar a saia. Mal havia espaço para que os dois ficassem cara a cara.

Ele acariciou o rosto dela. Parecia febril. Seus lábios pareciam inchados. Ele pensou em beijá-la novamente. Ele queria.

Mas, antes que pudesse, ela disse:

– Você vai primeiro. Eu preciso... me arrumar.

– Tudo bem.

– Pelas boas maneiras, devo voltar à minha poltrona.

Isso foi decepcionante. Ele esperava que eles pudessem terminar o voo sentados juntos, de mãos dadas, conversando à toa, saboreando esse segredo delicioso e culpado, olhando um para o outro, sacudindo a cabeça e rindo desse absurdo.

Ele lançou seu sorriso mais sedutor.

– Posso fazê-la mudar de ideia quanto a isso?

– Não. É melhor.

– Você está bem?

– Sim. – Ela respondeu meio rápido demais e deve ter notado, pois assentiu, repetindo: – Sim.

– Está arrependida?

Pela primeira vez, depois que eles tinham terminado, ela olhou-o diretamente nos olhos.

– Nem um pingo.

– Bom – sussurrou ele, sorrindo. – Eu te vejo em terra firme.

– Te vejo em terra firme.

Ele abriu uma fresta na porta e quando viu que o caminho estava livre, saiu sorrateiramente. Ele a ouviu trancando a porta atrás dele. Nenhum dos passageiros pareceu se movimentar. A cortina da galley ainda estava fechada. Os copos ainda estavam no braço da poltrona. Ele desmoronou em seu assento, saciado.

Na verdade, sentindo-se fabuloso.

Vários minutos se passaram, antes que ela passasse por ele a caminho de sua poltrona. Quando passou, lançou um olhar significativo, mas não falou nada. Ele observou, enquanto ela se acomodava, depois pegou seu livro e tentou ler. Mas não registrava as palavras. Ele estava com um torpor agradável da vodca e isso o deixara meio sonolento. E – a quem ele queria enganar? – ele queria reviver aqueles poucos minutos do toalete.

Que coisa negligente a fazer.

Que trepada fantástica.

Que mulher inacreditável.

Enquanto pegava no sono, ele tinha consciência do sorriso tolo em seus lábios.

Ele acordou com o tilintar do carrinho de bebidas sendo empurrado no corredor pela comissária, que parecia tão impecável quanto ao embarcar. Perguntou-se como ela conseguia fazer isso. As roupas dele estavam amassadas, e seus olhos, arenosos. Sua cabeça estava tonta da vodca e ele queria muito escovar os dentes.

Ele bocejou, esticou os braços e as pernas, virou a cabeça para olhar atrás dele. A poltrona 5C estava vazia. Ele deu uma olhada na direção dos toaletes e viu que ambos estavam ocupados.

– Café, Sr. Mitchell?

– Deus te abençoe, criança.

A comissária de bordo sorriu e esticou o braço por cima dele, para erguer o protetor da janela. Ele olhou lá fora e viu terra firme a várias milhas abaixo. Nunca deixava de sentir um nó de emoção na garganta diante da primeira visão dos Estados Unidos, ao regressar do exterior. Ele estava esfomeado e devorou o croissant de queijo com presunto. Tomou uma xícara de café preto.

– Estamos aproximadamente a quarenta e cinco minutos de distância – disse-lhe a comissária, enquanto reabastecia sua xícara. – Não se esqueça de preencher seus formulários para a alfândega.

– Certamente.

Quando um dos toaletes vagou, ele levantou e pegou o kit de higiene que recebera. Usou o toalete, lavou o rosto e as mãos, escovou os dentes e bochechou com o enxaguante bucal. Antes de sair, ele deu uma olhada no cubículo e sacudiu a cabeça, rindo consigo mesmo, ainda desacreditando que fizera um sexo inacreditável num lugar tão sem estética.

Ao voltar para sua poltrona, ele notou que a 5C ainda estava vazia. Ele imaginou...

Cristo! Qual era o nome dela?

Sua mente deu uma rebobinada veloz, repassando tudo que eles tinham dito. Não, ele estava certo de que ela não lhe dissera seu nome. Não era de se admirar que ela estivesse relutante em continuar o voo sentada ao seu lado. Deve tê-lo achado um babaca.

Ele ficou vários minutos olhando pela janela, castigando-se por se comportar como um imbecil, por conta do nome. Quando olhou novamente à frente, notou que os dois toaletes estavam desocupados. Ele girou a cabeça rapidamente. Ela estava em seu lugar.

Ele tinha deixado de vê-la passar pelo corredor! Como pôde fazer isso? Ele virava a cabeça. Só esperava que ela não achasse que ele fizera isso intencionalmente para evitá-la. Tentou chamar sua atenção, mas ela estava com a cabeça recostada, de olhos fechados.

Ele estava pensando em se levantar e ir falar com ela, mas foi feito o anúncio dizendo que eles estavam se preparando para descer em Atlanta, e que todos os passageiros deveriam permanecer em seus assentos, com os cintos de segurança afivelados, pelo restante do voo.

Ele olhou de volta para ela, ignorando as pessoas nas poltronas atrás, que só podiam estar se perguntando que diabos ele estava olhando. Ele queria que ela abrisse os olhos, mas ela não abria.

Os pilotos fizeram um pouso impecável. Impaciente, Derek suportou o longo taxiamento até o terminal. Assim que tiveram permissão para levantar, ele disparou de seu assento para o corredor. Mas os passageiros entre ele e a 5C também se aglomeraram no corredor. Eles estavam retirando seus pertences dos bagageiros acima e seguindo em direção às portas de saída entre as cabines. No tumulto, ele a perdeu de vista.

Fora do corredor de desembarque, o fluxo de passageiros era intenso, rumo aos portões de entrada. Ele não conseguia vê-la adiante e achou que devia ter sido levada ou seria pisoteada.

Ele foi direcionado a uma fila para checagem do passaporte por um oficial do governo que não queria discussão. Continuou olhando a multidão de passageiros de seu voo, assim como os de vários outros voos internacionais que tinham chegado literalmente ao mesmo tempo.

Finalmente avistou-a, três filas adiante, bem adiantada. Ele acenou, mas ela não viu. Ele decidiu que seria mais conveniente reencontrá-la junto à esteira de bagagem do que tentar abrir caminho até ela agora.

Pareceu levar uma eternidade, mas finalmente passou pela checagem do passaporte. Na área de bagagem, ele apressou-se até a esteira designada e a viu do outro lado, tirando uma mala do carrossel.

Esquivando-se dos passageiros irritados pelo cansaço, ele seguiu em direção a ela. Ela parou quando o viu, vindo pela multidão.

Ele só parou a alguns centímetros de distância dela. E sorriu para ela.

– Sou um idiota, um babaca da primeira classe. Nem sei dizer olá, porque não perguntei seu nome.

– Mas eu sei o seu.

Ele ficou surpreso, não tanto pelo que ela disse, mas pela forma como falou. Ele estava tentando assimilar aquele tom tranquilo de voz, quando percebeu que toda sua postura havia mudado. Ela não parecia tão vulnerável, nem envolvente e certamente nada disponível. Todos os seus botões estavam abotoados. Na verdade, o sinal que ela agora emitia para ele era Nem pense nisso.

A voz dela estava fria. Seus olhos, tão lânguidos e convidativos, na noite anterior, estavam arenosos e hostis. Ao sorrir, ela o fez com uma satisfação pessoal de um trapaceiro que no jogo mostra seu ás.

– O senhor foi vencido, Dr. Mitchell.

CAPÍTULO 4

– Você está um lixo.

Derek colocou a mala num canto da área da recepção de seu escritório de advocacia, depois virou e franziu o rosto para sua assistente. Depois de passar doze dias fora, ele gostaria de boas-vindas mais cordiais.

– Ora, obrigado, Marlene, estou feliz por estar de volta. Minha viagem foi maravilhosa, obrigado por perguntar. O clima não poderia estar melhor. Todos os voos estavam no horário. Minha mãe gostou do presente. Meu pai estava...

– Está bem, está bem. Falei por falar.

– Estive num avião por dez horas – resmungou ele. – O que você esperava?

– Esperava que você fosse tomar banho e se barbear antes de vir ao escritório.

– Se eu fosse pra casa me arrumar, provavelmente teria ficado. A tentação de ir pra cama seria grande demais. Eu sabia que as coisas estavam acumuladas por aqui, portanto, aqui estou eu, com a barba por fazer, sem tomar banho e infeliz por isso tudo.

– Ainda não viu Maggie?

– Já estou fora há tanto tempo, mais algumas horas não farão diferença.

Marlene lançou um olhar de quem diz não diga que não avisei. Depois falou:

– Café?

– Essa foi a primeira coisa agradável que você disse.

Os subordinados cumprimentavam-no, conforme ele ia passando pelas portas abertas de seus escritórios, mas ele respondia acenando e seguindo em frente, sem parar para conversa fiada. Chegando ao seu escritório, sem ser parado no caminho, ele fechou a porta atrás de si, para desencorajar qualquer um que quisesse puxar o saco do chefe, dando-lhe as boas-vindas.

O escritório espaçoso ficava no vigésimo andar de um dos modernos arranha-céus envidraçados de Atlanta, portanto, ele tinha uma vista irrestrita através das paredes. Hoje o sol estava um pouquinho alegre demais para seu humor, então, ele usou o controle remoto para fechar parcialmente as persianas entre os painéis de vidro.

O decorador que havia contratado para o local lhe dera ideias, mas ele tomara todas as decisões finais – o tapete turco tecido à mão, as estantes de madeira, os tecidos das peças forradas, o couro da cadeira de sua escrivaninha.

Também insistiu em inserir pertences pessoais que tinham significado especial, mesmo que particularmente não se adequassem à decoração. Compartilhando as prateleiras com os livros de direito estava o biplano que ele e o pai haviam feito juntos, no verão em que ele completou nove anos, a luva de beisebol com a qual ajudou seu time de segundo grau a ganhar o campeonato estadual, um caneco de cerveja com as letras de sua fraternidade gravadas.

O escritório era mobiliado com todas as conveniências modernas, mas pontilhado por esses detalhes de nostalgia, servindo-lhe como um confortável par de tênis caros.

Ele tirou o paletó amassado e pendurou no armário oculto, sentou em sua cadeira e apertou os olhos ardentes com as pontas dos dedos, dizendo, baixinho: "O senhor foi

vencido, Dr. Mitchell.”

O que isso queria dizer?

Droga, ele não sabia. Droga, ele jamais saberia, porque depois de dizer isso, ela deu meia-volta e entrou marchando no toalete feminino, puxando sua mala de rodinhas. Ele teria parecido um pervertido, se ficasse à espreita, do lado de fora do banheiro, até que ela voltasse. Além disso, a moça – qualquer que fosse seu nome – tinha deixado bem claro que não queria nada com ele, além de alguns Bloody Marys e umazinha, rapidinha, no banheiro do avião.

Por isso, ele deu o fora, pensando Vá para o inferno, mas desejando que o rápido interlúdio tivesse terminado da melhor forma. Ele também guardou uma inquietação renitente das palavras de despedida.

Qualquer que fosse seu jogo, ele tinha caído. Os olhos de chega pra cá. Aquele negócio de mexer no botão da blusa. As pernas. Ah, sim, as pernas. Jergens nunca ficou tão bem, nem teve uma sensação tão boa, num par de coxas. Todas aquelas mordidas tímidas no lábio. Soltar os cabelos, pelo amor de Deus. Toda mulher no planeta sabe dessas manobras.

Mas ela era craque.

Ela o pegou pelo pau e levou ao banheiro de um avião cheio de gente, onde eles poderiam ter sido pegos, expostos, transformados na piada do dia. Ele não sabia se relação sexual dentro de uma aeronave comercial era ilegal, mandaria um de seus empregados verificar, mas certamente não era esperto.

E se eles tivessem sido flagrados por uma velhinha? Ou uma criança? Imagine os gritos e o choro da pequena Suzie pegando os dois no flagra. Ninguém teria dormido pelo restante do voo. Os mais de duzentos passageiros iriam querer espiar o casal que não conseguia conter suas libidos, dar uma olhada nos fornicadores.

Ele imaginou sua foto na primeira página do jornal, sendo acompanhado na saída do avião por um delegado de ar reprovador, talvez até repulsivo. A promotoria provavelmente mandaria fazer um pôster e distribuiria cópias no Fórum do Condado de Fulton. Ele jamais sobreviveria a isso.

Não gostava de perder e faria o que fosse preciso para ganhar. Mas poderia perder sua dignidade, se soubesse ter feito absolutamente o melhor, se literalmente não houvesse chance de ganhar, mas daria tudo para conseguir. Ele poderia perder num piscar de olhos. Não gostaria, mas poderia.

Mas ser feito de chacota, enganado, passar pelo papel de um tolo absoluto, como essa garota tinha feito, isso era insustentável.

E por quê? Além de comê-la muito bem, o que ele tinha feito a ela?

Ah, deixa pra lá. Seria um dos pequenos mistérios da vida.

Ele baixou as mãos, esticando as bochechas com a barba por fazer, antes de deixar as mãos caírem sobre a pilha de correspondência e recados que havia acumulado, durante sua ausência de doze dias.

Marlene entrou trazendo seu bloco de anotações e uma caneca de café fumegante.

– Obrigado. – Ele queimou a língua no primeiro gole, mas era de sua marca preferida

e estava gostoso.

Ela assumiu seu lugar costumeiro na cadeira de frente para a mesa dele.

– Então, como estava Paris?

– Francesa.

– Ruim, assim?

Ele sorriu.

– É uma linda cidade. Tudo florido. A comida estava soberba. Bom vinho.

– Você não gosta de vinho.

– Consegui tomar algumas taças para ser sociável.

– E o Sena?

– Fizemos o jantar de minha mãe num barco.

– Notre-Dame?

– Ainda está lá, mas eu não vi o corcunda.

– Mulheres bonitas?

– Por todo lado.

Marlene fungou desdenhosa.

– Todas elas fumam. Assim que se mantêm magras.

Derek lançou um olhar, e ela estreitou os olhos para ele.

– Não se atreva a dizer. Mas foi a única dieta que eu não experimentei.

Ele riu. Eles estavam juntos havia tanto tempo que podiam provocar um ao outro, sem ofender. Marlene Sullivan o seguira, quando ele ousadamente saiu porta afora, deixando um grande e respeitado escritório de advocacia, após uma briga com um dos sócios.

Ela o ajudara a abrir seu próprio negócio e, desde então, era seu braço direito, guardiã no portão, secretária social, organizadora de tarefas e porta-voz. Tinha uma mente sagaz para o direito, frequentemente abrindo novas possibilidades, quando um caso se mostrava difícil, e a direção que ele estava tomando não levaria a lugar algum, exceto à condenação. Ele não conseguia tocar seu negócio, nem sua vida, sem ela, fato que ela o lembrava frequentemente.

Ele confiava nela cegamente. Ela levaria ao túmulo qualquer coisa que ele lhe contasse em segredo. Agora, conforme ele olhava seu rosto bondoso de matrona, pensava em contar-lhe sobre sua experiência no avião. Prepare-se, Marlene. Você não vai acreditar no que seu chefe fez num voo transatlântico.

Mas, não. Ele não podia contar isso, nem para sua leal assistente, que vira o melhor e o pior dele. A aventura sexual da noite anterior permaneceria sendo seu segredo.

Ele sinceramente esperava.

– Algo novo da promotoria sobre Jason Connor? – perguntou ele. O garoto de dezesseis anos era acusado de ter matado, a sangue frio, a mãe e o padrasto. Por conta da brutalidade do crime, ele estava sendo julgado como um adulto.

– Liguei pra lá, pedi novamente o arquivo de descobertas. Recebi a evasiva de sempre.

– Eles estão dificultando. Ligue pra eles e diga que estou de volta e quero o maldito

arquivo. – A data do julgamento se aproximava rapidamente e seu jovem cliente estava diante da execução, se fosse julgado culpado. – Alguém falou com Jason, recentemente?

– Ontem. – Ela contou que um dos assistentes do caso tinha ido à prisão. – Ele o viu. Eles não conversaram. O menino ficou mudo.

– Disseram-lhe que não posso ajudá-lo, se ele não se ajudar?

– Sim.

Derek fez uma anotação mental para ir ver o menino assim que sua agenda permitisse e deixar claro que ele estava encrencado. Pegou uma pilha de memorandos cor-de-rosa, representando as ligações que precisava retornar. Na primeira, Marlene tinha escrito em letras de forma vermelhas: Pergunte-me.

Ele pegou e acenou para ela.

– Estou perguntando.

– Enquanto esteve fora, você perdeu um burburinho. Paul Wheeler...

– Quem é?

– Organizações Wheeler.

Ele ergueu uma sobrancelha. – Aquele Wheeler?

– Aquele Wheeler. Dinheiro saindo pelo ladrão. Baleado e morto, no Hotel Moultrie. Muita mídia. Enterro vultoso. O criminoso ainda está solto.

Ele assoviou e se referiu ao memorando.

– Então, quem é Doug?

– Irmão e sócio do falecido.

– A trama engrossa.

– Ele ligou três vezes nos últimos dois dias. Diz que precisa encontrá-lo urgentemente, assim que você regresse.

– Por quê?

– Não disse.

Ele estava morto de cansado e também desconfiava que não estava cheirando muito bem, além do mau humor. Mas gostava do jeito disso. Já sentia o negócio borbulhar.

– Ele pode estar aqui em uma hora?

Doug Wheeler parecia, em parte, quem ele era, um bem-sucedido homem de negócios. Tinha cinquenta e poucos anos, era bem cuidado, embora tivesse entrado no escritório de Derek parecendo um homem com muita coisa na cabeça. No entanto, seu aperto de mão era seco e firme.

– Compreendo que você acaba de regressar de uma viagem ao exterior.

– Paris. Vim direto do aeroporto. Motivo de minha aparência. Peço desculpas. – Derek sentia-se particularmente desgrenhado em contraste com Wheeler, impecavelmente vestido e arrumado.

– Não precisa se desculpar, Dr. Mitchell. Fico feliz que tenha concordado em me receber hoje.

Derek indicou-lhe uma poltrona para que ele sentasse. No centro da sala havia uma

mesinha, sobre a qual Marlene já tinha colocado uma bandeja com um balde de gelo, dois copos e garrafas de água. Ele preferia receber os clientes nessa área, em vez de ficar atrás de sua mesa.

– Fique à vontade, Sr. Wheeler.

Wheeler sacudiu a cabeça.

– Minha assistente, a Srta. Sullivan, me contou sobre seu irmão – disse Derek, ao se servir de uma Perrier. – Eu lamento muito.

– Obrigado. Foi horrível.

– Foi. Ela me deu um resumo do que aconteceu, mas eu não tive tempo de ler todas as histórias dos jornais. Está disposto a falar a respeito?

Derek ouviu durante os cinco minutos seguintes, enquanto Doug Wheeler relacionava o que sabia sobre o tiro fatal. Derek notou que o fato acontecera no dia em que ele tinha partido para a França.

Wheeler finalizou dizendo:

– Isso é o que eu sei a respeito, baseado no que Julie e os outros que estavam no elevador disseram à polícia.

– Julie é a mulher que estava com seu irmão quando aconteceu?

– Sim. – Wheeler esticou a mão para pegar uma garrafa de água, destampou e tomou.

Marlene havia se referido a Julie Rutledge como a amante de Wheeler. Derek se perguntava se o relacionamento dela com Paul Wheeler havia causado algum constrangimento à família. Ele presumia que sim, pela relutância de Doug em se estender nesse assunto.

– O culpado não foi identificado?

Wheeler sacudiu a cabeça.

– A Srta. Sullivan me disse que a polícia não parece ter pistas concretas.

– Até hoje de manhã, não.

– Quem está liderando a investigação?

– Um investigador chamado Homer Sanford.

– Eu o conheço. Ele é um bom investigador.

– Imagino que sim – disse Wheeler, dando de ombros. – Até agora, ele não deslanchou nesse caso. Não tinha nada novo a me relatar, mais cedo, hoje.

Derek sabia que o ex-astro de futebol era um investigador metódico e obstinado. Ele era bem visto por seus companheiros. Era durão apenas com os criminosos. Se ainda não tivera êxito, não havia sido por falta de tentativa.

– Segundo entendo – disse ele a Wheeler –, tudo que Sanford possui é a bala, e o teste de balística não deu em nada.

– Isso mesmo. Segundo os registros, a pistola nunca havia sido usada em outro crime.

Derek propositadamente deixou o silêncio se estender, esperando para ver o que Wheeler diria em seguida. Até esse ponto, ele não sabia por que o homem pedira essa reunião urgente. Ele finalmente falou alto o que estava em sua cabeça, desde que ouvira falar sobre o tiro.

– Parece um lugar bem estranho para um roubo, não? O oitavo andar de um hotel.

Wheeler olhou fixamente para ele.

– Sim. – Depois ele desviou. – Parece.

– O investigador Sanford chegou a mencionar a estranheza disso?

– Para mim, não.

– Hã.

A mudança de fuso horário estava começando a fazer efeito. Ele não olhou para o relógio, mas dava pra ver, pela posição do sol, que estava perto da hora de ir embora, e seu corpo doía de cansaço. Era hora de ir direto ao assunto.

– Sr. Wheeler, por que pediu essa reunião?

– Porque eu sei de sua reputação como advogado de defesa. Dizem que é excelente.

– Obrigado.

– Quero contratá-lo para representar minha família, durante tudo isso.

– Tudo isso quer dizer...

– Os interrogatórios com a polícia.

– Eles o questionaram quanto ao assassinato de seu irmão?

Ele assentiu.

– Algo rotineiro. Pró-forma, segundo me dizem.

Papo furado. Derek não acreditava em nada que a polícia fizesse como pró-forma e, aparentemente, Wheeler também não.

– Durante esses interrogatórios, o senhor teve um advogado presente?

– Sim. – Wheeler fez um gesto descartando. – Ele é um homem capaz, quando se trata de processos triviais e multas de trânsito. Mas nós sentimos que precisávamos de alguém com mais culhão. Se me perdoa a linguagem.

– Perdoo, principalmente porque os culhões em referência são os meus. – Eles compartilharam um sorriso. – Quem é "nós"?

A pergunta de Derek pegou o homem desprevenido.

– Perdão?

– O senhor está dizendo "nós". O senhor e quem mais?

– Minha família. Minha esposa e meu filho.

– Entendo. – Derek esperou que Wheeler dissesse mais. Ele não disse nada, inclusive depois de tomar outro gole da garrafa de água.

– A suspeita automaticamente recai sobre todos que poderiam se beneficiar da morte de Paul – disse ele.

– O senhor?

– Não, especificamente. Não sou herdeiro de Paul. Embora eu vá me tornar o Presidente Executivo da empresa, não há ganho monetário.

– Sua esposa?

– Sharon. Como dizem, eu casei bem. O bisavô de Sharon comprou milhares de ações da Coca-Cola quando a companhia estava começando.

– Parabéns.

Wheeler sorriu levemente.

– Ela não está atrás do dinheiro de Paul. Além disso, ela estava em casa quando ele foi morto.

– Resta seu filho.

– Creighton. – Ele parou, depois acrescentou: – Ele é herdeiro de Paul.

Derek recostou-se em sua poltrona e olhou o homem por um momento, depois disse:

– Se eu fosse um policial, ele seria a primeira pessoa para quem eu olharia, Sr. Wheeler. Sem querer ofender. Estou sendo brutalmente honesto com o senhor. A polícia sempre segue o dinheiro.

– Compreendo isso. Eles estão certos em fazê-lo.

– Que idade tem Creighton?

– Vinte e oito.

Derek torcera para que ele fosse mais jovem, um menor com menos independência e mais supervisão.

– A polícia não o deteve, não é?

– Não, nada disso. Os interrogatórios têm sido muito civilizados e transcorreram em nossa casa, não na delegacia.

– Isso é bom. O advogado sempre esteve presente?

– Eu me assegurei disso. E, felizmente, Creighton tem um álibi de ferro. Ele estava em nossa casa, na quadra de tênis, fazendo uma aula com seu professor particular na hora do roubo e do tiro. Eu tinha ido até em casa para mudar de roupa para um jogo de golfe e os vi na quadra, quando cheguei, apenas alguns minutos antes que Julie ligasse para me dizer que Paul estava morto. Nossa empregada, que não mentiria nem se sua vida dependesse disso, disse que eles estavam jogando ali havia pelo menos uma hora.

– Então, qual é o problema?

– Na verdade, não há problema. Contratá-lo é uma medida de precaução. Não quero meu filho intimidado porque os investigadores não têm mais nenhum lugar para procurar ou nada mais a fazer.

– Por que eles fariam isso?

Wheeler hesitou, depois disse:

– Paul e Creighton tinham suas diferenças.

– Sobre?

– Praticamente quase tudo – respondeu Wheeler com um riso abafado. – Creighton basicamente não se dedica aos negócios como Paul achava que deveria. Paul era um viciado em trabalho. Nessa questão, também sou, mas não como meu irmão era. Ele não compreendia as pessoas que não gostam de trabalhar. Creighton tem outros interesses.

Derek ergueu a sobrancelha, interrogativo.

– Tênis?

– Ele joga quase todos os dias. Gosta de carros. Roupas. Mas sua verdadeira paixão são os filmes.

– Quer dizer cinema?

– Acho que ele assistiu a todos os filmes que já foram feitos. Para ele, são mais que

entretenimento. É um passatempo. Algo que consome muito mais do seu tempo do que das Organizações Wheeler. Ele pensa... artisticamente. – Wheeler suspirou. – Paul não conseguia entender ou aceitar o desinteresse de Creighton no comércio e o pressionava a respeito, mais até do que eu fazia. Faço. Isso era realmente um motivo de discussão entre eles.

– Todos sabiam desse antagonismo entre eles?

– As pessoas mais chegadas à família, sim. – Ele franziu a testa. – Julie mencionou essas divergências para os investigadores.

– Humm. A discórdia em família foi exposta à polícia pela mulher que estava com seu irmão, quando ele morreu. Num hotel. No meio do dia.

Pegando a deixa, Doug disse:

– Meu irmão e Julie... Paul nunca se referiu a ela como sua namorada, propriamente. Mas todos que o conheciam sabiam do caso, embora eles mantivessem discrição.

– E por quê?

– Imagino que por respeito à falecida esposa de Paul, a quem ele adorava de corpo e alma. Eles formavam um casal proeminente na sociedade. Inseparáveis. Totalmente dedicados um ao outro.

– Filhos?

– Não. Aparentemente, Mary não podia conceber. Mas ela e Paul compensavam isso se dedicando ao serviço filantrópico. Quando Mary morreu, ele ficou devastado. Achei que jamais voltaria a olhar para outra mulher. Mas, então, Julie apareceu e ele se apaixonou completamente.

– Há quanto tempo?

– Mais de dois anos. Por aí.

– Eles viviam juntos?

Ele sacudiu a cabeça.

– Mas estavam sempre juntos. Várias vezes por semana, pelo menos, e toda terça, depois do almoço, no hotel. Uma vez, ele me disse que aquele era o momento especial deles e nada iria interferir, se ele pudesse evitar. Ele organizava sua agenda em função disso.

– O pessoal do hotel pode confirmar essa reserva?

– Eles já confirmaram. Forneceram os dados à polícia. – Ele pousou a garrafa de água vazia na mesa entre eles. – Posso contar com sua assessoria legal, Dr. Mitchell? Será nosso porta-voz oficial para a mídia? Espero que não precisemos de seus serviços. Mas, se ocorrer, eu me sentiria melhor sabendo que o senhor está de sobreaviso.

– Eu terei que fazer algum dever de casa. Preciso me atualizar sobre o caso e a investigação em curso. Também quero conhecer sua família, principalmente Creighton.

– É claro. Ele recebe bem a ideia de tê-lo do nosso lado, caso surja uma necessidade. Naturalmente, nós lhe daremos um polpudo pagamento antecipado.

Sorrindo, Derek levantou e estendeu a mão.

– Certamente darão.

Wheeler riu.

– Mandarei entregar um cheque amanhã.

– O senhor pode obter os detalhes com a Srta. Sullivan, ao sair – disse Derek. Então, sua expressão ficou apropriadamente sinistra. – Lamento profundamente o motivo por trás dessa reunião. Minhas condolências ao senhor e sua família.

– Obrigado.

Wheeler se virou para partir e já estava quase na porta quando Derek disse:

– A polícia está investigando-a? A namorada?

Wheeler pareceu confuso com a pergunta, depois disse:

– Quer dizer, por algum envolvimento? Como cúmplice?

Derek deu de ombros.

Wheeler sacudiu a cabeça.

– Se está, eles estão errados. Paul adorava Julie e vice-versa.

Derek guardou para si mesmo a sua opinião sobre adoração recíproca. Quando uma fortuna como a de Wheeler está em jogo, a adoração frequentemente fica em segundo plano.

CAPÍTULO 5

Sharon Wheeler estava endereçando as últimas dúzias de cartões de agradecimento a serem enviados às pessoas, pelas flores e outras gentilezas ofertadas à família, em consequência da morte de seu cunhado. A tarefa consumiu muito tempo. Depois de trabalhar nisso por vários dias, ela estava contente por ter terminado.

Quando Creighton irrompeu na suíte sem sequer bater, ela recebeu bem a interrupção. Até ver que ele estava zangado.

– Mãe!

– Aqui, querido.

Ao vê-la em sua escrivaninha, ele a olhou furioso. Estava segurando algo na mão, que veio sacudindo na direção dela.

– O que é isso, meu bem? Um DVD?

– Sim, mãe – repetiu ele, enunciando as palavras. – Um DVD. Um DVD que me pertence.

– Você deixou aqui. Eu assisti ontem à noite. Não pensei...

– Não, você não pensou. Você simplesmente usou, sem primeiro me pedir.

– Creighton, pelo amor de Deus, acalme-se. Eu não estraguei, estraguei?

– Deixou fora da caixa. Estava na cozinha, largado em cima da bancada. Eu por acaso vi quando ia passando.

– A Ruby provavelmente...

– Se vai ser descuidada, seja descuidada com seus próprios DVDs, ou é melhor ficar assistindo pay-per-view, para não precisar tocar nada.

Se ele não queria que ninguém tocasse em seu DVD, havia sido negligente de sua parte deixá-lo para trás. Mas ela não frisou isso. Para que irritá-lo ainda mais? Quando ele estava de mau humor, era melhor simplesmente deixá-lo extravasar.

– Eu deveria ter ligado para perguntar-lhe, antes de assistir – disse ela. – Peço desculpas.

Ele arremessou o DVD na mesa dela.

– Agora está arruinado, e eu realmente não ligo porra nenhuma para as suas desculpas.

– Não use esse linguajar com sua mãe.

Eles viraram e viram Doug em pé na porta. Ele entrou e jogou o paletó na cama.

– Peça desculpas.

– Nem ferrando. Ela não deveria ter usado...

– Basta! – rugiu Doug.

Creighton caiu em silêncio emburrado. Doug parecia pronto para esbofeteá-lo. Sharon sentia-se infeliz por ter causado a briga, porque Creighton tinha razão de estar aborrecido. Ser descuidada com um de seus preciosos DVDs era uma ofensa imperdoável.

– Eu vou lhe comprar outro DVD para substituir esse – ofereceu ela rapidamente. Depois, ela riu levemente. – Todo esse estardalhaço e o filme nem é bom.

– Essa não é a questão, mãe. – Creighton suspirou, provavelmente por conta de sua estupidez em não ver a questão. – Estou saindo. "Hasta la vista, baby." Arnold Schwarzenegger. O Exterminador do futuro 2: O julgamento final. – Ele virou-se para sair.

– Fique onde está – disse Doug. – Preciso falar com você.

– Sobre o quê?

– Primeiro, peça desculpas à sua mãe.

– Meu Deus, eu tenho quantos anos, oito?

Sharon detestava conflitos, porque tinha crescido num clima de permanentes desavenças. O casamento de seus pais havia sido sem amor e turbulento, e a mansão onde eles moravam era uma zona de guerra. Havia dinheiro demais envolvido para que um divórcio fosse uma solução funcional, então, eles se comprometeram a desgraçar a vida um do outro, com Sharon atuando como uma árbitra infeliz.

Consequentemente, ela evitava discussão sempre que possível, e o papel de mediadora era algo natural para ela.

– Tudo bem, Doug. Ele não teve a intenção, teve, querido? Ele...

– Não dê desculpas por ele, Sharon. Eu pude ouvi-lo lá embaixo. Ele lhe deve um pedido de desculpas. Eu insisto.

Ela viu os dois homens de sua vida tentarem fazer com que o outro parasse de olhar e, pela primeira vez, foi Creighton que cedeu. Ele virou para ela, inclinou-se, pegou-lhe a mão e beijou.

– Por favor, perdoe-me, mãe. Eu peço desculpas por dizer "porra".

Depois ele se endireitou e se dirigiu a Doug.

– Algo que, por sinal, aparece sessenta e sete vezes nesse filme, em particular. Tinha a duração de noventa e quatro minutos. Então, ontem à noite, enquanto assistia, ela ouviu porra ou algum derivado, sendo falado a cada minuto e meio, com uma diferença de alguns segundos. Porém, se ao dizer porra eu a ofendi, então, eu lamento, porra.

Sharon não conseguiu conter uma risadinha, mas Doug não estava achando divertido.

Tentando acalmar a situação, ela disse:

– Olhe, eu finalmente terminei de escrever todos os cartões de agradecimento. Eles podem ser postados amanhã. Todos foram tão gentis, mas foi uma provação escrever todos esses agradecimentos.

– Sou grato por você fazer isso – disse Doug. Então, ele se virou para Creighton. – Acabo de vir de uma reunião com Derek Mitchell.

Creighton sacudiu os ombros, despencou numa poltrona e recostou a cabeça, aparentemente desinteressado.

– Refresque minha memória, Doug – disse Sharon.

– Ele é um advogado de defesa. Você se lembra, nós conversamos sobre contratá-lo.

– Ah, certo. – Houvera uma discussão durante o jantar, algumas noites atrás, mas ela estava distraída.

– Ele quer conhecê-lo – disse Doug a Creighton.

– Estou ficando farto disso. Realmente estou. Primeiro, aqueles investigadores e o

bunda-mole daquele seu advogado prestando atenção em cada palavra que eu dizia, anotando tudo. – Creighton imitou a anotação frenética. – Agora, esse cara. O que o torna tão especial? E por que eu preciso dele?

Doug não respondeu às perguntas.

– A assistente dele marcou um horário para você amanhã.

– Amanhã, eu não posso. Você me mandou levar aquela gente dos tijolos e das pedras para almoçar, lembra?

– Três horas.

– Meu carro será revisado às três horas e eu tenho que estar junto. Não confio no cretino do mecânico.

– Aqui está o endereço.

Doug entregou o cartão de visita. Creighton lançou a cada um deles um olhar furioso, depois, num movimento ininterrupto, arrancou o cartão, levantou-se da poltrona e saiu marchando do quarto, batendo a porta atrás de si.

Nem Sharon nem Doug se moveram, nem disseram nada por alguns segundos, depois ele foi até a cama e pegou seu paletó. Ela o seguiu até o closet que eles compartilhavam. Ele arrancou a gravata e começou a desabotoar a camisa.

– Foi culpa minha – disse ela. – Eu não devia ter assistido ao DVD dele, sem perguntar.

– Não faça isso, Sharon. Não é culpa sua. Você está novamente se desculpando por ele. Ele nunca irá crescer e assumir responsabilidades se você me cortar toda vez que eu tentar injetar...

– Você parece o Paul.

Ela lamentou as palavras no instante em que as proferiu. Pôde ver que foi doloroso para o marido. Ele tirou a camisa e jogou junto com o paletó do terno no cesto. Ela chegou por trás dele e enlaçou os braços ao redor de sua cintura, recostando o rosto em seu ombro.

– Desculpe.

Ele riu levemente.

– Fui muito parecido mesmo, com o Paul. – Ele se virou de frente para ela e deu-lhe um beijinho nos lábios. – Mas ele estava certo, Sharon. Creighton é um garoto mimado e a culpa é nossa.

– Principalmente minha.

– Não.

– Sim.

– Você não queria que ele não se sentisse amado, como seus pais fizeram com você.

Ela inclinou a cabeça para olhá-lo.

– Você agora é psicólogo?

– Ninguém precisa de terapia para descobrir isso. Mas nós dois somos responsáveis por mimar Creighton. Eu também, porque era mais fácil.

Ela riu baixinho.

– Eu não me lembro dele jamais sendo fácil.

– Nem eu, pra falar a verdade. – O sorriso dele era sentido.

– Eu simplesmente o amava tanto, Doug. E queria que ele soubesse. Queria que jamais ficasse zangado comigo. – Ela hesitou, depois disse: – Talvez, se nós tivéssemos tido mais filhos...

Depois de Creighton, ela perdera dois bebês, antes de o médico recomendar uma histerectomia. Doug nunca a culpou por não ter lhe dado mais filhos, mas Mary uma vez brincou, tristonha, dizendo que os meninos Wheeler não tinham se dado tão bem no departamento de progênie. Não tinham casado com boas reprodutoras.

Doug esfregou os braços dela com as mãos.

– Nada disso. – Ele a beijou na testa e soltou-a. – Só que, daqui pra frente, quando eu der uma chicotada, me apoie.

Ela assentiu, mas não fez qualquer promessa que não pudesse cumprir.

Ele sentou num banco estofado para tirar seus sapatos.

– Espero que esse advogado mate-o de medo.

– Como ele é?

– Gostei dele. É franco e direto. E supostamente é infernal no tribunal. Os promotores têm pavor de vê-lo chegar. Não gosta de perder e só vai ao chão quando é absolutamente forçado a isso.

– Creighton perguntou por que precisamos dele. Eu também fiquei pensando nisso. – Ela abriu uma de suas gavetas de joias, com o pretexto de procurar alguma coisa, mas o fato era que essa conversa de advogados a deixara nervosa, então, ela estava querendo parecer ocupada para disfarçar.

– Os últimos cinco minutos demonstram o quanto Creighton pode ser teimoso. Durante um interrogatório, receio que ele perca as estribeiras e diga algo que aqueles investigadores levarão para o lado errado.

– Se Creighton for rude com eles, é culpa deles mesmos – disse Sharon. – Ele está ficando impaciente com as perguntas e, francamente, não posso culpá-lo. Ele não poderia estar envolvido no roubo e no tiro. Ele estava aqui. Por que eles não começam a procurar pelo verdadeiro culpado e deixam Creighton em paz?

– Tomara que deixem. Mas, se não, ao menos teremos Derek Mitchell falando com a polícia por nós e mantendo uma mordaça em Creighton.

Ela deu um safanão na gaveta e fechou com uma batida.

– Isso ainda não explica por que eles estão tão obcecados com Creigton, se ele tem um álibi tão sólido.

Doug levantou-se e tirou o cinto, pendurando-o cuidadosamente.

– Tenho certeza de que essa será a primeira coisa que Derek Mitchell vai exigir saber.

– Você acha que Julie é responsável?

– Pelo interesse dos investigadores por Creighton?

Sharon deu de ombros.

– Não – respondeu Doug, sacudindo a cabeça resoluto. Ele tirou a calça.

– É possível, não?

– Por que ela apontaria para Creighton?

– Porque Paul pode tê-la envenenado contra ele.

– Paul não teria feito isso. Ele não falava mal de ninguém da família para Julie.

Sharon fez um som de deboche.

– Eles dormiam juntos. Paul detestava Creighton. Ele...

– Paul não detestava Creighton – disse Doug, secamente. – Eles tinham seus desentendimentos, e Paul nem sempre aprovava o comportamento de Creighton. Mas ele não o odiava. Por favor, Sharon, nunca mais diga isso novamente para que alguém ouça. Podem ter uma ideia completamente errada. – Ele seguiu para o banheiro. – Vou tomar um banho.

Havia um post-it colado na porta dos fundos de Derek.

Cuidado! Ela está emburrada. Boa sorte, companheiro.

Estava assinado pelo vizinho de porta de Derek, que cuidava de sua casa quando ele estava fora. Além de recolher a correspondência, juntar os jornais e molhar as plantas, ele tinha que lidar com Maggie e suas mudanças de humor. Depois de doze dias fazendo isso, Derek teria sorte se o cara ainda voltasse a falar com ele.

Ele entrou, usando a própria chave.

– Mags?

Nada de resposta. Ele arrastou a mala pra dentro, depois fechou a porta, alto o suficiente para ser ouvido pela casa toda, até lá em cima.

– Maggie? – Deixando para desfazer as malas depois, ele seguiu pela cozinha, passou pela sala de jantar, checou a sala de estar e seu escritório, ambos vazios, depois subiu a escada, tirando as peças de roupa pelo caminho. Estava acordado havia quase trinta horas, tendo tirado apenas um cochilo no avião. Esperava que Maggie fosse piedosa e não exigisse dele mais do que ele tinha energia para dar.

Ao deixar o aeroporto, ele tivera a intenção de passar no escritório somente para checar a correspondência e lidar com o que fosse absolutamente necessário. Não contava em se reunir com Doug Wheeler e não se arrependera por ter tido o compromisso tão em cima da hora.

Até agora.

Conforme subia a escada, ia se sentindo como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Estava ávido para fazer sua pesquisa e saber mais sobre o assassinato de Paul Wheeler. Até levara para casa o monte de jornal que Marlene havia juntado para ele, pensando em dar no mínimo uma olhada. Mas os detalhes do roubo que se transformara em homicídio teriam que esperar até que ele dormisse. Seu cérebro estava quase tão cansado quanto seu corpo.

Ele empurrou a porta de seu quarto, abrindo-a. Antes de partir para Paris, havia fechado as cortinas e elas ainda estavam fechadas. O quarto estava escuro, exceto pela luminária de chão, ao lado de sua poltrona de leitura, de estofamento de couro. A luminária fora deixada com luz fraca para prover somente uma leve iluminação daquele lado do quarto. A empregada, que vinha mesmo durante sua ausência, deixara tudo impecável, pronto para seu regresso.

Maggie estava estirada na cama.

Ela nem levantou a cabeça do travesseiro quando ele apareceu, mas seus olhos brilhavam de repreensão. Mesmo antes de cruzar a soleira e entrar no quarto, ele disse:

– Olhe, antes de qualquer coisa, sei que você está zangada porque eu não a levei comigo. Mas você e a mamãe nunca se deram, e essa viagem era por causa dela.

Corajosamente entrando no quarto, ele pousou o paletó na poltrona e terminou de desabotoar a camisa, enquanto tirava os sapatos, empurrando um pé atrás do outro.

– E eu sei que você esperava que eu viesse pra casa assim que pousasse, mas havia questões urgentes que precisavam da minha atenção imediata.

Ele se aproximou da cama e sentou na beirada. Maggie rolou e ficou de barriga pra cima.

– Mags. – Ele suspirou, olhou em volta por um momento. Nunca perguntava a um cliente se ele fizera ou não aquilo de que estava sendo acusado. Não precisava saber, pois não era sua função demonstrar julgamento. Seu trabalho era providenciar para que o acusado recebesse a melhor defesa possível.

Mas a experiência lhe ensinara que a maioria das pessoas culpadas de um delito estava simplesmente se coçando para confessar. Como ele estava agora.

– Mags, aconteceu uma coisa no meu voo de regresso e você tem que saber. Eu conheci uma pessoa. Uma mulher. – Ele olhou para baixo. – Não me olhe assim. Não tenho o hábito de pegar mulher em aviões. Foi o rolo mais rápido que eu já tive. Além disso, ela me dispensou. Acabou antes de começar. – Ele se virou para ela, coçou sua barriga. – Por isso, ainda sou todo seu.

A cadela de raça labrador resmungou, depois sentou e entusiasticamente lambeu-lhe a lateral do rosto.

– Obrigado por entender.

Maggie focinhou-lhe o pescoço, enquanto ele coçava atrás de suas orelhas.

– Venha – disse ele, afagando-lhe as costas, conforme se levantava. – Venha me fazer companhia, enquanto eu tomo um banho. – Ele notou que ela demorou a descer da cama. – Sua artrite está atacando? Vou ligar para o veterinário amanhã. E, falando nisso, você não devia estar na cama.

Enquanto Maggie cochilava no tapete do banheiro, ele tomou um banho longo e quente, deixando que a água batesse em seus ombros até que a pele ficasse pinicando. Quando saiu, ele se enxugou e passou o secador nos cabelos, por um minuto, depois enrolou uma toalha na cintura e voltou ao quarto, onde programou o despertador da mesinha de cabeceira.

– Você precisa sair?

Em vez de seguir rumo à porta, Maggie circulou seu tapete, no pé da cama dele, depois deitou, pousando a cabeça sobre as patas dianteiras.

– Certo, mas falta muito até de manhã. Lembre-se que eu perguntei.

Ele tirou a toalha e puxou as cobertas da cama. Suspirando, grato, deslizou nos lençóis frescos e pegou o controle remoto da TV. Passou pela lista de canais e apertou o canal de notícias. Estava programado para gravar todos os dias, porque ele

frequentemente não chegava em casa a tempo de assistir. Essa noite, provavelmente não aguentaria nem até o primeiro comercial.

Mas ele afofou o travesseiro embaixo da cabeça e pôs a imagem na tela plana fixada na parede oposta à sua cama. A história principal era um acidente terrível, envolvendo um ônibus escolar. Crianças ensanguentadas, pais desesperados, dois pequenos sacos amarelos com cadáveres no chão.

Avançou a história, e a que veio a seguir era sobre maus-tratos a pacientes de um asilo. Ele parou quando viu uma imagem parecida com Doug Wheeler surgir na tela. O nome que estava embaixo era Paul Wheeler. Ele pegou o âncora no meio da frase, recapitulando o crime.

Havia o som da voz de Homer Sanford, que lamentava a escassez de pistas concretas, mas enfatizando a determinação da delegacia em capturar o culpado.

– O assassino do Sr. Wheeler será trazido à justiça – disse o investigador, enquanto sua parceira, Roberta Kimball, mantinha-se ao seu lado. O alto da cabeça dela nem alcançava o ombro de Sanford, mas sua postura era igualmente resoluta.

Os dois parceiros eram comicamente diferentes, porém, juntos, eles formavam um par formidável. Passou pela cabeça exausta de Derek que se ele fosse um criminoso em fuga, não ia querer esses dois na sua cola.

De volta ao âncora.

– Julie Rutledge, amiga próxima e pessoal do Sr. Wheeler, que estava em sua companhia quando ele foi alvejado fatalmente, voltou a se reunir com os investigadores essa tarde. Em seguida a essa reunião, ela tinha isso a dizer.

A cena muda para o interior da delegacia de polícia, onde uma mulher saía do prédio infestado de repórteres, todos empunhando microfones e fazendo perguntas conforme a câmera fechava o ângulo em close.

Derek pulou da cama tão subitamente que Maggie ficou de pé e deu dois latidos.

Ele congelou a imagem, depois soltou o controle remoto, que caiu com força e dolorosamente em seu dedão do pé. Pelado, de mãos nos quadris, ele ficou olhando a imagem na TV boquiaberto. Depois, passou os dedos pelos cabelos, andou em círculos no meio do quarto e bateu o punho fechado na outra mão.

– Filha da puta!

CAPÍTULO 6

Julie fechou as torneiras e espremeu a água dos cabelos, depois saiu do chuveiro e esticou a mão para pegar uma toalha. O espelho acima da pia estava embaçado, mas ela ainda podia ver o fantasma de seu reflexo. Seus olhos, no entanto, pareciam repletos de repreensão.

Para escapar dessa autoincriminação, ela mergulhou o rosto na toalha. Mas a tentativa de esconder sua vergonha, mesmo de si mesma, foi fútil. Será que algum dia poderia voltar a se olhar novamente no espelho?

Sim, ela poderia. Precisava fazê-lo. Era tarde demais para hesitar.

Rapidamente se secou e vestiu um pijama. Na cozinha, serviu-se de um copo de suco de laranja e levou para o quarto. Acomodando-se na cama, pegou o telefone e ligou para a galeria.

– Chez Jean. Pois não?

– Você está querendo me impressionar, trabalhando até tarde?

– Ei, você está de volta! Como foi sua viagem? Paris estava fabulosa?

Para os clientes, ela era Katherine Fields. Para Julie, ela era Kate. Quando atendia o telefone da galeria, a pessoa podia jurar que era francesa. Sua pronúncia do nome da galeria – mantido, do dono anterior, de quem Julie tinha comprado o negócio – era perfeita. Mas quando conversava com Julie, Kate deslizava em seu sotaque nativo da Geórgia. Tinha uma exuberância natural que transbordava em seu porte esguio, como espuma de uma garrafa de champanhe.

Aos vinte e cinco anos, quase uma década mais jovem que Julie, Kate tinha diplomas de francês e história da arte. A clientela adorava Kate não somente por seu senso de estilo e charme natural, mas também porque tinha um conhecimento que excedia sua idade. Eles confiavam em sua opinião, com justiça.

– Sim, voltei – disse Julie. – Por que a galeria está aberta até tão tarde?

– Não está. A porta está trancada. Eu estava arrumando as coisas na sala dos fundos, prestes a ir embora. Mas conte-me sobre sua viagem. Como estava Paris?

– Adorável, como sempre, embora eu não tenha visto muita coisa.

– Eu lhe disse que você não estava ficando tempo suficiente.

– Fiz o que tinha a fazer lá.

– Comprou a pintura?

Esse fora o pretexto para sua viagem súbita.

– Comprei. E mais duas, do mesmo artista. Somos a primeira galeria dos Estados Unidos a apresentar o trabalho dele, e ele veio ao hotel me agradecer, pessoalmente. Cobriu minha mão de beijos. Muito efusivo. Bem francês.

– Bonitinho?

– Daquele jeito ineficaz de macho europeu.

– Humm. Não faz meu tipo – disse Kate, lamentosa.

– As pinturas estão sendo despachadas. Devemos recebê-las na semana que vem.

– Amanhã eu vou pegar o telefone e começar a espalhar.

– Boa ideia. Estarei aí de manhã.

– Vá dormir – disse Kate. – Sua volta foi tão rápida que você deve estar com efeito do fuso horário. Conseguiu dormir um pouco no voo de volta?

As bochechas de Julie ficaram quentes, diante da lembrança do que ela fizera no voo de volta.

– Não muito, e mal. Mas vou pra cama agora, e amanhã estarei novinha em folha.

Depois de uma leve hesitação, Kate perguntou:

– Como você está?

– Bem.

– Quero dizer, quanto ao Paul.

– Sei o que você quis dizer. – Julie respirou fundo e soltou o ar lentamente. – Estou levando. Que escolha eu tenho?

– Você deveria arranjar uma terapia de luto.

– Vou pensar a respeito.

– Como se perder Paul não fosse o bastante, o cara que o matou ainda está livre.

– Encontrei com os investigadores essa tarde, antes mesmo de vir para casa, e eles não fizeram progresso algum enquanto eu estava em Paris.

– Nunca é difícil solucionar um mistério na TV.

Julie sorriu, apesar do assunto horrível.

– Vejo você amanhã.

– Descanse bem.

Julie programou seu celular na mesinha de cabeceira e pegou o controle remoto da TV. Ligou bem a tempo de ver a si mesma no noticiário, sendo cercada pelos repórteres, quando deixava uma reunião improdutiva, com os investigadores Sanford e Kimball, que pareceram mais aborrecidos por sua partida do país do que pelo fracasso deles em apreender o assassino de Paul.

– Não viaje dessa forma novamente – Sanford disse-lhe, sério. – Só soubemos que tinha partido quando já era tarde demais.

– Tarde demais para quê?

– Tarde demais para impedi-la de partir.

– Eu deveria pedir permissão?

– Tem de admitir que não ficou bem – disse Kimball.

– Pra quem?

Os investigadores não responderam. Em vez disso, Sanford perguntou:

– O que era tão importante em Paris que não podia esperar?

Ela lhes contara que o artista era o grande furor do momento.

– Claro que o momento era inconveniente. Habitualmente, eu não teria escolhido ir durante esse período de luto, mas surgiu uma pequena oportunidade e eu precisava aproveitar, por conta da concorrência representada por todas as galerias de arte do país.

Era uma desculpa válida para uma viagem súbita, e eles aceitaram sem discutir, sem jamais imaginar que o verdadeiro motivo fora o voo de volta para casa.

Julie tinha muitas perguntas para eles, mas todas se resumiam numa só: houvera algum progresso? E os rodeios davam numa só resposta: não.

– No entanto – disse Kimball –, nós temos especialistas assistindo aos vídeos de segurança das câmeras do lobby do hotel. Elas gravam uma cena a cada quatro segundos.

– Como num banco.

Sim, disseram eles.

– Mas de que adiantarão? Não sabemos como ele é.

– Não, não sabemos – disse Sanford. – Portanto, é um longo e tedioso processo de eliminação.

– Receio que eu ainda não esteja entendendo.

Sanford explicara.

– Não encontramos nada quanto aos hóspedes e empregados do hotel. Ainda estamos interrogando, mas, até agora, não surgiu nada. Temos quase certeza de que nosso garoto entrou, fez o serviço e saiu.

Julie olhou-os.

– A essa altura, é pura especulação, mas é por aí que estamos indo – disse Kimball.

Sanford continuou:

– Imaginamos que depois que ele atirou no Sr. Wheeler tenha corrido até a escada, onde teria deixado os sapatos, junto com algum tipo de bolsa. Uma pasta, uma mochila, algo que não chamaria atenção num hotel.

"Ele arrancou a máscara, os óculos, o conjunto esportivo. Tinha outra roupa por baixo, portanto, tudo que teve a fazer foi calçar os sapatos. Enfiou o disfarce na pasta, desceu a escada correndo, até o lobby, e saiu andando do hotel, antes que alguém percebesse o que havia acontecido e a segurança impedisse que qualquer um saísse."

Julie não se lembrava da descida do elevador até o lobby, mas lembrava-se daqueles minutos de terror, antes que as portas se abrissem e as pessoas que esperavam pelo elevador fossem expostas ao terror que havia ali dentro. Ela inclinada sobre Paul, o sangue formando uma poça no chão de mármore e o desespero dos outros três passageiros. Aquela cena horrível criara um pandemônio. O homem responsável por isso poderia facilmente ter saído andando sem ser notado.

Sem ser notado na hora, mas captado pelas câmeras de segurança.

– Estamos verificando especificamente o intervalo de tempo exatamente antes e logo após o elevador chegar ao lobby e o terror explodir, para ver se a câmera captou alguém deixando o hotel que não possa ser identificado como empregado, hóspede, amigo de um hóspede, alguém participando de uma reunião ou conferência. Alguém que não tenha pegado o carro do manobrista ou pedido um táxi.

– São centenas de pessoas – disse ela. – Quanto tempo vai demorar?

Os dois investigadores admitiram que essa era uma tarefa de trabalho intensivo.

– Mais nada?

Eles disseram que não encontraram a máscara, os óculos, nem o conjunto esportivo. As meias dele deixaram fibras do carpete do corredor, mas eles compararam à uma

marca popular vendida em quase toda loja de varejo que comercializa meias masculinas. Ele não tocara em nada com sua pele, não deixara um fio de cabelo, nada que eles tivessem encontrado, e, mesmo que procurassem por algum DNA, ainda teriam que identificá-lo, antes de sequer tentar fazer uma comparação que se encaixasse à cena.

– Carros estacionados na garagem?

– Estamos checando cada um deles – Sanford disse a ela. Há uma câmera de segurança na saída. Ninguém saiu dirigindo durante dez minutos depois do tiro e, a essa altura, ninguém mais tinha permissão de fazê-lo. Por isso achamos que ele saiu andando. Provavelmente deixou um carro estacionado a algumas quadras de distância do hotel.

O fuso horário estava acumulando o pessimismo e o desânimo de Julie. Naquele momento, ela resolveu lançar a cautela ao vento.

– Vocês têm o vídeo do lobby daquele dia?

– Nós já o vimos várias vezes – respondeu Sanford.

– Creighton Wheeler aparece nele?

– Não.

A resposta de Kimball foi tão rápida que Julie teve certeza de que eles haviam procurado por ele.

Em seguida, ela agradeceu pelo empenho e foi embora. Não esperava ser cercada por repórteres do lado de fora do prédio.

– Não tenho nada a dizer – anunciou ela, tentando abrir caminho entre eles.

– Tem alguma pista, Srta. Rutledge?

– Vocês precisam perguntar a eles.

– Eles já estão mais perto de encontrar o homem que atirou no Sr. Wheeler?

– Não que eu saiba.

– Acha que o ladrão agiu sozinho?

Essa pergunta a fez parar, pois era a primeira vez que alguém lhe perguntava isso. Agora, enquanto ela olhava a reprise da cena na tela da TV, via a convicção em seu próprio rosto, quando se inclinou ao microfone e disse:

– Não, e também não acho que tenha sido um roubo.

O vídeo parou ali e a âncora reapareceu.

– Embora nosso Chris de la Cruz tenha pedido à Srta. Rutledge que explicasse sua afirmação, ela declinou.

Julie desligou a televisão e o abajur.

Ela provavelmente enfrentaria um inferno com os investigadores por ter feito aquela afirmação, mas não se importava. O crime já tinha quase duas semanas. A essa altura, eles provavelmente já estariam trabalhando numa dúzia de outros homicídios, além do de Paul. A cada vez que ela ligava ou os encontrava, eles reiteravam a determinação de ver o caso resolvido e o agressor ser trazido à justiça, mas ela não era tão ingênua. Em breve, as exigências do trabalho colocariam esse caso em segundo plano, favorecendo um novo.

Talvez sua afirmação aos repórteres pudesse agitar as coisas por pelo menos mais um ou dois dias. Tudo era possível. Muita coisa podia acontecer em um ou dois dias.

Em um ou dois dias, você poderia fazer algo a 37 mil pés de altitude que jamais poderia acreditar ser capaz de fazer.

Creighton tocou um ícone no monitor que servia de controle remoto, aumentando o volume da TV gigante em seu home theater.

A mulher ergueu a cabeça de seu colo, meio ressentida, e perguntou:

– Eu estou entediando você?

– Se estivesse, você saberia.

Ele enfiou a mão atrás da cabeça dela e empurrou para baixo. Ela voltou a fazer o que estava fazendo. Na verdade, ela era muito boa naquilo. Como ele era um cliente habitual, a agência sabia do que gostava e mandava somente as melhores garotas. Assim que ela chegou, ele disse "no theater". Assim que ele se acomodou em sua poltrona, ela se pôs a trabalhar. Seus cabelos louros eram lisos e belos. Ele passava os dedos distraidamente, enquanto assistia ao começo do noticiário.

Seu elaborado home theater fazia até o assunto mais mundano parecer bom. Ele nunca assistia à televisão em nenhum outro lugar. Quanto aos filmes, preferia assistir a eles em seu home theater particular, em vez de no cinema, já que a maioria ficava em shoppings cafonas, onde havia retardados engolindo pipoca, cochichando, chutando a traseira de sua poltrona, e até – no que o mundo estava se transformando? – mandando e recebendo mensagens de texto em seus celulares.

Ele tratava sua coleção de DVDs como um tesouro nacional. A temperatura e umidade eram cuidadosamente monitoradas e mantidas em equilíbrio para preservar as latas de filmes antigos e videotapes. Cada um de seus filmes, vídeos e DVDs era catalogado e referenciado em documentos no computador, que eram atualizados quase diariamente. Os equipamentos eletrônicos eram manuseados com luvas brancas. Poeira era uma maldição, mas sua empregada tinha sido instruída para jamais entrar nessa sala. Ele mesmo fazia a limpeza.

A resolução de sua tela era tão alta que ele podia ver os poros do nariz do âncora, quando ele falava de alguma história deprimente sobre gente velha babona e cagona num asilo qualquer. Meu Deus, por que esses parentes que estão reclamando simplesmente não os deixam morrer?

Ele não perderia tempo assistindo ao noticiário, exceto pelo fato de que estava interessado em saber se havia algo novo sobre o tiro fatal em seu tio. Já fazia uma semana desde que os investigadores tinham voltado, dessa vez perguntando se ele se lembrava de uma briga recente no escritório de Paul.

Imaginando que algum intrometido das Organizações Wheeler, provavelmente a assistente de seu tio, o tivesse dedurado, ele sabia que seria melhor admitir do que ser pego numa mentira.

– Claro, eu me lembro. Ele me escorraçou.

Eles quiseram saber a razão.

– Por eu não valer nada. – Ele sorriu para o cara negro, depois para a mulher da bunda grande e péssimo gosto para roupas. – Algo que não está nem um pouco correto. Eu frisei para o tio Paul que estou longe de não valer nada, que meu fundo de aplicação, por parte dos meus avós maternos, tem mais de setenta milhões de dólares, algo que, pelos cálculos de qualquer um, é um belo trocado. Achei que foi uma resposta bem engraçada, mas o tio Paul não achou graça.

Os dois investigadores pareceram murchar por ele ter assumido a briga. Será que esperavam pegá-lo com alguma coisa? Se era o caso, ficaram totalmente desarmados. Seu pai tinha contratado um advogado bacana para ser seu porta-voz, de agora em diante, mas isso não seria necessário. O caso estava esfriando. Logo estaria frio. Igual ao pobre tio Paul.

A garota passou a língua num ponto sensível e seu pênis reagiu. Ele estava perto. Na expectativa, recostou e fechou os olhos. Mas eles se abriram quase que instantaneamente quando uma voz familiar saiu pelas caixas de som.

– Não tenho nada a dizer.

Lá estava Julie Rutledge, preenchendo sua tela. Ele ficou satisfeito em perceber que ela parecia cansada e desgrenhada, e ligeiramente exasperada, quando perguntaram se a polícia estava mais perto de pegar o assassino de Paul.

– Não que eu saiba – respondeu ela.

Mas isso não era demais? Ganhando uma bela chupada enquanto assistia à amante do tio falecido na TV. Ele gostaria que ela soubesse. Talvez ele ligasse mais tarde para dizer: "Julie, eu te vi no noticiário. Estava olhando direto pra você quando gozei."

Esses pensamentos de deleite se perderam quando a piranha levantou a cabeça novamente.

– Ei, você está puxando meu cabelo.

Ele afrouxou a pegada, mas seu sorriso complacente continuou igual. Julie não gostava dele, sem dúvida por conta de todo o lixo que Paul dissera a seu respeito. O que quer que Paul tivesse dito a ela a tornara fria e distante em relação a ele. Por diversão, Creighton desfrutava e explorava o desconforto evidente que ela sentia.

Diretamente para a câmera, ela disse:

– Também não acho que tenha sido um roubo.

Creighton gozou.

A piranha olhou para cima e perguntou-lhe, petulante:

– O que foi tão engraçado?

Aparentemente, ela não estava acostumada a clientes que caíam na gargalhada quando gozavam.

– Nada. – Ele fechou o zíper, depois a pegou pelo braço e se levantou. – Hora de dar o fora.

– Qual é a pressa? – Ela passou a mão na frente de sua camisa, murmurando: – Eu posso ficar mais um pouco.

Ele a afastou com um empurrão.

– Fora.

Notando que ele estava falando pra valer, ela pegou a bolsa e saiu da sala desfilando. Ele a seguiu pelo apartamento, para ter certeza de que não roubaria nada ao sair. Ela abriu a porta da frente e lançou-lhe um olhar venenoso por cima do ombro.

– As outras garotas estavam certas. Você é mesmo tosco.

– Você está partindo meu coração.

– Se quer saber, eu também te acho estranho pra cacete.

Ele pôde pensar numa dúzia de respostas, porém, um bom diálogo seria desperdiçado com ela. Sem dar uma palavra, ele a empurrou pra fora e fechou a porta, ruidosamente.

Voltando ao home theater, ele parou para desfrutar da vista da linha do horizonte de Atlanta, das janelas de sua cobertura. Foi passando a mão pelo encosto de seu macio sofá de couro, conforme caminhava e admirava as duas portas art deco que salvara de um cinema demolido e colocara como portal de seu império cinematográfico.

De volta à poltrona feita sob medida que ele mesmo desenhara, repassou a aparição de Julie no noticiário. No entanto, assistir a essa segunda vez o deixou tão intrigado quanto contrariado. Logo quando os investigadores estavam começando a desanimar e provavelmente estariam prestes a relegar o assassinato de seu tio a segundo plano, Julie lançara uma nova perspectiva. Agora Sanford e Kimball estariam inclinados a explorar o ângulo de que o incidente fora mais que um simples roubo.

Desde a morte do tio, Creighton permanecera à sombra do pai, deixando que ele falasse pela família, enquanto ele mesmo evitava os holofotes da mídia. Ele adorava um espetáculo, mas só nos filmes. Na realidade, a notoriedade chamava a atenção para a beleza e força, talvez, e ele certamente não era modesto sobre isso. Mas ao se expor à notoriedade, sacrificava-se a privacidade. O anonimato tinha suas vantagens particulares. Manter-se ao fundo permitia muito mais mobilidade e, desse modo, poder.

Mas agora que Julie tinha aberto a boca, o interesse dos investigadores por ele talvez fosse renovado e, no fim das contas, ele precisaria do advogado bacana, o tal de Derek Mitchell.

Tudo isso era um tanto incômodo.

CAPÍTULO 7

Julie adorava o visual de sua galeria. Tinha uma aparência discreta e elegante que combinava com essa parte da Peachtree Street, onde todas as butiques, antiquários, lojas de roupas e restaurantes eram prestigiados, como a clientela refinada de Buckhead.

As laranjeiras plantadas em vasos, em ambos os lados da porta preta brilhante, e o toldo de franja estendido até a calçada eram toques que tornavam a galeria convidativa para novos aficionados por arte que talvez se intimidassem pela austeridade, e ao mesmo tempo mantinham o ambiente no alto nível esperado pelos compradores sérios.

Ela entrou no beco e seguiu até os fundos do prédio, onde estacionou e entrou pela porta de trás. Na mesa, soltou a bolsa e os catálogos comprados na França que trazia nos braços. A mesa estava sempre cheia, independentemente do quanto ela se esforçasse para manter a papelada em dia. Depois de passar vários dias fora, as contas e a correspondência tinham se acumulado. Kate tinha deixado alguns recados telefônicos onde seria certo que ela visse. Ela olhou, mas nada era urgente.

Havia um corredor largo, de nove metros, que separava o escritório, o depósito de armazenagem dos fundos e o salão principal da frente da galeria. Era nesse corredor que ela exibia as pinturas de menos qualidade e preços menores. Agora, enquanto seguia pelo corredor, ela fez uma anotação mental para trocar algumas delas. Acreditava na frequente rotatividade do estoque. Uma pintura ou objeto de arte que tivesse passado despercebido poderia, num novo local, se tornar objeto de interesse de algum observador.

O carpete grosso e o som de Beethoven que saía pelos alto-falantes invisíveis abafaram seus passos, portanto, Kate não soube de sua chegada até que ela entrasse no salão principal. Sua assistente disse, alegremente:

– Ah, aqui está ela.

O homem com quem Kate estivera conversando se virou. Julie parou de repente e, por um momento, sua respiração parou também.

Derek Mitchell, com um sorriso radiante por ter puxado o tapete debaixo de seus pés, disse, agradavelmente:

– Bom-dia.

Ela encontrou a voz para retribuir o cumprimento.

– O Sr. Mitchell já estava aqui quando cheguei para abrir – disse Kate. – Eu disse a ele que você provavelmente não chegaria antes das dez e meia, ou mais, mas ele ficou feliz em esperar até que você chegasse. Nós tomamos um expresso.

Por trás dele, Kate estava sorrindo e erguendo e abaixando as sobrancelhas. Julie quase podia ouvi-la dizer Que gato!.

Ele estava usando um terno com colete, camisa e gravata monocromáticas, abotoaduras discretas. Mais arrumado do que suas roupas de viagem. Excelente qualidade e corte. Esbanjava confiança e uma masculinidade rústica ligeiramente incompatível com a roupa urbana, como se o guarda-roupa tivesse sido escolhido

cuidadosamente para sua enganação.

Julie desviou os olhos dele e olhou para baixo, para o cão deitado aos seus pés.

– Essa é Maggie – disse ele.

– Sei que geralmente não permitimos animais de estimação na galeria – Kate se apressou em dizer –, mas o Sr. Mitchell me garantiu que Maggie só faz necessidades fora de casa e, na verdade, é mais humana do que canina. Ela não é linda?

Como se tivesse percebido ter sido apresentada, a cadela ergueu a cabeça para olhar para Julie, bocejou abertamente, depois colocou a cabeça novamente ao lado dos sapatos italianos de seu dono.

Julie observou os sapatos vindo em sua direção. Quando chegaram até ela, ergueu os olhos e olhou diretamente no rosto de Derek Mitchell.

– Srta. Rutledge. – Ele estendeu a mão direita. Sabendo que ela teria que participar dessa encenação, por causa de Kate, ela apertou a mão dele.

– Sr. Mitchell. Bem-vindo à Chez Jean. Como soube a respeito de nós?

– Fiz meu dever de casa. – Ele segurou a mão dela por um segundo além do tempo antes de soltá-la.

– Ele está à procura de algo especial – disse Kate.

– De que tipo? – perguntou Julie, dirigindo a pergunta a ele.

– Ainda não sei.

– Para casa ou escritório?

– O quarto dele – disse Kate. Novamente subindo e descendo as sobrancelhas, o que Julie fingiu não ver.

– Pelo que já sei – disse ele –, a senhorita tem uma ótima reputação quanto a prover a satisfação do cliente.

As bochechas de Julie queimaram. Por causa de Kate, ela disse:

– Eu tento.

– Ah, estou certo de que faz mais que tentar. Faz tudo que pode. – Ele parou por alguns instantes. Então, disse: – Já passei de carro pela galeria milhares de vezes e sempre admiro os trabalhos que estão expostos nas vitrines. Mas não tinha razão para parar.

– E agora teve?

– Agora tive.

Ela recuou.

– Bem, tenho certeza de que Katherine encontrará a peça perfeita. Ela tem muito conhecimento.

– Ele veio ver você.

– Isso mesmo, Srta. Rutledge. Não que a Srta. Fields não seja totalmente encantadora e, estou certo, com muito conhecimento. – Ele lançou a Kate um sorriso por cima do ombro, o qual ela retribuiu antes que ele virasse de volta para Julie. – Mas eu estou me colocando em suas mãos muito hábeis.

Para ela, o duplo sentido foi sutil como um trem de carga. Um caleidoscópio de sensações relembradas cruzou-lhe a mente. Sua garganta fechou de constrangimento e

foi preciso cada milímetro de sua força de vontade para não demonstrar. Para piorar as coisas, ele sabia exatamente do que ela estava se lembrando.

Ele a encurralara com eficácia. O sorriso, o cachorro, a postura – ele influenciou Kate completamente. Que possível explicação ela poderia dar à sua assistente, se o colocasse, junto com sua cadela bem-comportada, para fora e trancasse a porta?

Sua boca, seca como poeira, mal conseguiu formular uma pergunta.

– Tem algo especial em mente, Sr. Mitchell?

– Estou aberto a qualquer coisa.

Certo, basta de insinuações sexuais. Ela disse, sucinta.

– Preciso de alguma direção. De outro modo, irei desperdiçar seu tempo. – E o meu, estava implícito.

– Não sei o que quero até que eu veja, mas, quando vejo, sou rápido. – Ele esperou um segundo, depois acrescentou: – Talvez a senhorita possa me mostrar algumas coisas.

Tentando ser prestativa, Kate disse:

– Há algumas peças no gabinete. Eu cuido da loja. Incluindo Maggie. – Ela ajoelhou e afagou as costas da cadela. – Ficaremos bem, não é Maggie?

Derek Mitchell sorriu.

– Não a ouço reclamando. Vá na frente, Srta. Rutledge.

Depois de ter decidido, Julie virou-se e o conduziu pelo corredor até a pequena sala que ficava à esquerda, que ela chamava de gabinete. Era uma sala onde colecionadores distintos podiam estudar as esculturas e pinturas sob a melhor iluminação. Tinham tempo para analisar uma peça sob todos os ângulos, com conforto, serenidade e absoluta privacidade. Era onde Julie geralmente fechava o negócio, portanto, a sala tinha um design intimista.

Ao passar pela porta, ela tocou o interruptor e a iluminação suave acendeu. Derek Mitchell entrou atrás dela. Ela fechou a porta e girou para ficar de frente para ele.

– O que você está fazendo aqui?

– Por que você fez aquilo?

Fechados no pequeno espaço, eles falaram ao mesmo tempo, fulminando um ao outro.

Ele estava com uma postura combativa, as mãos nos quadris e o paletó aberto. Era uma postura que talvez assumisse com uma testemunha que estivesse interrogando, e Julie se ressentiu.

– Como se atreve a vir aqui? – disse ela.

– Como eu me atrevo? Como eu me atrevo? Isso vindo da artista das alturas?

Ela virou de costas para ele.

– Não vou falar sobre isso.

– O cacete que você não vai. – Ele a contornou para que eles voltassem a ficar cara a cara. – Há uma prova preponderante de que nosso encontro não foi casual.

– É claro que não foi. Você acha que eu seduziria um estranho absoluto em um banheiro público se não tivesse um motivo que me forçasse a isso?

– Que a forçasse mais que a vontade de trepar?

Em princípio, ela ficou chocada demais para falar, depois, quando falou, sua voz estava trêmula de indignação.

– Eu quero você fora daqui.

– Negativo, ainda não. – Ele bloqueou o caminho dela, quando ela tentou contorná-lo. – Você certamente não estava agindo com desolação pelo seu amante morto, quando atacou meu zíper.

– Eu me recuso a ouvir isso. – Ela chegou para o lado, ele foi junto.

– Se não é seu negócio pegar homem em aviões...

– Não é.

– Então, volto à minha pergunta original. Por quê? Você me atacou de surpresa. Eu quero saber o motivo. Agora está óbvio para mim que teve a ver com Paul Wheeler. Mas, o quê? Quando embarquei naquele avião, em Paris, eu não sabia de nada a respeito dele. Por que você me queria "vencido", antes que eu fosse procurado por ele?

– É esperto, Dr. Mitchell. Vai descobrir.

– Poupe-me o trabalho. Diga-me.

Ela sacudiu a cabeça e mais uma vez tentou passar por ele. Dessa vez, ele a pegou pelo braço.

– Você prefere que eu pergunte a Doug Wheeler por que a amante de seu falecido irmão me seduziu numa aeronave?

Dando um solavanco para soltar o braço, ela disse:

– Não me importo que você pergunte a ele.

Ele sorriu como um chacal.

– Você está blefando. Você se importa, sim.

Ela o fulminava.

– Poupe-nos do constrangimento, Srta. Rutledge. Por que me comprometeu?

Ele também estava blefando. Ele não contaria a Doug sobre o episódio do avião porque não ia querer que ninguém soubesse que ele tinha sido feito de bobo. Mas estava acostumado a blefar e, segundo tudo que ela lera a seu respeito, geralmente dava certo, mesmo com os promotores mais duros. Além disso, ela alcançara seu objetivo. Qual seria o mal em saber o motivo?

– Eu fiz para que você não pudesse representar Creighton.

– O sobrinho. O que ele tem a ver com isso?

– Tudo.

– A morte do tio?

Ela assentiu.

– Ele tem um álibi.

– Apesar disso, eu sei que ele foi o responsável, Dr. Mitchell. Cedo ou tarde, a polícia também saberá. Ele será acusado e julgado. Mas você não estará lá para ver. Não pode defendê-lo. Não depois... depois...

– Ah, você consegue fazer, mas não consegue dizer a palavra.

Ele foi o primeiro a desviar o olhar longo e antagônico que eles trocaram. Ele notou

um xingamento sussurrado quando virou de costas para ela e foi até o outro lado da sala. Por alguns instantes, ficou olhando uma pintura na parede. Estava iluminada para que cada pincelada ficasse visível.

– Agora que já sabe, pode ir embora – disse ela, baixinho.

Ignorando isso, ele perguntou:

– Como soube que Doug iria me contratar?

– Na recepção, em seguida ao enterro de Paul, eu entreouvi quando ele reclamou com alguns amigos que a polícia ainda o estava interrogando e a família toda, embora eles tivessem álibis sólidos. Alguém disse que isso era ridículo, que parecia abuso policial e que talvez fosse hora de Doug arranjar um pit bull, isso é uma citação, para pôr um fim nisso.

"Doug disse que já tinha pensado a respeito. Ele soltou seu nome. Fiz uma pequena pesquisa. Li sobre seu sucesso em alguns julgamentos celebrados. Você não perde com frequência. Fiquei com medo que, tendo você como advogado, Creighton pudesse se safar pela morte de Paul."

Um longo silêncio veio a seguir, enquanto ele se mantinha de costas para ela, ainda estudando a pintura. Ele finalmente disse:

– Alguém em juízo perfeito paga um bom dinheiro por isso?

Ela teve que sorrir.

– Você se surpreenderia.

– Qual é o preço?

– Quinze mil dólares.

– Você está brincando.

– Não.

– Quinze mil dólares pela pintura de um gordo nu? – Ele se virou bruscamente. – Como você soube que eu estaria naquele voo?

– O quê? – A mudança de assunto a desequilibrou, algo que ela julgou ser calculado.

– Somente minha assistente tinha o meu itinerário, e ela jamais o daria a alguém sem o meu conhecimento e minha aprovação.

– Sharon, esposa de Doug. Um dia, na semana passada, eu liguei para falar com eles, ver como estavam.

– Você é íntima da família?

– Amistosa. Nosso elo comum era o Paul.

– Doug me disse que Paul adorava você e vice-versa.

– É verdade.

– Hã. – Ele a submeteu a um olhar cético, de cima a baixo, depois voltou ao assunto original. – Sharon Wheeler não teria o número do meu voo.

– Você a conheceu?

– Ainda não.

– Ela é... não tenho a intenção de que isso pareça descortês. Ela não é muito inteligente e é facilmente manipulada. Dei a entender que Doug me dissera que pretendia contratá-lo e perguntei no que tinha dado. Ela disse que você estava em Paris

e que seu regresso não seria antes do dia dezoito, quando Doug esperava vê-lo.

– E você resolveu assim, de repente, que me cercaria em Paris?

– Pareceu-me uma boa estratégia.

Ele conteve uma risada.

– Comparado a quê? Um ataque na praia?

– Foi uma ação drástica, sim. Mas eu tinha que pegá-lo antes que você se encontrasse com Doug. Sharon disse que você estava numa viagem de família, o que vi como vantagem. Você estaria relaxado. De guarda baixa. Não estaria esperando...

– Ser fodido. Em todo o sentido da palavra.

Ela deixou passar.

– A Delta tem quatro voos diários do de Gaulle para Atlanta. Se Doug estava tentando uma reunião com você na tarde de seu regresso, era razoável presumir que você estaria no voo mais cedo.

– E se eu não estivesse?

– Eu teria perdido o custo de um bilhete de primeira classe.

– E perdido sua oportunidade.

– Se isso não tivesse dado certo, eu teria escolhido outra hora e local.

– Para ter relação sexual?

Ela desviou o olhar do dele.

– Não, necessariamente. A verdade é que eu não sabia o que ia fazer. Apelar, talvez. Tentar ponderar com você. Apelar para sua decência ou seu senso de justiça. Mas... – Ela ergueu os ombros.

– Você não acha que possuo isso.

Ela admitiu.

– Baseada no que tinha lido a seu respeito, eu temia que essa tática não fosse funcionar. – Ela o olhou por um momento, depois, por pura curiosidade, perguntou: – Alguma vez fica apreensivo quando ganha um caso para alguém que sabe ser culpado de um crime abominável?

– Você acredita nos direitos concedidos pela Constituição?

– É claro.

– Então, essa é sua resposta. Você mudou de assunto. Por que você assumiu a rota da sedução?

– Porque me pareceu o meio mais oportuno e eficaz de comprometê-lo.

– Como toda mulher sabe, desde Eva.

– Um avião dá a sensação de desconexão de tudo que está no solo. As regras parecem não se aplicar.

– O que acontece no ar fica no ar?

– Algo assim.

– Então, você me deixou doidão de vodca, enquanto tomava suco. É, até aí, eu calculei. Você pediu à comissária que te desse suco, enquanto eu me embebedava.

– Eu não enfiei seus drinques goela abaixo.

– Não, mas você providenciou para que eu me divertisse, não foi? Saia apertada. Salto

alto. Coitadinha de você. O lado magoado com o ego ferido. A história do marido traidor é fato ou ficção?

– Fato. Só não foi nessa viagem.

– Sei. Foi por isso que você se divorciou dele? – Ela lançou-lhe um olhar e ele disse: – Eu também fiz minha pequena pesquisa.

Ela não disse mais nada sobre seu casamento fracassado. Ele continuou a olhá-la fixamente, depois circulou pela sala, olhando as pinturas expostas. Parou diante de uma delas, pousou novamente as mãos nos quadris e ficou olhando a pintura por tanto tempo que Julie temia que sua concentração pudesse fazer um rombo no meio da tela. Ela finalmente disse:

– Quando foi que você descobriu?

– Quem você era? Ontem à noite. Eu vi o noticiário. Imagine a minha surpresa. Lá estava você, a mulher misteriosa, em alta definição. Você tinha um nome e eu fiquei contente por isso. Julie Rutledge. Mas, espere aí. A Srta. Rutledge estava envolvida até o pescoço num caso criminal que, por coincidência, tinha acabado de cair no meu colo.

"Sua afirmação de despedida 'Você foi vencido' subitamente começou a fazer sentido. Pelo menos, algum sentido." Ele virou-se de frente pra ela, aparentemente esperando que ela respondesse. Quando ela não o fez, ele perguntou: "O que você quis dizer com sua última afirmação ao repórter?"

– Exatamente o que eu disse. Não foi um roubo.

– Um homem mascarado mantém um grupo de pessoas sob a mira de um revólver, exige que todos entreguem seus pertences de valor e isso não é um roubo?

– Foi um homicídio, Dr. Mitchell. Um assassinato. Paul estava destinado a morrer. O roubo foi para disfarçar o fato de ter sido um plano premeditado.

– Planejado por Creighton Wheeler, eu presumo.

– Não há presunção.

– Você parece certa de que ele estava por trás disso.

– E estou.

– Bem, aparentemente, a polícia não compartilha sua convicção, ou ele já teria sido acusado.

– Eles não têm nenhuma prova.

– Você tem?

Ela continuou em silêncio. Mesmo que ela tivesse uma arma fumegante ligando Creighton ao assassinato, Derek Mitchell seria a última pessoa da terra com quem ela compartilharia isso. Mas esse ponto era discutível, porque ela não tinha prova alguma.

– Os investigadores ainda estão interrogando Creighton, embora ele tenha fornecido um álibi – disse ela. – Isso não lhe parece estranho?

– Na verdade, não. Policiais fazem coisas estranhas o tempo todo.

– Eu tive várias reuniões com Sanford e Kimball. Ambos me parecem extremamente competentes.

A expressão de inquietação dele a fez pensar que ele concordava, mas era teimoso demais para admitir.

– Eu não conheço Roberta Kimball – disse ele.
– Sanford?
– Eu só o conheço de vista e pela reputação.
– Essa reputação inclui sua propensão a fazer coisas estranhas?
– Vá direto ao ponto – disse ele, irritado.
– Por que Sanford e Kimball ficariam voltando a Creighton a menos que suspeitassem de seu envolvimento, ao menos em certo grau? Eu sei que ele está envolvido. E Doug teme isso. Se não temesse, ele não teria contratado você, e um advogado voraz nem seria preciso. Ao contratá-lo, ele está fazendo seu trabalho de base.
– Como você fez o seu, de certo modo.
O jogo com as palavras foi deliberado e, novamente, as bochechas dela ferveram, mas ela não desviou os olhos dele.
– Isso mesmo. Eu dei um passo antecipado.
– Há muitos advogados excelentes por aí, Srta. Rutledge. E os Wheeler podem pagar o melhor. Planeja trepar com todos eles?
Ela marchou até a porta e escancarou-a. Porém, num movimento igualmente determinado, ele esticou o braço por cima do ombro dela e fechou a porta, com a mão espalmada e a manteve ali. Ela se virou no espaço apertado que ele lhe concedeu.
– Fez um grande esforço para me desqualificar, Srta. Rutledge.
– Não faz ideia.
– Acho que eu deveria ficar lisonjeado por seu medo de mim.
– É conhecido por ser implacável. Você e Creighton teriam formado um belo time.
– O que isso significa?
– Acho que me entendeu.
– Na verdade, não, porque não conheço Creighton Wheeler. Além disso, eu não a conhecia antes daquele voo da Delta. O que aconteceu naquele avião foi antes de eu ter conhecido Doug Wheeler, ou sequer saber que seu irmão tinha sido morto. Tecnicamente, estou liberado. Posso cuidar do caso, se eu quiser.
– Nem mesmo o senhor, Dr. Mitchell, por mais arrogante que seja, se atreveria a ir a julgamento representando Creighton, sabendo que eu estaria testemunhando para a promotoria. E mesmo que quisesse flertar com a possibilidade da interdição como advogado, eu asseguraria que isso nunca acontecesse.
– Você não poderia, não sem admitir sua própria culpa.
– O que eu faria. Não duvide disso, nem por um segundo.
– Iria à público com o que fizemos no toalete?
– Pode acreditar.
– O corpo de seu amante nem tinha esfriado. Mesmo com toda a moderna sofisticação, isso aqui ainda é o sul. A velha guarda, composta pelos amigos e associados de Paul Wheeler, ficaria horrorizada. – Os olhos dele varreram rapidamente a sala. – Sua clientela chique jamais passaria pela porta outra vez. Eles nunca mais gastariam um centavo do dinheiro velho com você. Talvez a perdoassem pelo que você fez no avião, mas nunca a perdoariam por ostentar isso e arrastar o nome de Paul

Wheeler e, com aquela esposa santificada, a Mary, passando pelo deboche. Se você sujar sua reputação, suja a dele.

– Foi por ele que eu fiz isso. – Falando com veemência, ela o empurrou para o lado para não ficar mais encurralada entre ele e a porta. – O sobrinho de Paul mandou matá-lo. Paul ia querer que eu expusesse o crime de Creighton. Ele esperaria que eu fizesse um grande esforço, como você colocou, para ver Creighton punido.

Os olhos dele eram avelãs, com pontinhos cor de chocolate. Ele fixou o olhar no dela por um tempo tão longo que se tornou desconfortável.

– Fez isso por Paul Wheeler?

Ela endireitou a coluna e sacudiu a cabeça.

– Esse é seu único motivo?

– Sim.

– Por ele?

– Sim.

Ele olhou-a de cima a baixo, com os olhos se acendendo nos locais que conhecia pelo tato. Ele sorriu como faria ao saber que solucionara o enigma do relato de uma testemunha.

– Engane a si mesma, Julie. Ou tente. Mas você não engana a mim.

CAPÍTULO 8

Kate enfiou a cabeça na porta do escritório e olhou para Julie, na expectativa.

– E então?

Julie fingiu olhar a longa lista de ligações internacionais na conta telefônica. Ela não tinha acompanhado Derek Mitchell até lá fora. Mostrando-lhe aquele sorriso arrogante, ele girou a maçaneta e foi embora. Ela esperou um minuto inteiro depois de sua partida para deixar o gabinete.

Ela entrara sorrateiramente no banheirinho reservado para ela e Kate, onde engoliu duas aspirinas, para ajudar a afastar uma dor de cabeça que vinha chegando, lavou as mãos, e desejou que elas parassem de tremer. Apoiando-as sobre a pequena pia, respirou fundo várias vezes. Componha-se, Julie.

Voltou ao escritório e atacou a pilha de correspondência. Mas deveria saber que a curiosidade de Kate e seu senso dramático exigiriam detalhes.

Julie manteve os olhos na conta telefônica.

– E então, o quê?

– O que você achou dele?

– Do Dr. Mitchell? – Ela fingiu indiferença. – Ele se veste com bom gosto. Se isso se reflete ou não na arte, ainda teremos que ver. Consegui sacar algumas ideias dele, o que vai me ajudar no processo de seleção.

– Mas o que você achou dele? Eu o achei um sonho.

Julie franziu o rosto.

– Ele não é meio velho pra você?

– É mais ou menos a mesma diferença de idade entre você e Paul.

– Aquilo era diferente.

– Como?

– Eu era mais velha quando conheci Paul, assim, a diferença não parecia tão grande. Você ainda está longe dos trinta.

Kate estava irreprimível.

– Enquanto vocês estavam no gabinete, eu fiz uma busca no Google. Ele é um advogado muito famoso. Defesa criminal. Ele se deu muito bem e, o melhor de tudo, é solteiro.

Julie soltou a conta telefônica sobre a pilha de outras contas e esfregou a testa, no lugar onde a dor de cabeça estava desafiando os analgésicos.

– Kate, eu tenho uma pilha de trabalho aqui pra cuidar.

Finalmente, um pouco da efervescência da mais jovem crepitou.

– Certo. Mas eu o achei apetitoso. Com cachorro e tudo.

O telefone tocou. Kate esticou o braço para pegar.

– Chez Jean. Pois não? – Ela ficou ouvindo, depois pediu para a pessoa aguardar e entregou o fone a Julie. – Investigador Sanford.

– Obrigado por vir tão rápido, Srta. Rutledge. – Sanford gesticulou para que ela sentasse numa cadeira em seu cubículo, o qual, infelizmente, já era um território familiar para ela.

– O senhor disse que era importante.

– Esperamos que sim. – Roberta Kimball estava aguardando com ele, quando Julie chegou. – Nós isolamos um cara no vídeo de segurança do lobby.

Sanford sentou-se na cadeira de sua escrivaninha e foi direto ao assunto.

– Ele decididamente estava no hotel na hora do roubo, mas não está nos vídeos de segurança da garagem e não usou o manobrista.

– Ele não queria o carro rastreado, é o que imaginamos – disse Kimball. – Temos sua entrada às 12:42, e saída, às 15:15, horário aproximado em que o elevador chegou ao lobby e o caos se instalou.

– Entre o oitavo andar e o lobby o elevador não parou. A cronometragem dá certo? – perguntou Julie.

Kimball assentiu.

– Ele estava contando com o choque de todos. Enquanto nosso jovem da Califórnia estava recuperando o raciocínio para apertar o botão de descida, nosso culpado teria tempo para entrar na escada, tirar o conjunto esportivo, calçar sapatos e descer os oito andares correndo. Ele teria de se apressar, mas nós fizemos dois oficiais fazerem isso, incluindo o Sanford, aqui. Pode ser feito.

– Ele não é um funcionário – disse Sanford. – A gerência também não acredita que seja um hóspede. Ninguém do pessoal da recepção se lembra de ter feito seu check-in, e eles são treinados para se lembrarem de rostos e nomes. Parte do serviço do Moultrie é famosa por se dirigir aos hóspedes pelo nome assim que eles chegam. O porteiro tem certeza de tê-lo visto, mas não se lembra de manusear bagagem para ele, nem de encaminhá-lo a um carregador, nem ao pessoal do check-in.

– Ninguém se lembra de alguém falando com aquele tipo de voz que a senhorita e os outros que estavam no elevador descreveram – disse Kimball.

Antes de sua viagem à França, Julie tinha passado várias horas ouvindo às gravações de vozes variadas, mas tinha sido um desperdício de tempo.

– As outras vítimas? – perguntava ela agora. – Quando ouviram as gravações...

– Disseram o mesmo que a senhorita. Nenhuma delas coincide com a dele, portanto, não deu em nada.

Depois de uma pausa, Sanford continuou:

– Estamos verificando os grupos que estavam tendo reuniões no hotel, naquele dia. Ainda estamos esperando para ver se alguém o reconhece. Uma das camareiras do hotel acha que se lembra de tê-lo visto naquele dia, num dos andares de hóspedes, mas não tem certeza.

– Ela nem tem certeza se o céu é azul – disse Kimball, secamente. – Ela não tem certeza de que andar seria, nem se é o mesmo cara. Não estamos contando com ela. Pessoalmente, eu acho que ela o está identificando porque quis atenção.

– Estamos circulando essa foto entre os hóspedes do hotel – prosseguiu Sanford. –

Mas isso é uma tarefa e tanto. Já faz quase duas semanas. As pessoas se espalharam por todo lado. Algumas estão no exterior. Por isso, é um processo que consome muito tempo, e finalmente alguém pode identificá-lo como um visitante inofensivo que estava lá durante sua estadia e, nesse caso, voltamos à estaca zero.

"Oficiais estão mostrando a foto para olheiros pagos. Até agora, nada. O que não significa que eles não o reconhecem. Apenas significa que não estão dispostos a identificá-lo. Acontece o mesmo em lojas de penhor. Se ele passou adiante as coisas que roubou, ninguém está dizendo.

"Também temos policiais olhando fotografias de fichas, mas mesmo que ele tenha sido fichado por roubo à mão armada ou qualquer outro crime, a aparência pode mudar, e essa foto não é das melhores, por ser uma imagem congelada tirada de um vídeo."

– Um vídeo vagabundo – acrescentou Kimball. – Com pouca luz. Ângulo ruim. Ele não é muito além de um borrão, mas é um começo.

– Achamos que deveria dar uma olhada – concluiu Sanford.

Ele tirou a fotografia de um envelope pardo. O coração de Julie estava disparado quando ela esticou a mão para pegá-la. Deu uma olhada, depois ergueu os olhos para os investigadores e soube que sua reação devia estar aparente. Vocês estão brincando?

– É isso?

– Eu avisei que era ruim. Na verdade, diante disso, o Moultrie substituiu suas câmeras de segurança por modelos novos e atualizou todo o sistema.

Julie estudava a foto, mas sacudiu a cabeça de desânimo.

– Isso pode ser qualquer um.

– Você não o reconhece? – pressionou Kimball.

– Nem vagamente.

– A fotografia foi ampliada – disse Sanford –, portanto, está ainda mais granulada do que o vídeo. Olhe novamente. Tente juntar os pixels.

Julie fez como lhe foi pedido, mas não adiantou. O rosto era um borrão de luz e sombra, obviamente masculino, mas fora de reconhecimento. Ela devolveu a foto para Sanford.

– Eu gostaria de lhe dar um nome, acredite.

– Bem, valeu a tentativa. – Sanford colocou a foto de volta no envelope.

– Mostrou a mais alguém? Às outras vítimas do roubo?

– Passamos tanto por fax, quanto por e-mail – disse Kimball. – As moças de Nashville nos retornaram imediatamente com uma negativa. Estamos esperando notícias do californiano. Ainda é cedo por lá.

– E quanto ao Doug? Creighton?

Sanford assentiu.

– Ocorreu-nos que o atirador poderia ser um ex-funcionário da Wheeler que tivesse rancor por seu chefe. Pedimos a Doug Wheeler para vir até aqui dar uma olhada. Ele nos indicou seu advogado. Desde ontem, ele tem um novo.

Kimball fungou com óbvio desgosto.

– Derek Mitchell. Um castigo.

Julie tentou manter sua expressão impassível.

– Por quê?

– Ele ganha.

– Não, quero dizer, por que eles contrataram um novo advogado?

Nenhum dos investigadores se aventurou a dar uma opinião, mas Julie percebeu que sua pergunta aparentemente inocente tinha ressonado em ambos.

– Parece que estão nervosos, não?

Kimball e Sanford trocaram um olhar. Como se assimilasse a dica, Sanford levantou-se e pediu licença para fazer uma ligação.

– Senhoras, fiquem à vontade para usar meu espaço aqui pelo tempo que precisarem. Com licença.

Quando ele já não podia ouvir, Julie sorriu para Roberta Kimball.

– Vocês dois se comunicam sem linguagem. Eu já notei isso, em mais de uma ocasião.

– Estamos trabalhando juntos há alguns anos, mas parece muito mais. Quando fomos designados para trabalhar juntos, logo nos entrosamos. Nossos métodos de investigação são compatíveis, assim como nossas personalidades.

– No entanto, vocês são tão diferentes.

– Não posso argumentar quanto a isso – disse ela, afável. – Negro, branca. Homem, mulher. Casado, solteira. Alto e magro. Baixa e atarracada. Talvez as diferenças sejam o motivo para que a parceria dê certo.

Julie ficou olhando a investigadora por um momento, depois perguntou:

– Então, você é qual?

– Sou a baixa e atarracada.

Julie sorriu.

– É a boa policial ou a malvada?

Kimball, sem se intimidar, retribuiu o sorriso.

– Onde compra suas roupas? Está sempre tão... impecável.

– Obrigada.

– Claro que se eu quisesse usar um vestidinho preto desses seria um fiasco fashion. – O sorriso de Kimball era bem-humorado e autodepreciativo. Ela pegou um peso de papel de bronze, que tinha formato do buldogue mascote da Universidade da Geórgia, e remexeu, distraída, o tempo todo observando Julie. Finalmente, ela disse:

– Ambos somos policiais bons.

Julie respirou fundo e soltou o ar.

– Suponho que isso dependa do ponto de vista.

– É, acho que depende.

– Qual é o próximo passo com os vídeos de segurança, a fotografia?

– Vamos continuar a mostrá-los por aí, torcendo para que alguém possa identificar o cara e liberá-lo, ou incriminá-lo. Enquanto isso, estamos vendo os vídeos gravados três dias antes do tiro. O hotel guarda-os somente por quatro dias, antes de gravar por cima, portanto, esse é o tempo retroativo máximo que temos.

"Temos técnicos olhando quadro a quadro, para ver se conseguem identificar esse

cara outra vez. E, se o fizerem, ele irá para o topo da lista, como suspeito viável. Porque para fazer isso, ele tinha que saber para onde estava indo, quanto tempo levaria para fazer tudo aquilo na escada e sair, antes do bloqueio da saída."

– Ele teria preparado o terreno.

Kimball riu quando Julie usou essa frase, e Julie foi pega ligeiramente desprevenida, quando a investigadora perguntou, subitamente:

– O que acha de Creighton Wheeler?

– Acredito que eu já tenha dado minha opinião sobre ele.

– Deu a entender que acha que ele está por trás desse roubo e do tiro.

Julie não disse nada.

– Na verdade, suas indiretas têm sido tão óbvias quanto um furacão. Sanford e eu teríamos que ser muito imbecis para não notarmos.

– Não acredito que sejam imbecis.

A investigadora colocou o peso de papel de volta na mesa e cruzou os braços sobre seu porte volumoso, olhando Julie de forma sagaz.

– Conhece bem o Creighton?

– Baseio minha opinião mais sobre o que Paul me dizia a respeito dele. Meus contatos pessoais com ele sustentam tudo que Paul disse.

– Que contatos pessoais?

– Os mais limitados possíveis, eu lhe garanto. Mas Paul era muito sociável. Reuniões com a família dele eram inevitáveis. Festividades. Jantares de aniversário. Coisas assim.

– Acha que Creighton é capaz de cometer assassinato?

Julie achava que sim, mas não podia dizer com certeza, porque não tinha base para sua opinião, exceto uma intensa desconfiança e aversão por ele. Paul mencionara um lado mais sinistro do sobrinho, algo que sua boa aparência ocultava. A intuição que ela tinha quanto ao seu verdadeiro caráter era forte, mas também subjetiva, portanto, falível. Esquivando-se, ela devolveu a pergunta.

– O que a senhorita acha, Srta. Kimball?

– Honestamente? Acho que todos são capazes de cometer assassinato. Mas, quanto a Creighton Wheeler, especificamente, acho que ele é um riquinho esperto e presunçoso que precisa de umas belas palmadas, tanto quanto todo mundo já precisou. – Kimball franziu o rosto. – Mas parece meio óbvio demais que ele mandasse matar o tio, quando, diante de sua morte, ele herdasse um caminhão de dinheiro.

– Teria que conhecer Creighton. Ele gosta de piadas particulares.

– Piadas particulares?

– Ele gosta de estar à frente de todo mundo.

– Por exemplo?

– Humm. Vejamos. Certo, um exemplo perfeito. Alguns meses atrás, eu fiz uma exposição de um artista novo. Champanhe e caviar. Uma lista distinta de convidados. Conhece a cena.

– Os homens de gola rolê de seda e todo mundo de preto.

Julie sorriu diante da precisão da investigadora.

– Durante o evento, eu notei que Creighton e vários convidados estavam aglomerados ao redor de uma pintura em particular. Fui até lá olhar o que os atraíra.

O sangue de Julie ainda fervia, ao relembrar o incidente e a presunção de Creighton.

– Ele tinha levado uma tela escondida e pendurado na parede. Era uma natureza morta horrível que ele arranjara num brechó. Forjara a assinatura do meu artista na tela. Estava debochando do artista, da minha reputação e dos meus clientes, fazendo com que parecessem ingênuos esnobes de arte.

– E o que fez?

– Eu os afastei dele. Removi a pintura. Não houve um verdadeiro estrago. O artista nem ficou sabendo. Mas esse é o tipo de piada cruel que Creighton gosta de fazer. Ele gosta de fazer a pessoa de tola e qualquer um serve.

– Ele zomba das pessoas. Essa é uma característica irritante, mas não chega a ser um crime.

Para não ter sua teoria tão facilmente descartada, Julie disse:

– Ele sabe que vocês o achariam um suspeito óbvio demais. Entende? Essa é sua piada particular e eu lhe juro, ele está morrendo de rir.

Kimball olhou para Julie pensativa, depois pegou o envelope pardo contendo a fotografia do homem não identificado e bateu na palma da mão.

– Acho que por enquanto, é isso. Agradecemos sua vinda.

Dodge Hanley despencou numa das cadeiras diante da mesa de Derek e deslizou uma pasta até ele.

– Isso foi o que consegui até agora.

Derek abriu o folder, deu uma olhada no material escaneado.

– Resumindo?

Dodge exalava cheiro de fumaça de cigarro. Apesar de todos os alertas de ameaça de morte dos efeitos do tabaco, ele nem tentava parar e ainda tinha um ressentimento, que beirava o deboche, dos fumantes que tentavam, chamando-lhes de covardes. Seus dedos manchados de nicotina tamborilavam nos braços da cadeira e ele se remexia em busca de uma posição mais confortável, o que era em vão, porque ele nunca ficava totalmente confortável, a menos que tivesse um cigarro na mão.

– Resumindo, ela está limpa. Nunca foi detida, nem por mau comportamento.

– Infância?

– Cresceu em Aiken. A mãe e o pai trabalhavam no sistema público de ensino. Ele era professor, ela trabalhava no prédio da administração. Sólidos cidadãos frequentadores da igreja, pagadores de impostos. Sem irmãos. Os pais já são falecidos.

Antes de prosseguir, ele respirou fundo.

– Sua garota é inteligente. Tem formação completa em Vanderbilt, depois, quatro anos mais tarde, ganhou uma bolsa para estudar artes na França. Conheceu e casou-se com um artista francês. Não consigo me lembrar do nome, mas está aí.

Derek não disse a Dodge que já sabia do casamento e do divórcio.

– E quanto a ele?

– Nada sobre ele. Nem fama, nem fortuna, aparentemente, nada de talento. Eles se divorciaram depois de três anos, mas, por essa época, Paul Wheeler tinha entrado na vida dela. Foi um golpe de sorte pra ela.

Derek ergueu a cabeça e olhou do outro lado da mesa para Dodge, cujo rosto parecia amarelado de tantos anos de fumo, e continuava impassível, apesar do comentário editorial. Ele era inabalável, cínico e não havia muita coisa que o surpreendesse, pois durante seus quarenta e poucos anos, ele passou rastreando vilões e alegava já ter visto de tudo. Considerava a maior parte dos seres humanos mais baixos que animais.

Trabalhava como investigador da delegacia do xerife, quando se deparou com Derek no tribunal. Dodge estava testemunhando para a acusação, mas sua atenção absoluta aos detalhes causou uma forte impressão em Derek durante o interrogatório. Depois do julgamento, ganho por Derek, ele foi em busca do mal-humorado Dodge e perguntou se ele estaria interessado em trabalhar em período integral para sua firma.

Dodge debochou.

– E ir para o lado sinistro? Não, obrigado, doutor.

– Eu dobro seu salário.

– Quando é que eu começo?

Na verdade, Dodge ficara feliz em deixar a delegacia do xerife, onde severas regras de investigação e interrogatório eram impostas. Enquanto ele e Derek selavam o acordo tomando umas cervejas, Dodge perguntou:

– É exigente quanto à forma como obtenho a informação?

– Não. Mas se você for pego fazendo algo antiético ou ilegal, estará por sua conta.

– Sem problema. – Dodge tomou sua cerveja. – Não vou ser pego.

O que não chegou a exatamente tranquilizar Derek quanto aos seus métodos extrapolarem, mas ele nunca perguntou como, nem onde, nem por intermédio de quem Dodge arranjava suas informações, sentindo ser melhor não saber.

Por conta do banimento do fumo em prédios públicos, e da aversão oculta de Marlene por seu cinzeiro de buquê, Dodge trabalhava em casa – onde quer que isso fosse. Derek não tinha ideia. Dodge lhe dera um número de celular e o de uma caixa postal, para onde Derek mandava seus cheques. De outro modo, Dodge não anunciava seu paradeiro, nem o que fazia entre um trabalho e outro. Mas ele respondia rapidamente quando Derek o acionava.

Na noite anterior, depois de ver Julie Rutledge no noticiário noturno, Derek deu uma olhada nos arquivos que Marlene mandara para sua casa, especificamente à procura de referências da "companheira" de Paul Wheeler. Ela era mencionada frequentemente, mas não havia muita informação pessoal sobre ela, e seu computador de casa encontrara pouca coisa que não estivesse relacionada à galeria. Ele ligara para Dodge e pedira que levantasse as informações confidenciais.

– Para quando você precisa?

– Para ontem.

– Entendido.

Como sempre, Dodge tinha arranjado. Estava esperando por ele na empresa, quando Derek chegou após seu encontro na Chez Jean. Agora, ele perguntava:

– Como foi que aconteceu esse golpe de sorte para Julie Rutledge? Como ela e Wheeler se conheceram?

Dodge apalpou o bolso da camisa como se procurasse um cigarro.

– Isso, eu não sei. Ele era um americano rico com bons contatos em Paris. Ela trabalhava numa galeria de alto nível e se mantinha e ao marido lamentável, portanto, imagino que...

– Espere. Marido lamentável?

– Nenhuma renda registrada. Duas apreensões por bebedeira e desordem. Ou o equivalente francês.

– Certo.

– Onde eu estava?

– Então, o que você está achando?

– O que estou achando é que Wheeler a encontrou por intermédio de conhecidos comuns do mundo da arte. Mas isso é pura especulação, você entende.

Derek assentiu.

– Como quer que tenha sido, ela logo se livrou do marido inútil, e ela e Wheeler formaram um par. Ele a trouxe de volta para os Estados Unidos e montou o negócio pra ela, aqui em Atlanta.

– Nossa. Como será que ela retribuiu esse favor?

A risada de Dodge soou como uma pedra num pote metálico.

– Você acha que ele era o patrão?

– Você acha?

– Bem, talvez ele fosse, no começo. Mas Julie é uma garota inteligente. Wheeler não lhe deu dinheiro para comprar a galeria, ele emprestou. Na verdade, quem emprestou foi o banco, Wheeler foi fiador. A galeria não deu lucro durante o primeiro ano, mas, desde então, ela está no azul e fazendo dinheiro. O empréstimo foi pago. Ela comprou sua casa em Garden Hills sozinha, paga suas próprias contas e faturas de cartões de crédito. Ela é financeiramente independente de Wheeler. Ao menos, é isso que parece no papel.

Derek recuou a cadeira e levantou. Ele pulou por cima de Maggie, que estava esparramada no chão, roncando, e foi até a parede de vidro. Minutos se passaram, enquanto ele olhava vagamente a vista e pensava sobre o que sabia de Julie Rutledge, passado e presente.

Mas que merda.

Por um lado, o relatório de Dodge era uma decepção. Seu histórico não era tão sórdido como ele havia esperado. Dodge não tinha descoberto o fator arrá! – como uma longa lista de "benfeitores" – com a qual Derek poderia condená-la. Por outro lado, ele estava contente porque nada criminal ou perverso tinha sido escavado.

Ela era precisamente o que aparentava ser, uma mulher inteligente, culta, educada e bem-sucedida por seus próprios méritos, que tivera a sorte de se apaixonar por um

homem muito rico e ter seu amor retribuído.

Ela estava ajoelhada ao lado do amor de sua vida, quando a parte de trás da cabeça dele foi explodida. Ela queria seu assassino punido com a pena máxima da lei. Com essa finalidade, havia seduzido o homem que achou ser capaz de evitar isso. Recorreu ao mais antigo truque da cartilha, que também era, como ela enfatizara, o mais oportuno e eficaz.

Talvez fosse simples assim, e ele só estivesse tentando complicar as coisas.

Ele estava tão perdido em pensamentos que quase se esqueceu de que Dodge estava ali, até que o investigador disse:

– Quer me dizer por que você está tão interessado nela?

– Fui contratado pela família para representá-los durante a investigação da morte de Wheeler.

– Legaaal – disse Dodge. – Grana graúda vem em nossa direção. Mas ela não é Wheeler. Ela também está te contratando?

– Não, mas ela é... foi... um aspecto fundamental na vida de Wheeler nos últimos anos. Eu queria algum histórico.

– Você a conheceu?

– Eu a vi na TV. – O que não era toda a verdade, mas decididamente não era mentira.

– Acha que ela está envolvida?

– Eu não sei o que pensar – Derek murmurou, pra valer. Ele voltou. Dodge já estava de pé, preparando-se para ir embora. Ele só aguentava um certo limite sem tragar a nicotina. – O que você descobriu sobre Creighton Wheeler?

– Gasta muito dinheiro, joga muito tênis, dirige carros chamativos. Recebeu uma porção de multas, todas dispensadas pelo juiz. Não encontrei nada ligado ao falecido tio Paul.

– Ele poderia ter feito isso?

– Ele tem um álibi.

– Ele poderia ter feito isso? – Derek repetiu, mais baixo.

Dodge exalou o ar carregado de vapores nocivos.

– Tudo é possível.

– O que seu instinto diz?

– Eu não ia querer minha filha saindo com esse cara.

– Você não tem filha.

– Se eu tivesse.

– Por que não?

– Ele gosta de piranhas. Duas, três, por semana. As garotas de agência. Não que haja algo errado nisso, mas...

– Mas você não ia querer sua filha envolvida com ele.

– Nem você. – Dodge passou a mão na boca, puxando o lábio inferior, depois soltando. – Mas matar por milhões, quando já se tem milhões? Qual seria o sentido? Por que simplesmente não esperar que o tio morra de causas naturais, depois pegar a grana?

– Sou inclinado a concordar – disse Derek. – Além disso, dois bons investigadores o interrogaram intensivamente, desde o ocorrido, e não descobriram nada. Na verdade, se você acreditar no press release, eles não têm nada e ponto final.

– Agora eles têm alguma coisa. – Dodge apontou para as pastas que ele trouxera. – Aí dentro, na pilha inferior.

– Dá uma dica.

– Pra estragar a surpresa? Basta dizer que é a parada mais quente dos anais do departamento de polícia.

Derek sacudiu a cabeça, maravilhado.

– Algum dia, antes que eu morra, ou que você morra, prometa que vai me contar quem são suas fontes.

– Vou dançar no seu enterro e meus segredos vão morrer comigo. – Dodge sorriu e seguiu até a porta. – Falando nisso, sua cara de blefe de jogador de pôquer pode melhorar, doutor.

– O que quer dizer?

Dodge virou. Com a língua espetada dentro da bochecha, ele disse:

– Eu também a vi na TV.

CAPÍTULO 9

– Dr. Mitchell, o sr. Wheeler está aqui. – Marlene estava em pé, do lado de fora, e Creighton Wheeler entrou desfilando no escritório de Derek.

Derek levantou e encontrou o jovem no meio do caminho.

– Derek Mitchell.

– Creighton Wheeler.

Derek estendeu a mão, mas Creighton estava olhando a vista da parede envidraçada e não notou. Marlene disse para que ele a chamasse, caso eles precisassem de algo, e saiu. Derek gesticulou para Creighton, em direção ao mesmo conjunto de poltronas, onde havia se reunido com seu pai, no dia anterior.

– Fique à vontade.

– Eu sempre fico – disse Creighton, ao sentar numa das poltronas.

Maggie gemeu e veio cheirá-lo.

– Essa é Maggie – disse Derek.

A maioria das pessoas estica o braço para afagar-lhe a cabeça. As mulheres falam com ela amorosamente. Homens perguntam se ela foi treinada como cão de caça. Creighton Wheeler, no entanto, demonstrou total desinteresse, exceto ao dizer: "Prazer em conhecê-la, Maggie."

O escritório prendia muito mais a sua atenção. Ele continuou sua lenta inspeção, mas, se estava gostando ou não, Derek não fazia ideia. Sua expressão era ligeiramente curiosa, mas ele não demonstrava nada do que estava pensando.

Derek sentou de frente para ele.

– Pode se servir. – Na mesa de centro, Marlene havia colocado o balde de gelo, copos e garrafas de água.

– Não, obrigado.

Ele era bem mais bonito que a maioria dos astros de cinema de sua idade. De qualquer idade. Derek achou que seus cabelos louros talvez tivessem mechas artificiais, mas, se fosse o caso, tinham sido feitas com destreza. Seus olhos claros, azuis, eram tão inocentes que Derek logo desconfiou de sua dissimulação. Ele transparecia um ar de tédio, condescendência e íntima diversão.

Derek instantaneamente concluiu que não gostava dele.

– Você está meia hora atrasado.

Os olhos azuis pararam de percorrer o escritório e se fixaram em Derek.

– Estou? Desculpe. Eu estava de babá da minha Porsche. Pode me cobrar pelos minutos que perdeu.

– Farei isso. – O sorriso de Derek não foi mais sincero que o pedido de desculpas de Creighton. – Minhas condolências pela perda de seu tio.

– Obrigado, mas não chego a estar arrasado por isso.

Derek não se surpreendeu com sua franqueza. Uma pessoa com a arrogância de Creighton geralmente não mede palavras.

– Seu pai mencionou que vocês dois tinham suas diferenças.

– O que temos aqui é... falha de comunicação.

Derek franziu o rosto.

– Desculpe?

– Rebeldia Indomável. Strother Martin como o carcereiro. Grande ator. Ele também participou de Butch Cassidy e Sundance Kid.

– Outro filme de Paul Newman.

Creighton deu seu primeiro sorriso sincero a Derek.

– Estou impressionado. Conhece de história de cinema. Lembra-se do filme em que Newman interpretou o advogado exausto?

Derek percebeu que estava sendo sacaneado, mas manteve uma expressão agradável e seguiu o jogo.

– Lembre-me.

– O veredicto. "Esse é o caso, esse é o caso, esse é o caso." Newman diz. Muito convincente. Ele deveria ter ganhado o Oscar por esse filme, em vez de A cor do dinheiro. Quando ele morreu, nós perdemos um dos grandes.

– Seu pai me disse que você é um grande fã de cinema.

Creighton pareceu abrir exceção ao termo.

– Mais que isso. Estudei cinema na UCLA.

– Queria ser cineasta?

Ele se retraiu.

– Deus, não. Muito trabalho duro. Horários horríveis. Ter que se submeter a uns babacas e aturar as crises matinais das prima-donas e das que já foram e não são mais? Não é pra mim, Dr. Mitchell. Prefiro assistir aos filmes que outras pessoas fazem.

– Como crítico?

– Não, só por diversão. Nunca tive qualquer ambição pela indústria em si. Ou por qualquer outra. Que era uma das questões sobre as quais meu querido tio falecido e eu discordávamos. Ele achava que eu deveria ter me formado em negócios, ido para Harvard, feito mestrado, ficado com tesão em trabalhos de perdas e lucros. Não creio – acrescentou ele, debochado.

– Mas você trabalha no negócio da família.

– Tenho um escritório na sede corporativa. Eu não trabalho.

Ele lançou a Derek um sorriso perfeito, que o advogado teve o ímpeto de danificar com o punho. Controlando o impulso, ele pôs a mão na cabeça de Maggie e afagou do jeito que ela gostava.

– Seu pai acha que você precisa dos serviços de um advogado criminal.

– Ele é muito preocupado.

Observando atentamente para avaliar sua reação, Derek perguntou:

– Ele tem motivo para se preocupar?

– Se quer dizer por causa daqueles investigadores que ficam me assediando, então, sim. Se quer dizer por eu ser culpado de algo, não. Eu estava jogando tênis quando meu tio foi morto.

– Foi o que ouvi dizer.

– Além disso, se eu tivesse matado meu tio Paul, eu não teria feito numa porra de um roubo.

Derek se serviu de um copo d'água e bebeu.

– Tem certeza de que não quer um pouco?

– Não, obrigado.

– Ontem à noite, no noticiário, a companheira de seu tio disse aos repórteres que ela não achava tratar-se de um roubo.

– Companheira? – Creighton repetiu, debochado. – Sinônimo de piranha?

– É isso que você pensa de Julie Rutledge?

– Eu estava com uma prostituta na minha casa, ontem à noite – disse ele, num gesto negligente. – Não sou moralista. Não ligo para o que o tio Paul ainda pegue. Na verdade, bom pra ele. Só não dá pra bancar a viúva. Ele transformou Julie em algo especial, quando, na verdade, ela treparia com o cachorro, se achasse que isso poderia beneficiá-la.

Derek recolocou seu copo de água na mesa, limpou o suor do copo das mãos e, quando isso não deteve a onda de raiva que se apossou dele, ele levantou e caminhou até sua mesa.

– Por que acha que os investigadores ficam voltando a você?

– Sei lá, porra – respondeu Creighton, casualmente. – Para terem algo a fazer, imagino. Eles precisam parecer ocupados para seus superiores. Precisam justificar seus salários. É claro que os comentários maliciosos de Julie não ajudam.

– Comentários maliciosos?

– Em toda chance que tem, ela dá uma cutucada em minha direção.

– E por que ela faria isso?

– Porque não houve muito amor entre nós.

– Por quê? O que aconteceu?

Ele riu.

– Nada. Esse é o problema.

Derek voltou à poltrona e sentou.

– Para mim, parece que tem uma história.

Creighton sorriu, parecendo pensar se deveria ou não contar a história, depois disse:

– Do nada, meu tio a trouxe de Paris, sem fazer qualquer segredo que estava apaixonado. O que surpreendeu a todos, porque ele achava que minha tia Mary era o máximo. Mas meu pai disse que o tio Paul estava solitário, e que era ótimo ter encontrado essa mulher com quem se importava. Ele disse que nós deveríamos ser agradáveis com ela, fazê-la se sentir bem-vinda, se não fosse por outro motivo, pelo tio Paul. Então – disse ele, sacudindo os ombros de forma indolente – nós fizemos.

"Num domingo à noite, minha mãe os convidou para jantar. Estávamos todos no terraço. Eu fui até o vestiário da piscina para pegar uma Coca, na geladeira. Julie me seguiu e em segundos estava se jogando em cima de mim. Estou falando do jeito da Kathleen Turner, em Corpos ardentes. Então, eu achei, ora, que se dane, e interpretei o William Hurt por um ou dois minutos. Havia uma conversa rolando entre meus pais e o

tio Paul, a menos de dez metros de distância, enquanto a namorada dele caía de boca no meu pau. Acho que o perigo de ser flagrada era instigante para ela."

Creighton estava rindo da lembrança.

– Foi uma loucura, foi excêntrico, e, com qualquer outra mulher, teria sido divertido. Mas comer a Julie não valia o estardalhaço que teria causado se o tio Paul nos pegasse, então, eu a empurrei, disse a ela que não queria restos do meu tio, a deixei na piscina e voltei ao grupo.

"Quando ela voltou, alguns minutos depois de mim, estava tão puta que nem olhava em minha direção. Ela disse ao tio Paul que tinha ficado com dor de cabeça e queria ir pra casa. Como um bom cachorrinho – sem querer ofender seu cão, aqui – ele foi embora com ela. Desde então, ela me odeia."

Derek podia sentir sua pulsação em cada veia. Seu corpo estava febril. Ele teve que limpar a garganta, antes de conseguir falar.

– Você acha que ela quer implicá-lo por rancor?

Creighton fez uma careta.

– Quem sabe por que uma mulher faz alguma coisa?

De fato, pensou Derek.

– Não importa o quanto ela empurre a investigação em sua direção, se a polícia não conseguir encontrar nenhuma prova contra você.

– Não há nenhuma. Eles não têm nada.

– Isso foi ontem. Hoje, eles têm.

O rosto de Creighton ficou perfeitamente calmo. Derek estava observando, e o comportamento do jovem não mudou uma vírgula. Os olhos dele nem piscaram. A boca não se contraiu. Ele não se mexeu. Nada.

– Eles têm um vídeo de segurança do lobby do hotel – disse Derek.

– Isso era de se esperar.

– A polícia isolou um cara que deixou o hotel minutos antes do roubo.

– Ele e quantos outros?

– Verdade. Mas eles podem dar nome aos outros. A esse cara, não. Pelo menos, não até agora. Ele não era um hóspede. Não estacionou o carro na garagem, nem comeu no restaurante, nem bebeu no bar.

– Meu Deus! Isso é monstruoso! Se isso não é um comportamento criminoso, não sei o que é!

Derek lançou um olhar, depois puxou a fotografia da pasta que tinha trazido de sua escrivaninha e colocou sobre a mesa. Creighton inclinou-se à frente, olhou, depois riu.

– Essa é a grande solução do crime? Meu Deus. Nossos dólares de impostos. – Ainda rindo, ele disse: – A única coisa óbvia é que não é uma foto minha. Eu não seria pego nem morto com uma camisa dessas.

– Você não reconhece?

Ele deu outra olhada na foto.

– Sabe, agora que está mencionando, ele parece o Homem Elefante. Um dos motivos pelos quais eu evito ser fotografado. Detesto ficar à mercê da câmera, assim como do

fotógrafo.

Derek devolveu a foto à pasta, fez questão de alinhar com a borda dos outros conteúdos, depois levantou e levou a pasta de volta à escrivaninha. Quando voltou a Creighton, ele anunciou o que havia decidido no instante em que pôs os olhos no jovem.

– Não vou aceitá-lo como cliente, Sr. Wheeler.

Isso causou uma reação.

– Desculpe?

– Não vou...

– Eu ouvi – disse Creighton. – Por que não?

Porque você é um espertalhão desprezível.

Esse era o motivo oculto. Durante os últimos minutos, Derek concluíra que não poderia prover uma defesa imparcial a Creighton Wheeler, porque ele simplesmente não suportava o maldito presunçoso. Ele tinha representado alguns dos canalhas mais repugnantes da Geórgia e nunca deixou que uma personalidade discordante fosse um fator decisivo para dizer não. Mas sua aversão a esse homem era tão intensa que Derek não podia defendê-lo, de modo algum.

Seus motivos para declinar a representação de Creighton Wheeler nada tinham a ver com Julie Rutledge, de verdade. Mesmo que ele nem a tivesse conhecido, sua decisão seria a mesma.

Percebendo que não podia ser tão direto com o jovem milionário, ele sorriu para ele e voltou à sua poltrona para sentar-se.

– Estou declinando, primeiramente, pois vocês não precisam de mim e eu não vou aceitar seu dinheiro para não fazer nada. Maus perdedores já me acusaram de ser inescrupuloso. Eu admito alguns truques astutos no tribunal. Mas jamais enganei um cliente.

"Você tinha dois excelentes motivos para querer Paul Wheeler morto. Seu relacionamento com ele era antagônico e você é herdeiro de seu patrimônio. A polícia atentaria para esses pontos. Combinados, formam um pacote bem incriminador.

"Mas eles não podem ir além do fato de que lhe faltou a oportunidade. Você tem um álibi, sustentado por várias pessoas. Não poderia estar no hotel na hora do tiro. É claro que poderia ter contratado alguém para matá-lo..."

– Não teria sido aquele cara – disse Creighton, debochado, gesticulando para as fotografias. – Que retardado.

– Exatamente – disse Derek. – Você poderia pagar o melhor matador do mundo. Alguém com uma técnica bem mais sutil. – Ele parou, por um momento, depois continuou. – Paul Wheeler valia uma fortuna. Ele só tinha 52 anos, estava com boa saúde, então, talvez vivesse mais trinta ou quarenta anos. Só pelo argumento, digamos que você tenha ficado impaciente para herdar seus milhões. Será que de fato arriscaria a promessa de seu legado, assim como o fundo substancial que já tem, cometendo assassinato e perdendo tudo?

– Isso seria completamente irracional.

– Seria, sim.

Creighton beliscou o vinco de sua calça de linho.

– Acho que os investigadores são espertos o suficiente para enxergar isso. Mas, e quanto a Julie ficar falando mal de mim?

– Eles não levaram isso em consideração. Imagino que Sanford e Kimball tenham encarado as insinuações dela como realmente são. Rancores. Represália. Inveja. Tanto faz. Eles não agiram em cima disso, portanto, podemos presumir, creio que seguramente, que as tenham descartado.

Creighton sorriu.

– Gosto do seu jeito de pensar, Dr. Mitchell. Eu gostaria de tê-lo como meu advogado.

Derek sacudiu a cabeça.

– Lamento.

– Meu pai já pagou seu adiantamento.

– O que ele receberá de volta. Eu vou cobrá-lo pela reunião de ontem e de hoje, mas o cheque de adiantamento será devolvido.

– Quer aumentar seus honorários?

– Não é uma questão de dinheiro.

– Tudo é uma questão de dinheiro.

– Isso, não.

– Desde quando pode rejeitar um cliente?

– Desde agora.

Creighton manteve o olhar fixo por vários instantes, depois novamente lançou um sorriso presunçoso que deixou Derek cerrando os dentes.

– Qual é o verdadeiro problema aqui?

Derek levantou, indicando a conclusão da reunião.

– O problema é que seu pai me queria à sua disposição. Eu não trabalho dessa forma. Verifiquei minha agenda de casos e julgamentos e consultei minha consciência.

– Um advogado com consciência?

Derek deu um sorriso simbólico.

– Minha alma, consciência, chame como quiser, não me permite aceitá-lo como cliente, à custa daqueles com quem já estou comprometido. Estou de mãos cheias preparando o julgamento de Jason Connor.

– O garoto que massacrou os pais?

Derek não deu bola pra isso.

– Ele só tem dezesseis anos e sua vida está em jogo. A fim de acomodar você, eu teria que usar algum tempo que está alocado ao caso dele. Eu ficaria com o tempo muito restrito, e isso não seria justo com ninguém. Conclusão, não farei isso.

– Meu pai não vai gostar. E eu também não estou gostando.

Derek foi até a porta e abriu-a.

– Posso recomendá-lo para alguém igualmente bom.

– Não há ninguém igualmente bom. Por que acha que o procuramos?

– Fico lisonjeado pela confiança que depositaram em mim. Lamento não poder ajudá-

los.

Creighton o encarou e contou até dez, depois saiu pela porta, com a postura de um menino que estava levando a bola embora pra casa porque não tinha sido escolhido como capitão do time.

Ele passou pela mesa de Marlene sem dizer nada, apenas inclinou a cabeça e seguiu para o hall, pela recepção, onde uma parede envidraçada separava o escritório do corredor. Ao chegar lá, virou de costas para a porta e, olhando fixamente para Derek, na extensão do corredor, abriu-a. Recuou e seguiu marchando até o elevador.

Marlene bufou.

– Ele é bem bonito de se olhar, mas seus modos podem melhorar. Nem teve a cortesia de dizer até logo.

– Ele é um nojentinho mimado. – Derek observou Creighton arrumando as abotoaduras enquanto esperava o elevador. – Você já depositou o cheque de Doug Wheeler?

– Ainda não.

– Ótimo. Nós vamos mandá-lo de volta.

Ela olhou-o surpresa.

– É mesmo? Por quê? Porque seu filho é um mimado?

Derek enfiou as mãos nos bolsos da calça e olhou Creighton pensativo, enquanto ele entrava no elevador.

– Porque o que temos aqui é... falha de comunicação.

CAPÍTULO 10

Creighton ficou muito injuriado com Derek Mitchell, razão suficiente para não deixar que o aprendiz de F. Lee Bailey estragasse seus planos para a noite. Na hora em que entrou na boate da moda naquela noite já se convencera de ficar animado. Christy's era um lugar ruidoso e agitado, lotado pelo pessoal que já tinha jantado e ainda não queria terminar a noite.

Os drinques eram absurdamente caros e, ainda por cima, fracos. A boate não atraía bebedores que gostavam de tomar suas cervejas no gargalo ou drinques puros. Em vez disso, atraía multidões de gente querendo impressionar e ser impressionada.

Os homens eram os proeminentes de Atlanta, e as mulheres, lindas o suficiente para jamais pagarem suas próprias bebidas. Era um conjunto de pessoas bem-vestidas, de bons saltos e dedicadas à busca da fortuna, do poder e do bronzeado perfeito. Quando Creighton entrou, o fez sabendo que possuía tudo que eles desejavam.

Abrindo caminho até o bar, ele chamou a atenção de várias mulheres que transpareceram sua disponibilidade. Olhou-as e considerou cada uma delas. Mas passou por todas. Essa noite, ele estava em busca de alguém em particular. Ele saberia quando a visse.

Em pé, no bar, pediu uma água tônica com limão. A música bombava. A conversa era frequentemente pontuada por gritinhos e risos. Em qualquer outra noite, a atmosfera carnavalesca o teria irritado, mas, essa noite, ele podia tolerar, talvez até desfrutar. Apesar de Derek Mitchell.

Quem aquele babaca de fala mansa achava que era para recusá-lo como cliente? Ele tinha muitos outros clientes? Era ocupado demais? Por favor. Ele não era nada além de um caçador de ambulância glorificado.

Do escritório de advocacia, Creighton tinha ido direto ao country clube para a aula de tênis com seu instrutor, depois foi para casa e pediu comida tailandesa para o jantar. Comeu na bandeja enquanto assistia ao DVD que sua mãe substituiu, depois de destruir sua primeira cópia. A opinião dela sobre o filme acertou na mosca – era horrível. Um veículo vazio para uma estrelinha de qualidade igualmente vazia, com uma borboleta tatuada na bunda. Das duas, a borboleta era a única com talento.

Ele tinha visto só até a metade, antes de mudar para um suspense de Brian De Palma, no qual a garota em perigo toma broca. Ela literalmente toma broca mesmo. Com uma broca elétrica. Muito sanguinário e ligeiramente pesado no simbolismo da defloração, mas a cena tinha um impacto respeitável que lhe rendeu o mérito de Cult ao redor do mundo. Nota dez para a nojeira.

Depois tomou banho e se vestiu para sair. Então, lá estava ele, com seu novo terno Brioni, sua boa-pinta e uma descontração estudada, esperando que sua dama da noite surgisse.

Não demorou muito. Ele ainda estava na metade da tônica, quando notou sua presença na outra ponta do bar, onde ela estava tentando chamar a atenção de um dos atarefados bartenders.

Tinha o porte gracioso, cabelos louros lisos, não como os da piranha que o atacara ontem à noite. Os cabelos dela reluziam na luz fraca, conforme sacudia a cabeça, aflita, quando um bartender não reparou nela e pegou o pedido de outra pessoa.

Creighton desejou que ela olhasse em sua direção. Gostava da ideia de que ela o procurasse antes que ele a abordasse. Como se ela estivesse reagindo a um chamado, seu olhar desviou até avistar Creighton, negligentemente recostado no bar, encarando-a como se estivesse fascinado por uma visão.

Mal sabia ela que era o contrário.

Ele ergueu o copo e arqueou uma sobrancelha, numa interrogação silenciosa. Ela hesitou, depois assentiu. Deliberadamente e bem devagar, sem jamais interromper o contato visual, ele abriu caminho na direção dela. Quando chegou até ela, em princípio, ele não disse nada, deixando que seus olhos falassem por ele. Ele olhou o rosto dela, como se literalmente a devorasse. As mulheres adoram isso.

Depois, ele se inclinou em sua direção, para se fazer ouvir.

– "De todas as espeluncas, de todas as cidades do mundo inteiro, ela entra na minha."

Ela piscou várias vezes, parecendo apreensiva e confusa.

– Perdão?

Não era uma fã de Bogie. Que pena.

– O que gostaria?

– Um martíni de maçã?

Ela colocou um sinal de interrogação no final, como se temesse que ele talvez quisesse que ela pedisse alguma outra coisa. A partir disso, ele tirou duas conclusões. Uma, ela estava lidando com algo fora de sua alçada. E, dois, ela sabia. Excelente.

Conforme o bartender passou voando, Creighton estalou os dedos ruidosamente.

– Um martíni de maçã para a senhorita.

– Entendido – gritou o bartender por cima do ombro, ao se afastar, rapidamente.

Creighton então voltou toda sua atenção para ela.

– Então, é assim que se faz. – Ela estalou os dedos.

– Essa é uma forma.

– Não daria certo comigo. Não tenho esse ar de autoridade que você tem.

Ele deu-lhe uma olhada de cima a baixo, depois, com a dose perfeita de insolência, falou arrastado:

– Você não precisa.

Ela corou lindamente e com modéstia. Usava uma saia preta justa, o tipo de peça básica que vem num tailleur, de uma loja de preços razoáveis, onde uma jovem profissional com orçamento apertado faria compras.

Ela provavelmente teria tirado o blazer do conjunto, quando chegou do trabalho. A blusa vermelha de cetim que usara por baixo tinha sido discreta o suficiente para o escritório, mas agora estava bem melhor, sem blazer ou sutiã, sem dúvida tirado no banheiro feminino e guardado na linda bolsa de grife.

De dia, funcionária do escritório, de noite, se transformava numa caçadora do Príncipe

Encantado. Ela provavelmente deixava de almoçar para financiar seus equipamentos usados para fisgar a isca de sua armadilha – pintura de cabelo, maquiagem, salto agulha, bijuteria de marca. Na opinião de Creighton, o que ela fazia era praticar uma forma aceitável de prostituição. Mas, felizmente, para ele, ela dava a impressão de ter visto o homem de seus sonhos entrando em sua cilada. Por baixo da blusa cafona, seus pequenos mamilos estavam arrepiados de empolgação.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele.

– Ariel.

– Ariel. Lindo.

– Obrigada.

Aproximando-se mais, ele sussurrou:

– O nome também.

Ela corou.

– Qual é o seu nome?

Ele lhe disse e ela riu.

– Eu nunca ouvi esse nome.

– É nome de família. Você pode encurtar e me chamar de Tony.

– Olá, Tony – disse ela, animada.

Seu drinque foi entregue. Ele passou para ela, e ela deu um gole.

– Está bom? – perguntou ele.

– Delicioso, obrigada.

– De nada.

– Você não vai pedir nada?

Ele ergueu o copo que levara.

– Vodca com tônica?

– Água tônica.

– Você não bebe?

– Nunca?

Ele sacudiu a cabeça.

– Motivos religiosos?

Ele abriu um sorriso largo.

– Nem tanto.

– Então, por quê?

– Não gosto de inebriantes.

Olhando para ele através de seus cílios, ela perguntou:

– E quanto a estimulantes?

– Não preciso.

A brincadeira verbal era quase fácil demais. Antes que ele ficasse totalmente entediado, perguntou onde ela trabalhava.

Mesmo depois que ela falou por cinco minutos, ele ainda não sabia precisamente o que ela fazia numa empresa que parecia totalmente deprimente. Ele a desligou, enquanto assimilava os detalhes de sua aparência. Com uma inspeção mais atenta, ele

notou que ela era ligeiramente dentuça, mas de uma forma atraente. Seu nariz e suas maçãs do rosto eram salpicados de sardas que ela tentava esconder com pó de arroz. Seus olhos tinham um belo tom de castanho. Cor de xerez.

Ela esvaziou o copo e ele sinalizou pedindo outro.

– E você, Tony? Onde você trabalha?

Ele riu baixinho e se inclinou na direção dela, deixando que sua coxa roçasse na dela.

– Em lugar nenhum.

– Não, sério.

– Eu não trabalho em lugar nenhum.

Ela olhou as roupas dele, seu relógio de pulso.

– Você parece estar indo bem.

– Na verdade, sou podre de rico. Junto com meu nome de família afrontoso, vem uma quantia afrontosa de dinheiro. Considero isso uma troca justa.

Ela riu. Mas quando ele não se juntou a ela no riso, ela percebeu que ele realmente estava falando a verdade e seu queixo caiu.

– Sério?

– Sério. – Novamente. Certo. Ela não era nenhum gênio. Melhor ainda.

O segundo Martini chegou. Ela olhou-o por cima da borda do copo e deu um gole.

Ele sorriu.

– Gosta mais de mim agora que sabe que sou rico?

– Eu já gostava de você antes.

Ele podia ver que ela estava armando sua estratégia. Sua curiosidade estava desenfreada, mas ela não deixaria que isso a prejudicasse, então, desviou a conversa de seu status financeiro, como se isso não tivesse importância.

– Já que você não trabalha, o que faz?

– Jogo muito tênis, mas os filmes são a minha paixão. Filmes, diretores, autores, atores.

– Ai, meu Deus. Eu também adoro esses negócios!

– É?

– Acho que a US Weekly é que cobre melhor os eventos de tapete vermelho. Mas também gosto da People, principalmente quando eles fazem a edição dos melhores e piores vestidos do Oscar. Qual é o seu filme favorito? O meu é Sex and the City, ou talvez, Noivas em guerra.

Meu bom Deus.

– Sério?

Ela levou quinze minutos para terminar o segundo Martini, durante o qual o envolveu num diálogo sem sentido, enquanto ia se tornando mais íntima, fisicamente. Seu método era bem praticado, mas detectável. Ela tocava a mão dele cada vez que afirmava algo. Falava baixinho, para forçá-lo a chegar mais perto para ouvi-la, até que estavam tão próximos que um daqueles mamilos atrevidos eventualmente roçava seu bíceps.

Era hora de levar as coisas adiante.

– Outro?

Ela sacudiu os cabelos para trás, expondo o pescoço e colo.

– Melhor não. Amanhã é dia de trabalho. – Brincalhona, ela tocou a perna dele com o joelho. – Para a maioria de nós.

– Mas que pena. Eu estava prestes a perguntar se você não gostaria de ir a outro lugar. Algum lugar onde não tenhamos que gritar para ser ouvidos.

Os olhos dela cintilaram de incerteza.

– Humm, eu...

– Não?

– Bem...

– Não precisa explicar. – Ele tocou o braço dela, compreensivo. – Você não me conhece.

Os olhos dela desviaram, depois voltaram.

– Onde? Quero dizer, para onde você gostaria de ir?

– Você é quem diz. Para mim, tanto faz. Eu só quero prolongar a noite. – Ele pegou a mão dela. – Olhe, nós vamos em carros separados. Eu levo a minha Porsche e você...

– Você tem uma Porsche?

– Na qual prometo levá-la para passear, em breve. Apenas não nessa noite. – Trocando olhares, ele disse: – Não quero que você fique com medo, embora eu compreenda totalmente por que você ficaria. Ouvem-se tantas coisas no noticiário.

– Não tanto por isso. É... Estou meio nervosa porque tem um cara. Ele fica ligando pra minha casa. Isso me deixa meio apavorada.

– Ele diz coisas obscenas?

– Não. Só fica na linha, até eu desligar.

– A polícia pode rastrear essas ligações, descobrir quem é.

– Ah, eu sei quem é – disse ela, rapidamente. – É um cara que eu conhecia. Ele me causou problemas. – Ela fez um gesto com a mão, tentando dar pouca importância ao problema. – Ele já era.

Inclinando-se à frente e apertando a mão dela com mais força, ele disse:

– Quer que eu bata nele pra você?

Ela riu.

– Não. Ele não vale o incômodo, acredite.

– Bem, você está certa em ser cautelosa. – Ele baixou a mão dela. – Não se preocupe. Faremos isso outra hora. Se você vem sempre aqui, nós certamente vamos nos encontrar outra vez. – Ele virou para chamar o garçom e pedir sua conta.

Ela mordeu a isca, como ele sabia que faria. Rapidamente pousou a mão no braço dele, como se temesse que ele fosse desaparecer e que sua chance fosse perdida para sempre.

– Tem um café perto da minha casa. É um pé-sujo, mas fica aberto até tarde. Nós poderíamos ir até lá tomar um café.

Ele deu seu melhor sorriso.

– Parece perfeito.

– Primeiro eu preciso ir ao toalete.

– Estarei bem aqui.

Agora que ela tinha se decidido, estava ávida para agradar. Ela foi se espremendo por entre a multidão, abrindo caminho até os banheiros. Pouco antes de desaparecer no corredor onde eles estavam localizados, ela virou para trás e deu um pequeno aceno para ele.

Erguendo o queixo, ele conteve uma risada. Ela não podia acreditar em sua sorte. Provavelmente estava se beliscando, tomando cuidado para não fazer besteira, minuciosamente verificando seu reflexo no espelho e fazendo ajustes, usado spray para o hálito.

Cinco minutos se passaram e ela ainda não tinha voltado.

Para ajudar a passar o tempo, ele ficou de frente para o bar, de modo que pudesse olhar seu reflexo no espelho que havia atrás. O terno era um arraso. O tempo que ele havia passado na quadra de tênis, naquela tarde, tinha adicionado um novo brilho à sua pele e realçado as mechas louras de seus cabelos. Não era de se admirar que os mamilos dela estivessem tão reativos.

Ele deu um sorriso complacente para si mesmo.

Sorriso que desmoronou no instante em que ele avistou Julie Rutledge.

Havia vários metros de bar entre eles, e inúmeras pessoas, mas os olhos dela estavam fixos nos dele, no espelho. Depois de flagrá-lo admirando seu próprio reflexo, ela sorriu debochada e desviou, seguindo para a saída.

– Porra! – Ele deu as costas para o bar, rudemente empurrando um yuppie e uma menina anoréxica, e um casal tão atracado que estava praticamente transando. Ele não via nada, exceto Julie, que estava abrindo caminho na aglomeração com mais rapidez que ele.

Ela estava entregando seu ticket de estacionamento ao manobrista quando Creighton alcançou-a.

– Dê-nos licença – disse ele ao manobrista. Pegando-lhe o braço, ele a puxou de lado, até uma parede coberta de hera.

Pegá-la com força deixou-a cuspindo de raiva.

– Me solta.

Ele soltou, mas com a voz sob controle, disse:

– Vá em frente, Julie. Faça uma cena. Grite pela polícia, por que não faz isso? Quando eles chegarem aqui, eu posso dizer que você está me espreitando.

– Não me provoque, Creighton. Você não vai querer que a polícia escute o que eu tenho a dizer sobre você.

– E o que é?

– O quanto você odiava Paul.

– Lamento desapontá-la, mas eles já sabem. Eu mesmo disse.

– Eu sei que você está por trás do assassinato dele.

Ele riu.

– Você realmente tem uma queda por ficção. Já pensou em escrever roteiros? Foi essa

sua imaginação fértil que deixou meu tio tão escravizado? Ou era o jeito que você lambia o saco dele?

Em ebulição, ela o encarou e lentamente se afastou dele.

– Paul não se enganou.

– Não se enganou?

– Ele conhecia seu verdadeiro caráter.

– Não me diga?

– E eu também conheço.

– Detesto me opor, Julie, quando você está demonstrando essa vivacidade admirável. Mas, nas palavras de Jeremy Irons, como Claus von Bulow, em O reverso da medalha, "Você não faz ideia".

Maggie levantou-se e rosnou. Segundos depois, a campainha de Derek tocou. Ele olhou o relógio na mesa.

– Mas que diabos?

Ele tinha vindo pra casa, trazendo um jantar pra viagem. Comeu enquanto via os primeiros lances do jogo do Braves na TV, depois foi até o escritório, onde estivera trabalhando. Levaria vários dias para se atualizar em tudo que tinha saído enquanto estava fora, e ele conseguia produzir mais em casa depois do horário do que no escritório, quando sua atenção era altamente exigida.

Descalço, só de short e uma camiseta velha, ele seguiu pela casa, acendendo as luzes. Não estava esperando visita e, certamente, não aguardava a pessoa que viu pelo olho mágico da porta da frente.

Ele destrancou e abriu a porta.

– Que diabos você está fazendo aqui?

Creighton Wheeler passou por ele e entrou.

– Eu quero que você a tire do meu pé. Não me importa quanto custa, ou o que você tenha que fazer. Faça o que for preciso, apenas faça com que ela me deixe em paz, porra.

– Entre – disse Derek, sarcástico, fechando a porta.

– Ela foi além de apontar o dedo e me xingar.

– Primeiro de tudo, quem é "ela"? Roberta Kimball?

– Julie Rutledge – disse Creighton, enunciando as palavras. – Primeiro, ela só fazia afirmações insultuosas, aqui e ali. Ela passou diss... – Ele parou de falar e olhou para Maggie, que ainda estava rosnando. – Ela não vai morder, vai?

Derek ordenou que a cadela sentasse. Ela reagiu à raiva na voz dele, mas era seu convidado inesperado, não Maggie, que o deixara muito zangado.

– Como você aparece na minha casa a essa hora da noite e vai entrando? Você é muito atrevido.

– E muito endinheirado.

Derek diminuiu a distância entre eles e apontou o dedo na cara de Creighton.

– O que não lhe dá direito a nada. Certamente, não o direito de entrar em minha casa

sem pedir licença. Eu não vou representá-lo. Não sei como deixar isso mais claro.

Creighton assumiu aquela postura arrogante que fez com que Derek o desprezasse de cara. Derek não cedeu, e algo em seu comportamento zangado deve ter penetrado. Gradualmente, Creighton foi dando alguns passos para trás e acenou com as duas mãos.

– Está bem, está bem. Desculpe, eu não liguei antes. Isso foi rude. Mas era imprescindível que eu falasse com você.

– Então você deveria ter ligado para o escritório, para marcar um horário durante o expediente.

– Você teria me recebido?

– Não.

Creighton fez um gesto que dizia Exatamente.

– Eu disse tudo que tinha a lhe dizer essa tarde.

– Quando nos encontramos, essa tarde, Julie Rutledge não estava me espreitando.

– Te espreitando?

– Isso mesmo. Ela perdeu a razão. Deve estar sofrendo de estresse pós-traumático por causa do tiro. Algo assim. Eu não sei. E nem ligaria, só que ela está focando sua maluquice em mim. Está me acusando de ter participado daquele latrocínio, quando meu tio foi morto. Sim, ela realmente disse "Eu sei que você está por trás do assassinato dele".

Julie tinha enganado Derek, mas ele não acreditava que ela tivesse perdido o juízo, ou estivesse sofrendo de algum trauma, ou que estivesse louca. Na verdade, bem o contrário. Mas ele supostamente não a conhecia pessoalmente.

– Ela não pareceu desequilibrada quando a vi na televisão.

Creighton aparentemente não ouviu isso.

– Vou providenciar uma ordem de restrição de distância contra ela. Ou melhor, você vai.

– Perdão?

– Amanhã. Quero que vá a um juiz ou faça o que tiver que fazer para obter uma ordem de restrição de distância. No estado em que ela está, só Deus sabe o que pode fazer. Não a quero perto de mim. Arranje essa ordem, para que ela seja presa se invadir minha privacidade.

– Não é tão fácil, Creighton.

– Quanto mais difícil, mais dinheiro você ganha, então, com que está preocupado?

Derek estava preocupado em talvez dar uns tabefes nesse riquinho filho da puta que pensava que tudo – incluindo Derek Mitchell – era alcançável, se você atirasse dinheiro suficiente. Mas bater nele não adiantaria nada, exceto talvez fazer com que fosse processado, então, ele exercitou seu incrível autocontrole e perguntou:

– O que o deixou assim? O que aconteceu? O que lhe deu a impressão de que a Srta. Rutledge é um perigo a sua pessoa?

Para demonstrar que ele estava disposto a ouvir, Derek recuou e sentou-se numa poltrona. Maggie estacionou aos pés dele e continuou olhando desconfiada para o

homem de terno creme impecável, enquanto ele andava de um lado para outro e contava a Derek sobre seu encontro com Julie Rutledge numa boate chamada Christy's.

Quando ele terminou, Derek perguntou:

– O que ela estava fazendo lá?

– Você não estava ouvindo? Ela estava me espreitando.

– Ela estava com alguém?

– Eu não sei. Acredito que não. – Creighton esticava e flexionava os dedos, ao lado do corpo, revelando sua impaciência. – Que porra de diferença faz, se ela estava ou não sozinha? Eu a peguei me olhando pelo espelho. Não vou ficar com ela me seguindo. Você tem que fazer algo sobre isso.

– Errado. Não tenho. – Calmamente, Derek cruzou os braços. – Você e Julie Rutledge, por acaso, se encontraram num bar conhecido. Um encontro casual...

– Casual é o cacete.

– Um encontro casual, num bar público, não caracteriza espreita.

– Ela me seguiu até lá.

Derek ergueu um ombro.

– Possivelmente.

– Decididamente.

– Você tem prova disso?

– Claro que não, eu simplesmente sei.

– Ela já o seguiu antes?

– Eu não a vi, mas isso não significa que não estivesse escondida na obscuridade.

Derek fez tudo que pôde pra não rir.

– Se escondendo na obscuridade? Tipo, numa moita? Por que acha que ela iria querer espioná-lo, Creighton?

– Porque ela está delirante.

– Você já a viu espreitando perto de sua casa? Seu Porsche? Seu vestiário, no jogo de tênis? – Derek viu que Creighton não gostou de seu deboche intencional.

– Acha isso engraçado? – perguntou ele, tenso.

Derek acabou com a conversa fiada e ficou de pé.

– Se Julie Rutledge começar a telefonar no meio da noite, fazendo ameaças de morte, ou passar a enviar recados terríveis, ou ferver um coelhinho em sua panela de macarrão... – Ele parou, esperando que Creighton comentasse. Quando ele não o fez, ele disse: – Isso foi uma referência a um filme.

– Eu entendi – disse Creighton, numa voz tensa, sem quase mexer os lábios.

– Se ela começar a fazer coisas assim, então, seria a hora de pedir uma ordem restritiva.

– Você cuidaria disso?

Relutante, e apenas porque estava cansado e queria Creighton Wheeler fora de sua casa, Derek disse:

– Eu pensaria a respeito.

Creighton não pareceu feliz, mas deu uma abrandada e certamente ficou mais calmo.

– Então, tudo bem. Bom. Eu entrarei em contato.

Derek foi até a porta da frente e a abriu. Quando Creighton passou por ele, Derek pegou seu ombro e virou o jovem de frente para ele.

– Não me interessa quanto dinheiro você tem. Nunca, nunca mais volte à minha casa.

Creighton abafou uma risada.

– Ou?

– Ou vou machucá-lo.

Creighton deu seu mais belo sorriso.

– Promete? – Então, ele mandou um beijo para Derek e foi desfilando até o Porsche, estacionado no meio-fio.

CAPÍTULO 11

Uma decana da sociedade de Atlanta entregou a Julie um envelope.

– Aqui está seu recibo para o imposto de renda. Pode preencher com o valor de mercado da pintura. Qual será o andar do leilão?

A Chez Jean havia doado uma pintura para ser leiloada naquela noite, num evento de caridade que objetivava angariar fundos para o novo hospital de crianças com câncer.

– Um de seus trabalhos foi vendido, semana passada, em Sausalito, por 7.200 dólares.

– Vamos colocar o preço inicial de 5 mil.

– Espero que consiga mais.

– Tenho certeza que sim. – A mulher mais velha olhou a pintura com discernimento. – Eu mesma tenho a intenção de dar um lance.

Julie sorriu.

– Boa sorte. – Ela passou a explicar como planejava levar a pintura até o local. Kate estava discutindo os méritos do trabalho com outro cliente, um senhor idoso que frequentemente passava na galeria, mas nunca havia realmente comprado algo. Julie desconfiava que ele circulasse pelas lojas locais mais em busca de companhia do que à procura de mercadoria, mas ela e Kate gostavam de suas visitas. Ele nunca se estendia demais.

Quando o sino acima da porta da galeria anunciou um novo cliente, Julie virou-se, pronta para cumprimentá-lo. Em vez disso, os investigadores Kimball e Sanford entraram e, se estivessem vestidos com roupa de guerra, não poderiam parecer mais como policiais. A postura deles era oficial. Todos caíram em silêncio, espantados.

– Bom-dia – disse Julie, agradavelmente.

Os dois responderam apropriadamente.

– Já atenderei vocês.

– Fique tranquila – disse Kimball, que parecia mais à vontade que Sanford, embora Julie desconfiasse que a descontração da investigadora fosse pose. Roberta Kimball não lhe parecia alguém que frequentasse galerias.

Julie virou de volta à matrona da sociedade.

– Eu ficarei depois do evento, para encaixotar a pintura para o novo comprador e assegurar que não seja danificada no transporte.

– Isso seria adorável. – Seu rosto enrugado assumiu uma expressão triste, quando ela afagou a mão de Julie. – Sei que esse é um momento terrível para você, querida. – Ela deu uma olhada nos dois investigadores, que estavam estudando os trabalhos de arte, ou fingindo fazê-lo. – Paul era uma pessoa maravilhosa. Ainda não consigo acreditar que ele tenha morrido de uma forma tão horrível.

Com isso, a mulher partiu. O senhor idoso deu um beijo no rosto de Kate e saiu.

– Parece que nós esvaziamos a sala – disse Kimball. – Lamento por isso.

– Não nos custaram uma venda. O que os traz aqui?

Os dois investigadores olharam na direção de Kate, que estava em pé, ali perto,

parecendo incerta quanto ao que fazer. Julie fez as apresentações que foram seguidas por um silêncio estranho.

– Alguém gostaria de um expresso? – perguntou Kate.

– Eu aceito, obrigada – respondeu Kimball. Sanford declinou.

– Estaremos no gabinete – Julie disse a Kate, que pediu licença para ir buscar a bebida.

Julie mostrou o caminho. A essa hora, ontem, ela estava compartilhando o gabinete com Derek Mitchell. Ficou imaginando se algum dia voltaria a entrar naquela sala sem pensar nele. Ele parecia ter deixado sua essência, que a tomou de assalto quando os três entraram.

Os investigadores sentaram no pequeno sofá. Julie ficou na poltrona de frente para eles. Sanford começou erguendo um envelope pardo.

– Temos mais fotografias.

– Do mesmo homem?

Kimball assentiu. – Temos a imagem dele passando no lobby, nos dias anteriores ao crime. Uma das fotos até que está boa.

– Posso ver?

Sanford abriu o envelope, tirou várias fotos e passou a Julie.

– A de cima é a melhor.

Kate veio com uma pequena bandeja e uma xícara de café expresso para Kimball. Ela serviu, enquanto Julie estudava a fotografia. Era melhor do que a que ela vira no dia anterior, mas não muito. Estava granulada e fora de foco. Ela olhou as outras, mas, como Sanford dissera, a de cima era a melhor de todas.

– Decididamente, é o mesmo homem em todas as fotos – disse ela.

Kimball deu um gole em seu expresso e acenou para Kate, agradecendo.

– Inequivocamente, o mesmo homem – prosseguiu Julie. – Mas eu nunca o vi.

A decepção de Sanford ficou evidente.

– Tem certeza?

– Absoluta. Não o conheço.

Sanford recostou e esticou os braços sobre o encosto do sofá. Ele olhou para Kate.

– Eu gostaria de um copo de água, se você tiver.

Kate, que estava olhando a foto por cima do ombro de Julie, prontamente obedeceu.

– Certamente. Julie?

– Não, obrigada.

A jovem saiu, deixando Julie sozinha com os dois investigadores que a observavam com a mesma concentração de Derek, quando ele estudou a pintura do homem gordo nu.

– O que foi? – perguntou ela.

– Conte-nos tudo de novo – disse Sanford.

– O assalto?

– Tudo. Desde o momento em que você e Paul Wheeler deixaram a suíte.

Ela olhou para Kimball, cuja expressão permaneceu impassível. Ela terminara seu

expresso e estava sentada à frente, com os cotovelos sobre os joelhos. Sanford ainda estava recostado nas almofadas. Ambos pareciam em alerta total.

Julie pacientemente repetiu o relato. Quando chegou ao ponto em que viu o ladrão pela primeira vez, ela parou.

– Talvez vocês possam me dizer no que estão particularmente interessados, eu poderia...

– Não queremos que pule nada – disse Kimball. – Pode continuar, por favor.

Julie esperou até que Kate entrasse e servisse a água de Sanford, depois recomeçou de onde tinha parado, contando tudo, terminando com a chegada dos médicos da emergência.

– Até a hora em que eles chegaram lá, ninguém conseguiu me afastar de Paul. Eu o segurei até ser forçada a soltar.

Ninguém disse nada por alguns minutos. Sanford bebeu um pouco da água, depois colocou o copo na mesa, ao lado da xícara vazia de Kimball, que foi a primeira a romper o silêncio desconfortável.

– Nós mandamos essas fotos novas aos outros. Todos deram negativas na identificação, como a senhorita.

– O ladrão estava de máscara, óculos escuros, luvas. Seria impossível compará-lo ao homem dessas fotografias.

– Certo – disse Kimball. – Não contávamos com tanta sorte. Mas, enquanto falávamos com eles ao telefone, pedimos para que cada um deles voltasse a relatar tudo novamente, assim como lhe pedimos. E algo que as moças disseram, ambas, independentemente, nos chamou a atenção. Algo que passou despercebido antes, ou que não prestamos atenção.

Julie desviou o olhar para Sanford, mas seus olhos não transpareciam nada. No verdadeiro espírito da parceria entre os dois, ela desconfiava que eles tivessem decidido anteriormente que Kimball deveria assumir a liderança nessa rodada.

Olhando de volta para ela, Julie perguntou:

– Então, o que é?

– A senhorita não ajoelhou. Quando o ladrão exigiu que todos ajoelhassem, a senhorita continuou de pé.

– Eu ajoelhei.

– Mas não imediatamente. Por quê? – Kimball pressionou. – Lá estava um homem mascarado, apontando-lhe uma arma, gritando para que se abaixasse. Uma das mulheres de Nashville admite ter ficado com tanto medo que urinou na calça. Ela abaixou no chão imediatamente, temendo que, se não o fizesse, ele a tivesse matado. A amiga fez o mesmo.

– O homem da Califórnia... – Julie começou a dizer.

Kimball interrompeu:

– Disse que ficou congelado de medo para se mover. Então, o ladrão espetou a pistola na direção dele e disse-lhe que abaixasse, e ele o fez. A senhorita, não. Todos disseram que a senhorita o desafiou. Discutiu com ele, disse que Wheeler tinha artrose nos

joelhos. Acabou sendo ele, Wheeler, que a puxou para baixo, ao seu lado.

Sanford, finalmente ingressando, abaixou os braços e sentou à frente, na mesma posição da parceira.

– É extraordinariamente corajosa, Srta. Rutledge?

– Nunca me considerei, mas minha coragem nunca tinha sido testada naquela intensidade. As pessoas reagem de forma diferente ao medo mortal. Acho que não sabemos como vamos reagir, até sermos colocados naquela situação. Não me lembro de ter me sentido particularmente corajosa.

– O que estava sentindo? – perguntou Kimball.

Ela hesitou, depois respondeu:

– Resignação.

Houve uma pequena pausa, então, Sanford disse:

– Achou que ele fosse matá-la, independentemente do que a senhorita fizesse?

Ela cruzou com o olhar incisivo do investigador, depois olhou para Kimball, que a observava com a mesma intensidade.

– Eu sabia que ele o faria. No instante em que o vi, eu soube que o roubo era uma farsa. Ele estava lá para matar Paul e me matar também.

– Se eu não me ajoelhei assim que ele mandou, acho que foi por saber que isso não mudaria o desfecho. Eu estava olhando para as lentes de seus óculos de sol, tentando ver através delas.

– Na esperança de persuadi-lo a não matá-la?

– Não. Para identificar seus olhos.

– É mesmo?

Ela baixou a cabeça, sacudindo.

– Eu estava à procura de Creighton.

– Não era ele, Srta. Rutledge.

– Agora eu sei disso.

O telefone da galeria tocou. Julie ouviu o sotaque francês de Kate através das paredes.

– Chez Jean. Lamento, agora ela está numa reunião.

Ela está sendo interrogada pela polícia. Essa teria sido uma afirmação mais precisa. Essa conversa tinha assumido o tom de um interrogatório e a estava deixando notoriamente inquieta.

– Por que isso é importante agora? Que diferença faz a que horas eu ajoelhei?

Sanford falou num tom de voz baixo.

– A senhorita diz que, independentemente de ter ajoelhado ou não, isso não mudaria o desfecho.

– E não mudou.

– Paul Wheeler está morto, mas a senhorita ainda está aqui.

– Afirmando o óbvio – disse Julie.

– Ora, sim, entende por que isso pode ser relevante – disse Sanford.

Julie olhou-os.

– Desculpem-me, investigadores. Ainda não estou entendendo o ponto de vista de vocês.

– O ponto é o seguinte, Srta. Rutledge – disse Kimball. – O caso é que a senhorita talvez não tenha ajoelhado quando o ladrão mandou... porque sabia que não corria perigo com ele.

Ariel Williams entrou em casa, contente por esse dia estar quase terminando. Ela passou o trinco na porta, trancando o mundo, feliz pelo santuário de seu lar, onde estava livre para ceder à sua depressão. Embora sentisse falta da colega com quem dividia o apartamento, Carol, que tinha ido viajar pelo restante do verão, ela gostava de ter o local só para si essa noite.

Ela era gerente de escritório de uma empresa de material elétrico que vendia, instalava e prestava assistência técnica para sistemas de segurança e iluminação de alto nível, para clientes comerciais e residenciais. Tudo que entrava e saía do escritório passava primeiro por sua mesa. Era sua responsabilidade encaminhar tudo ao departamento apropriado. Não fazia muito tempo que ela estava no emprego, mas sua competência já lhe rendera elogios de seu chefe e o respeito de seus colegas de trabalho.

Habitualmente, ela adorava o trabalho. Porém, hoje, cada hora tinha sido longa e tediosa, cada tarefa, irritante. Ela ficara contando os minutos até que pudesse voltar para casa e ir para cama, com um pote de sorvete de chocolate. A rejeição da noite anterior merecia um pote inteiro.

Que idiota tinha sido em realmente acreditar que aquele cara lindo e rico daria em cima dela, a rainha da insegurança. Ele poderia ter escolhido qualquer mulher naquele bar. Como ela pôde pensar que ele a escolheria, acima de todas aquelas mulheres sofisticadas?

Que imbecil!

No entanto, quando saiu do banheiro feminino, ela esperava piamente que ele estivesse aguardando por ela no bar, onde disse que estaria. Mesmo quando não o viu imediatamente, não lhe ocorreu que tinha sido abandonada. Ela imaginou que ele tivesse ido ao banheiro. Quando vários minutos se passaram e ele não apareceu, ela foi lá fora e o descreveu ao manobrista, que estava distraído e ocupado.

– Terno claro? É, ele estava... Obrigado, senhor. Dirija com cuidado. É... ele estava aqui, um minuto atrás.

– Ele pegou o Porsche?

– Porsche? Não tivemos um Porsche essa noite. – Ele ergueu a mão para impedir a pergunta seguinte e emitiu um assovio de arrebentar os tímpanos para um dos outros manobristas. – Ei, Greg, pode ajudar esse pessoal, por favor? Ele já estará com a senhora. Desculpe pela espera. – Depois, voltou à Ariel. – Ele foi embora com uma garota.

Seria melhor se ele a tivesse esbofeteado.

– Uma mulher? Ele estava com uma mulher? Quem?

– Vai querer pegar seu carro ou não?

Ela pegou o carro e foi pra casa, sentindo-se a pessoa mais ingênua do mundo. Enquanto passava pelo café onde havia sugerido que eles se encontrassem, ela corou de constrangimento. Um homem daqueles nem pensaria em ir a uma espelunca daquelas.

Tinha sido uma tola absoluta. Quanto tempo ele teria levado para dar o fora, depois que ela lhe dera aquele tchauzinho ridículo? Dez segundos? Cinco? Era humilhante imaginar o quanto ele teria ficado contente quando ela pediu licença para ir ao banheiro, deixando-o livre para cair fora.

Agora ela soltava a bolsa no chão e passava por cima, seguindo até o quarto, onde trocou seu terno de trabalho por seu pijama mais velho e confortável, mudando os sapatos de salto alto para chinelos de pano. Ela não ia sair essa noite, provavelmente nem amanhã à noite, nem se suas amigas ligassem e a convidassem. Simplesmente não tinha ânimo para se arrumar, entrar numa boate e ficar de papo furado. Sua autoestima, que nunca havia sido muito robusta, havia sido demolida.

Na cozinha, ela tirou o pote de sorvete do freezer, pegou uma colher na gaveta e levou ambos para a sala, onde se encolheu num canto do sofá e usou o controle remoto para ligar a TV.

Ela estava com tanta vergonha de sua ingenuidade que nem tinha contado o percalço da noite anterior para Carol, e elas compartilhavam tudo. Agora ela estava pensando em telefonar-lhe. Uma longa conversa com a melhor amiga, tomando um pote de sorvete, era o primeiro passo na direção da cura da tristeza.

Mas quando esticou o braço para pegar o telefone, ele tocou. Ela olhou o identificador. Embora mostrasse "restrito" onde o número deveria estar, ela sabia quem estava ligando.

– Babaca.

Em vez de atender ao telefone, ela deu uma grande colherada no sorvete e enfiou na boca. O telefone parou de tocar. Mas só por alguns segundos. Depois começou novamente. "Restrito."

Aconteceu mais três vezes, antes que ela pegasse o fone.

– Seu maldito! Pare de ligar!

Ela achou que ele tinha sumido de vez. Uma lembrança ruim.

A primeira vez que ele ligou, ela não pôde acreditar no atrevimento. Assim que se identificou, ela soltou os cachorros dizendo tudo: que ele era um mentiroso, traidor, um criminoso, e nenhuma mulher em juízo perfeito deixaria que ele se aproximasse. Ela disse para ele sumir e ficar sumido, e a menos que quisesse que ela colocasse a polícia atrás dele, era melhor nunca mais ligar de novo.

Mas ele ligou e continuava a ligar.

Ele nunca a ameaçou. Depois das primeiras vezes, ele nunca dizia nada. Mas o ressentimento reverberava no silêncio e a ameaça implícita era enervante, principalmente agora, que ela estava em casa sozinha.

Ela gostaria de poder pagar por um sistema de segurança de sua própria empresa,

mas seu orçamento não daria nem para o modelo mais barato. No entanto, para ter mais tranquilidade, enquanto Carol estava temporariamente fora, tinha mandado trocar os trincos. Carol entendeu a cautela e, dizendo que era melhor prevenir do que remediar, também concordou em dividir o custo da instalação de trancas especiais em todas as janelas. Mas, essa noite, essa segurança adicional não acalmou os nervos de Ariel, que já estavam abalados por conta de ter sido dispensada pelo louro encantador. Ela não precisava dessa porcaria para aborrecê-la ainda mais.

Agora que abrira as comportas de sua frustração, ela não conseguiu mais se conter.

– Você é realmente patético, sabia? Isso é uma coisa bem covarde a se fazer. Coisa de criança. Você se acha um conquistador, mas nenhum homem de verdade recorre a ficar respirando em ligações telefônicas. Volte para o lugar de onde veio. Ou vá para o inferno. Apenas pare de ligar! – Ela bateu o telefone, sentindo-se muito melhor depois de soltar o verbo.

Mergulhando novamente no sorvete, ela chegou a uma conclusão que julgou profunda: universalmente, sendo um cara vulgar com fetiche telefônico ou um cara rico de fala mansa, os homens eram uns merdas.

CAPÍTULO 12

Logo quando Julie achou que esse dia não podia piorar, piorou.

A sala principal do centro comunitário, onde o evento beneficente estava sendo realizado, tinha sido decorada para lembrar a tenda de um sultão. Cortes de seda colorida foram pendurados sob o teto, presos no centro, onde uma bola espelhada brilhava como uma joia. Garçons estavam vestidos de Aladim e suas colegas, de odaliscas. Em vez de flores, os arranjos de mesa eram feitos de penas de pavão.

Julie mal teve tempo para apreciar o efeito, porque assim que entrou, a primeira pessoa que ela reconheceu em meio à aglomeração foi Derek Mitchell.

De braço dado com ele, havia uma linda ruiva, de vestido verde de pedrarias. Eles formavam um par arrebatador. Estavam em pé, junto a um grupo de pessoas, bebericando champanhe em taças longas e conversando, quando Derek pegou Julie olhando.

O sorriso dele se fixou. Por vários segundos, eles ficaram se olhando. Estaria ele se perguntando, assim como ela, por que seus caminhos agora ficavam se cruzando, já que nunca haviam se cruzado antes? Ou talvez tivessem se cruzado e eles nem notaram um ao outro. Embora Julie achasse isso altamente improvável. Se ela o tivesse visto antes daquela manhã, no portão de embarque do aeroporto de Gaulle, teria lembrado.

A ruiva disse algo a ele, que voltou sua atenção para ela.

Saber que ele estava na sala prolongaria ainda mais a noite que já prometia ser longa. Infelizmente, Julie se comprometera a ficar até o final dos lances, e ainda depois.

Ao menos, não havia um jantar para ser aturado, somente um pequeno programa apresentado na metade do dia, quando uma maquete do novo hospital para tratamento de câncer infantil seria apresentada, seguido de um vídeo de partir o coração, para enfatizar a necessidade e apelar aos presentes que doassem generosamente. A pintura que Julie havia doado ao leilão silencioso era um dos quarenta itens, incluindo pacotes refinados de férias, uma caminhonete de luxo e um pingente de diamante de dez quilates.

– Olá, Julie.

O chamado veio de trás e ela se virou para ver Doug e Sharon Wheeler. Doug deu-lhe um rápido abraço. Ela e Sharon trocaram beijos no ar, direcionados às bochechas. Sharon estava de chifon vermelho, com diamantes no pescoço e nas orelhas.

– Você está bonita essa noite – disse Julie, sinceramente.

– Obrigada. Meus pés já estão doendo. – Sharon esticou o pé debaixo do longo para mostrar a Julie seus sapatos com pedrarias.

– Os sapatos valem a dor.

Sharon sorriu, satisfeita.

– Eu achei que sim, mas me pergunte se vou usá-los novamente, se tiver que ficar horas em pé.

– Eu não esperava vê-la essa noite – disse Doug.

Paul havia aceitado o convite pelos dois, dias antes de morrer, mas Julie se absteve de dizer isso.

– Eu doei uma pintura ao leilão. – Ela indicou o centro da sala, onde os itens estavam expostos num oásis criado com dunas de areia falsa e palmeiras verdadeiras.

– Espero que você não esteja chateada – disse Sharon.

– Sobre o quê?

– O funeral. – Seu belo rosto enrugou de aflição. – Espero que você não tenha achado esnobe. Simplesmente não era apropriado que você sentasse com a família, Julie. As irmãs de Mary estavam lá. As sobrinhas e os sobrinhos de Paul. Teria sido constrangedor para todos. – Ela esticou o braço para tocar a mão de Julie. – Mas eu não suportaria que você ficasse magoada. Por favor, diga que entende.

– Eu entendo perfeitamente, Sharon.

A inexpressiva Sharon sorriu aliviada, mas Doug captara o significado subentendido nas palavras de Julie. Ele olhava o carpete estampado entre seus sapatos, parecendo constrangido tanto pelo desdém no funeral quanto pela inabilidade da esposa em reconhecer que afronta isso tinha sido.

Sem Paul para atuar como o centro do grupo, eles não tinham um elo. Julie imaginava como seria seu relacionamento com eles no futuro, ou se ela sequer continuaria tendo um relacionamento.

– Creighton está com vocês? – Ela fez a pergunta casualmente, embora quase tivesse engasgado ao dizer o nome dele.

– Ele pediu para não vir – disse Sharon. – Tinha um programa com os amigos.

Segundo o conhecimento de Julie, Creighton não tinha nenhum amigo. Ele tinha companhia paga – massagista, seu instrutor de tênis, um profissional de golfe com quem jogava. Paul lhe dissera que ele às vezes pegava mulheres por uma noite, mas nunca tivera uma namorada, no sentido tradicional. Ele era um cliente habitual de várias cafetinas, segundo Paul.

Seus personagens de filmes contam como amigos, eu acho, Paul lhe dissera, irritado, uma vez, durante uma conversa sobre Creighton. Estão sempre com ele. Vivem dentro de sua cabeça. Acho que ele até conversa com eles.

Creighton tinha gente contratada para diverti-lo. Ele tinha um mundo de fantasia. Mas não podia se gabar de ter amigos.

Isso era outro delírio de Sharon. Para Julie, se tornara claro, logo depois que ela os conhecera, que Sharon não tinha consciência da verdadeira personalidade do filho, ou sofria de um horrendo caso de negação.

– Você falou com Sanford e Kimball, recentemente? – perguntou Doug.

– Doug, essa é uma ocasião social – Sharon reclamou com uma voz choramingada. – Nossa primeira, desde... você sabe. Será que não podemos passar uma noite sem falar sobre isso?

– Perdoe-me, Sharon – disse Julie. Depois, dirigiu-se a Doug: – Eu falei com eles bem recentemente essa manhã. Eles foram até a galeria com o último conjunto de fotos de um homem que estão chamando de pessoa de interesse.

– Já o vira?

– Não.

– Nem eu. Os investigadores foram ao meu escritório. Eu disse a eles que o conhecia tanto quanto Adão. Eles me pediram para levar as fotos para casa e mostrar a Sharon.

– É um estranho para mim – disse ela.

– E Creighton? – perguntou Julie.

– Ele ainda não viu. Não que eu saiba. – Doug deu um gole em seu copo bojudo, ligeiramente nervoso, Julie achou.

– Eles vão à TV com a foto mais nítida – disse Julie.

– Foi o que me disseram. Começando com o noticiário noturno, essa noite, eu acredito. – Doug consultou o relógio de pulso. – Vamos perder.

– A polícia espera que alguém reconheça o homem e apresente um nome – disse Julie.

– Quase não tenho dúvida de que isso aconteça. Provavelmente é um hóspede do hotel. "Ah, aquele é meu primo fulano de tal. Ele sempre aparece quando estou em Atlanta." – Doug deu outro gole em seu drinque.

– E depois? – perguntou Julie, em retórica.

– Seu palpite é tão bom quanto o meu. Além daquela foto embaçada, eles não têm pista alguma.

Sharon, que estivera se ocupando em observar a aglomeração, acompanhando a conversa pela metade, enlaçou o braço de Doug.

– Acho que aquele pingente de diamante tem meu nome escrito.

– Ih.

– Você não quer ajudar as crianças com câncer?

– Julie, se eu não voltar em quinze minutos, por favor, venha me salvar e o meu cartão de crédito – disse Doug, sorrindo, mas Julie sabia que ele estava grato por um motivo para finalizar a conversa sobre a investigação policial.

– Fique atrás dele e você conseguirá aquele diamante, Sharon. A causa precisa de dinheiro.

– Eu farei a minha parte – disse Sharon, alegremente.

Eles deixaram Julie sozinha, mas ela não ficou sem companhia por muito tempo. Durante a hora seguinte, amigos e conhecidos se aproximaram, alguns determinados a não mencionar o nome de Paul, outros, sem falar de outra coisa. Com alguns, ela falou rapidamente, antes de pedirem licença e se afastarem, parecendo aliviados por terem realizado essa tarefa desagradável.

Outros agiam como se quisessem pegá-la como bicho de estimação e assegurar-se de que ela não ficasse em casa sozinha, apenas por não ter mais um acompanhante. Falavam de almoços e jantares, degustações de vinho, e até uma turnê ciclística pela Toscana. Ela fingiu interesse em tudo, mas não se comprometeu com nada.

Se não tivesse prometido supervisionar a venda da pintura, Julie já teria ido embora. Ela detestava ser objeto de curiosidade ou pena. Estava cansada das pessoas olharem para ver se estava lidando bem ou mal com a morte de Paul. Devido às circunstâncias,

ela poderia ter pedido dispensa e deixado de vir ao evento. Ninguém a culparia.

Mas, conforme ela se deslocava por entre a multidão, em direção à área onde a pintura estava exposta, soube que sua decisão de ter vindo fora acertada. Em seguida à reunião que tivera com os investigadores, essa manhã, ela não devia mudar sua rotina, suas atividades, nem fazer nada que aparentasse que tinha algo a esconder.

A insinuação de Kimball a deixara momentaneamente sem palavras. Depois, ela gaguejou:

– Vocês... estão querendo dizer que eu... que eu sabia do roubo? Que eu sabia o que ia acontecer? Que tive algo a ver com aquilo?

– Não fique agitada – dissera Kimball, num tom condescendentemente enfurecedor. – A ideia foi levantada, só isso.

– Por quem?

– Outro investigador, alguém que não está tão próximo do caso como nós. Ele nem a conhece. De qualquer forma, Sanford e eu descartamos sua teoria, mas é nosso trabalho investigar todas as possibilidades, independentemente do quanto seja algo forçado.

Nem por um instante Julie engolira a explicação despreocupada. Imediatamente lhes dissera que não falaria mais nada sem um advogado presente e pediu que eles fossem embora.

Como eles poderiam pensar que ela desejaria Paul morto? Isso era uma noção irracional. E frustrante. Porque cada minuto que eles passavam investigando essa teoria falsa era um minuto que não passavam à procura do culpado. Enquanto eles estavam com uma lupa em cima dela, Creighton estava vivendo sua vida na impunidade, safando-se do assassinato.

– Qual é o lance atual?

A voz familiar afastou-a dos pensamentos sombrios e ela virou rapidamente. Derek Mitchell estava em pé, diretamente à sua frente, olhando ostensivamente para a pintura, quando, na verdade, seus olhos estavam nela. Ele estava sozinho.

– Oito mil.

Ele assoviou baixinho.

– Está subindo.

– Está interessado?

– Tenho um local vazio em meu quarto.

Havia uma dúzia de implicações nessa afirmação, e nenhuma delas escapou a Julie. Olhando além do ombro dele, ela pôde ver a ruiva numa conversa animada com várias outras pessoas. Derek seguiu seu olhar, depois voltou.

– Talvez você deva consultá-la, antes de dar um lance – disse Julie. – E se ela não gostar?

– A minha opinião é a única que conta, mas a sua é bem-vinda.

Julie, sem conseguir manter o contato visual, olhou para os botões negros da camisa do smoking dele.

– É uma bela pintura, de um jovem artista promissor.

– Permita-me? – Ele colocou a mão na cintura dela e gentilmente chegou-a para o lado, para que pudesse se aproximar da mesa e escrever seu lance. Mesmo depois que ele tirou a mão, ela sentia o calor de seu toque. Ela pegou uma caneta e entregou-lhe. Ele se curvou sobre a mesa para escrever o lance.

– Oi – disse a ruiva. – Você é Julie Rutledge.

– Isso mesmo.

A mulher era ainda mais resplandecente de perto. Ela se apresentou, embora depois Julie não conseguisse lembrar seu nome, porque na hora estava atenta demais à proximidade de Derek Mitchell e à marca da mão dele em sua cintura. Ela ficou desconcertada com aquilo e o odiou por causar-lhe esse efeito. Ela se detestava ainda mais.

– Eu conheci Paul Wheeler – a ruiva estava dizendo. – Nós trabalhamos juntos, num comitê, alguns anos atrás. Ele era realmente um cavalheiro.

– Sim, ele era.

– Minhas condolências. – A mulher sorriu gentilmente.

– Obrigada.

Derek passou a caneta a Julie. Ela pegou e segurou com força. Estava quente da mão dele.

– Não dê a caneta para mais ninguém – disse ele, sorrindo para ela. – Eu realmente gostaria de ficar com essa pintura.

– Você sempre pode aumentar o seu lance.

– Vou monitorar atentamente ao longo da noite. – Ele e a ruiva pediram licença e seguiram adiante.

Julie mal tinha recuperado o fôlego, quando Doug parou ao seu lado.

– Quando foi que você conheceu Derek Mitchell?

Ela se fez de boba.

– Quem?

– O homem com quem você estava falando. O advogado.

Julie deu uma olhada na direção de Derek e a ruiva.

– Aquele é Derek Mitchell? Eu não o conheci exatamente.

– Você pareceu amistosa.

– Ele deu um lance na pintura.

Doug inclinou-se, passando por ela, para ler o lance que Derek dera.

– Meu Deus. Acho que ele pode se dar ao luxo de nos recusar.

Julie também leu o lance e resfolegou quando viu que ele tinha triplicado o valor atual. Ela virou a tempo de ver suas costas largas sumindo na multidão. Continuando a se fazer de boba, ela disse:

– O que quer dizer com recusá-los?

– Depois de pensar cuidadosamente, ou assim ele disse, ele concluiu que não poderia nos representar.

– Ele disse o motivo?

– Ele disse que estava ocupado demais.

– Ah.
– Mas ele estava mentindo.

Ninguém superou o lance de Derek Mitchell para a pintura. Quando os participantes vencedores de todos os itens foram anunciados, ao final da noite, a multidão o aplaudiu, e ele agradeceu com um modesto aceno. A ruiva ficou na ponta dos pés e beijou-lhe o rosto.

Logo depois que os anúncios foram feitos, houve um estampido em direção às portas. Julie seguiu na direção oposta. Um funcionário do local ajudou a carregar a pintura até uma despensa, onde ela a recolocou num engradado elaborado para transportar a tela em segurança.

Felizmente, um serviço de transporte havia sido contratado para entregar todos os itens que não poderiam ser transportados pelos novos donos, liberando Julie de ter de entregar a pintura pessoalmente a Derek Mitchell.

Até a hora em que ela passou pela sala principal, as únicas pessoas que ainda estavam no prédio pertenciam à equipe de limpeza, que rapidamente desmontava o cenário de faz de conta. Não havia ninguém na área da recepção do prédio, nem no corredor que passava por salas vazias de reunião em direção ao elevador que conduzia à garagem, onde ela estacionara na chegada, em vez de esperar numa longa fila pelo manobrista.

Ela sentiu um frio na barriga ao se aproximar do elevador e apertar o botão de subida. Quando o elevador chegou, hesitou antes de entrar. Mas entrou, dizendo a si mesma que estava sendo tola. Ela não podia passar o resto da vida evitando elevadores.

No entanto, seu coração estava disparado quando o elevador chegou ao andar da garagem, onde ela havia deixado o carro, e as portas duplas se abriram. Não havia ninguém ali. Certamente, ninguém de óculos escuros e uma máscara de esqui com uma boca de tubarão bordada.

Ela saiu e seguiu em direção à rampa. O teto era baixo, as luzes eram fracas. Não havia ninguém por perto, portanto, seus passos soavam extraordinariamente ruidosos.

Então, ela ouviu um clique metálico. Parou e virou na direção de onde o som viera. Aquele canto da garagem estava completamente escuro e parcialmente encoberto por um pilar de concreto, grande o suficiente para esconder um homem.

Grande o suficiente para esconder o homem que acendeu o isqueiro e deixou a chama acesa rapidamente, antes de fechar a tampa e apagá-la.

Julie instantaneamente percebeu que tinha sido pega no papel de dama em apuros.

– Essa cena não é meio clichê, mesmo para você, Creighton? – A voz dela ecoava no vasto espaço vazio. – Já esteve em filmes demais. Uma vítima sozinha, num estacionamento escuro e deserto? Ora, vamos – debochou ela. – Isso não é digno de você.

O isqueiro acendeu novamente, ficando aceso por vários segundos, depois apagando com o tilintar do metal.

Era uma ação comum, no entanto o cenário de terror era eficaz. Ela não podia

acreditar que Creighton fosse saltar da escuridão para atacá-la. Ele só estava tentando assustá-la, dando o troco por ela ter aparecido na boate, na noite anterior, punindo-a por pegá-lo admirando o próprio reflexo no espelho. Estava meramente representando numa cena assustadora para enervá-la.

Será?

Até agora, ele tinha se safado em ter mandado matar Paul. Isso talvez o fizesse se sentir invencível. Creighton já estava confiante de que as regras não se aplicavam a ele; o sucesso do assassinato de Paul talvez o tivesse deixado negligente, desejoso, até ávido para praticar sua própria matança, em vez de ter alguém fazendo isso por ele.

E ele tinha todos os motivos para querê-la morta.

Subitamente, ela ficou com muito medo. Destrancou a porta do carro com o controle remoto e entrou rapidamente, trancando a porta do motorista assim que a fechou. O ronco do motor reverberou nas superfícies de concreto. Seus pneus cantaram quando ela deu ré e seguiu rumo à saída. Passou pelo canto escuro sem se permitir olhar naquela direção, mas, de canto de olho, viu a pequena chama azul e amarela apagando e acendendo, numa sequência provocadora.

Ela desceu a espiral até a rua com tanta velocidade que estava tonta quando parou para pagar o atendente. Ao sair na avenida, olhou pelo retrovisor. Ninguém a seguira.

Suas mãos estavam frias e suadas, enquanto ela segurava o volante. Os ombros queimavam de tensão. Creighton adoraria saber que a deixara abalada. Mas ele não sabia, sabia? Ela não entrara em seu joguinho tolo. Havia debochado dele, depois ido embora. Rapidamente, sim, mas ela acreditava não ter aparentado medo. Ele não tinha como saber o quanto a enervara, e isso era uma satisfação.

Mas quando chegou em casa, ela descobriu que, no fim das contas, era o alvo da piada.

Sua primeira indicação de que algo estava errado foi quando a porta da garagem não funcionou. Ela saiu do carro e usou a chave para entrar pela porta da frente. Quando acendeu o interruptor, nada aconteceu. Mas a falta de luz era apenas em sua casa. As luzes estavam acesas nas casas vizinhas.

Julie foi tateando o caminho até a mesinha do corredor, onde guardava uma lanterna na gaveta. A pilha ainda estava boa, mas a luz era fraca, e ela não viu o banco antes de trombar nele, o que a fez cambalear.

O banco geralmente ficava posicionado junto à parede, de frente para a mesa. Agora estava atravessado no meio do foyer.

Faltar luz era uma coisa. Ter um móvel fora do lugar era outra. Ela tinha certeza absoluta de que não o colocara ali.

Teria a casa sido assaltada? Pior, o ladrão ainda estaria ali dentro? Seu instinto foi de virar e sair correndo pela porta da frente, enquanto ligava para a emergência pelo celular.

Mas ela ordenou a si mesma que se mantivesse calma. Antes de tirar conclusões precipitadas ou dar espaço à histeria, ficou totalmente imóvel, ouvindo, em busca de

algum som. Não ouviu nada além da pulsação dentro de seus ouvidos.

Chegando o banco para o lado com o joelho e seguindo cautelosamente adiante, ela direcionou a lanterna para a sala de estar, depois à sala de jantar, mas nada parecia ter sido mexido ali. Tudo parecia estar no lugar. Certamente não havia sido saqueada.

Mirando a luz para o chão, ela notou que a franja no final de cada passadeira sob seus pés estava arrumada, intocada, desde que sua empregada tinha arrumado. A probabilidade de um intruso deixar a franja do tapete intacta era altamente remota.

– Maldito. – Ela sussurrou, referindo-se a Creighton. Ele tinha feito isso com ela. Fizera com que sentisse medo em sua própria casa. Ele a fizera temer um banco comum, quando era quase certo que sua empregada o teria tirado do lugar para varrer o corredor e simplesmente se esquecera de recolocá-lo no lugar certo.

Usando o foco de luz para guiá-la, ela seguiu até o quarto. Na soleira da porta hesitou, depois passou a luz pelo quarto. Sem dar falta de nada, ela entrou e foi seguindo em direção ao armário, quando ouviu um som na frente da casa.

Toda a confiança restabelecida sumira com a volta do medo.

Julie apagou a lanterna e abaixou no chão. Na escuridão total ela rastejou até a lateral da cama, apalpando cegamente embaixo, à procura da pistola que Paul tinha prendido na lateral da cama com fita adesiva.

Ela encontrou-a e puxou, até que a arma se soltou. Tateando cegamente, ela arrancou a fita. O revólver dava a sensação de peso e frio em sua mão, algo estranho, mortal. Está carregado, mas é só uma precaução de segurança, eu deixei dois buracos vazios, Paul lhe dissera. Ela podia ouvi-lo enfatizando que ela teria de apertar o gatilho três vezes, antes que a pistola disparasse uma bala.

Ela começou a suar frio. Respirava puxando lufadas insuficientes de ar. O medo que sentira no estacionamento tinha se avolumado mil vezes, agora que percebera que a casa tinha sido aberta. Naquele momento ela compreendia o quanto era vulnerável.

Apertando os lábios, forçou-se a respirar pelo nariz, para que sua respiração ofegante não fosse ouvida. Seu coração estava disparado, conforme se arrastava no chão até chegar a um canto. Segurando a pistola com as duas mãos, ela mirou na porta, bem na hora em que uma silhueta apareceu, uma sombra mais escura que as outras.

– Fique onde está!

Sem ligar para seu grito de alerta, a figura entrou no quarto.

Ela apertou o gatilho.

CAPÍTULO 13

O buraco vazio clicou ruidosamente.

– Julie?

– Estou falando sério!

Ele deu um passo à frente. Ela apertou o gatilho novamente. Outro clique vazio.

– Da próxima vez você vai morrer!

– Julie, sou eu.

Ela engoliu o choro de alívio. Trêmula, abaixou a pistola no chão e soltou-a, depois encolheu os joelhos junto ao peito e pousou a cabeça sobre eles.

– Você está bem? – Derek seguiu o som da respiração ofegante até o canto e agachou ao lado dela. Ele tocou a parte de trás de sua cabeça. – Você está ferida?

– Não.

– Sua porta da frente estava aberta. Por que todas as luzes estão apagadas? O que aconteceu?

Ela soltou uma gargalhada quase histérica.

– Eu quase atirei em você.

– Por que você está no escuro?

– Não tem luz.

– Onde é seu quadro de luz?

– No closet. Atrás de você, à direita. Eu soltei a lanterna no chão, perto da porta.

Sem conhecer o quarto, ele foi esbarrando nas coisas para atravessá-lo. E encontrou a lanterna. Seu foco passava pelo quarto, enquanto ele seguia em direção ao closet. Ela ouviu o barulho dos cabides, o rangido da porta metálica do quadro de luz. Momentos depois, a luz voltou. A claridade súbita feriu-lhe os olhos, e levou um momento para que a visão se ajustasse. A essa altura, Derek já estava ajoelhado ao seu lado novamente.

– O fusível estava desarmado. Provavelmente houve uma queda de energia.

– Acho que sim.

Ele viu a pistola.

– Você realmente quase me matou.

– Quase.

– Você está machucada? – perguntou ele novamente.

Ela respondeu sacudindo a cabeça.

– Quer me contar o que está acontecendo?

– Eu vim pra casa. Estava sem luz. Eu... me apavorei. – Ela contou sobre o banco no foyer. – Achei que talvez a casa tivesse sido arrombada e o ladrão ainda estivesse aqui.

– Por que não saiu e ligou para a polícia?

– Ainda bem que não liguei. Já me sinto tola o bastante por isso.

Ela tentou se levantar, mas seus joelhos estavam bambos. Ele a segurou pelos cotovelos e ajudou a ficar de pé.

– Obrigada. – Sentindo-se ridícula, ela passou por ele. – Com licença. Preciso de um

pouco de água.

No banheiro, ela encheu um copo de água da torneira. Enquanto bebia, algo chamou sua atenção no espelho. Ela baixou o copo lentamente, depois virou e olhou para o baby-doll de renda pendurado no gancho atrás da porta. Ela não se lembrava da última vez que o vestira, mas não tinha sido recentemente. Certamente não tão recente para estar pendurado na porta do banheiro, em vez de dobrado na gaveta da cômoda.

– Está tudo bem? – Derek enfiou a cabeça na porta. Depois de dar uma olhada no rosto dela, sua expressão mudou. – O que foi?

– Isso não deveria estar aqui. – Ela gesticulou na direção do baby-doll, enquanto chegava Derek para o lado, para que pudesse passar pela porta. Enquanto ela estava em pé, no meio do quarto, seus olhos varriam tudo freneticamente.

– O que quer dizer com não deveria estar ali?

– Exatamente o que eu disse. – Ela procurou por alguma coisa, qualquer mínima coisa fora do lugar.

– Não é seu?

– Sim, mas eu não uso há... nem lembro quando foi a última vez que usei.

Ela rapidamente deixou o quarto e seguiu pelo corredor, até o quarto de hóspedes. Acendeu a luz e deu uma olhada rápida, para ver se algo estava diferente.

Na sala, no entanto, ela viu algo que lhe escapara antes, quando só tinha a iluminação da lanterna. Na mesinha de canto, um livro estava aberto, virado para baixo. Seu marcador estava ao lado, não entre as páginas, onde era seu lugar.

Derek se aproximou por trás dela.

– O que foi?

– Eu nunca deixo um livro virado pra baixo daquele jeito. Estraga a lombada. Meu pai amava livros. Ele era muito rigoroso quanto à forma com que eram manuseados. Ele me ensinou a nunca... – Ela se virou de frente para Derek. – Eu sempre uso marcadores.

Sem esperar que ele respondesse, ela se apressou até a cozinha e imediatamente viu que vários itens da bancada haviam sido deslocados. O livro de culinária, que ficava num suporte, estava fechado. Ele sempre ficava aberto, porque ela gostava da fotografia. Uma garrafa de vinho havia sido aberta, mas deixada intocada.

O mais gritante foi a prateleira de ferro, onde ela deixava seus panos de prato de bar. Ela e Paul tinham comprado num brechó de Paris logo depois de se conhecerem. Ela não era meticulosa quanto à forma que ficavam pendurados. Na verdade, até gostava de vê-los como se fossem usados frequentemente, pois eram. Agora estavam perfeitamente dobrados na prateleira, com todas as bordas alinhadas.

– Ele esteve aqui.

Ela não percebeu que dissera as palavras em voz alta, até que Derek pegou-a pelos ombros e perguntou, baixinho:

– Julie, do que você está falando?

Abanando o braço na direção da prateleira de panos, ela gritou:

– Você não está vendo? É como naquele filme.

Derek virou e olhou-a, perplexo.

– O quê? Que filme?

Ela se soltou dele e seguiu andando.

– Agora você precisa ir. – Voltando ao quarto, ela abriu uma gaveta da cômoda e começou a juntar peças de roupa. Depois pegou uma mochila no armário e jogou as coisas dentro.

– O que você está fazendo? – Derek estava em pé no portal, observando, intrigado.

– Não vou ficar aqui essa noite. Não posso ter certeza se a luz não vai acabar novamente. Até que eu possa fazer com que a companhia de eletricidade venha verificar, não quero ficar aqui. – Aquilo pareceu uma desculpa plausível para ir embora, quando, na verdade, sua desculpa era dupla. Medo, primordialmente. E o conhecimento insustentável de que Creighton havia violado sua casa. – Dá pra sentir o quanto está esquentando sem o ar-condicionado ligado. Então, eu simplesmente...

Derek pegou seu braço e a virou de volta, novamente de frente pra ele.

– O que está realmente acontecendo?

– Eu lhe disse. Eu...

– Julie.

Ela arfava aceleradamente pela boca e sabia que, se sua expressão estava transparecendo a apreensão que sentia, seria inútil mentir.

– Ele esteve aqui.

– Quem?

– Creighton.

Ele ponderou a respeito.

– O que a faz pensar isso?

Ela deu uma olhada em volta, procurando por provas de uma invasão, mas percebendo que ninguém notaria os sinais sutis, exceto ela mesma.

– O banco. Ele tirou do lugar. E as outras coisas. O baby-doll na porta do banheiro. – Ela esfregou os próprios braços, odiando a ideia de que as mãos dele haviam passado por sua lingerie. – Eu não abri aquela garrafa de vinho. O livro na sala. Eu jamais o deixaria daquele jeito. Os panos de prato.

– Sua empregada...

Ela sacudiu a cabeça.

– Foi Creighton. Teve um filme. Não consigo me lembrar do título. Julia Roberts forja a própria morte para fugir do marido abusivo. Mas ele a encontra, e quando ele a encontra, ele... ele... alinha os panos de prato. Ele tinha um negócio, uma paranoia de controle. Quando ela viu os panos...

Ela parou, percebendo o quanto estava parecendo desequilibrada. Respirou fundo e controlou a voz trêmula.

– Eu lhe pedi que fosse embora. O que ainda está fazendo aqui? O que veio fazer aqui, pra começar?

Ele ignorou as perguntas.

– Você tem certeza de que alguém entrou?

– Absoluta.

Ele a observou por um momento, depois disse, calmamente:

– Você deveria ligar para a polícia.

Ela sacudiu a cabeça.

– Se não estiver disposta a fazê-lo, eu faço.

Quando ele pegou o telefone celular, ela agarrou sua manga.

– Não ligue para a polícia.

– Mas se você desconfia que sua casa foi arrombada...

– Eu não desconfio. Eu sei.

– Dá pra saber se algo foi levado?

– Ele não invadiu para roubar. Ele entrou para me mostrar que podia.

– Creighton?

Vendo a dúvida nos olhos dele, ela girou se afastando e entrando no banheiro.

Derek a seguiu até a porta.

– Eu aconselho a não tocar em nada até que a polícia tenha tido a chance de investigar.

– Não me ouviu, Dr. Mitchell? Não tenho a intenção de registrar isso. Não acredita em mim. Por que eles deveriam?

– Eu não disse que não acredito em você.

– Não precisa acreditar. De qualquer forma, eu não vou ligar para a polícia. Não há provas de invasão. Eles me achariam uma maluca.

– Se houve um invasor, isso deve ser registrado.

– Então, você registra – estrilou ela, e começou a arrancar os grampos dos cabelos, soltando-os na mesinha do banheiro. – Você passa o resto da noite numa delegacia de polícia, respondendo a perguntas, contando e recontando sua história. Eu fiz isso tudo naquele dia em que Paul foi morto. E desde então, faço quase todo dia. Não me levou a lugar algum. Não farei novamente. – Ela soltou e sacudiu o coque que tinha na nuca e acrescentou: – Não darei esse gostinho a ele.

Ela pegou alguns objetos de higiene pessoal e os levou para o quarto, colocando na mochila. Fechou o zíper, pegou a mochila e gesticulou para que Derek fosse para a porta.

– Eu o acompanho até lá fora.

– Para onde você vai?

– Para um hotel.

– Quer mudar de roupa primeiro?

Ambos ainda estavam com roupas da noite, embora o colarinho da camisa dele estivesse desabotoado e sua gravata-borboleta aberta, pendurada sobre o peito. Ela estava indiferente em relação à própria aparência.

– Não, eu vou assim.

– Eu te levo.

– Por que levaria?

– Não está em condições de dirigir.

– Estou ótima.
– Está tremendo.
Ela percebeu que estava. Seu medo, agora acrescido de raiva, a fazia tremer.
Derek passou ao seu redor e pegou a pistola do chão.
– Você tem porte para andar com isso?
Ela tirou a arma dele e enfiou-a entre o estrado e o colchão.
– Essa não é uma arma de brincadeira – frisou ele.
– Paul me deu e insistiu que eu a guardasse à mão. Sua fortuna o tornava alvo de sequestro. Ele ficava paranoico a respeito, temendo que alguém tentasse chegar a ele me ferindo.
– Quantos buracos foram deixados vazios?
– Dois.
– Que sorte a minha.
– E a minha. Se tivesse atirado em você, eu não teria escolha a não ser passar o resto da noite na delegacia de polícia.
Parecia algo ridículo trancar sua casa, mas ela o fez. O carro de Derek estava estacionado junto ao meio-fio.
– Estou mais calma agora – disse ela. – Perfeitamente capaz de dirigir.
Ele sacudiu a cabeça.
– Você poderia me seguir, apenas para garantir que eu chegue em segurança ao meu destino.
– Eu vou dirigir. – Para acabar com a discussão, ele pegou a mochila dela.
– Vou ligar para Kate, de manhã, e pedir que ela me leve para casa.
– Parece um plano.
Ele a colocou no banco do passageiro, jogou a mochila no banco de trás, contornou o carro e entrou. Eles seguiram por várias quadras em silêncio, depois ela repetiu a pergunta.
– O que estava fazendo em minha casa?
– Eu precisava falar com você.
– Sobre o quê?
– Você confrontou Creighton numa boate ontem à noite?
– Ah.
Ele olhou pra ela.
– Isso é um sim?
– Não estou admitindo nada.
– Muito sensato de sua parte.
Ela lançou um olhar direto.
– Essa noite, Doug me disse que você se recusou a representá-los.
– Recusei.
– Ele disse que o motivo que você deu foi estar ocupado demais para pegar novos clientes. Mas ele duvidou.
– Duvidou e não aceitou. Sei disso porque ele depositou o valor dos meus honorários

na conta da empresa essa tarde. Ele fez isso por depósito eletrônico, deixando um registro de um quilômetro.

– Então, até que você possa devolver seu dinheiro...

– Sou o advogado publicamente. Ao menos, a firma é. O efeito é o mesmo. – Ele parou num cruzamento e olhou para ela. – O que significa que ainda somos um conflito.

O olhar dos dois ficou fixo por alguns instantes, depois ele arrancou com o carro.

– Sendo esse o caso – disse ela –, por que você veio até minha casa?

– Eu não quis ligar.

– Por causa dos registros telefônicos?

Ele sacudiu os ombros.

– Não custa ter cuidado. Só pra garantir. De qualquer forma, depois de seu encontro com Creighton, ontem à noite, ele veio até minha casa sem ser convidado. Fiquei muito zangado e disse isso a ele. Ele estava espumando pela boca. Acusou-a de tê-lo espreitado, disse que você está sofrendo de estresse pós-traumático, que pode ser um perigo para ele.

– Isso é um absurdo.

– Você o seguiu?

– Não.

– Simplesmente apareceu naquele bar, especificamente, naquela noite, especificamente, naquele horário específico e, de repente, nossa, lá está o Creighton, seu castigo.

Ela olhou pela janela do passageiro.

– Eu sei que ele vai à Christy's e lugares parecidos. Fui a vários antes de encontrá-lo lá.

– Por que queria vê-lo?

– Para dar-lhe uma sacudida.

– Bem, você teve êxito. Ele queria que eu providenciasse uma ordem restritiva contra você. Eu vim até sua casa para dar um alerta.

Ela virou de volta para ele.

– Quer dizer, uma ameaça.

– Não, um alerta, Julie. Essa conversa de ordem restritiva é lunática, mas há outros advogados que o fariam só pra tirar um dinheiro de Creighton.

– Com a mesma facilidade, eu poderia pedir uma ordem contra ele – disse ela. – Ele estava me esperando no estacionamento da garagem quando deixei o leilão essa noite.

– O quê?

– Ah, sim. Muito assustador. – Ela contou o que havia acontecido, acrescentando, amargamente: – Acho que para seus joguinhos doentios, invadir minha casa não foi um revide suficiente.

– Você o viu?

– Na garagem? Não. Mas sei que era ele. Ele copiou outra cena de filme. Ele tem uma obsessão por filmes.

– É, eu sei. Já ouvi dele algumas citações. Parece uma enciclopédia cinematográfica

ambulante.

– Ele é obcecado. A cena da garagem poderia vir de vários filmes, mas, por causa do isqueiro, acho que era Todos os homens do presidente.

– Garganta profunda.

– Você conhece o filme?

– Aula de história americana.

– Meu pai usou isso como uma lição na administração Nixon. Ele era professor.

– História, segundo grau.

Ela olhou-o, surpresa, depois estreitou os olhos.

– Como sabe disso?

Ele parou o carro do outro lado da rua, em frente a um hotel-butique que ficava a duas quadras da Peachtree, desligou o motor e virou de frente para ela.

– Vamos esperar um minuto, antes de você entrar. Ver se alguém está te seguindo.

– Ninguém está me seguindo – disse ela, zangada. – Responda a minha pergunta. Como sabe o que meu pai fazia para ganhar a vida?

– Eu mandei o investigador da firma fazer uma checagem.

Ela ficou furiosa.

– De mim? Por quê? Temendo que eu tivesse alguma doença venérea? Você poderia ter simplesmente perguntado.

– Julie...

– E o que mais você descobriu nessa checagem?

– Que você fez pós-graduação em Paris. Depois se casou com um artista malsucedido.

– Que me batia. – Vendo a expressão dele mudar, ela riu. – Ah, seu investigador não viu isso? Que pena. Essa é a parte suculenta.

– Quer me contar?

Os olhos dele estavam fixos no rosto dela, ele falou baixinho, com uma postura totalmente convidativa.

– Por que não? – disse ela, frivolamente. – Você só mandaria seu cão de caça dar mais uma fungada e ele poderia perder algo realmente saboroso. Não vai querer que isso aconteça.

Pingos pesados de chuva começaram a bater no para-brisa. Batiam no vidro como pingos de tinta transparente.

– Eu estava em Paris havia quase um ano quando conheci Henri. Ele era um artista em dificuldades, sem um tostão e torturado pela insegurança. Disse que eu seria sua musa. Durante os piqueniques com pão e vinho, ele falava poeticamente, sobre como a beleza e a pureza de minha alma o inspirariam a pintar grandes obras. – Ela sorriu enviesado. – Até sons de entranhas parecem melódicos ditos em francês. Tudo era muito romântico, boêmio e apaixonante.

"Nós casamos. Eu trabalhava na galeria, enquanto ele pintava. Depois, ele começou a beber mais que pintar. Trazia para casa amigos igualmente bêbados. Eles abrandavam sua alma torturada e ajudavam a afastar sua insegurança. Eu tinha opiniões bem menos elevadas sobre eles.

"O encanto de nosso romance logo desbotou. Nosso estilo de vida começou a ser menos boêmio e mais abatido. E sua paixão deixou de ser a pintura, e sim abusar de mim. Só verbalmente, mas nossas brigas eram ferozes. Elas me deixavam fraca e machucada, como se tivessem sido físicas."

Sempre que Julie pensava naquela época não conseguia se colocar naquela situação. Sua lembrança era capaz de remontar o palco, mas ela não conseguia se ver atuando nas cenas espalhafatosas. Era tão estranho para sua vida agora, parecia um terrível pesadelo que outra pessoa havia sonhado.

– Dormindo com o inimigo – disse ela, baixinho. – Esse era o título do filme que eu não conseguia lembrar. – Mais pingos batiam no para-brisa. Maiores. Mais ruidosos. Mais molhados. – Um dia, eu cheguei em casa, do trabalho, e peguei Henri na cama com outra mulher, uma daquelas porcas bêbadas que ele mantinha por perto para ajudar em sua autoconfiança. Parece que ela era uma musa mais compassiva.

"Mas, claro, ele insistiu que eu estava errada. Se eu tivesse dado mais apoio, não fosse tão exigente, nem tão crítica..." Ela parou, fazendo um gesto de impotente. "Você já entendeu. Eu que levei a culpa por ele ser um alcoólatra, adúltero e fracassado. Quando argumentei sobre isso, ele me bateu."

De canto de olho, Julie viu a mão de Derek formar um punho fechado.

– Só uma vez – disse ela –, mas foi o bastante. Chamei a polícia e ele foi preso. Depois eu retirei a queixa, mas entrei com o pedido de divórcio. Ele se recusava a acreditar que eu ia deixá-lo. Cheio de remorso, suplicou que eu o aceitasse de volta. Ele trabalharia, seria fiel, pararia de beber. – Ela respirou. – Não vou entediá-lo com os detalhes, Dr. Mitchell. Se os quiser, pode pedir ao seu investigador para cavar mais fundo. Para concluir, eu estava numa enrascada e com dificuldades para sair daquilo.

– Paul Wheeler veio salvá-la.

– Sim. – Ela se virou para ele. – Ele me tirou do emaranhado que minha vida tinha se tornado e me colocou num novo caminho. Mais alguma coisa que queira saber? – Ela esperava mais perguntas sobre seu casamento, ou Paul. Ele a surpreendeu.

– Por que você detesta Creighton com tanta intensidade?

– Você o conheceu, e precisa perguntar? Você gosta dele?

– Isso é irrelevante.

– Em meu ponto de vista, não é.

– Por que está tão certa de que ele invadiu sua casa essa noite?

– Por que está tão certo que não?

– Não estou. Eu não sei. Mas você parece convencida. Por quê?

Ela cruzou os braços, recostou na porta do carro e olhou-o.

– Achei que advogados nunca fizessem uma pergunta para a qual já soubessem a resposta.

– Isso é só em acareação.

– É o que isso está parecendo.

– É?

– Sim.

Ele não afrouxou.

– Você desgostou de Creighton desde o momento em que o conheceu?

– Sim, mas Paul tinha me falado coisas a respeito dele, então eu estava preparada para não gostar dele. Ele fez jus às minhas baixas expectativas.

– Não houve algum episódio específico que a colocasse contra ele?

Ela inclinou a cabeça.

– Que pergunta é essa, Dr. Mitchell? Uma para a qual tem a resposta, ou não?

– Isso é curiosidade.

– Não acredito em você.

– Não? Droga. – Ele sorriu e disse, num tom adulador: – Eu tenho um rosto tão honesto.

– Detesto desiludi-lo, mas seu sorriso não tem nada de honesto. É o sorriso de um jogador profissional com quatro ases na manga.

Ele riu.

– Já fui alvo de insultos piores. Você está vestindo preto pelo luto?

A súbita mudança de assunto pegou-a desprevenida. Algo que ele notou e aproveitou.

– Todas as vezes que a vi, você estava de preto. No avião, conjunto preto. Exceto pela blusa. Marfim. Com botões de pérola. Pequenos botões redondos de pérola.

Ao lembrar a pressa com que abriu os botões, ela sentiu o rosto corar.

– Em sua galeria, vestido preto. E novamente essa noite. – Os olhos dele passaram ao decote V e voltaram. – Provocante e sexy, mas ainda preto. É por causa de Wheeler?

– É porque gosto de vestir preto.

– Você fica bem. Estava se destacando essa noite em meio a tanta cor.

– Como verde-esmeralda. – Ela hesitou, depois disse: – Por falar nisso, a dama é adorável.

– Sim, ela é.

– Ela sabia que você vinha à minha casa depois de deixá-la?

– Não.

Os momentos se passaram e o clima dentro do carro mudou. Houve uma modificação no ar. Ou melhor, em tudo. Parecia tudo sufocante e imóvel.

– Melhor eu entrar. – Mas mesmo depois de colocar a mão na maçaneta, ela não abriu a porta. Agora chovia muito. Do outro lado da rua, o porteiro do hotel havia entrado no lobby para abrigar-se. – Já ouvi falar desse lugar, mas nunca estive lá dentro.

O logo no toldo trazia as letras CH entrelaçadas em dourado. Coulter House havia sido o nome original da propriedade construída no último século. Alguns anos antes, investidores a converteram em um hotel exclusivo e de luxo que atendia pessoas com cartões platina.

– É bacana – disse Derek. – Pequeno, porém, elegante. Serviço excepcional. – Percebendo seu olhar inquisitivo, ele acrescentou: – Hospedo clientes de fora da cidade aí.

Raios foram seguidos de trovões. Eles olhavam a tempestade passando pelo céu e ouviam a chuva bater no teto do carro, mas nenhum dos dois se mexeu, nem disse

nada, por vários minutos. Os vidros começaram a embaçar. Depois de um tempo, ele perguntou:

– Você reconheceu o homem na fotografia?

– O homem no lobby do Moultrie? Não. Nem quando o vi no conjunto mais recente de fotos.

– Há um conjunto? – disse ele. – Eu só vi uma.

– Ele apareceu nos vídeos de segurança nos dias que antecederam ao roubo. – Ela contou sobre Kimball e Sanford levando as fotos à galeria naquela manhã. – Uma das fotos está razoavelmente clara, mas, mesmo assim, eu não consegui saber quem é o homem. Nem Doug ou Sharon o reconheceram.

– Creighton também não.

– Você acredita nisso?

– Eu mesmo mostrei-lhe as fotos, Julie. Estava observando o rosto dele para uma reação, e sou bom em detectar reações. Ele não teve uma.

– É claro que não teve! Ele sabia que você estava em busca de uma. Não vê? Ele interpreta papéis. Ele...

Ela se conteve. No momento, ele era o advogado de Creighton. E já estava imaginando se suas alegações contra o sobrinho de Paul eram fruto apenas de uma aversão intensa ou por que outro motivo teria perguntado a respeito?

– As emissoras de TV iam mostrar a foto do homem no noticiário dessa noite – disse ela.

– Talvez isso faça surgir algo.

– Talvez. Enquanto isso, os investigadores saíram por outra tangente.

– Qual?

– Que fui eu quem armei para que Paul fosse morto no elevador. – Quando ele não disse nada, ela perguntou: – O gato comeu sua língua?

– É. Estou sem palavras. Por essa, eu não esperava.

– Nem eu.

– Que diabo fez com que eles tivessem essa ideia?

Ela contou sobre desafiar o ladrão.

– Aparentemente, como não caí de joelhos imediatamente, estou no topo da lista de suspeitos.

– Por que não ajoelhou?

– Eu estava procurando por Creighton por trás dos óculos de sol e da máscara.

– Não era ele.

– Quantas vezes já ouvi isso?

Outro silêncio se estendeu entre eles, o que apenas enfatizou a ferocidade da tempestade. Ele finalmente disse:

– Quando recebo minha pintura?

– Será entregue amanhã. Não vale nem perto do que você pagou, você sabe.

– É um investimento.

– Talvez tenha que esperar anos para ter retorno.

Ele continuou indiferente.

– O dinheiro foi para uma boa causa. Além disso, eu queria a pintura.

– Sendo ou não aprovada por sua amiga.

– Ela é minha amiga – disse ele, baixinho.

– Não é da minha conta.

– Então, por que você fica falando nela?

Ela não teve resposta para isso.

– Lindsay e eu nos conhecemos quando ela e meu melhor amigo do curso de direito ficaram noivos – disse ele. – Fui padrinho do casamento e sou padrinho do filho deles, Jackson. Logo depois que Jackson foi batizado, meu amigo morreu. De repente. Um acidente de carro, durante o horário de rush matinal, na 85. Ela e eu nos ajudamos a passar por aquilo e continuamos a contar com a amizade um do outro.

"Às vezes, como essa noite, ela precisa de um acompanhante seguro e inofensivo para um evento. E a razão por ela não saber que estou aqui com você é que, por mais próximos que sejamos, eu não sei como ela é nua, e nunca saberei."

Julie respirou fundo e soltou o ar lentamente.

– Bem, você certamente teve êxito em fazer com que eu me sentisse péssima. Era isso que estava tentando fazer, certo?

Ele fechou os olhos e, franzindo o rosto, apertou o osso do nariz.

– Sim, era isso que eu estava tentando fazer.

– Por quê?

Ele abaixou a mão e olhou pra ela.

– Porque nem uma única vez você se dirigiu a mim pelo meu primeiro nome, e eu realmente gostaria que o fizesse. Porque, desde agora, eu sou advogado dos Wheeler. Porque você acusou um deles de vários delitos, o que nos coloca em lados opostos de uma questão legal. Porque é inapropriado e antiético que estejamos sozinhos. Porque eu inventei um motivo para ir à sua casa, essa noite, apenas para que pudéssemos estar sozinhos. Porque estou tendo muita dificuldade em manter as mãos longe de você e tudo que consigo pensar é em você sob esse vestido.

Movendo-se como mola, ele foi ao outro lado do console e curvou a mão atrás do pescoço dela, sob seus cabelos, puxando-a para ele.

– Por que veio até mim naquele avião?

– Você sabe por quê.

– Eu sei o que você disse.

– Esse é o motivo.

– Nenhuma outra razão?

– Não.

– Você está mentindo.

Ele pousou a boca sobre a dela, depois esfregou os lábios, abrindo os dela, movendo a língua, e os ossos de Julie pareceram derreter.

O beijo foi profundo e sexual, de forma alguma conclusivo, mas um prelúdio, um prenúncio do que aconteceria, a menos que ela impedisse. Soltando-se, ela murmurou:

– Por favor, não faça isso comigo. Por favor, não faça. – Mas, ao mesmo tempo que sussurrava o pedido, os lábios dela se moviam em direção aos dele, querendo mais.

Eles se beijaram novamente, com as bocas ardentemente se fundindo. Ele passou os dedos no pescoço dela, depois sua mão deslizou até seu seio e o acariciou através do tecido do vestido. Ela choramingou um protesto, interrompeu o beijo e virou a cabeça de lado.

O polegar dele acariciou-a, instigando a reação esperada, que ela sentiu desde o mamilo até o útero, e isso a chocou, fazendo-a afastá-lo.

– Não, Derek!

Ele a soltou imediatamente e recostou em seu banco, olhando-a, sem entender, respirando ofegante.

– Bem, pelo menos, isso fez com que você dissesse meu nome.

Ela buscou a maçaneta da porta e abriu com força. Saiu com dificuldade, com as pernas embolando no vestido longo. A chuva parecia mil agulhas pinicando sua pele exposta. Seus cabelos instantaneamente ficaram encharcados. Ela abriu a porta de trás e pegou a mochila.

– Obrigada pela carona.

Derek observou-a atravessar a rua correndo, tropeçando no vestido até segurá-lo e erguê-lo até o joelho. O porteiro a viu chegando e correu para encontrá-la, com um guarda-chuva aberto. Juntos, eles entraram pela porta giratória.

Derek soltou uns palavrões. Teve vontade de ligar o motor e sair cantando pneu, mostrar-lhe o quanto estava zangado.

Seria uma atitude adolescente, mas ele se sentia inexperiente como um adolescente. Atracando-se no banco da frente e embaçando os vidros. Tirando um sarro por cima do console. Mas era mesmo muito suave. Era maduro.

Isso era sem sentido, isso sim.

Ele não podia acreditar que tinha recorrido a isso. Mas quando deu aquele resumo patético de suas frustrações sobre a situação, ele podia jurar que ela pareceu tão infeliz quanto ele, igualmente faminta por mais um gosto, outro toque.

Então, ele seguira seus instintos, saboreando e tocando, e nada o fazia acreditar que ela não quisesse. Ele não podia estar errado sobre isso. Duas vezes, não. No avião e essa noite, ela estava na dele, tanto quanto ele na dela. Amante morto ou não, ela o queria.

Ou ele era um tolo e ela era a grande armadora que Creighton disse ser? Ela aproveitou cada oportunidade para menosprezar o sobrinho de Paul, chegando até a acusá-lo de estar por trás do assassinato. Sem dúvida, Creighton era um filho da puta arrogante e condescendente, mas ele tinha sido condicionado a ser assim. Não dava para crescer tão rico, sem assumir um senso forte de direito.

Mas seria ele um criminoso? Um homem que assustaria uma mulher dentro de uma garagem e invadiria sua casa só para atormentá-la? Ele seria capaz de conspirar para que o tio fosse executado?

Uma coisa incomodava Derek. Até agora, o comportamento de Creighton tinha sido irritante, mas Derek não tinha motivos para acreditar que ele fosse digno de levar a culpa do crime. Enquanto Julie... Ele sabia, em primeira mão, o quanto ela era capaz de dualidade. Seria como Creighton havia dito? Seria ela uma mulher desprezada, que viu uma oportunidade de se vingar do homem que a rejeitara na piscina dos pais dele?

O argumento que podia ser levantado era que, se ela tivesse dado em cima do sobrinho de Paul Wheeler, com Wheeler por perto, ela não tinha qualquer remorso de transar com um estranho num banheiro de avião, menos de duas semanas depois que o caixão dele havia sido lacrado.

Na cabeça de Derek, as palavras de Creighton ecoavam. Ela treparia com um cachorro, se achasse que isso poderia beneficiá-la.

Ariel Williams ligou o número da linha especial três vezes e desligou. Ela pousou a testa na placa metálica perfurada do telefone público e secou as palmas das mãos nas pernas do jeans.

Não queria fazer isso. Ela não queria se envolver. Embora tivesse saído no meio da noite para encontrar um telefone público, para que a ligação não pudesse ser rastreada, tinha medo de que algum sistema extravagante, de alta tecnologia e satélites ou algo assim, pudesse levar a polícia direto até sua porta.

Ela não precisava de outro choque essa noite. Já tinha sofrido um enorme, quando apenas algumas horas depois da ligação de Billy, com sua respiração intensa, a foto dele tinha aparecido na tela de sua TV. Ela soltara a colher no pote de sorvete de chocolate; primeiro, pensando que seus olhos estavam lhe pregando uma peça. Seria ele tão inescapável que ela o imaginava em cada sombra e atrás de cada árvore?

A foto estava embaçada e o ângulo não era bom. Ele tinha feito algo estranho no cabelo. Suas roupas chamativas tinham sido substituídas por roupas comuns. Mas não havia a menor dúvida de que era Billy Duke. A polícia estava à sua procura, pela ligação a um roubo e tiro fatal, pedindo a qualquer um que tivesse informações para notificá-los imediatamente.

Ariel tinha ligado para Carol e compartilhado seu estado de alarme. Carol lhe pedira que não fizesse nada, pelo menos até pensar bem, e levasse em conta as consequências de se envolver.

– Ele agora é problema de outra pessoa.

Ela lembrara a Ariel dos trincos adicionais na casa, que acalmaram seu pânico, de certo modo. Mas não a sua consciência. Que a comia viva, até que ela não pôde mais suportar. Apesar do conselho de Carol, Ariel sabia o que tinha a fazer.

Então, ali estava ela.

Nervosa, ela deu uma olhada por cima do ombro, através do vidro imundo da cabine telefônica, uma das poucas que ainda restavam na cidade. Chovia torrencialmente e os raios eram ameaçadores. Cada vez que surgiam, ela se retraía. Havia poucos carros na rua. Não era uma noite propícia para sair, por motivo algum, independentemente do quanto fosse importante.

Mesmo depois que resolveu fazer o que sua consciência mandava, Ariel tentou convencer a si mesma a esperar até de manhã para ligar para o disque-denúncia. Até então, alguma outra pessoa já poderia ter identificado Billy. Talvez ela ouvisse no noticiário matinal que ele já fora preso e estava sob detenção policial, aliviando-a de todas as responsabilidades.

Mas e se ninguém o reconhecesse? Se ele estava envolvido na morte de Paul Wheeler, era seu dever cívico relatar o que sabia, e fazê-lo imediatamente. Wheeler fora um cidadão notável, um benfeitor generoso a inúmeras instituições de caridade. Ela não o conhecera, é claro, mas, segundo tudo que havia lido e ouvido a seu respeito, ele tinha sido um homem decente e muito respeitado. Mas, independentemente de quem ele era, ou quanto dinheiro possuía, ele não merecia ter morrido daquele jeito.

Ela vira aquela moça da TV, que estava com Paul Wheeler quando ele levou o tiro, e Ariel ficou de coração partido ao ver como ela estava arrasada por perder o homem que amara de um modo tão violento.

Dever cívico à parte, Ariel estava fazendo isso por essa pobre moça.

Ela se incentivou a discar o número.

Depois de apenas dois toques, a ligação foi atendida por uma policial que se identificou pelo nome, mas, fora isso, parecia bem entediada. Desde que a matéria fora veiculada, não havia como saber quantos malucos teriam ligado. Ela provavelmente esperava que Ariel também fosse um.

– É a pessoa com quem devo falar sobre o homem na foto? A que foi mostrada na TV, essa noite?

– Sim, sou eu. Seu nome, por favor?

– Você não precisa do meu nome.

– Será mantido em anonimato.

– Você não precisa do meu nome – Ariel argumentou, com sensatez. – Mas, se quiser o dele, eu posso lhe dar.

CAPÍTULO 14

Dodge estava recostado na parede, do lado de fora do tribunal, quando Derek surgiu. Ele parecia impaciente e necessitado de nicotina.

– O que demorou tanto?

– Eu tive que convencer meu cliente a aceitar o acordo que a promotoria estava oferecendo.

– Tempo de detenção?

– Mais de dois anos. – Eles entraram no elevador e suspenderam a conversa até que saíssem do prédio da corte superior, e Dodge já estava acendendo o cigarro. – O cara na foto da câmera de segurança, seu nome é Billy Duke.

– Quem disse?

– Ligação anônima. Mulher. Parecia jovem e nervosa. A ligação entrou depois de meia-noite e foi rastreada a um telefone público. Ninguém a viu, pois todas as lojas ao redor estavam fechadas àquela hora.

– Era uma moça solitária, querendo conversa, ou era pra valer?

– A maioria dos solitários liga de casa. Eles acham que era legítima. – Dodge tossiu e cuspiu no gramado estreito ao lado do prédio, depois deu outro longo trago no cigarro.

– E qual é o porém?

– Porém, o Departamento de Trânsito não tem a habilitação de nenhum Billy ou William Duke que se encaixe. Um William Wayne Duke aqui de Atlanta acabou sendo um cara de dezenove anos, negro. William S. Duke é branco. Mas tem oitenta e quatro anos. Nenhum dos dois é o cara da foto. Outro...

– Certo – disse Derek, interrompendo, sabendo que a informação de Dodge seria uma longa narrativa. – Então, onde estão os policiais, em termos de localizá-lo?

– Ainda estão procurando. Ele não está nos registros do condado, nem nas declarações de imposto de renda, apreensões, carteiras de motorista. Enquanto isso, Sanford e Kimball estão a caminho de encontrar os Wheeler e Julie Rutledge, para perguntar se eles reconhecem o nome, ou se alguma vez ouviram o falecido mencioná-lo.

– Improvável, já que não reconheceram o rosto.

Dodge sacudiu os ombros. Ele arremessou a guimba do cigarro e acendeu outro.

– Isso é jogar lixo na rua.

– Pode me processar. – Ele inalou, exalou, olhou para seu chefe. – Então, doutor, no que está pensando?

– Eu não sei. Achei que isso seria um fracasso total, que o cara naquelas fotos acabasse sendo um vendedor de sapatos de Cleveland, um cidadão sólido que podia até forjar seu imposto de renda, mas não mataria uma mosca, muito menos um homem, com um tiro à queima-roupa. Eu tinha seu perfil completo.

Derek passou a mão atrás do pescoço, depois pousou as duas mãos no quadril, como era inclinado a fazer quando se sentia frustrado.

– Agora, eu não sei. Poderia ser isso, o cenário do vendedor de sapatos. Poderia ser

uma síndrome de mulher solitária, uma solteirona torcendo para que algum jovem policial rastreasse a ligação e acabasse sendo o amor de sua vida.

– Poderia.

– Ou esse tal de Billy Duke pode ser o atirador.

– Você tirou as palavras da minha boca.

Derek pegou o celular e verificou se havia recados, depois ligou para o escritório. Enquanto estava tocando, Dodge perguntou o que queria que ele fizesse.

– Fique em cima. Avise-me, assim que você souber de alguma coisa. Ei, Marlene. – Derek acenou dispensando Dodge e foi seguindo pela calçada, na direção oposta, rumo ao estacionamento, onde deixara seu carro. – Ele pegou dois anos. Não, entra na coluna das vitórias. Poderia ter sido muito mais duro. Ouça, ligue para os Wheeler, por favor... É, ambos. A esposa também. Organize uma reunião no meu escritório. Quando? Assim que possível.

Julie ligou para Kate de manhã cedo, pedindo que ela viesse pegá-la para levá-la para casa, do Couter House, prometendo explicar quando ela chegasse. Kate ficou estarrecida quando a viu carregando o vestido formal que usara no evento beneficente.

– Não é o que parece – disse Julie, entrando no banco da frente do carro de Kate. – Eu juro.

Ela só contou à assistente que tinha faltado luz e que, apesar de brevemente restaurada, ela não confiava em ficar lá durante a noite.

– Pode ser um transformador danificado na vizinhança.

– Meu carro estava fazendo um barulho esquisito. Eu não quis correr o risco de ficar enguiçada no meio da chuva. Chamei um táxi.

Kate olhou-a desconfiada.

– Sua eletricidade e seu carro? Você está com um carma ruim.

Julie forçou uma risada.

– Só pode ser.

Ela desceu no meio-fio e disse a Kate que tinha algumas coisas a fazer antes de ir para a galeria, mas que, se precisasse, ela poderia ser contatada via fone. Já dentro de casa, ela ligou para a empregada, que era agendada duas vezes por semana, e perguntou se ela poderia vir hoje e trazer o marido para empurrar alguns móveis.

– Eu quero a casa totalmente limpa, virada do avesso. Todas as superfícies higienizadas.

O casal chegou em meia hora. Julie estava sentada junto à porta da frente, esperando por eles. Ela estava desconfortável com o fato de ficar em casa sozinha, sentindo a presença de Creighton como uma neblina úmida e fétida.

Enquanto a empregada e o marido dividiam o trabalho, organizando os suprimentos, Julie passou por cada cômodo à procura de irregularidades que talvez lhe tivessem escapado na noite anterior. Na sala de jantar, as pinturas da parede haviam sido trocadas. As poltronas da sala de estar estavam invertidas. Ela descobriu diversas mudanças sutis que só quem morasse na casa poderia notar.

Creighton havia sido muito esperto nesse sentido.

Sua piada mais evidente foi deixar um vibrador anatômico junto com um pacote de pilhas fechado e um folheto de instruções ilustradas na gaveta de sua mesinha de cabeceira. Aquilo foi repulsivo, mas ela ficou contente por ter seguido sua intuição e checado as gavetas, antes de passar o projeto de limpeza para a empregada.

Julie se reservou à tarefa de lavar todas as peças de roupa e recolher o que não pudesse ser lavado para levar à lavanderia. Estava terminando de fazer isso quando Kate ligou.

– Acabei de desligar o telefone com a investigadora Kimball. Ela e Sanford precisam vê-la.

– Quando?

– Assim que possível, segundo ela disse. Prometi avisá-la imediatamente.

– É sobre o quê?

– Ela não disse. Sugeri que viessem aqui. Pode ser? Fiquei de ligar de volta.

– Peça que eles me deem uma hora.

Os investigadores já estavam na Chez Jean quando Julie chegou, assim como seu advogado, para quem ela havia ligado logo que desligou com Kate. Felizmente, ele estava livre.

– Vocês já foram apresentados? – perguntou Julie.

Os investigadores murmuram olás desajeitados e trocaram cumprimentos com Ned Fulton, que lhe fora recomendado pelo advogado corporativo de Paul.

– Isso não é um interrogatório, Dr. Fulton – disse Kimball ao advogado. – Sua presença é desnecessária.

– Minha cliente não acha – respondeu ele, calmamente. – Não depois da alegação maliciosa que vocês fizeram ontem.

Kimball pareceu ofendida, mas não disse mais nada.

Sanford foi direto ao assunto.

– O disque-denúncia recebeu uma ligação ontem à noite – disse-lhes ele. – O homem da foto foi identificado como Billy Duke.

Ambos os investigadores, Kate e Ned Fulton viraram para Julie.

Sua reação foi erguer os ombros.

– O nome não significa nada para mim.

– Tem certeza? – perguntou Kimball.

– Não precisa responder – disse Fulton.

– Fico feliz em responder. Não conheço ninguém com esse nome.

– E Paul Wheeler, conhecia? – perguntou Kimball.

– Se conhecia, ele nunca mencionou a mim. Nunca ouvi esse nome.

– Um nome parecido, talvez? Bill ou William, primeiro nome ou sobrenome?

– Lamento, não – disse Julie. – Quem ligou para identificar o homem?

– Nós não sabemos. – Sanford pareceu infeliz em ter que admitir isso. – A mulher que ligou se recusou a se identificar.

– Mulher?

Kimball assentiu.

– Basicamente, ela disse que viu a foto na TV e conhecia o cara. Deixou o nome dele com a policial e desligou. Nós rastreamos a ligação a um telefone público, e um carro de patrulha foi imediatamente ao local, mas quando chegou lá, ela não estava mais. Não havia ninguém. A rua estava deserta.

Julie pensou a respeito por um momento.

– Será que poderia ter sido um trote?

– Possivelmente – disse Sanford. – Mas pareceu verdade para a policial que esteve atendendo trotes desde a veiculação na TV. Ela disse que a mulher parecia jovem e ligeiramente assustada. Falando rápido, sabe. Como se estivesse nervosa. Estamos acompanhando desde o amanhecer.

– E? – perguntou Ned Fulton.

– Até agora, nada – disse Sanford.

Kimball prosseguiu, relatando os esforços que estavam sendo feitos para encontrar Billy Duke, nenhum dos quais bem-sucedido.

– Vamos aumentar a abrangência da investigação, ver se aparece algo. Mesmo se o encontrarmos, não significa que seja nosso bandido.

Ned Fulton deu um passo à frente.

– A Srta. Rutledge disse que não reconhece o nome desse homem. Há mais alguma coisa?

Os investigadores silenciosamente consultaram um ao outro.

– Acho que é isso, por enquanto – disse Sanford. Olhando para Julie, continuou: – É claro que caso se lembre de algo...

– Quero encontrar esse assassino mais que o senhor, investigador. Se eu tivesse algo com que contribuir, acredite, eu o faria.

Quando eles se movimentaram para ir embora, Kimball, demonstrando seu lado mais humano, perguntou sobre o desfecho do evento beneficente.

– Foi bem-sucedido? A chuva afastou as pessoas?

– Por sorte, só começou a chover depois que terminou.

– Então, o resultado foi bom?

– Muito bom, sim.

– A pintura rendeu tanto quanto esperava?

Baixinho, Julie respondeu:

– Na verdade, bem mais.

Kimball sentou no banco do passageiro do carro sem marca. Sanford dirigia. Ela perguntou:

– Então, o que acha?

– Acho que esse caso está fodido.

– Esse é seu parecer profissional? É isso que irá dizer ao chefe, quando formos chamados para dar o relato de nosso progresso?

– Por que ela contratou um advogado?
– Você parece ranzinza.
– Não estou.
– Aumente o ar-condicionado. – Ele aumentou. Ela ajustou as saídas para soprar em cima dele. – Melhor agora?
– Por que ela contratou um advogado? – repetiu ele, mas em seu tom habitualmente mais brando.
– É a coisa inteligente a fazer – respondeu Kimball. – Você não contrataria?
Ele sacudiu os ombros, mais ou menos concordando que sim.
– Ela está sendo cautelosa. Isso não significa culpa.
– Também não significa que ela é inocente.
– Verdade. – Ela suspirou. – Mas estamos chegando lá, Homer. Para mim, é difícil achar que ela de fato tenha armado para que Wheeler fosse morto. A, eu acredito que ela era louca pelo cara. B, ela simplesmente não é o tipo.
– Qual é o tipo?
– O tipo que arranjaria uma morte daquelas.
– Você só acha isso porque ela é culta e se veste bem.
– E estamos considerando a possibilidade somente porque não temos nada melhor.
– Temos esse tal de Billy Duke. Bem, não temos. Droga, você sabe o que quero dizer.
– Sim. – Ela suspirou novamente. – Sei o que você quer dizer.
Sanford dirigiu por mais uma quadra, em silêncio, pensativo. Ao frear num sinal de trânsito, ele perguntou:
– Por que ela ficou toda retraída quando você perguntou da festinha ontem à noite?
Ela riu.
– Retraída? Essa é nova.
– Ela baixou o tom de voz. Desviou os olhos. Agiu meio retraída. Por que será?, eu me pergunto.
– Acha que ela está mentindo? Por que mentiria sobre um leilão beneficente, uma pintura?
– Mentindo, não especificamente, apenas...
Ele foi interrompido pelo toque do celular de Kimball.
– Segure a ideia. – Ela soltou o telefone do cinto e abriu. – Kimball. – Seus olhos desviaram imediatamente para Sanford. – Olá, Srta. Fields. Kate.
Sanford olhou-a tão depressa que seu pescoço estalou. Suas sobrancelhas se ergueram, inquisitivas.
Kimball ouvia e dizia:
– Ahã, ahã. Ahã. – Ouviu mais, depois. – Claro. Quando quer que a gente vá? Certo. Estaremos lá. – Ela fechou o telefone. – Ora, ora.
– A assistente de Julie Rutledge? Aquela Kate Fields?
– A própria. Ela precisa falar conosco sobre algo importante.
– Ela disse o quê?
– É. Você está certo. A chefe dela está se retraindo.

– Ele é adorável!

– Ela – corrigiu Derek. – Maggie.

– Oi, Maggie. – Sharon Wheeler inclinou-se e afagou atrás das orelhas de Maggie. – Nunca tive cachorro, mas eles sempre parecem gostar de mim.

Ela e Doug Wheeler tinham chegado ao escritório de Derek minutos antes, e ela logo gostou de Maggie. Doug havia apresentado Sharon e Derek no evento beneficente. Ela era bonita, de um jeito bem criado e numa boa embalagem, ao estilo sulista. Mas não havia substância para respaldar o belo exterior. Derek sentiu que ela ria mesmo quando não entendia a piada. Ele imaginou que ela tivesse passado pela vida se sentindo meio perdida, mas se tornara adepta a encobrir a incerteza com um charme hábil.

Derek também imaginava que Doug estava bem ciente da vacuidade da esposa, mas a amava mesmo assim. Sorrindo afetuoso, ele a observava afagando Maggie.

– Por que não arranjamos um cachorro?

Ela ficou radiante.

– Eu adoraria.

– Ah, a gangue toda está aqui. – Creighton entrou faceiro pela porta que Marlene segurava para ele. – Olá mãe, pai. Dr. Mitchell. – Ele bateu os saltos do sapato, saudando Derek, resoluto. – Conforme ordenado, eu estou me apresentando, doutor.

Derek teve vontade de dar-lhe um sopapo que o fizesse voar até a China.

– Você invadiu a casa de Julie Rutledge ontem à noite?

Seus pais irromperam em exclamações, mas Derek ignorou. Seu foco estava em Creighton. O jovem o encarou por alguns segundos, depois virou a cabeça para olhar atrás dele. Olhando de volta e imitando De Niro perfeitamente, ele disse:

– "Você está falando comigo? Está falando comigo?"

– Responda à pergunta.

Creighton conteve uma risada.

– Ah, você está falando sério. Eu estava certo de que estivesse brincando.

– Isso é a respeito de quê, Dr. Mitchell? – perguntou Doug.

Derek ficou observando o olhar plácido de Creighton por mais alguns segundos, depois virou-se para Doug.

– Deixa pra lá. Piada particular. O motivo por tê-los chamado aqui é para lhes dar um último conselho. Aconselhamento gratuito, porque vou devolver seu dinheiro. – Ele parou, depois disse: – Se algum de vocês conhecer esse cara da foto, que foi identificado como Billy Duke, deve dizer à polícia agora.

– Eu já disse a eles que não o conheço. Nem o rosto, nem o nome – disse Doug, queixoso. – Eu poderia ter-lhe dito isso ao telefone. – Ele pareceu incomodado por ter sido tirado do trabalho desnecessariamente.

– Eu não confio mais em nossas conversas telefônicas, Sr. Wheeler – disse Derek. – Queria vê-lo pessoalmente, para que não houvesse mal-entendido quanto ao que quero dizer. Apesar da grande soma em dinheiro que o senhor depositou em minha conta, eu não vou atuar como seu advogado. Nem em grupo, nem individualmente.

Sharon parecia confusa. Doug parecia afrontado. Creighton permaneceu impassível.

– Esse é o conselho gratuito? – perguntou Doug.

– Mais cedo ou mais tarde, a polícia irá rastrear esse tal de Billy Duke, sendo ou não seu verdadeiro nome. Pode ser que ele seja um cidadão modelo, perfeitamente inofensivo. Ou, ele pode ter ligação com a morte de seu irmão. Se ele tiver, se tiver tido quaisquer ligações com as Organizações Wheeler e vocês souberem disso, seria muito melhor para vocês abrirem o jogo para a polícia agora, em vez de terem de admiti-lo depois que eles tiverem feito a ligação.

Doug olhou para a esposa, que piscava vagamente, depois para Creighton, que disse:

– Eu disse aos dois investigadores, que interromperam minha massagem, por sinal, que nunca vi o cara, nunca ouvi falar de nenhum Billy Duke. – Ele fez uma careta. – Só esse nome de pião... quero dizer, por favor. E Duke é um nome do meio ou sobrenome? É Billy Duke Smith? Ou Billy Joe Duke?

Sharon deu uma risadinha.

Doug olhou o relógio.

– Eu tenho uma reunião. Isso é tudo, Dr. Mitchell?

Derek deu um passo à frente e estendeu a mão.

– Novamente, eu lamento muito pelo que aconteceu com seu irmão. Espero que eles peguem o culpado em breve. Boa sorte a vocês.

Doug apertou a mão dele bruscamente, depois cutucou Sharon em direção à porta. Creighton seguiu atrás deles.

– Preciso ter uma palavra em particular com você, Creighton.

Virando de volta, o jovem Wheeler pareceu que ia mandar Derek para o inferno. Depois ele sorriu agradavelmente.

– Tudo bem.

Doug não conseguiu esconder sua preocupação.

– Palavra em particular sobre o quê?

– Uma pequena questão que mencionei ao Dr. Mitchel, alguns dias atrás – respondeu Creighton. Ele beijou o rosto da mãe. – Vocês vão ficar em casa o resto da tarde? Se vão, vou passar lá.

– Ah, que bom. Então, nos vemos em breve, querido.

Eles foram embora. Creighton virou-se para Derek e piscou.

– Sou todo seu.

Derek se aproximou dele até ficarem bem perto. Ele manteve a voz baixa, mas séria.

– Você é um babaca. Um escroto. Mais escroto ainda pela sua presunção.

– Está falando comigo?

Derek ignorou, sabendo que responder daria ao imbecil o que ele queria.

– Outro conselho.

– Nossa, estou honrado.

– Eu esqueceria sobre aquela baboseira de ordem restritiva, se fosse você. Isso pode ser um tiro no pé, com você brincando de Garganta profunda, em garagens de estacionamento.

Creighton sacudiu ligeiramente a cabeça.

– Eu deveria saber do que você está falando?

– Julie Rutledge o acusou de assustá-la num estacionamento, ontem à noite, quando ela deixou o centro comunitário. Depois, ela chegou em casa e teve certeza de que alguém esteve lá, tirando as coisas do lugar, fazendo uma piada que não tem nada de engraçado.

– E você sabe disso... como?

– Eu comprei a pintura que ela doou para o leilão. Hoje de manhã, ela ligou para me agradecer. – Derek se orgulhava em ser capaz de mentir melhor que todos eles. – Não foi o agradecimento mais terno que eu já recebi. Um tanto obrigatório. Ontem à noite, fui apresentado a ela como advogado de sua família. Parece que ela não tem uma opinião mais elevada sobre você do que você tem dela.

– Eu lhe disse o motivo.

– Sim, disse. Mas ela também não tem nada de bom a dizer sobre você, então, em quem acreditar? Em você? Nela? Em nenhum dos dois?

– Deixe-me lhe fazer uma pergunta, Dr. Mitchell. Testemunhou o incidente alegado na garagem? Ela registrou uma queixa na polícia sobre uma possível invasão à sua casa?

Derek não disse nada.

Creighton riu, debochado.

– Dez a um que ela não registrou. Por quê? Porque a tal invasão não aconteceu. Quanto a mim, de estar na garagem, isso nem entra em discussão. Não está entendendo? Ela está contando histórias loucas, plantando sementes de dúvida sobre mim, em sua mente, da mesma forma como fez com aquela dupla de investigadores. Ela me odeia. Odeia desde o episódio da piscina. – Ele riu rapidamente. – Fazendo uma retrospectiva, teria sido melhor se eu simplesmente a tivesse deixado me dar uma chupada.

A fúria que percorreu Derek foi quase mais forte do que ele pôde controlar.

– Quanto mais você fala, mais eu me pergunto se as histórias da Srta. Rutledge sobre você são tão loucas assim.

Creighton lançou um sorriso atrevido a Derek, que começava a achá-lo bem repulsivo.

– Julie está mentindo. Ela está mentindo para respaldar suas acusações de que eu tenho algo a ver com a morte do tio Paul. O que é irracional, pelos motivos que já discutimos e, francamente, estão começando a me entediar. Agora, já que você rompeu nosso relacionamento profissional, eu não preciso de permissão para ir embora, preciso?

Derek o encarou por vários segundos, depois ergueu as mãos, ao lado, como em rendição, e deu vários passos para trás. Creighton sacudiu a cabeça e deu uma breve risada, depois saiu pela porta aberta.

– Em primeiro lugar, eu quero que saibam que eu me sinto muito mal sobre isso. – Kate Fields retorcia o lenço de papel nas mãos úmidas. Ela olhava Roberta Kimball e Homer Sanford, e, em resposta, os dois assentiram compassivos.

– Eu adoro a Julie – disse Kate. – Ela tem sido muito boa pra mim, me deu esse

emprego na hora, quando saí da faculdade. Depositando tanta confiança em mim, não somente como uma funcionária, mas como amiga. Eu não faria nada para magoá-la.

– Não estamos questionando sua lealdade à Srta. Rutledge – disse Kimball. – No entanto, você tem uma obrigação conosco, como oficiais da lei, assim como consigo mesma, de dizer a verdade.

– É claro, eu sei disso. – Kate fungou no lenço de papel. – Eu estava esperando por um milagre, rezando para que algo acontecesse para me impedir de ter que contar a vocês.

– Contar-nos o quê? – Sanford inclinou-se para a frente. – Você deu a entender à investigadora Kimball que a Srta. Rutledge não foi totalmente verdadeira conosco.

– Eu não sei ao certo. – Ela desviou os olhos de um para o outro. – Mas ela... ela talvez saiba mais do que está dizendo a vocês.

– Mais sobre o quê? – pressionou Kimball. – O tiro?

Kate sacudiu a cabeça. Ela engoliu. Perguntou a si mesma, pela milésima vez, se tinha que fazer isso, e chegou à conclusão angustiante de que sim, tinha. Sua consciência não permitiria que ela agisse de outro modo.

– A verdade sobre esse homem, Billy Duke.

Os dois investigadores trocaram um olhar que imediatamente fez com que ela se arrependesse de sua decisão de compartilhar com eles o que sabia.

– Oh, por favor, não desconfiem que ela esteja conspirando ou algo assim. Ela não poderia ter nada a ver com a morte do Sr. Wheeler. Absolutamente, não poderia. Ela o amava. Vocês não sabem, não podem imaginar como era entre os dois. Eles eram completos, totalmente dedicados um ao outro. – As lágrimas que ela vinha segurando escorreram de seus olhos.

Kimball passou uma caixa de Kleenex.

– Kate, nós sabemos que isso é doloroso para você, mas é vitalmente importante que você nos conte o que sabe sobre a Srta. Rutledge e Billy Duke.

Kate arrancou outro lenço de papel da caixa. Depois de começar e parar várias vezes, ela conteve o choro.

– Eu o reconheci na foto, da primeira vez que vocês mostraram para Julie. Eu estava lhe servindo um expresso, se lembra? Nós estávamos no gabinete e...

– Eu sei ao que você se refere – disse Kimball. – Como o reconheceu?

– Ele veio à galeria.

– Quando?

– Não tenho certeza da data.

– Depois que o Sr. Wheeler foi morto?

– Não. Algumas semanas antes. Disso, eu tenho certeza.

– Ele veio ver a Srta. Rutledge?

– Sim.

Kimball desviou o olhar para Sanford, mas, então, eles olharam de volta para Kate. Novamente, aquela comunicação silenciosa entre os dois pareceu significante e fez com que ela se sentisse ainda mais infeliz por trair a mulher que mais admirava.

– Mas Julie não falou com ele.
– Ela se recusou a vê-lo?
Kate sacudiu a cabeça.
– Não, ela não estava lá. Ele veio. Perguntou por ela. Eu disse que ela estava visitando alguns clientes em casa, e que eu não a esperava de volta pelo resto do dia. Eu me ofereci para ajudá-lo. Ele disse não, seu negócio era com Julie e ele falaria com ela mais tarde.
Agora, o que ela estava guardando havia finalmente sido exposto e ela expirou aliviada. No mínimo, ela podia jurar que nunca vira Julie e esse tal de Billy Duke juntos, conversando.
– Eles alguma vez fizeram contato? – perguntou Sanford.
– Não que eu saiba.
– Ele voltou à galeria?
– Nunca. Pelo menos, não enquanto eu estava lá. E ele não parecia alguém que gostasse de arte. Não olhou nenhuma das pinturas, nem agiu como se tivesse falado de alguma peça especial com Julie e tivesse voltado para ver. Não tive a impressão de que ele era um cliente potencial. Ele não demonstrou qualquer interesse em nosso inventário.
– Somente em Julie.
Relutante, Kate assentiu para Kimball.
– Somente em Julie.
– Ela alguma vez o mencionou para você?
– Não, mas eu não sabia o nome dele até essa manhã, quando vocês nos disseram.
– Mas ele agiu como se a conhecesse?
Kate hesitou. Era essa a pergunta que ela mais temera.
– Bem, sim. Ele se referiu a ela pelo primeiro nome, dando a impressão de ser alguém com quem que ela já tivera contato. E a forma como ele disse que falaria com ela mais tarde, naquelas palavras, pareceu casual, como algo que um conhecido diria. Não é?
Os investigadores murmuraram que sim.
– Você contou a ela sobre essa visita? – perguntou Kimball.
Kate disse que sim.
– Ele não deixou o nome, nem um cartão, um número telefônico, então, tudo que eu pude dizer foi que um homem tinha vindo perguntar por ela, e saiu dizendo que entraria em contato. Como não tinha nenhuma referência, ela descartou, e eu também. Eu não pensei mais nele até que vocês mostraram a foto da câmera de segurança. Eu o reconheci instantaneamente, mas quando Julie disse a vocês, casualmente, que não o reconhecera, eu... eu...
– Você ficou quieta – disse Sanford, com um traço de repreensão.
– Eu não queria colocá-la em problemas.
– E agora? – perguntou Sanford.
– O que quer dizer?
Kimball inclinou-se na direção dela.

– Kate, você está escondendo mais informação que pode comprometê-la?

– Não. – Quando eles olharam duvidosos, ela acrescentou: – Eu juro que não! Na verdade, é um alívio tirar isso do meu peito. Se bem que... – Seu lábio inferior começou a tremer e ela sentiu a pressão das lágrimas contidas. – Julie passou um inferno desde que o Sr. Wheeler morreu. Eu espero que ao lhes dizer isso não tenha dificultado as coisas para ela. Principalmente depois do que aconteceu ontem à noite.

Os investigadores se entreolharam intrigados, depois olharam de volta para Kate.

– O que aconteceu ontem à noite?

CAPÍTULO 15

– Aqui, Mags. – o celular de Derek começou a tocar enquanto ele enchia a tigela de Maggie de comida no chão da cozinha. – Coma. – Ele olhou o identificador e abriu o telefone. – E aí, Dodge?

– Hora ruim?

Não que Dodge se importasse em pegar o chefe numa hora ruim. Quando tinha notícias para dar, ele não esperava por uma hora conveniente para fazê-lo.

– Acabei de chegar em casa. Estou dando comida pra Maggie. O que houve? – Derek pegou uma cerveja na geladeira e desenroscou a tampa.

– Acabei de saber algo interessante da galera da delegacia.

– Sanford e Kimball localizaram Billy Duke?

– Não, mas eles têm uma pista.

– Estou ouvindo.

– Parece que há uma ligação entre o homem misterioso e Julie Rutledge.

Derek baixou a garrafa de cerveja da boca e cuidadosamente pousou-a na bancada da cozinha.

– Como é?

– É. Tem uma jovem que trabalha pra ela.

Derek imaginou a bela e esperta Kate.

– Sem Julie saber, ela foi a uma reunião de portas fechadas com os dois investigadores.

Os métodos de Dodge para obter informação podiam ser obscuros, mas a informação, em si, nunca era. Era sempre 100% confiável. Motivo pelo qual Derek subitamente se sentiu enjoado.

– Ela se debulhou em lágrimas por ter que dedurar a chefe – Dodge continuou a contar. – Ficou dividida entre lealdades, entende. A mulher que ela idolatra versus a consciência, com um pouco de dever cívico misturado. Eles praticamente tiveram que arrancar a informação dela. – Dodge parou. – Você ainda está aí?

– Sim, eu... a Maggie estava choramingando pra sair e eu tive que abrir a porta. Continue.

– Bem, o que a estava consumindo era que ela reconheceu Billy Duke na foto. Algumas semanas antes de apagarem o Wheeler, ele foi até a galeria elegante da Srta. Rutledge. Ela não estava lá, mas ele perguntou por ela, pelo nome, e a garota disse que ele parecia conhecido de sua chefe. Conhecido familiar. Não disse o que queria, apenas que falaria com ela mais tarde e foi embora.

Impaciente, Derek puxou o nó da gravata. O suor estava escorrendo em suas costelas.

– Ele podia ser um cliente.

– A garota achou que não. Além disso, seria uma coincidência dos diabos, não acha?

Sim, ele achava. Derek já tinha alegado argumentos de defesa com coincidências tão notáveis quanto essa, mas os jurados só aceitavam uma dúvida racional até certo ponto.

– Como Kimball e Sanford reagiram a essa novidade?

– Eles a trataram com muita delicadeza, elogiaram por ela estar fazendo o correto, coisas assim. Mas você pode apostar que pularam em cima e estão analisando a amiga de Wheeler com uma lupa. Ah, tem outra coisa.

Nossa. Tinha mais?

– Algo pequeno, mas, nunca se sabe. Essa garota disse aos investigadores que tinha faltado luz na casa de Julie ontem à noite, e que ela não estava muito bem desde então.

– O que ela quis dizer por "não estava muito bem"?

– Agindo estranho. Fazendo umas coisas esquisitas. Ela ficou em casa, hoje de manhã. Kate ligou para a casa dela pra falar de algo trivial da galeria. A empregada perguntou se o motivo da ligação podia esperar. Disse que Julie estava virando a casa de cabeça pra baixo. Disse a Kate que ela estava jogando coisas fora, a torto e a direito, jogou até um jogo de panos de prato do bar. Coisas antigas da França que gostava, pois Paul Wheeler tinha lhe dado.

"Ora, se esses panos tinham sido presente dele, era de esperar que ela ia querer guardá-los, não? Kate achou. Ela disse aos investigadores que talvez fosse apenas a tristeza se instalando, numa reação tardia, ao fato de Wheeler ter tomado o tiro, algo assim, mas, concluindo, Julie não tem sido ela mesma esses dias." Esse foi um longo discurso para Dodge. Ele parou para tomar fôlego. "O que acha, doutor?"

Derek estava enxugando filetes de suor com a camisa.

– O que eu acho não importa. Não estou mais envolvido. Hoje, eu disse aos Wheeler que eles tinham que providenciar outro advogado.

– Tá de sacanagem comigo.

– Não.

– Por quê?

– A menos que um deles ou todos sejam acusados, eles não precisam de mim.

– E se um deles ou todos forem acusados?

– A firma não tem tempo na agenda para um julgamento dessa magnitude.

– Hã – disse Dodge, com um ressentimento evidente. – É um caso suculento, doutor. Com toda essa grana. Muito sexo. E mais detalhes obscenos pela frente. É uma pena que a gente fique olhando de fora.

– Sim, mas mesmo estando fora, eu quero que você me conte qualquer boato que ouvir sobre Billy Duke e seu relacionamento com Julie Rutledge. Mantenha-me informado.

– Estou em cima. – Depois de uma pausa, Dodge perguntou: – Quer me contar o motivo?

Derek forçou uma risada seca.

– Como você disse, mais detalhes obscenos pela frente.

O investigador riu debochado e desligou.

Derek esticou o braço para pegar a cerveja, mas descobriu que não estava mais com vontade e despejou na pia. Ele ficou olhando o espaço, tão perdido em pensamentos

que Maggie teve praticamente que arrancar a tinta da porta para que ele percebesse que ela estava ali, pedindo para entrar.

– Desculpe, garota. – Ele se abaixou e afagou-lhe atrás das orelhas. – Convença-me a não fazer o que estou prestes a fazer, Maggie. Por favor, estou implorando.

Ofegante de contentamento, ela se espalhou no chão, sobre os ladrilhos frescos.

– Obrigado por nada. – Ele pegou o celular na bancada e apertou o número que havia procurado mais cedo e já sabia de cabeça.

– Alô?

– Sou eu.

Julie não disse nada por um longo tempo, depois, hesitante, falou:

– Tudo bem?

– Pode me encontrar?

– Agora?

– Em Athens. Tem um restaurante italiano na Clayton, saindo da esquina da Jackson.

– Onde...

– Perto do campus. Você vai achar.

– Athens fica a uma hora de carro.

– Nesse horário, uma hora e meia.

Ele desligou antes que ela recusasse.

O restaurante estava repleto de aromas de orégano e alho, os cheiros de cerveja e pão fresco, a fragrância de vinho barato. Estava cheio de alunos do curso de verão da Universidade da Geórgia, motivo pelo qual Derek o escolheu. Havia pouca probabilidade que eles fossem reconhecidos ali.

Ele não estava mais representando os Wheeler, então, tecnicamente, essa reunião com Julie não era antiética. Mas dava a sensação de ser secreta por motivos que ele não conseguia especificar. Talvez por conta da maneira que eles tinham começado. Desde aquele voo de Paris para Atlanta, tudo parecia ilícito.

Às vezes, deliciosamente.

Ele chegou primeiro e, com a ajuda de uma nota de dez dólares, conseguiu avançar na fila de espera das mesas, que era longa mesmo durante o verão. Garantiu uma mesa com sofá e estava olhando a porta, quando Julie entrou.

Ela estava vestida com um jeans desbotado quase branco e um suéter vermelho justo. Com esse traje e os cabelos soltos, ela não parecia muito mais velha do que os alunos. Um grupo de garotos de fraternidade, preparando-se para a semana agitada com jarros de cerveja, disse umas gracinhas elogiando sua bunda, quando ela passou a caminho do reservado.

Ignorando os comentários, ela sentou-se de frente para ele, com os olhos interrogativos.

– Pedi tinto. Tudo bem?

– Tinto está ótimo.

– O espaguete é barato, assim como o vinho, mas ambos são bons. Eu vinha muito

aqui quando era aluno.

– Você fez direito em Harvard.

– Mas fiz o preparatório aqui.

Um garçom trouxe um jarro de vinho tinto e duas taças. Perguntou se eles já tinham tido tempo de olhar o cardápio. Derek disse-lhe que eles avisariam quando estivessem prontos para fazer o pedido.

– Enquanto isso – disse ele –, eu gostaria de alugar a mesa para termos um pouco de privacidade. – Ele passou outra nota de dez para o cara.

Depois que o garçom os deixou, Derek encheu as duas taças e ergueu a sua.

– In vino veritas.

Julie bateu sua taça na dele, depois deu um gole.

– Está falando sério? – perguntou ele.

– O quê?

– Que no vinho haverá verdade.

– Você parece em dúvida.

– Porque você e a honestidade raramente andam juntas.

Os olhos dela cintilaram de irritação.

– Pra isso que você me fez vir até aqui, pra me dizer que duvida da minha honestidade?

Ele deu um gole no vinho, pousou a taça, depois soltou o verbo.

– Kate Fields foi ver Kimball e Sanford essa tarde e disse-lhes que reconheceu Billy Duke da foto, porque ele tinha ido à galeria perguntar por você algumas semanas antes de Paul Wheeler ser morto.

Ela pressionou o corpo contra o encosto do estofado, como se tivesse acabado de descobrir que tinha uma doença altamente contagiosa.

– Isso é impossível.

– Que aspecto é impossível, Julie?

– Todos os aspectos.

– Eu soube por uma fonte fidedigna.

Ela pareceu prestes a argumentar, depois baixou os olhos para a toalha xadrez.

– Kate disse que estava mal do estômago e precisava sair cedo.

– Seu estômago devia estar mal mesmo. Foi-me dito que ela chorou muito, que os investigadores tiveram que tirar a informação dela porque ela não queria trair você.

Olhando para ele diretamente, ela disse:

– Eu juro a você, eu não conheço aquele homem. Nunca o vira antes de sua foto ter sido mostrada. Nunca tinha ouvido seu nome até hoje de manhã, quando os investigadores vieram à galeria e me disseram que ele havia sido identificado por uma ligação anônima.

Colocando os cotovelos sobre a mesa, ele inclinou-se para a frente, perguntando num tom urgente, num sussurro zangado:

– Por que Kate mentiria à polícia?

– Ela não mentiria! Mas ela só pode ter pensado que eu tinha mentido, e isso deve ter

criado um conflito terrível para ela.

– Vocês discutiram? Você...

– Não! – Ela sacudiu a cabeça veementemente. – A motivação de Kate para ter ido à polícia não foi maliciosa. Eu apostaria minha vida nisso. Se ela disse aos investigadores que esse homem foi à galeria procurando por mim, é porque ele foi. Mas isso não significa que eu o conheça.

– Bem, é o que parece.

– É o que parece pra você!

Derek recostou e, por um tempo, eles ficaram apenas se encarando, com hostilidade e desconfiança. Ela finalmente disse:

– Por que você está me alertando?

– Eu sei lá – resmungou ele, esticando o braço para pegar o jarro. Marlene estava certa. Ele não gostava de vinho, particularmente, mas servi-lo lhe dava algo para fazer.

Julie esperou até que ele enchesse as taças.

– Obrigada por me dizer.

– Você teria descoberto de qualquer jeito.

– Mas você amorteceu o choque. Kimball e Sanford provavelmente estão na minha casa, agora, esperando para me atirar isso.

– Talvez. Ou talvez estejam cavando para encontrar a ligação, estocando munição antes de confrontá-la com isso.

– Não há ligação. Eu estou dizendo a verdade.

Ele deu um gole no vinho, observando-a.

– Você chegou em casa bem hoje de manhã?

– Kate foi me buscar.

– Como você explicou a noite fora de casa?

– Eu disse que faltou luz e eu não confiava em passar a noite lá. Disse que chamei um táxi, porque meu carro estava fazendo um barulho esquisito.

– Ela engoliu isso?

– Pareceu que sim. Quando cheguei em casa, liguei para minha empregada. A casa passou por um dia de faxina total. Eu precisava esfregar e tirar a presença de Creighton.

– Ahã.

– O quê?

– Nada – disse ele, significando alguma coisa. – Teria sido melhor se você tivesse contado aos investigadores sobre a invasão, só isso.

Cuidadosamente, ela recolocou a taça de vinho na mesa.

– Por quê?

Ele evitou responder e, em vez disso, contou sobre a reunião com os Wheeler.

– Oficializei o rompimento.

– Como Doug recebeu isso?

– Ele não ficou feliz, mas não tentou me fazer mudar de ideia. Foi embora meio mal-humorado e levou Sharon junto. – Atentamente observando sua reação, ele continuou:

– Tive um tempo com Creighton. Só nós dois. Eu disse a ele sobre suas acusações mais recentes. O incidente na garagem do estacionamento, a sua casa.

– Ele negou ambos, é claro.

– Ele disse que você está inventando histórias loucas para respaldar sua alegação de que ele mandou matar Paul.

– É isso que você acha? Que é tudo inventado?

– Não havia sinais visíveis de um arrombamento, Julie. Não vi nada que causasse pânico.

– Você acha que eu fingi por sua causa?

Ele ergueu os ombros, imparcial.

– Com que finalidade? – perguntou ela.

– Para deixar Creighton mal.

– Pense, Derek. Eu não sabia que você ia à minha casa. Eu não estava lá, encolhida, no escuro, pela possibilidade de você entrar, para que eu pudesse encenar um ataque de nervos.

Ele se inclinou para a frente e bateu na mesa com o punho.

– Se você estava tão certa de que havia um intruso, por que não ligou para a polícia? Por que não?

– Teria sido sem sentido! – exclamou ela. – Creighton se assegurou de que as coisas parecessem perfeitamente normais, para qualquer outra pessoa.

– Certo, mas ninguém o viu na garagem tampouco.

Ela o olhou por um momento, depois sussurrou:

– Você acha que estou mentindo. Sobre o negócio todo. Sobre tudo. Não acha?

A suspeita dele pareceu tê-la magoado, diminuído. Ela parecia muito pequena junto ao encosto estofado do reservado. Seus olhos tinham suavizado de espanto, olhando pra ele do jeito que Maggie olhava, quando ele brigava com ela por arrancar o enchimento de um de seus brinquedos.

A caminho de lá, ele se advertira seriamente quanto a ter extrema cautela na presença de Julie Rutledge e seus olhos profundamente cinzentos. Ele ordenara a si mesmo a não pensar no beijo da noite anterior, na forma como sua boca grudara na dele, na forma inequívoca como seu corpo reagira a seu toque.

Mas, apesar do sermão, ele não tinha imunidade contra sua expressão magoada. O peito dele, e mais abaixo, estava contraído pelo desejo de esticar o braço por cima da mesa e tocá-la, pedir desculpas, pedir que ela desconsiderasse suas suspeitas cruéis e o que ele dissera.

Em vez disso, ele se conteve para ser implacável.

– Você deu em cima dele?

Ela processou isso, depois riu secamente.

– Creighton? Você está maluco?

– No vestiário da piscina da casa dos pais dele. Você tentou chupar o pau do cara enquanto Paul estava a menos de dez metros de distância. Ele disse que o risco de ser flagrada é excitante pra você.

Ela ficou totalmente imóvel por dez segundos, depois levantou-se bruscamente, agarrando a alça da bolsa e tirando-a do assento, pendurando-a no ombro e saindo do reservado. Trombou num garçom, que segurava uma bandeja de comida e bebida, e quase mandou os pratos de massa e jarros de vinho ao chão, mas não parou para se desculpar, nem desacelerou.

Xingando baixinho, Derek saiu em disparada do reservado, pegou uma nota de vinte no bolso do seu jeans, enfiou na mão do garçom assustado e saiu correndo atrás de Julie.

Ele foi abrindo caminho por entre a aglomeração da porta e, quando saiu na calçada, olhou freneticamente para ambas as direções. Julie já estava a meio quarteirão adiante, andando rapidamente, desviando-se de outros pedestres com a sinuosidade de uma enguia.

Ela disparou atravessando a rua, fazendo com que um motorista freasse com força, apertando a buzina de um Volkswagen. Derek desafiou o trânsito, de modo a correr atrás dela, alcançando-a, depois de dois blocos, quando ela chegava ao estacionamento onde havia deixado seu carro. Ela estava remexendo na bolsa, procurando a chave, quando ele pegou seu braço, virando-a em sua direção.

– Julie.

Ela arrancou o braço da mão dele.

– E a égua que você montou.

– Ouça...

– Não mais.

– Eu acredito em você.

– Estou pouco me lixando se você acredita ou não.

Ele pegou a mão dela.

– Eu quero acreditar em você.

– Certo.

– Droga, eu quero. E você sabe por quê.

Ela parou de tentar se soltar e olhou-o, cautelosa, como se perguntasse Qual é o truque?.

– Diga-me tudo que sabe sobre Creighton.

– Pra quê?

– Curiosidade.

– Interesse lascivo?

– Certo, pode chamar assim. Chame do que quiser. Eu só quero que você me diga o que sabe. – Ele deu uma olhada em volta e indicou os bancos do parque, na frente da Prefeitura de Athens. Olhando de volta para ela, ele disse: – Por favor?

Depois de uma resistência temporária, ela se deixou conduzir pela calçada. Eles sentaram num dos bancos de madeira gasta. Dois esquilos brincavam no pequeno gramado ao lado do prédio e acabaram subindo correndo pelo tronco de uma árvore e desaparecendo na folhagem. Um casal passou, abraçado, conversando e sorrindo. Fora isso, ele e Julie tinham as redondezas só para eles.

Ela começou sem indução.

– Eu só posso lhe dizer o que Paul me contou.

– É isso que me interessa.

– Não é muito. Paul era muito protetor com a família dele.

– Famílias com esse tipo de fortuna são tipicamente mais fechadas, principalmente se alguém se envolve em problemas.

– Acho que era assim. Sempre que falava de Creighton, ele era muito discreto. Era mais o que ele não dizia do que aquilo que dizia.

– Levando a crer que havia muito mais a contar.

Ela deu um sorriso torto.

– Você está induzindo a testemunha.

Ele sorriu de volta.

– Sou bom nisso.

– Aposto.

Eles compartilharam um sorriso por alguns segundos, depois a expressão dela ficou séria novamente.

– Paul uma vez fez uma referência a tirar Creighton da cana.

– Da prisão?

– Não sei se ele quis dizer literal ou figurativamente. Não perguntei detalhes. Se quisesse que eu soubesse, teria me dito.

Ela ficou quieta e Derek sentiu a razão de seu silêncio.

– Não quero que você compartilhe algo confidencial se não se sentir confortável a respeito.

Ela deu uma olhada pra ele, depois baixou a cabeça.

– Você interpreta muito bem as pessoas.

– É parte do meu trabalho.

– Por falar nisso, eu me sinto desleal a Paul.

Mais desleal do que quando estava fazendo amor comigo? Derek não falou em voz alta, é claro. Ele esperou.

Ela acabou tomando uma decisão e começou a falar:

– Paul nunca disse nada lisonjeiro sobre Creighton. Ele deixava clara sua reprovação. Mas realmente se abriu comigo sobre ele, somente uma vez. Estava muito zangado com ele, mais que o habitual. Estava desabafando sobre algo que Creighton tinha feito, ou falhado em fazer. Ele o chamou de irresponsável, de não ter iniciativa.

– Uma reclamação típica da geração mais velha sobre os mais novos.

– Sim, mas ele disse que não deveria estar surpreso por Creighton ser um adulto tão desregrado, pois ele demonstrava um comportamento bizarro, mesmo quando menino.

– Bizarro como? Ele explicou?

– Não. Só disse que Creighton era cruel com outras crianças, sem provocação. Ainda assim, elas deixavam. Ele era um manipulador hábil e conseguia convencer os outros a fazerem sua vontade. Era um líder, mas não necessariamente no bom sentido. Paul também disse que uma das professoras de Creighton tinha pedido demissão no meio do

ano letivo, apontando-lhe como a causa de sua partida brusca.

– Por quê? O que ele teria feito?

– Eu não sei. Paul também alegava não saber. Ele disse que a professora tinha se negado a dar explicações. Ela simplesmente se recusou a voltar à sala de aula, mesmo sendo um colégio particular, de onde abriu mão de sua posição bem remunerada.

Derek digeriu isso tudo.

– Creighton alguma vez passou por terapia? Tratamento psiquiátrico?

– Sharon não queria nem ouvir isso. Doug não tinha determinação. Paul ficou atrás de Doug até que ele cedeu. No entanto, depois, Paul percebeu que a terapia era um desperdício de dinheiro. Creighton sabia o que dizer, sabia manipular os analistas.

– A mãe dele parece cega às suas falhas.

– Ele é muito habilidoso ao interpretar papéis. Ele pode ser um filho muito afetuoso, o sobrinho falsamente acusado de envolvimento no assassinato do tio, o que lhe convém no momento. – Virando-se para ele, de modo que seus joelhos se tocaram, ela disse: – Ele funciona num mundo de fantasia, Derek.

Ela hesitou, percebendo que novamente usara seu nome, mas prosseguiu antes que ele pudesse comentar a respeito.

– A vida do Creighton é um script de filme em constante modificação. Ele o reescreve frequentemente. – Para dar ênfase, ela colocou a mão sobre a dele. – Você está em seu script, querendo ou não.

– Eu?

– Você. Eu. Todo mundo. Ele nos escala para os papéis. Acho que Paul sabia que ele era perigoso ou desconfiava fortemente que fosse. Mas ficava relutante em acusar o próprio sobrinho de ser um psicopata. No entanto, ele me disse para ficar longe de Creighton.

– Alertou-a contra ele?

– Não com todas as letras. Ele disse que quanto menos eu tivesse a ver com ele, melhor.

Enquanto Derek estava pensando sobre isso, ele notou que ela abanava um mosquito do braço.

– Você está sendo comida viva.

Juntos, eles levantaram e foram andando de volta ao carro dela. Enquanto estavam conversando, anoitecera. Os prédios públicos estavam vazios. Música, vozes e riso ecoavam dos inúmeros bares e restaurantes do outro lado da rua, embora a área não estivesse tão congestionada quanto ficava durante os semestres de outono e primavera. Uma corredora passou, ouvindo seu iPod. Um barbudo, com pinta de professor, passou pedalando numa bicicleta ruidosa e enferrujada, que parecia tão velha quanto ele.

Quando chegaram ao carro de Julie, ela o destrancou, abriu a porta e jogou a bolsa lá dentro, depois virou-se de frente para ele.

– Você até que foi um bom ouvinte, mas sinto que ainda não acredita em mim, sinceramente. – Quando ele estava prestes a falar, ela disse: – Eu sei que estou certa.

Não se incomode em responder.

Então, ele não respondeu. Ele colocou as mãos nos braços dela e esfregou, de cima para baixo. Inclinou a cabeça para um beijo, mas ela se virou.

– Julie. – Ele colocou a mão nas costas dela e a puxou para a frente, pressionando seu corpo intimamente junto ao dele. Afastando os cabelos dela para o lado, ele suspirou diretamente em seu ouvido: – Eu penso nisso o tempo todo. Em nós. Assim. – Ela o afastou, e ele gemeu de decepção. – Não se afaste.

Mas ela se afastou. Sua expressão era dura, fechada.

– Num suspiro, você me acusa de mentir. No outro, você sussurra eroticamente e tenta me beijar. Não pode ser assim, Derek. Comigo, não.

– Não acho que você esteja mentindo.

– Só acha que não estou falando a verdade.

– Há uma diferença – disse ele.

– Talvez algum dia eu consiga distinguir.

Ela novamente tentou se afastar e entrar no carro, mas ele a segurou.

– A distinção está nas nuanças, Julie. Os investigadores também sentiram isso, ou você já teria sido dispensada como possível suspeita. Você está nos dizendo o que quer que saibamos. O que está deixando de fora?

– Nada.

– Algo. – Ele colocou o dedo embaixo do queixo dela e forçou-a a olhá-lo. – Eu não acredito, nem por um minuto, que você deu em cima do Creighton naquele vestiário da piscina.

– Depois do que fiz no avião, por que você deveria achar tão difícil acreditar nisso? – Quando ele não disse nada, ela riu, mas foi um som amargo. – Espere, eu sei. Fazer sexo com Creighton talvez fosse excitante, mas como a gananciosa caçadora de fortuna que sou, eu não colocaria em risco minha situação com Paul para fazer algo tão tolo.

Ele não disse nada, o que, na verdade, falava muito.

– Não tente me ver novamente. – Ela se afastou dele e rapidamente entrou no carro.

– Julie...

– Estou falando sério. – Depois de um puxa daqui e puxa dali, ela conseguiu fazê-lo soltar a porta do carro e fechou-a. Ele ficou ali parado, olhando as luzes da traseira de seu carro sumindo na curva mais próxima.

Xingando baixinho, ele se virou bem na hora que uma silhueta se afastou do tronco escuro de uma árvore próxima, assumindo a forma de um homem.

– Da próxima vez, quando você tiver uma discórdia, eu recomendo o uso do método porrete e caverna. Funcionou bem com a dama Neanderthal, ou a espécie não teria propagado e nenhum de nós estaria aqui.

Creighton Wheeler, com as mãos nos bolsos, saiu da sombra sob a árvore e caminhou em direção a ele, sem pressa, como se estivesse num passeio de domingo. Só faltava estar assoviando.

Derek tentou encobrir seu desalento e parecer o mais indiferente possível.

– De alguma forma, eu não acho que a tática do homem das cavernas cortejaria uma

mulher como Julie.

Creighton abriu um sorriso, seus dentes parecendo brancos e brilhantes, mesmo na escuridão.

– Você provavelmente está certo. Pena que não pode consultar meu falecido tio no que a seduz melhor. Ele devia saber. Eles foram um casal por dois anos, então, ele devia estar fazendo alguma coisa certa. É claro que tinha o... – Ele se inclinou para a frente e sussurrou: – DI-NHEI-RO. Talvez ele fizesse cócegas no clitóris dela com notas de cem dólares. O que você acha?

Derek achou que talvez pudesse cometer assassinato. Seu corpo estava tremendo de fúria – dele mesmo, por ter se colocado nessa situação absurda, fúria desse bastardo por ser tão maldito e presunçoso.

– Quem você estava seguindo, Julie ou eu?

– Essa noite? Você.

Derek percebeu a qualificação, e Creighton notou que ele percebeu. Ele riu e ergueu as mãos em rendição.

– Eu confesso, essa não é a primeira vez que faço uma investigação amadora. Ontem à noite, aquela tempestade não foi romântica? Os raios, os trovões, a chuva forte. Muito primitivo. Isso evocou o animal que há dentro dela?

– Seu filho da puta. Hoje, quando nos falamos, você sabia muito bem que eu estive com Julie ontem à noite.

– Ah, você esteve mesmo com ela. – Creighton abanou o rosto. – Eu fiquei excitado imaginando o que estava acontecendo por trás daquelas janelas embaçadas. Muita respiração ofegante, no mínimo.

– Qual de nós dois você estava seguindo ontem à noite?

Creighton sacudiu os ombros, indolente.

– Eu nunca engoli aquela baboseira de que você tinha clientes demais, sem ter tempo para nós, Wheeler. Você não acha que eu iria verificá-lo minuciosamente? Bem, foi o que eu fiz, e o que levantei com minha pesquisa é que seu talento é excedido somente pela sua ambição e ganância. O que o torna o advogado de defesa perfeito.

"Então, por que, eu perguntei a mim mesmo, declinaria se jogássemos montes de dinheiro para você para não fazer nada, exceto responder algumas perguntas da mídia? E você adora os holofotes, Dr. Mitchell. Está vendo? Por vários motivos, isso não fazia sentido e eu detesto furos na trama, sem mencionar a motivação capenga para um personagem protagonista. Decidi descobrir o verdadeiro motivo para que você tivesse nos recusado."

– Você começou a me seguir.

– Ninguém diz não a um Wheeler, Dr. Mitchell. Principalmente a esse Wheeler. Mas eu não estava só injuriado. Estava intrigado. Eu senti... – Ele tremulou os dedos no ar. – Algo ilícito. Erotismo. Talvez você estivesse emanando um odor primitivo de acasalamento.

– Isso não é levar longe demais a analogia pré-histórica?

– Tanto faz. – Creighton baixou novamente a voz. – E veja só, na casa de quem você

aparece ontem à noite? Imagine meu estarrecimento. Mas, subitamente, todas as suas esquivas para não poder nos representar fizeram sentido. Você, meu defensor, está fodendo com minha acusadora. De verdade, eu jamais teria imaginado isso. Como artifício de trama, seria digno de Scorcese.

Ele deu uma olhada na direção que Julie seguira.

– Tenho certeza que ela encheu sua cabeça de histórias sórdidas sobre mim e minha juventude transviada, o que foi passado a ela, e vastamente exagerado, por meu falecido tio Paul.

"Ela lhe disse que ele insistia para que eu fizesse terapia psiquiátrica? Sim? Ela também lhe disse que, depois de alguns meses de tratamento, foi concluído que eu era perfeitamente normal, enquanto meu tio Paul, com sua obsessão quanto às minhas falhas, foi quem o médico suspeitou ser mentalmente instável e desajustado emocionalmente?"

Ele riu.

– Uma hora dessas, você deveria me contar como você e Julie se conheceram. Foi antes do trágico fim do tio Paul? – Então, ele ergueu a mão com a palma para fora. – Sabe de uma coisa? Eu não quero saber. Prefiro inventar meus próprios cenários travessos.

"A verdade, Dr. Mitchell, posso lhe chamar de Derek? A verdade é que se você me dissesse, de cara, o motivo por que tinha de declinar meu negócio, eu teria achado divertido. Você e a amante do tio Paul. Essa é boa."

Subitamente, ele parou com a pose agradável e seu aspecto se tornou ameaçador.

– Mas você não me disse. Então, agora, eu estou dizendo a você. Se você andou me iludindo, você está totalmente fodido, e eu não estou me referindo à formosa Julie. Quando eu acabar com você, não poderá nem olhar para um tribunal, muito menos entrar em um.

Derek estava farto. Ele se aproximou de Creighton e cutucou-lhe o peito com o indicador, deixando uma marca na camisa de linho engomada.

– Não me ameace. Eu não sou seu advogado. Eu lhe disse isso no primeiro dia em que você esteve em meu escritório. Eu verei quem eu quiser e você não pode fazer nada para me impedir.

"E você não poderia saber que eu estava na casa de Julie, ontem à noite, se também não estivesse lá. Se eu te pegar perto dela novamente, vou até a polícia e farei com que ponham seu rabo na cadeia e o guardem lá até que uma investigação minuciosa seja feita na casa dela, para ver se alguém, de fato, ficou à vontade por lá, mudando as coisas de lugar, mexendo nos pertences dela. Estou falando de uma checagem completa de digitais, coleta de provas de DNA, testes de laboratório que demoram bastante tempo.

"Pode não resultar em acusação formal, mas, enquanto isso, você vai passar semanas desconfortáveis atrás das grades. Tenho clientes que atualmente estão na cadeia, e cujos destinos dependem do meu desempenho por eles no tribunal. Uma visita minha e eles providenciarão para que sua vida seja muito infeliz. Eles podem te sacanear muito,

de maneiras que você nem imagina.” Derek deu outro passo, aproximando-se mais. “Estamos entendidos?”

Creighton estremeceu, sussurrando:

– “Nossa. Estou sexualmente excitado, Comandante.” Tom Cruise, Questão de honra. – Ele sorriu e piscou. – Não se admira que Julie esteja caidinha por você.

A coisa mais difícil que Derek já teve que fazer foi se afastar dele deixando seus dentes brancos intactos.

Assim que Julie voltou para casa, ela ligou para Kate. A voz da jovem estava rouca quando atendeu, como se tivesse chorado durante horas. Sem dúvida, ver o número de Julie em seu identificador também a deixou cautelosa.

Julie imediatamente acalmou-a.

– Eu sei de sua visita de hoje à delegacia de polícia, e está tudo bem.

– Ai, meu Deus. – Kate chorava e balbuciava uma explicação.

Vários minutos se passaram antes que Julie conseguisse entender uma palavra.

– Eu não a culpo, Kate. De jeito algum. Você fez o que tinha de fazer e isso exigiu muita coragem. Quero lhe garantir que não estou zangada, mas também garanto que não conheço aquele homem. O que ele estava fazendo na galeria, perguntando por mim, eu não faço ideia. Mas juro a você, não precisa ficar em conflito quanto a ter falado com os investigadores. Você não me prejudicou ao falar-lhes sobre ele, porque eu não o conheço.

– Deus, Julie, você não sabe o quanto estou aliviada. Eu tinha certeza de que você iria me odiar.

– Isso nunca poderia acontecer.

– Eles ainda fizeram com que eu me sentisse mais culpada ao me pedirem que não lhe dissesse que falei com eles. Eu estava morta de preocupação, imaginando como iria agir normalmente. Estou muito feliz que isso esteja às claras.

Para que Kate não se enganasse, Julie disse:

– Os investigadores não me disseram.

– Então, como você sabe?

– Não posso responder a isso sem violar uma confidência.

– Então, não responda. Mas, contanto que saiba de minha conversa com eles, acho que tudo bem você saber que eles não acham que o fato desse cara ter vindo à galeria seja uma coincidência.

– Também não acho que seja uma coincidência.

– Você acha que foi ele quem atirou em Paul?

– Eu não sei. Essa noite eu estou cansada demais para pensar em qualquer coisa. Vou pra cama. Eu te vejo de manhã.

Antes que ela pudesse desligar, Kate se apressou em dizer:

– Eu não contei a eles sobre o hotel, sobre você passar a noite fora ontem.

– Ah. Bem, isso não tem nada a ver com nada.

– Também achei que não, então, deixei essa parte de fora, quando disse a eles sobre

sua sessão de faxina.

Julie estava prestes a perguntar como Kate sabia disso, mas a jovem estava expressando sua gratidão por Julie ter ligado.

– Agora conseguirei dormir.

– Descanse bem – Julie disse-lhe. – Nós duas nos sentiremos melhor amanhã.

Julie foi pra cama pouco depois dessa ligação, mas estava inquieta demais para dormir. Estava agitada, imaginando o que Kimball e Sanford estariam fazendo com essa informação nova, e como eles estariam se saindo, tentando ligá-la a Billy Duke. Ela se perguntava se eles teriam feito algum progresso no sentido de encontrá-lo.

E, apesar de sua determinação de não pensar em Derek, a maioria de seus pensamentos revolvia ao redor dele, como acontecera desde o momento em que ela sentara ao seu lado no avião. Sabotá-lo tinha sido seu objetivo, mas algo totalmente inesperado acontecera: ela havia começado a gostar dele.

Ele a atraíra imediatamente, e mais do que apenas a sua aparência. Por trás de seu sorriso cativante e seus olhos envolventes, ela gostava de sua perspicácia veloz e autodepreciativa, de seu jeito confiante e tranquilo. Nem de perto ele era arrogante como ela achou que seria. Em vez disso, ele debochava de si mesmo. Não havia dominado a conversa com histórias de seus casos celebrados e vitórias no tribunal, mas era um bom ouvinte que parecia verdadeiramente interessado em tudo que ela dizia.

Ela não tinha esperado encontrar um homem tão cordato e agradável dentro da bela embalagem. E jamais poderia prever ficar tão atraída sexualmente. Depois de minutos sentada ao seu lado, ela decidiu o que faria.

Agora, podia admitir para si mesma que a sedução não fora apenas para comprometê-lo. Tinha sido por ela. Toda a tristeza, medo, frustração e ira que vinham borbulhando dentro dela, desde a morte de Paul, tinham chegado ao ponto de fervura, quando Derek se juntou a ela no toalete. A erupção tinha sido explosiva.

Com o primeiro beijo, ela deve ter comunicado que queria ser tomada imediatamente, de forma completa e possessiva, porque suas mãos fortes, quentes e dominantes deslizaram sob seu quadril e a balançaram para a frente, de encontro a cada investida, depois a seguraram com força, junto a ele, quando ele afogou nela, ofegante.

Depois de ter sido feito, ela queria esquecer. Missão cumprida.

Mas tinha sido uma tola em pensar que poderia ser tão objetiva, ou que poderia convencer a si mesma, mesmo por um instante, que não era sobre o sexo. Essa noite ela o repreendera por dizer que pensava naquilo constantemente. Mas ele não era o único. Sua mente não conseguia superar, ao contrário, sempre voltava àquilo. O episódio era como uma gravação passada repetidamente dentro de sua cabeça. Em momentos estranhos, alguns muito inconvenientes, tinha uma lembrança aguda e doce, regada a sensualidade.

Pior, cada vez que estava com ele, essas lembranças voltavam com som ambiente, ao vivo e em cores. Sua reação ao estar perto dele era vergonhosa e intensamente física. Mesmo quando estava zangada com ele, não podia negar o desejo doloroso e ímpar. E desejar que as coisas pudessem ser diferentes. Porque qualquer coisa vinda dessa

atração era impensável, claro. A hora não podia ser pior. As circunstâncias eram impossíveis. E, no entanto...

Seu telefone tocou.

Ela tateou procurando, na escuridão, e abriu.

– Alô?

– Julie.

– Derek?

– Eu acredito em você. Tudo. Em tudo mesmo.

Ela arrancou as cobertas. Algo estava errado. Ela pôde notar na voz dele.

– Qual é o problema? O que aconteceu?

– O filho da puta matou Maggie.

CAPÍTULO 16

Billy Duke olhava seu reflexo no espelho rachado e mofado, imaginando onde diabos teria se metido o convencido, bonitão, bem-vestido e fala mansa que ele conhecera apenas algumas semanas atrás.

Seus cabelos tinham crescido um pouco desde que ele passara a máquina, bem curto. Ele sentia falta da juba ondulada, fora de moda, mas uma de suas marcas registradas. Sentia falta das roupas espertas, agora substituídas por camisetas e jeans que já tinham visto dias melhores.

– Perca essa pinta – Creighton dissera. – Você não pode chamar atenção. Precisa se tornar invisível em todos os sentidos e propósitos.

Então, ele "perdera a pinta", mas era o homem em si que parecia mais mudado e estranho. Onde estava sua gabolice? O cara no espelho parecia nervoso e ansioso, desgrenhado e desesperado. Ele mal se reconhecia.

Billy Duke se perguntava o que teria acontecido com ele.

Creighton Wheeler, isso que acontecera.

Ele se inclinou sobre a pia manchada e jogou água no rosto. A água cheirava ligeiramente a esgoto. A toalha era tão fina que chegava a ser transparente. O lugar era uma espelunca, mas a acomodação era o seu menor problema.

Creighton lhe fizera uma visita inesperada no motel essa manhã. Desde então, Billy passara todas as horas revisando o que fora dito, tudo que se passara entre eles.

A primeira coisa que ele se lembrava era de ter acordado com uma sede muito grande. Para não ter que levantar, lembrava-se de ter juntado bastante saliva para engolir, mas sua boca estava árida. Relutante, ele abrira os olhos.

Seu coração quase explodiu de susto. – Porra!

Uma mão atracou seu pescoço, encurralando o grito de um palavrão.

– Quanto você quer viver?

Billy não poderia ter dito. Ele não conseguia dizer nada, exceto sons inarticulados de asfixia. Sacudira as pernas e os braços, curvando as costas, e tentara desalojar a mão ao redor de seu pescoço, mas Creighton Wheeler estava com seus quase oitenta quilos em cima dele, e não não se movia. Ele apertava com tanta força que Billy temeu que sua goela fosse explodir como uma bola de pingue-pongue.

– "Quer viver o bastante para me parar, gatinha? Ou vai confiar em minha generosidade, meu amor pela humanidade, para me impedir de te matar?"

Os globos oculares de Billy começaram a estufar. Seu rosto se contorcia e estava vermelho de sangue. Dentro da cabeça, fogos de artifício amarelos passaram a explodir em contraste com um fundo preto. Suas extremidades começaram a formigar. Seu cérebro começava a desligar. As sinapses tinham parado de se conectar.

No entanto, uma pequena fração de seu cérebro ainda continuava capaz de discernir, e com isso ele pensava na calma notável de Creighton, apesar de sua fúria evidente. Se Creighton estivesse gritando, ele não estaria tão assustado. Era aquele sussurro malevolente, aquele controle frio que convencera Billy de que o cara poderia, de fato,

matá-lo, que esses poderiam ser seus últimos segundos na Terra, e que ele morreria olhando o belo e sereno rosto de Creighton, enquanto ele lentamente espremia seu pescoço, tirando-lhe a vida.

Mas, tão subitamente quanto havia atacado, Creighton o soltara. Ele tirou a mão do pescoço de Billy, como se o arremessasse. Billy, de barriga pra cima, segurou o pescoço, resfolegando e tossindo. Quando conseguiu passar o ar por sua laringe inchada, ele sussurrou:

– Que porra é essa? Você quase me fez cagar de susto.

– É disso o cheiro que estou sentindo? – Inabalável, Creighton sentou numa cadeira e calmamente limpou a mão com um lenço de bolso, como se tocar Billy o tivesse sujado. Recolocando o lenço no bolso do peito de seu paletó de linho, ele disse: – Louis Gossett Jr. ganhou um Oscar por essas frases, em A força do destino. Ele estava esganando o David Caruso.

– Foda-se você e Louis sei lá de quê. – Billy até que gostava de filmes, mas essa obsessão do cara já tinha dado nos nervos. – Preciso mijar.

No banheiro, ele fez o que precisava, bebeu um copo d'água e inspecionou o pescoço à procura de hematomas. Então, ele pensou que bastardo era Creighton. Mas como ainda viria a descobrir, Creighton Wheeler estava apenas começando.

Ele se vestiu e foi até a sala principal, uma combinação de sala e quarto, separada da quitinete por um bar em L, com fórmica lascada cor-de-rosa. No centro do cômodo horrível, parecendo uma flor de magnólia, em cima de um monte de merda, estava o garoto de ouro, que parecia tão perfeito que fazia Billy se ressentir ainda mais pelo quarto de motel onde ele estava sequestrado.

– Eles têm sua foto.

O coração de Billy sentiu um pequeno aperto com o tom de voz de Creighton. Ou melhor, falta de tom. Para encobrir sua preocupação, ele se sentou na beirada da cama para calçar os sapatos.

– Eles têm sua foto – havia repetido Creighton. – Estava na TV, ontem à noite.

– Eu vi. E daí? – Já calçado, ele levantou e foi desfilando até a quitinete.

– Eu vim aqui essa manhã para me assegurar de que você tinha partido. Mas aqui está você, depois do... acontecimento. Você deveria ter deixado Atlanta naquela tarde, Billy. Esse era o plano.

– Acha que eu gosto daqui? – Ele olhou ao redor do quarto de motel com aversão, deixando seu convidado ciente das deficiências. – Eu teria dado o fora segundo o plano. Há muito tempo. Exceto pela questão do dinheiro. O que também fazia parte do plano. Todo dia eu uso meu laptop para checar o saldo da conta bancária de Cayman. Até agora, neca. Fugiu da sua mente fazer o depósito? Você convenientemente se esqueceu dessa parte do plano?

– Não – Creighton respondeu, calmamente. – Mas sua lembrança das condições está embaralhada. As condições eram que você deixasse Atlanta sem que ninguém estivesse na sua cola, e o dinheiro seria depositado. Eu tive que esperar um bom tempo para garantir que você não estava sendo procurado como suspeito. Quando eu estiver

satisfeito com isso, você será pago.

Billy fungou.

– Eu não nasci ontem.

– Você não confia que vou manter minha palavra depois que você for embora? – Creighton inclinou ligeiramente a cabeça, timidamente. – Isso não é legal. Não depois do que eu fiz por você.

O lembrete fora sutil, mas eficaz. Billy não se alongou.

– Café?

– Não.

Billy foi fazer um café para ele.

– Aquela foto que eles têm de mim é uma piada. Inútil.

– Estava clara o bastante para que eu o reconhecesse.

– Porque você é a única pessoa em Atlanta que me conhece.

– Sua ex-namorada o conhece.

A referência a ela foi como um raio vindo do nada. Billy torcera para que Creighton tivesse se esquecido que ela morava em Atlanta.

– Ênfase no "ex" – dissera ele, fazendo um gesto de quem descarta. – Além disso, ela não faz ideia de que estou aqui. Mudei completamente a minha aparência. Cabelo. Roupas. Ela não me reconheceria naquela foto embaçada como o Billy Duke que conheceu. E mesmo que reconhecesse, a última coisa que faria seria se envolver com outra questão policial. Não depois do que aconteceu da última vez que ela se envolveu.

– Você pode estar enganado quanto a ela.

– Não estou. Eu a conheço. Ela não o faria. Pode relaxar.

Creighton parecia relaxado, sentado ali e sacudindo o pé no ar, com seu mocassim de pingentes de couro. Relaxado como um réptil pouco antes de dar o bote.

– Eu não te alertei quanto às câmeras de segurança? – perguntou ele.

– Alertou. Mas como eu deveria entrar no hotel sem que minha imagem fosse feita? Há câmeras em todas as entradas. Pelo menos, aquele hotel mais antigo tinha um sistema de segurança ultrapassado. Os hotéis novos têm câmeras nos elevadores, em cada andar, por todo lado. Se seu tio Paul tivesse comendo a namorada no Buckhead Ritz... Aliás, por que eles estavam naquele hotel? Por que não em algum lugar mais novo e elegante?

– É um dos poucos hotéis de propriedade privada na cidade. O dono era um antigo amigo do tio Paul. Ele morreu alguns anos atrás. O tio Paul tinha uma ligação sentimental.

– Humm. Bem, isso contou a nosso favor. Se eles fossem mais modernos e movimentados, eu teria que arranjar outro plano.

– Em retrospectiva, você deveria ter feito isso.

Billy descartou isso sacudindo a cabeça.

– Seus almoços de terça-feira com ela eram infalíveis. Eu sabia que ele estaria lá. Eu sabia do espaço de tempo. Essa informação me permitiu planejar. E você queria que ela estivesse junto quando eu o apagasse. Você foi bem específico quanto a isso. – Quando

já tinha filtrado café o suficiente na cafeteira de vidro, ele tirou-a da chapa para encher meia xícara, contente por ter algo a fazer. – Tem certeza que não quer um pouco?

– Não, obrigado.

O olhar de Creighton tinha sido desconcertante. Billy, para não ser superado, tinha encarado de volta, através de uma nuvem de fumaça, enquanto soprava o café para esfriá-lo. Ele havia decidido que era hora de partir para a ofensiva.

– Estou surpreso que você tenha vindo aqui, Creighton, mesmo não esperando me ver. Nós combinamos que jamais haveria qualquer contato, de modo algum. Depois de passar semanas sozinho, fico contente em ter companhia, mas, francamente, estou injuriado que você tenha rompido o acordo.

– Sua estreia na TV, ontem à noite, mudou isso. Eu tive que correr o risco. Tinha que saber se você havia partido. Mas, já que não é o caso, isso me dá a oportunidade de lhe dizer que você já não é bem-vindo e perguntar que porra você estava pensando.

Seu tom era afiado como uma agulha. Billy tinha reagido como se tivesse sido esbofeteado.

– Sobre o quê?

– O roubo. Aquela máscara ridícula.

– Você me disse para ser criativo. Disse que não podia parecer um assassinato.

– Você não enganou ninguém.

Então, Billy notara que, embora Creighton não tivesse se mexido, ele parecia estar reverberando por dentro, como se seu temperamento estivesse sendo contido apenas por sua pele. Quem Creighton pensava que era para ficar aborrecido com ele? Billy tinha se ressentido por sua atitude como se fosse o chefe. Ele talvez tivesse mais dinheiro que Deus, mas não era tão especial assim.

– Eu lhe disse, você pode relaxar. Não sou o Billy Duke à toa, sabe. Eles não vão me pegar. Eu estava completamente coberto, da cabeça aos pés. Disfarcei minha voz. Queimei as roupas que estava usando, incluindo a máscara. Quebrei os óculos de sol e joguei numa caçamba de lixo.

"A pistola está em pedaços, espalhada em bueiros pela cidade inteira. Mesmo que a polícia encontrasse as partes e remontasse, sendo mínimas, ou quase nulas as chances, a arma não é rastreável. Raspei o número de série, e o primeiro tiro que foi dado com ela foi no crânio de seu querido tio." Creighton continuava impassível. Aborrecido, Billy acrescentou: "Olhe, eles não podem me ligar ao crime. Está bem?"

– Podem situá-lo no hotel.

– Junto com centenas de pessoas. Se algum dia eu for identificado e questionado, tenho uma explicação perfeita. Eu fui usar o telefone.

– Usar o telefone?

– Os telefones públicos do lobby. Eu estava procurando emprego, respondendo anúncios do jornal. – Esticando o braço para trás, ele pegou uma pilha de páginas dobradas de jornais do bar e a segurou, onde Creighton pudesse vê-las. – Anúncios circulados com caneta vermelha. Anúncios com asteriscos ao lado. Nomes de contatos anotados. Eu estava focando os anúncios na área do hotel. Porque meu celular estava

pifado e o hotel era conveniente, tinha ar-condicionado, um lugar calmo de onde eu podia fazer as ligações. Eu o utilizei como um escritório durante vários dias que antecederam ao dia em que Paul Wheeler foi morto.

"Se a polícia checar esses telefones do lobby, eles verão que eu fiz várias ligações para escritórios locais, em cada um daqueles quatro dias, para números listados nesses anúncios marcados, perguntando sobre os empregos que eles estavam anunciando.

"Eu até fui a dois deles e peguei fichas, embora não tenha preenchido. Então, está vendo, eu tenho um motivo para estar lá, e isso pode ser respaldado pelos registros telefônicos irrefutáveis e pelas pessoas dos escritórios com quem falei.

"E, no dia do assim chamado roubo, eu marquei um compromisso com um dos possíveis empregadores para as 15:45. Você tinha me dito que seu tio e a mulher geralmente saíam por volta de três horas. Naquele dia, ela deve ter dado de novo, porque eles só saíram da suíte às 15:10. Pareceu uma eternidade, enquanto eu estava esperando na escada, olhando a porta da suíte deles. Assim que os vi sair, coloquei a máscara e os óculos, e disparei escada abaixo, até o oitavo andar, para parar o elevador. Não foi fácil. Mas deu certo, não deu?"

Agora, Creighton estava sorrindo.

– Deu.

– Você duvidou?

Creighton sacudiu os ombros, fazendo com que Billy pensasse que ele talvez não tivesse total confiança em sua habilidade para fazer o negócio.

Billy não gostava de Creighton Wheeler, mas ele queria sua aprovação.

– Saí bailando do lobby, segundos depois que abriram as portas do inferno. Cheguei ao meu compromisso com tempo de sobra.

– Você foi mesmo?

– Fui entrevistado por uma garota de Recursos Humanos. Ela gostou de mim. Disse que minhas referências eram significativas. Acho que se eu tivesse preenchido a papelada, ela teria me dado a porra do emprego.

Eles compartilharam uma gargalhada, depois Creighton disse:

– Me dá os troços.

O riso de Billy falhou.

– Que troços?

– As joias que você pegou das pessoas no elevador. Não adiantaria se você fosse pego com o relógio de pulso do meu tio.

– Que merda, Creighton, eu não sabia que você queria. Joguei tudo fora. Isso também foi difícil. Só aquele relógio devia valer uns vinte mil.

– Cinquenta.

– Cinquenta? Nossa! Bem, agora, não vale nada. Eu joguei na traseira de um caminhão de lixo, quando os lixeiros não estavam olhando. E vi quando eles baixaram a prensa. As outras coisas, eu joguei em lixeiras pela cidade. Acho que pode ser que um mendigo encontre um anel, ou relógio, mas mesmo se entregassem à polícia, ah, sim, isso vai acontecer, não poderia ser rastreado até mim.

Creighton ainda o olhava com olhos que pareciam não piscar. Billy agora se lembrava de ter tido vontade de amassar a cara mascarada do milionário. Para que ele não se sentisse inferior, como se fosse um subordinado na parceria, ele quisera deixar Creighton admirado e deslumbrado. Ele havia perguntado:

– Quando a polícia estava interrogando você, eles mostraram as fotos da cena do crime?

– Por quê?

– Só estava pensando – dissera ele, fazendo parecer casual.

– Não, não me mostraram. Acredito que mostraram para o meu pai.

– Acho que você teria gostado de ver como o elevador ficou. – Billy se empolgou todo ao descrever para Creighton a euforia que ele sentira quando apertou o gatilho. – Acho que eu sabia o que esperar. Eu também assisto filmes, sabe. – Ele sorrira. – Mas cara! Foi mais alto, mais... – Ele usara as mãos para indicar a explosão. – Eu vou te contar, fez uma cagada do cacete no elevador.

O filho da puta nem comentou sobre a cena repulsiva que Billy tinha criado.

– Quando pretende partir, Billy?

– Eu lhe disse quando.

– Quando o dinheiro for depositado na conta de Cayman?

– Acerte o último detalhe e adios. Nunca mais nos veremos.

– Perfeito.

– Exatamente como planejamos.

Creighton levantou lentamente.

– Exceto por eu ter um último detalhe meu. – Ele sorrira, mas de um jeito que fez o coração de Billy dar um tranco.

– Que detalhe?

– Não estou tão relaxado quanto você. Principalmente quanto à sua ex-namorada.

O tranco se tornou um martelo.

– Ela nem sabe que estou na Geórgia.

O sorriso de Creighton ficou triste.

– Billy, você realmente não deveria mentir para seu parceiro.

– Não estou mentindo.

Creighton se inclinou para a frente e sussurrou:

– Eu falei com Ariel.

Billy quase deixou cair o café.

– Falou? Quando? Onde?

– Eu sei das ligações telefônicas.

Ainda tentando enfrentar descaradamente, ele gaguejou:

– Lig-gações telefônicas? Eu não sei do que você está falando. Que ligações telefônicas?

– Não tente essa fanfarrice pra cima de mim, Billy. Você sabe de que ligações estou falando.

– Eu juro que não sei. – Ele negara com toda ênfase que conseguiu demonstrar.

Estava envergonhado do quanto deve ter aparentado desespero para o bastardo rico. – Olhe, eu não sei o que Ariel lhe disse, mas de forma alguma ela poderia saber que estou a menos de mil milhas daqui. Nós concordamos sobre isso, certo? Somos parceiros, eu e você.

– Como tal, não deveríamos ter segredos. Motivo pelo qual eu estou lhe dizendo agora que decidi me assegurar de que sua ex-namorada não volte para nos assombrar.

– Como planeja fazer isso?

– Deixe comigo.

– Eu estou lhe dizendo, não precisamos nos preocupar com ela.

– Bem... – Creighton dera uma piscada. – Só para ficarmos seguros.

Billy tinha contornado o bar tão rápido que bateu o quadril na quina. Ele erguera as mãos espalmadas, dando a Creighton aquele sorriso de menino que nunca falhara.

– Está certo, fui pego. Eu liguei, sim, para a casa dela algumas vezes. Como um trote, sabe. Só para rir um pouco. O que é que tem demais?

Creighton tinha checado o relógio e virado em direção à porta.

– Meu massagista está me esperando.

– Espere, o que você vai fazer?

– Uma massagem – ele respondera, com a inocência de um sacristão. – Ah, você quer dizer sobre sua ex-namoradinha? – Ele apertou os lábios, como se estivesse pensando a respeito, e Billy quis socá-lo. – Bem, depois do que ela lhe fez, depois do nível de traição, acredito que sua punição deva ser severa, não acha? Ela não mostrou qualquer piedade, certo?

– Ela é só uma criança – Billy dissera, tentando se mostrar indiferente. – E eu também não fui exatamente justo com ela.

– Confie em mim, Billy. Ambos nos sentiremos mais confiantes de sucesso se não deixarmos essa ponta solta. – Billy estava logo atrás, quando Creighton caminhou até a porta. Ele tinha esticado o braço até a maçaneta, mas Billy, mais por impulso do que bom senso, agarrou-a antes dele.

– Você não vai a lugar algum, Creighton. Não até que tenhamos falado sobre isso. Até estarmos esclarecidos.

Creighton parecera surpreso e ofendido.

– Isso parece uma ameaça.

– Nada de ameaça. Eu só quero ter certeza de que não há mal-entendido sobre isso.

– Acho que nos entendemos perfeitamente. – Com isso, Creighton lançara um olhar direto à mão de Billy na maçaneta. Billy virou-a, abrindo a porta.

Creighton já estava quase lá fora quando parou e estalou os dedos.

– Quase esqueci. Eu lhe deixei um presente. Ali em cima, na TV. Aproveite.

O assim chamado presente era um filme, num DVD.

Billy não assistira porque queria muito tomar um banho quente. Embora nunca tivesse visto Creighton menos que impecável, o cara transmitia um ar de podridão. Seria difícil tornar esse quarto pior do que já era, mas, de alguma forma, a presença de Creighton Wheeler o poluíra.

O chuveiro ajudou um pouco. Mas uma preocupação insistente o perseguira o dia todo. Ele tentou dar um sentido positivo a tudo que Creighton dissera e à forma como havia dito, mas implicações sinistras pareciam evidentes. Um agouro grudado à pele de Billy, como um suor azedo que desafiava até seu chuveiro. Ele começou a desejar nunca ter conhecido Creighton Wheeler.

Ele parecera um anjo da guarda, na primeira vez que abordou Billy. Surgira quando ele menos esperava. Havia entrado na vida de Billy, que permitira. Na verdade, ele dera as boas-vindas. Porque Creighton salvara a pele de um estranho absoluto – dele, Billy. Nunca houve qualquer questionamento que Billy demonstraria sua gratidão pagando o favor. Além disso, Creighton tinha sido muito persuasivo.

E as coisas se desenrolaram exatamente como Creighton dissera que seria. Paul Wheeler estava morto, e todo crédito ia para Billy Duke. Durante dias depois da morte, cada vez que assistia à história no noticiário da TV, ele mal conseguia conter seu orgulho. Com um ato ousado, ele deixara de jogar na segunda divisão para ir à Copa do Mundo.

Enquanto estivera metido nessa espelunca, os dias se tornaram longos e cansativos, mas ele se consolava com visões de seu futuro. Quando os cem mil dólares combinados estivessem depositados na conta bancária arranjada para ele, nas Ilhas Cayman, ele daria o fora dali. Sua consciência estava limpa, porque ninguém tinha sofrido, exceto um velho mesquinho, um tirano que tornava infeliz a vida do sobrinho. Billy Duke viveria seus dias como um homem rico. Ele e Creighton sairiam limpos, exatamente como haviam planejado.

Mas, essa manhã, o comportamento de Creighton tinha sido bem assustador. As coisas que ele dissera, a forma como havia agido, tudo deixou Billy com uma dúvida inquietante quanto à parceria dos dois não terminar tão satisfatoriamente como planejado. O fato de Creighton mencionar Ariel podia muito bem ter sido um blefe, só para analisar como Billy reagiria. Creighton dissera que eles estavam entendidos quanto a isso, mas será que estavam? Ele disse que depositaria o dinheiro na conta, mas será que o faria?

Billy tinha passado o dia relutando com o medo de que sua aliança com Creighton tivesse sido um erro colossal.

Mas, agora, conforme se olhava no espelho, ele perguntava de onde surgira aquele babaca que quase o estrangulara? E por que ele deixara por isso mesmo?

Subitamente, num momento de claridade cegante, Billy xingou a si mesmo por ser tão babaca. Ocorreu-lhe que agora ele estava caindo direto nas mãos de Creighton Wheeler. Esse era o modus operandi de Creighton. Ele estava tentando atormentar Billy psicologicamente, e Billy quase deixou!

Ele riu de si mesmo por ser tão inocente e suscetível à foda mental do outro. Isso era o que homens ricos como Creighton Wheeler faziam. Eles incutiam o medo com insinuações sutis. Era assim que exerciam o poder sobre as outras pessoas. Creighton fizera um jogo mental com ele, e isso quase funcionara como antes.

– Foda-se!

Billy foi marchando ao cômodo principal e fez um sinal obsceno para a cadeira onde Creighton estivera sentado, naquela manhã, parecendo tão malditamente perfeito e intocável. Quem esse cara pensava que era, para ter dúvidas quanto à forma de Billy realizar a execução de seu tio? Ele tinha muito atrevimento. Não era o rabo dele que estava na reta, era? Então, como se atrevia a criticar...

Billy lembrara a si mesmo que era um lobo, perspicaz e astuto, sobrevivendo no instinto e na destreza. Ele era mau que nem pica-pau. Sorrindo com uma confiança renovada, ele ajoelhou-se e tirou o saco de veludo preto da última gaveta da cômoda.

– Eu não nasci ontem.

Ele riu, lembrando que dissera exatamente essas palavras para Creighton. Ele tinha olhado para Billy com aquele jeito hipócrita que fazia Billy querer socá-lo, o que deveria ter feito.

Creighton Wheeler não era nem de longe tão esperto quanto pensava ser. Será que realmente achava que Billy Duke deixaria de guardar uma cobertura para fugir? Havia mais de uma forma de tirar a pele de um gato, e Billy sempre tinha opções, caso o plano original desse errado.

Ele abriu a cordinha do saco e despejou o conteúdo na cama. A maior parte das peças era barata e descartável, embora um par de brincos de diamante de uma das moças assustadas talvez valesse uns dois mil.

Mas o relógio de Wheeler, esse sim, era uma ficha e tanto de barganha.

E agora que ele estava pensando nisso, Julie Rutledge também era.

Desde o começo, Billy sentiu que a mulher incomodava Creighton quase da mesma forma que o tio. Ele tinha sido enfático quanto a Wheeler morrer na presença dela, preferencialmente, em seus braços. Martelou tanto isso na cabeça de Billy, até que Billy ficou farto de ouvir e disse isso a ele. Desde então, ele não mencionara mais a amante do tio, nem mesmo essa manhã.

Porém, tendo uma queda para aproveitar uma oportunidade, ou fazendo uma oportunidade onde ela pudesse ser encontrada, Billy tinha verificado todos os aspectos da vida de Julie Rutledge, assim que ele chegara a Atlanta. Ele fizera sua vigilância secreta, achando que ela talvez fosse uma parceira melhor para ele do que Creighton. Ele achou que talvez pudesse fazer o velho papel de duas caras.

Por exemplo, ele poderia ir até ela, contar-lhe sobre o plano de Creighton e ver se ela poderia pensar num esquema alternativo que poupasse a vida de seu amante – e fosse mais lucrativo para Billy.

Ou ganha, ou ganha, entende?

Mas, no fim, ele decidira contra. Uma coisa era certa, embora ela tivesse aquela galeria bacana e um rabo classudo, ela não tinha a mega grana que Creighton Wheeler tinha. Sua casa era legal, mas nada comparado ao arranha-céu onde Creighton morava – é, contra as instruções explícitas de Creighton, Billy tinha checado o prédio. No fim das contas, ele concluiu que sua melhor opção seria não abordar Julie Rutledge, mas continuar com Creighton e seu plano.

Uma vez, Billy chegou até a considerar ir até Paul Wheeler e contar-lhe o que o

sobrinho tinha guardado para ele. Mas, baseado na descrição de Creighton, ele era um cara durão, e Billy temeu que Wheeler pudesse chamar a polícia, e aí, já era. Ele iria para a cadeia e Creighton continuaria vivendo sua vida de príncipe.

Porque ninguém acreditaria que um cara rico como Creighton Wheeler estivesse de parceria com um oportunista como Billy Duke. E isso realmente injuriava Billy. No cenário atual, se fosse pego, cairia sozinho.

Ele pegou o relógio de Paul Wheeler e esfregou o polegar na superfície lisa. Porra! Tinha sido muita esperteza guardá-lo. Não por valer cinquenta mil, mas porque, enquanto ele o tivesse, ele teria poder em relação a Creighton Wheeler.

Mas qual a melhor forma de usá-lo? Ele precisava se livrar de Creighton do jeito mais gracioso e rentável possível. Sem ser pego, é claro.

Ele tinha que bolar um jeito.

Mas sua mente precisava de um tempo. Quando se pensava demais num problema, a solução lógica se tornava mais enrolada.

Então, enquanto estava digerindo isso, ele colocou o DVD que Creighton lhe deixara e recostou para desfrutar do filme.

CAPÍTULO 17

Julie teve que tocar a campainha três vezes, antes que ele atendesse.

Ele estava com a mesma roupa de quando eles se separaram, jeans e uma camisa branca com as mangas arregaçadas até os cotovelos, mas agora estava todo desgrenhado. A parte de trás da camisa estava pra fora, e seus cabelos pareciam ter passado por um furacão. Seus olhos estavam vermelhos e molhados. Um homem em angústia.

Ele não teve qualquer reação ao vê-la, nem surpresa, nem alegria, nem irritação. Suas feições estavam abatidas e tomadas de tristeza.

Ela disse seu nome, só isso, baixinho e com compaixão.

Sem nada em resposta, ele deixou a porta aberta e voltou ao hall de entrada. Ela entrou, fechou a porta da frente e o seguiu até uma sala menor, de canto. Duas das paredes eram montadas como prateleiras embutidas de livros. Eram arrumadas, mas funcionais, não para mostrar. Persianas estavam fechadas sobre a única janela alta.

A sala tinha pouca mobília. Uma escrivaninha com um computador, pilhas de jornais, correspondência sem abrir. Uma poltrona. Um sofazinho de couro marrom de dois lugares, sobre o qual Derek estava esparramado, com a cabeça recostada no braço estofado do sofá, o antebraço cobrindo os olhos.

Agora que estava ali, Julie não sabia o que fazer. Ele havia desligado imediatamente depois de dizer que sua amada Maggie tinha sido morta. Agindo por impulso, ela se levantou, se vestiu e, minutos depois de atender ao telefone, seguia a toda a velocidade rumo à casa dele.

Quando seu plano de impedir que ele representasse Creighton ainda estava sendo articulado, Julie tinha procurado o endereço dele. Habersham era uma das ruas mais prestigiadas da cidade e, como a maioria das casas em sua rota sinuosa passando por Buckhead, a casa de Derek ficava situada num terreno arborizado. Era uma casa antiga que já passara por algumas reformas, sem sacrificar o estilo original. Em qualquer outra ocasião, ela teria gostado de observar os detalhes.

Essa noite, no entanto, ela estava mais interessada no proprietário do que na bela casa. Na pressa de chegar ali, não tinha parado para pensar o que a compelira a vir. Agora, estava se questionando quanto a ter invadido sua dor.

Cautelosamente, ela sentou na poltrona.

– Posso fazer alguma coisa pra você?

Ele sacudiu a cabeça.

A casa estava silenciosa como uma rocha. Nenhum tique-taque de relógio, nenhum rangido de madeira, nada perturbava o silêncio que comprimia os ouvidos, como a pressão da água a cinquenta metros. Ela pensou em ir embora, apenas ir, sem perturbá-lo mais. Provavelmente poderia sair sorrateiramente, e ele talvez nem notasse, ou lembrasse que ela estivera ali. Mas algo a manteve sentada, tensa, na beirada da poltrona.

Finalmente, ele baixou o braço e olhou para ela, apenas olhou, sem dizer nada.

– Quer que eu vá embora?

– Por que você veio?

– Porque... – Ela parou. Ela estava prestes a dizer Porque sei o quanto Maggie significava para você, ou Porque sei como é difícil sofrer uma perda como essa. Mas, subitamente, ela percebeu o motivo para estar ali, e isso a deixou mal. Ela correra até ali para se desculpar. – Se não fosse por mim – disse ela, com a voz embargada –, Maggie estaria viva. Eu lamento muito, lamento muito.

Ela levantou e disparou para a porta, mas Derek chamou-a de volta.

– Você não matou Maggie. – Ele sentou. – Ele matou. Aquele maluco fodido. Ele a matou.

Derek pousou os cotovelos nos joelhos, abaixando a cabeça sobre as mãos e passando os dedos nos cabelos. Seu desespero tocou Julie profundamente. Ela foi até o sofazinho, sentou ao lado dele e colocou a mão no meio de suas costas.

– Há quanto tempo você a tinha?

Ele deu uma olhada no tapete ao lado de sua escrivaninha, onde Maggie provavelmente ficava dormindo, enquanto ele trabalhava.

– Dez anos.

– Ela era mencionada na maioria dos artigos que li sobre você. Era descrita como sua companheira constante. Era tão célebre quanto você.

Ele deu uma risada suave e limpou os olhos.

– Ela também sabia. Juro que ela posava para fotos.

– Pense nisso. Pense no quanto ela foi amada, quanto ela te amou. Pense nos bons momentos que vocês passaram juntos.

Ele ergueu a cabeça e olhou na direção da porta aberta do escritório.

– Isso será difícil. Pelo menos, por um tempo.

Ela seguiu a direção de seu olhar, depois voltou ao seu perfil, que ficara rígido.

– Você a encontrou quando voltou pra casa, vindo de Athens?

– Demorei um tempo pra voltar. Parei pra comer alguma coisa. – Novamente, ele apoiou os cotovelos nas coxas e apertou os olhos com os polegares. – Sabe aquela cena em O poderoso chefão? O cavalo de corrida. Na cama.

Ela exalou um pouquinho de ar pela boca aberta, murmurando:

– Oh, meu Deus, Derek.

Ele baixou as mãos dos olhos e olhou para ela.

– É. Aquilo me desguarneceu. Eu gritei. Ele queria me ferir, queria me atingir, causar o pior impacto possível. E conseguiu.

A campainha tocou e Julie deu um pulo, olhando para ele, alarmada.

– É provavelmente a polícia. Achei que fossem eles quando você tocou a campainha.

– Eles demoraram bastante.

– Eu disse a eles que não havia pressa, que o estrago já estava feito. Com licença.

Ele levantou para atender à porta. Ela o seguiu. Os oficiais uniformizados pareciam terrivelmente jovens e rijos, como se tivessem acabado de se formar na academia e tivessem que compensar por sua inexperiência, falando pouco e mantendo-se rijos.

Eles trocaram apresentações bem formais com Derek, que depois gesticulou lá pra cima.

– Primeira porta, à esquerda.

Enquanto ele e Julie observavam os dois subindo, ela disse, baixinho:

– Eles parecem máquinas. O choque do que verão talvez os torne mais humanos.

– Não conte com isso. Eles conhecem minha reputação. Farão os procedimentos da investigação, mas o departamento de polícia de Atlanta não vai se esforçar para rastrear o assassino da minha cadela. Não espero que esses dois façam muita coisa além do registro. A única razão para chamá-los foi porque eu queria isso documentado.

A campainha tocou novamente.

– É o veterinário – disse ele. – Liguei para que ele me ajudasse com... com Maggie.

Ele foi até a porta e recebeu um homem mais ou menos de sua idade. Ele parecia ter se vestido rapidamente, com um jeans gasto e uma camiseta desbotada dos Falcons. Talvez tivesse escolhido essa roupa porque sabia que depois de fazer a tarefa para a qual havia sido chamado, ele provavelmente teria que jogar a roupa fora.

Ele e Derek se abraçaram meio sem jeito, da forma como os homens fazem numa situação emotiva. Quando Derek deu um passo atrás, ele indicou Julie e fez uma rápida apresentação, à qual o doutor respondeu em monossílabos.

Então, Derek disse ao veterinário:

– Por aqui. – Quando passaram por ela, ele disse: – Não suba.

Julie achou o caminho da cozinha. Os eletrodomésticos eram bonitos e impecáveis, de quem não cozinhava com frequência. A cafeteira era tão moderna que ela levou um tempo até descobrir como ligar, depois que encheu de água, virou os grãos para moer e coar.

Tendo visto as vasilhas de comida e água de Maggie, perto da porta dos fundos, ela colocou-as na despensa. Seriam lembretes dolorosos.

Os dois policiais entraram na cozinha, sem parecer menos sérios do que quando subiram. Cada um deu uma olhada para ela, mas não disseram nada, ao passar e usar a porta dos fundos para sair.

Da janela da copa, ela viu os focos das lanternas dançando nos arbustos e no gramado. Um dos oficiais ergueu o foco de luz para os galhos de uma árvore, como se o culpado pudesse estar se escondendo ali. Mas nenhum deles investigou de verdade e, alguns minutos depois de saírem, já estavam voltando. Um deles bateu a lanterna na caixa do controle de segurança, e o outro assentiu.

– Você acha que ele mexeu no sistema de alarme? – perguntou Julie. – Você vai tirar digitais daquela maçaneta? Viu pegadas lá fora?

Ignorando suas perguntas, um deles perguntou:

– Qual é o seu nome?

Ela disse.

– Escrita comum?

– Sim.

– Estava aqui?

– Quando?

– Quando ele encontrou o cachorro?

Ela sacudiu a cabeça.

– Eu cheguei alguns minutos antes de vocês.

Sem perguntar mais nada, eles saíram da cozinha, andando como uma unidade.

Derek havia previsto corretamente. Eles passariam pelos procedimentos comuns, mas só isso. Ela os seguiu até o pé da escada, onde eles se reuniram com Derek. Ela ficou afastada, enquanto os policiais falavam com ele, mantendo a voz baixa. Um deles fazia anotações. Derek fez várias perguntas, para as quais recebeu respostas incisivas.

Então, o oficial que estava tomando nota fechou o caderno. Ela ouviu o outro dizer a Derek que entrariam em contato. Ele os levou até a porta, onde um deles tocou a borda do quepe.

– Lamento sobre seu cão, Dr. Mitchell.

Derek fechou a porta, sem responder. Ao passar pelo hall, lançou um olhar a Julie, mas não disse nada ao subir a escada.

Ela voltou à cozinha. O café estava pronto. Acabara de encontrar as canecas e colheres quando ouviu barulhos e voltou para a frente da casa. Derek e o veterinário estavam carregando um saco plástico preto escada abaixo. Os olhos de Derek estavam se debulhando em lágrimas.

Ela se adiantou a eles, abriu a porta da frente e ficou em pé ao lado. Eles carregaram o saco da casa até o meio-fio, onde o veterinário tinha deixado sua picape. Julie observou da porta enquanto eles delicadamente colocaram o saco no chão, abriram a tampa traseira da caminhonete, depois ergueram o saco e o colocaram na parte de trás.

O veterinário se afastou, deixando Derek sozinho. Ele ficou ali por um tempo que pareceu bem longo para Julie, mas os momentos foram carregados de emoção, e talvez nem fossem tão longos quanto pareceram. Finalmente, Derek pousou a mão sobre o saco, disse algo, depois ergueu a tampa e fechou.

Julie achou o veterinário de uma sensibilidade notável, e ele não disse mais nada, só entrou na cabine da caminhonete e foi embora dirigindo. Os joelhos de Derek pareceram ceder. Ele sentou no meio-fio, de frente pra rua, e ficou ali por um tempo. Julie viu seus ombros sacudindo. Ela ficou onde estava, na soleira da porta aberta, sabendo que ele precisava de um tempo.

Derek acabou levantando e caminhou lentamente de volta para casa. Sua camisa branca não era mais branca. Seu jeans estava escuro de sangue. Quando chegou à porta, ele disse:

– Vou tomar um banho – e subiu a escada outra vez.

Como ele não reapareceu depois de quinze minutos, ela encheu uma caneca de café e levou lá pra cima. Localizou seu quarto, porque era o único cômodo com a luz acesa. A porta do banheiro adjacente estava fechada. Por trás dela, a água estava ligada. A cama dele tinha sido desfeita. No meio do colchão havia uma mancha molhada, escura, maior que um homem, a coisa mais repugnante que Julie já vira.

Outro saco, como aquele em que eles levaram o corpo de Maggie, tinha sido colocado num canto. A roupa de cama e as roupas de Derek, pensou Julie. No chão, junto à parede oposta à cama, estava a pintura do leilão, ainda no engradado que ela mesma havia fechado. Ainda na noite anterior, mas parecia séculos atrás.

A água foi desligada e, alguns minutos depois, ele saiu do banheiro com uma toalha enrolada na cintura. Ela estendeu a caneca na direção dele.

– Acho que esfriou.

– Obrigado mesmo assim. – Ele pegou a caneca, mas ficou olhando o café, sem provar. – Eu prefiro um drinque.

– Minha casa. – Ela falou decididamente, embora a ideia só tenha lhe ocorrido naquele momento. – Vista-se.

Creighton entrou em seu prédio pelo lobby e parou para pegar a correspondência. Espremida num canto estreito da caixa de bronze, havia uma folha de papel dobrada. Ele abriu, leu rapidamente a mensagem, depois xingou, enquanto seguia para o elevador.

Billy queria vê-lo. Imediatamente. Sublinhado e escrito em maiúsculas.

Ele fechou o punho, amassando o bilhete. O idiota tinha, de fato, vindo ao seu prédio, enfiado um bilhete na caixa de correio, apesar das inúmeras vezes que Creighton dissera que ele não entrasse em contato em nenhuma circunstância?

Claro que Creighton tinha rompido essa condição essa manhã quando foi ao motel, mas Billy não tinha permissão para os mesmos privilégios.

Ele pegou o elevador até seu apartamento e foi direto para o banheiro, onde todas as paredes eram espelhadas. Tirou a roupa e entrou no chuveiro. A porra da vira-lata do Mitchell tinha feito uma lambança.

A ideia de matá-la já estava em sua cabeça havia alguns dias. Uma loja de ferragens Ace havia suprido o equipamento completo, até com macacão de pintor, caso ele decidisse interpretar a cena de O poderoso chefão.

A forma rude como Mitchell o tratara naquela manhã, em seu escritório, condenou seu cão. Creighton tivera o troco ao flagrar Mitchell em Athens com Julie, apalpando-a como um adolescente excitado. Depois o cara teve a ousadia de esculachá-lo. Quando Mitchell parou num restaurante, no caminho de volta à Atlanta, pareceu providencial que Creighton fosse em frente e liquidasse o cão.

Um homem que defende seus bandidos como meio de vida realmente deveria ser mais esperto e não sair de casa sem ligar o alarme. Essa havia sido a única preocupação de Creighton. Isso e o cão latindo. Mas o drive-thru do Burger King tinha resolvido o problema. Ela havia rosnado e latido algumas vezes, depois ele jogou o hambúrguer e ela quase se engasgou devorando.

Não demorou nada.

Então, no escuro dos arbustos do quintal dos fundos de Mitchell, ele tirou o macacão horrível, as botas e as luvas que usara por cima das roupas e enfiou tudo num saco plástico que depois jogou numa caçamba, atrás de um supermercado, a caminho de

casa. Ele havia parado num lava a jato potente que usou para tirar o grude da faca, com a qual cortou a jugular, e a serra de arco com que terminou o serviço.

Mas ainda sentia o cheiro do sangue seco nele. Ele só gostava do cheiro quando era fresco.

Agora, enquanto se esfregava, ele pensava em Billy, que aparentemente não conseguia seguir uma instrução. Sentiu o nervosismo no bilhete que ele deixara, um desespero acumulado que podia ser problemático.

Creighton até se identificava com um ímpeto tão forte que chegava a fazer sua pele coçar, de dentro pra fora. Mas claro que ele sabia dominar seus impulsos; porém, o desconfiado Billy, nem tanto. Ele ponderou que, apesar do risco envolvido, ele tinha que atender ao chamado do homem frenético.

Depois de se ensaboar e enxaguar duas vezes, seu plano estava traçado. Ele se secou e penteou os cabelos para trás, com gel, o que o fazia parecer mais escuro. Vestiu um jeans preto e uma camiseta preta.

Depois saqueou a cozinha, empacotando itens que pegou na despensa e na geladeira, guardou tudo numa bolsa térmica comprada num mercado gourmet, onde ele fazia compras.

Meia hora depois de entrar no prédio, ele saiu pela mesma porta. Essa noite estava dirigindo algo menos chamativo que seu Porsche. A caminhonete era azul-marinho. O interior era equipado com todas as opções possíveis, mas, do lado de fora, parecia qualquer um dos milhares de veículos semelhantes das ruas e subúrbios de Atlanta. Motivo pelo qual ele a dirigia hoje. Não tinha chamado atenção nem em Athens, nem na vizinhança de Mitchell.

E, apenas como precaução, havia trocado as placas duas vezes essa semana.

Ele não estava contente em sentar novamente atrás do volante. Já tinha feito muita coisa essa noite. Dirigido até Athens, depois voltado correndo antes de Mitchell. Lidar com o cão – embora o cheeseburger os tivesse tornado amigos, ele gastou um bom tempo arrastando-a até a cama, o que Mitchell aparentemente não deixava.

Já tivera um dia cheio. Preferiria muito mais estar se acomodando para desfrutar da serenidade escura e fresca de seu home theater, com uma seleção ilimitada de filmes para assistir.

Mas "Um homem tem que fazer o que tem que fazer". Colin Firth, Simplesmente amor.

Para evitar que seu carro fosse visto no motel, ele estacionou na sombra da loja de carpetes baratos, que já tinha fechado por hoje, depois pegou a bolsa e caminhou atravessando o estacionamento cheio de um prédio vagabundo ao lado do motel.

Que conveniente, pensou. Ele chegou a detectar um caminho gasto pelo asfalto, entre a porta do prédio e o escritório do motel.

O quarto de Billy era o último da ala térrea que se estendia até os fundos do prédio, longe da rua movimentada. Conforme Creighton se aproximava do quarto, ele deu uma olhada por cima do ombro, mas, até onde podia ver, assim como essa manhã, sua chegada passara despercebida. Esse não era o tipo de lugar que gente bem cuidada gostaria de ser vista.

Ele bateu à porta uma vez. Billy abriu quase imediatamente e se curvou de alívio ao vê-lo.

– Graças a Deus. Eu estava com medo de que você não viesse.

Creighton empurrou a porta com o pé, abrindo-a, e entrou no quarto. O ar ali dentro estava quente e úmido, e fedia à ansiedade de Billy.

– Eu senti que havia uma emergência. – Ele levou a bolsa para dentro da quitinete e colocou-a sobre o bar. – Mas o que você estava pensando para entrar no meu prédio?

– Ninguém me viu.

– Tem certeza disso?

– Absoluta. Acha que sou idiota? Não quero ser flagrado da mesma forma que você.

Billy estava fazendo o máximo para manter a pinta de valentão, mas Creighton detectou abalos em sua fachada presunçosa. O que validou a decisão de Creighton de agir rapidamente, antes que o homem desmoronasse completamente e arruinasse tudo.

Ele pegou uma garrafa de cerveja na bolsa.

– Acho que você está com uma ligeira febre de confinamento. Que tal uma cerveja?

– Obrigado.

– Abridor de garrafa?

– Atrás de você, na primeira gaveta.

Creighton encontrou uma chave de igreja enferrujada e usou para abrir a cerveja. Ela espumou por cima do gargalo e na bancada da cozinha. Pingou um pouco no chão. Creighton arrancou uma toalha de papel e ajoelhou-se para limpar. Billy pareceu não notar a bagunça, nem o tempo que Creighton estava levando para limpar. Ele estava andando de um lado para o outro, como um animal enjaulado.

Depois de limpar tudo, Creighton virou e entregou a garrafa a Billy, que arrancou da mão dele e bebeu avidamente.

– Obrigado.

– De nada.

– Você não vai tomar uma?

– Eu não bebo.

– Certo. Eu esqueci. – Billy olhou a bolsa como se a notasse pela primeira vez, mas demonstrou pouca curiosidade a respeito. Ele ergueu os ombros, assumindo sua pose agressiva. – Ouça, Creighton...

– Estou ouvindo.

– Não quero que você faça isso.

Creighton começou a tirar a comida e os utensílios da bolsa. Ele sabia exatamente do que Billy estava falando, mas fingiu espanto.

– Fazer o quê?

Billy bebeu no gargalo da garrafa.

– Ninguém mais se machuca, está bem?

– Ah. Você está se referindo à nossa conversa dessa manhã. Por que está obcecado com isso? – Ele sorriu enquanto desembrulhava o pacote de presunto fatiado. – Não é problema seu, é meu. E eu não estou nem um pingo preocupado. Você também não

deveria estar. Imagino que goste de presunto.

– Ela não fazia parte do acordo.

– Inicialmente, não. Mas eu sou flexível. Outra cerveja?

Billy pareceu contrariado, mas disse que tudo bem o presunto, e concordou com mais uma cerveja.

Creighton virou de costas para abrir a segunda garrafa, mas viu, de soslaio, os movimentos nervosos que Billy não queria que ele visse. Billy limpou as mãos na parte de trás do jeans. Passou uma das mãos atrás do pescoço. Puxou, com os dentes, um pedacinho de pele no canto do lábio.

Creighton trocou de garrafa com ele, a vazia por uma cheia.

– Pronto para um sanduíche?

– Claro. Certo. Eu não comi muito hoje. Tem maionese na geladeira.

– Eu trouxe mostarda da delicatéssen.

– Ótimo.

Creighton indicou uma das banquetas do bar.

– Sente-se, Billy. Você está me deixando nervoso. – Billy sentou, mas estava longe de relaxar. Ele apoiou o pé na argola da haste da banqueta e sacudia o joelho. Em contraste, os movimentos de Creighton eram lentos e metódicos, enquanto ele preparava dois sanduíches, passando mostarda nas fatias de pão, arrumando o presunto em cima. – Queijo suíço ou provolone?

– Tanto faz. – Enquanto observava, Billy disse: – Você não precisa fazer isso.

Intencionalmente equivocado, Creighton disse:

– Eu não me importo. Durante semanas você tem comido enlatados. Achei que cairia bem uma mudança na culinária.

– Pare com a baboseira, Creighton. Você sabe do que estou falando, e não é do maldito sanduíche. Você não precisa matá-la.

Creighton continuou empilhando queijo e presunto nas fatias de pão.

Billy apoiou o antebraço no bar e inclinou-se para a frente.

– Ela não sabe nada a respeito de Paul Wheeler. Jamais passaria por sua cabeça que estou envolvido naquilo.

– Talvez passe.

– Não vai passar. Como poderia?

– As coisas acontecem, Billy. Uma coisinha pode fazê-lo tropeçar. Você é meu parceiro. Tenho a obrigação de protegê-lo.

– Não tem não. O motivo principal para que eu quisesse vê-lo essa noite era para lhe dizer que estamos quites. Estou indo embora. Amanhã. Você estava certo. Eu deveria ter deixado Atlanta logo depois de matar Wheeler. Você viu o investigador negro no noticiário das seis essa noite?

– Não, perdi.

– Bem, uma das pessoas com quem me engracei, uma secretária de um dos escritórios onde eu peguei uma ficha de cadastro, ela me reconheceu pela foto da câmera de segurança e ligou para a polícia.

– Ela não tinha nenhuma informação sobre você, tinha? Nem seu nome verdadeiro?
– Não.
– Endereço, telefone?
– Não.
– Então, não vejo problema. – Creighton tinha trazido o facão afiado, agora limpo e asseado, que usara no cão de Mitchell. Ele o tirou da bolsa e usou para cortar os sanduíches ao meio, depois colocou sobre o balcão e empurrou um prato de papel na direção de Billy. – Coma.
– Obrigado.
– O prazer é meu. – Creighton deu uma mordida em seu sanduíche. – Hummm. Delicioso, tenho que dizer. Adoro essa crosta de pimenta-do-reino no presunto, você não?
Billy mordeu seu sanduíche, mastigou, engoliu com uma golada de cerveja.
– Então, tudo bem pra você?
– Bem?
– Em deixar quieto. Eu vou embora da cidade. Nunca mais nos veremos. Não teremos mais contato. Ninguém mais morre.
Creighton manteve o olhar fixo enquanto dava outra mordida no sanduíche e mastigava pensativo.
– Você me surpreende, Billy. Quando nos conhecemos, você não conseguia parar de falar mal dessa garota.
– Eu sei o que eu disse. Era como eu me sentia naquela época, mas, agora... – Ele engoliu uma golada de cerveja, esticou o braço para pegar o sanduíche, mas mudou de ideia e o colocou de volta no prato, esfregando a testa.
– Em que está pensando, Billy?
– Vou lhe dizer no que estou pensando. Aquela porra daquele filme.
Creighton limpou a boca com um guardanapo.
– Que filme?
– O que você deixou hoje de manhã.
– Você assistiu?
– É.
– Brilhante, não é?
– É doente. Aquele cara, o assassino, ele é doente. Aquela cena em que ele...
– Posso até adivinhar que cena você quer dizer. A cena é a marca registrada. A brutalidade é tão gráfica, o efeito é...
– Tanto faz – disse Billy, agitado. – Não consigo tirar isso da cabeça.
Creighton sussurrou:
– Você ficou excitado?
O queixo de Billy caiu.
– Credo, não.
Creighton piscou.
– Nem um pouquinho?

– Meu Deus, Creighton, não.

Creighton teve vontade de rir. Ele estava adorando isso. O pobre Billy, nem tanto. Creighton quase sentiu pena dele.

– Olhe, Creighton, eu estava injuriado com ela. Em algum momento, eu talvez tenha dito algo como "Eu poderia matá-la". Mas não estava falando pra valer. Era só conversa. – Ele gesticulou na direção da TV. – Eu não gostaria de nada daquilo acontecendo com ela.

– Billy, seu hipócrita. Você pulverizou os miolos do meu tio. Espirrou pra todo lado naquele elevador. E se gabou a respeito hoje de manhã e, a menos que eu esteja errado, você ficou decepcionado por eu não ter visto fotos do seu trabalho manual.

– Aquilo foi diferente.

Ainda intrigado, Creighton disse:

– É mesmo? Então, me esclareça.

– Eu não o conhecia. Não tinha sentimentos por ele. Foi rápido. Ele nem viu o que o atingiu.

– Entendo. – Creighton empurrou o prato para o lado e sacudiu os farelos das mãos. Ele tinha comido todo o seu sanduíche. – Você não se importa que eu mate a amante que o traiu, contanto que seja benevolente.

– Não. Sim. Quero dizer... – Ele desceu da banqueta como se ela subitamente tivesse esquentado. – Quero dizer que eu não quero que você faça nada disso.

– É apenas justo, Billy. – Creighton calmamente embrulhou as sobras do queijo e do presunto. Ele colocou a tampa na mostarda. Pegou a faca e usou a ponta afiada para apontar para o prato de Billy. – Você terminou?

– Sim, obrigado. O que é apenas justo?

Creighton jogou fora os restos, incluindo os produtos de papel, dentro do saco plástico, lacrou, depois colocou tudo dentro da bolsa, até a garrafa vazia de cerveja.

– Quer um Hershey's Kiss?

– Não, obrigado. O que é apenas justo?

Creighton tirou o laminado do doce e enfiou-o na boca, depois jogou o laminado na bolsa.

– Ela é uma ponta solta para mim também. Pelo certo, você é quem deveria eliminá-la. Afinal, ela é sua bagagem. Mas – ele sorriu –, eu posso ver como seria difícil pra você. Entendo como você teria emoções conflitantes por isso. Então, vou aliviá-lo do estresse que isso lhe causaria.

Billy parecia estar tendo dificuldade em continuar com a cerveja e o sanduíche na barriga.

– Você pode ficar com...

– O relógio do meu tio Paul?

– O quê? Não. Eu lhe disse. Joguei tudo fora, todos os negócios que peguei no roubo.

Creighton manteve o olhar fixo por um momento, depois deu uma olhada lenta e detalhada.

– Honestamente? Se eu vasculhar esse lugar, você jura pela sua morte que eu não

encontraria um saco de joias?

– Juro.

– Seu celular.

– Hã?

– Seu celular. Você é esperto demais para estar fazendo ligações desse quarto.

– É um daqueles descartáveis. Comprei antes do roubo.

– Ariel me disse...

– Eu nunca disse nada. Eu lhe disse. Só liguei algumas vezes e desliguei. Se ela te disse que era eu que estava ligando, ela está chutando, só isso.

Creighton estendeu a mão com a palma para cima.

Billy se preocupou com aquele pedaço de pele no lábio, depois foi até a gaveta da cômoda, pegou o celular e entregou-o a Creighton, que o enfiou dentro do bolso da calça.

– Não faz porra de diferença nenhuma – murmurou Billy. – Nenhuma ligação pode ser rastreada até mim.

Creighton sorriu.

– Agora, eu me sinto bem melhor. – Ele hesitou, depois disse: – Nem preciso dizer que se você mandou e-mails...

– Ali está o meu laptop. – Estava na mesinha de cabeceira. – Pode olhar. Claro que não mandei e-mails. Só usei meu computador para checar aquela conta bancária, usando a senha que você me deu.

– Quando foi a última vez que checou?

– Ontem.

– Fiz o depósito essa manhã, logo depois que saí daqui. Você não precisa acreditar em minha palavra. Pode checar agora.

Bruscamente, Billy disse:

– Não quero o dinheiro.

– O quê?

– Você pode ficar com os cem mil.

Creighton riu baixinho.

– Ora, obrigado por sua generosidade, mas esses foram os cem mil que melhor gastei. Estou livre do tacanho e avarento do tio Paul.

– Fique com seu dinheiro. Apenas não mate... não mate...

– Ah, apenas não matar sua ex-namoradinha. – Creighton olhou-o tristemente e sacudiu a cabeça. – Mas eu quero, Billy. Quero fazer isso por você. A piranha te traiu. Não uma vez, mas duas.

– Duas?

– Alguém ligou e o identificou para a polícia, não se esqueça.

Billy limpou a testa suada. Olhou novamente na direção da televisão, e Creighton pôde jurar que ele empalideceu mais um pouco.

– Você vai... como você vai...

– Ah, ah, ah. – Creighton sacudiu o dedo indicador. – Eu não lhe disse como matar o

tio Paul. É apenas justo que eu possa escolher o meu método. Deixe ser uma surpresa. Quando eles a encontrarem, certamente estará no noticiário.

– Quando você vai fazer isso?

– Você sabe o que é um corte súbito?

– Um corte... Não, não sei. O que é?

– É uma edição brusca. Uma súbita mudança de cena. Usada para chocar o expectador. Muito eficaz. Bastante impacto. Uma pancada. Será assim. Ninguém vai esperar. Principalmente ela. – Ele sacudiu a segunda garrafa de cerveja para ter certeza de que estava vazia, depois colocou-a na bolsa.

"No entanto, eu acho uma boa ideia você ir embora de Atlanta. Não devemos nos ver novamente. Você certamente pode aproveitar uma mudança de cenário." Creighton deu uma olhada debochada em volta. "Esse lugar é uma espelunca. Não é de admirar que você não esteja agindo como você mesmo essa noite."

Ele umedeceu uma toalha de papel e usou-a para limpar o abridor antes de recolocá-lo na gaveta, depois limpou o bar com a toalha de papel e guardou na bolsa. Deu uma olhada para verificar se não tinha se esquecido de nada, depois pegou o saco, usando os dois braços, para segurá-lo junto ao peito.

– Pode abrir a porta pra mim, por favor?

Billy tinha parado de choramingar e agora parecia ávido em se livrar dele. Foi rapidamente até a porta e abriu-a.

– Até logo, Creighton. Foi legal conhecê-lo.

– Não nos veremos novamente.

– Certo. Tenha uma boa vida.

– Quando você desocupar o quarto, apenas assegure-se de não deixar nada para trás que possa levá-los a você. Ou a mim, Billy. Principalmente a mim.

– Como eu disse antes, tampouco quero ser pego.

– Eu preferia estar morto. – Creighton esperou um segundo, depois acrescentou: – E você? Não?

CAPÍTULO 18

Julie esperava uma grande discussão, ou, no mínimo, uma pergunta. Mas alguns minutos depois de ela anunciar a Derek que eles iam para sua casa, ele desceu com um novo jeans, camisa polo e tênis.

Eles deixaram a casa juntos, entraram no carro dela e seguiram pelo trajeto de dez minutos em silêncio. Ele entrou atrás dela pela porta da garagem que dava direto na cozinha. Ela colocou a bolsa sobre a mesa e foi até um armário.

– Desde que Paul morreu, eu não reabasteci, mas tenho uísque e vodca. Tem uma garrafa de vinho branco na geladeira. – Não a que ela achara aberta na noite anterior. Aquela tinha sido jogada fora.

– Bourbon.

– Água?

– Só gelo.

Quando o drinque estava pronto, ela levou até onde ele estava, em pé, no meio da cozinha. Ele ficou olhando a prateleira de ferro, dos panos, agora vazia.

– Eram uma lembrança, mas ele estragou – disse ela. – Joguei todos fora hoje.

Dando um gole em seu copo, Derek olhou as panelas penduradas acima do fogão, as garrafas de azeite e vinagre fechadas com rolha, as prateleiras de livros culinários, uma variedade de utensílios à mão, tão diferente de sua cozinha quase estéril.

– Você cozinha. – Não foi uma pergunta.

– Aprendi quando eu morava na França.

Os olhos deles se encontraram.

– Você cozinhava para o Wheeler?

– Frequentemente.

Ele deu outro gole no bourbon.

– Gostaria de comer alguma coisa?

– Não.

Foi uma resposta brusca e decisiva, então, ela não forçou.

– Eu quero lhe mostrar uma coisa. Vai levar um tempo, então, se você estiver com sono, pode esperar até amanhã.

Ele olhou para baixo, para seu copo, girando a bebida e o gelo.

– Acho que não vou dormir hoje.

Ela concordou solidária, depois gesticulou para que ele a seguisse. Ela o levou até a sala.

– Fique à vontade. – Ele sentou no sofá. Ela foi até a estante que abrigava os aparelhos.

Enquanto ela estava arrumando as coisas, Derek perguntou:

– Quando você acha que o Creighton esteve aqui?

– A empregada foi embora ao meio-dia, então, ele esteve a tarde toda. Ontem, de manhã, eu tinha levado meu vestido social para a galeria, para que eu pudesse trocar de roupa lá e ir direto do trabalho para o evento.

– Como foi que ele passou pelo seu alarme?

– Um sensor defeituoso havia causado vários alarmes falsos. Eu não tinha tido tempo de trocar e parei de ligar o alarme para evitar multas da prefeitura. Como ele passou pelo seu?

– Eu saí correndo para encontrá-la em Athens. Não pensei em ligá-lo.

Enquanto eles estavam conversando, ela tirou um DVD do estojo e colocou no aparelho.

– Vamos assistir a um filme?

Usando o controle remoto, ela passou pelo menu na tela para começar o filme, depois sentou com ele no sofá, entregando-lhe o estojo.

– Hitchcock.

Ele leu o título. – Pacto sinistro. Eu nunca vi.

– É antigo. Alguns o consideram um clássico. Creighton considera.

Derek voltou sua atenção à tela e depois de alguns minutos estava arrebatado, como tem ficado o público, há décadas, pelo sinistro milionário assassino, retratado por Robert Walker. Uma hora depois do início do filme, Derek pegou o controle da mão de Julie e apertou pausa.

– Creighton e Billy Duke trocaram de assassinatos.

– Creighton e alguém. – Julie olhou o close no rosto do ator na tela congelada. Seu jeito benevolente e sua voz suave escondiam a mente e a alma de um assassino cruel. – Acho que Creighton tirou a ideia desse filme. Uma vez, durante um jantar na casa de Doug e Susan, ele falou sem parar do brilhantismo de Hitchcock, desse filme em particular. Ele sabe citar o script de trás pra frente. Hitchcock fez filmes mais conhecidos do que esse. Psicose, Os pássaros, Janela indiscreta. Esse era o preferido de Creighton, acho que o motivo era porque o milionário o fazia se lembrar dele mesmo. Ele é um narcisista egocêntrico.

– Ele evita as câmeras, pois acha que elas não lhes fazem justiça.

– Talvez, isso seja parte. De qualquer forma, depois de tanto martelarem que Creighton não podia ser o ladrão mascarado que matou Paul, eu me lembrei dele falando sobre esse filme. Pedi o DVD e assisti. – Ela sorriu sem alegria. – Não acho que tenha sido coincidência que Creighton estivesse jogando tênis quando Paul foi morto.

Derek olhou a tela.

– O outro personagem protagonista é um tenista profissional.

– É a piadinha secreta de Creighton.

Derek inclinou-se para a frente e colocou o copo na mesa. Os cubos de gelo haviam derretido e o líquido tinha diluído, passando à cor de chá de ervas. Ele ficara tão envolvido pelo filme e pelo que estava sendo mostrado que se esqueceu de seu bourbon.

Derek se levantou, circulou lentamente pela sala, parando ocasionalmente para olhar alguma coisa: uma fotografia emoldurada dela e de Paul, um trio de livros franceses de antiguidades, um vaso de hortênsias secas. Ele parou de costas para ela e ficou olhando a pintura na parede, com as mãos no quadril, mesma pose que fizera quando estudou a

pintura no gabinete da galeria.

– Gosta mais dessa do que daquela do homem gordo?

Ele voltou até ela e deu um sorriso torto.

– Bem mais.

Eles ficaram se olhando por um bom tempo. Talvez ele estivesse se lembrando, assim como ela, das palavras ásperas que haviam trocado naquele dia, e do motivo. Finalmente, ela perguntou:

– O que você acha da minha hipótese? Estou maluca?

– Não.

– Estou interpretando demais o script do filme? Aliás, adaptado do livro. Acha que estou fazendo a trama porque quero?

Ele sentou na chaise, o que o deixou mais perto da tela da TV, e ficou olhando a imagem congelada em preto e branco.

– Esse cara quer o pai morto para pegar sua herança mais cedo.

– No caso de Creighton, era seu tio Paul. Mas, como no filme, o relacionamento era controverso.

– O milionário conhece o jogador de tênis no trem e, durante um almoço no vagão-restaurante, casualmente se oferece para matar sua esposa.

– Porque ela é uma vadia. Está grávida de um bebê que o tenista tem certeza não ser dele. Além disso, ele está profundamente apaixonado por outra mulher. Ele está desesperado pelo divórcio e a esposa não quer dar. Mas, sendo o herói do filme, ele não a quer morta.

O milionário força a barra. Sem a autorização do jogador de tênis, ele mata a esposa.

– O público testemunha o assassinato pelo reflexo nas lentes dos óculos dela.

– Cineasta genial.

– Porque é tão inquietante de assistir.

Derek pegou o fio da meada da trama.

– Agora que o milionário já fez sua parte e matou a esposa problemática, é a vez de o jogador de tênis retribuir o favor. O psicopata espera que ele mate seu pai. O tenista recusa.

– Ele não se dera conta de que o psicopata milionário estava falando sério quando lhe propôs esse acordo no trem. O tenista achou que ele estivesse falando de forma abstrata. Olhe, eu quero alguém morto, você quer alguém morto. Por que não trocamos assassinatos? Estranhos matando estranhos. Sem ligações um com o outro. Ninguém suspeitaria.

Derek franziu o rosto.

– Se esse Billy Duke era o atirador, se ele matou Paul para Creighton, você está presumindo que Creighton matou alguém pra ele?

– Se ele estiver seguindo a trama, acho que é uma suposição justa. É claro que eu não posso ter certeza.

– Só pelo debate, digamos que você esteja certa. Creighton obteve o que queria. Paul já era e Creighton está limpo. Exceto por... – Ele olhou para Julie. – Billy Duke. Se eu

fosse ele, não lhe daria as costas.

– Principalmente agora que sua foto foi mostrada na televisão.

– Isso provavelmente deixou Creighton nervoso. Se ele eliminar Billy Duke antes que a polícia possa encontrá-lo...

– Então, Creighton vai se safar por conspirar a morte de Paul – concluiu ela, baixinho. – Meu medo é que Billy Duke já esteja morto e todas as possíveis ligações entre os dois tenham sido destruídas. Receio que Creighton já tenha se dado bem com isso.

Derek se levantou da chaise e, dessa vez, ficou andando de um lado para outro, antes de parar na frente dela.

– Você compartilhou essa teoria com Sanford e Kimball?

– Não.

– E por que eu? Por que agora?

– Posso responder às duas perguntas com uma só palavra. Maggie. Você experimentou a indescritível crueldade de Creighton. Faz dias que eu venho lhe dizendo que ele é inescrupuloso. Você já não precisa mais acreditar apenas na minha palavra.

Ele a estudou por um momento.

– Eu tenho muita prática em peneirar toda a verdade, nada mais que a verdade, a partir de uma evasiva e simples baboseira. Geralmente sou bom nisso.

– Você ainda é. Sei que acha que estou certa.

– E, no entanto...

– Sou indigna e detesto Creighton.

Ele ficou esperando-a falar, seu olhar incisivo cortando até o osso.

Ela finalmente cedeu.

– Tudo bem, houve um incidente na casa de Doug e Susan. Nós estávamos comendo ao ar livre no terraço deles. Os mosquitos adoravam Paul e eles estavam atacando naquela noite, então, fui até o vestiário da piscina para pegar o repelente de insetos.

"Enquanto eu estava lá, Creighton me cercou. O que ele descreveu para você aconteceu, exceto pelo fato de que foi o agressor, não eu. Ele abriu o zíper da calça e forçou minha mão em sua ereção. Ele disse que se eu não fizesse o que ele queria, ele faria um escândalo, Paul viria correndo e o que Paul pensaria de sua namorada, ali, em pé, apalpando seu sobrinho, muito mais bonito e mais jovem?

"Eu consegui me livrar dele. Ele não fez escândalo e agora eu percebo que foi uma ameaça vazia. Ele só queria me humilhar. Tentei prosseguir com a noite, mas não conseguia ficar perto dele. Cada vez que me olhava, ele piscava ou fazia algum gesto insinuante. Ele me enojava. Então, eu disse a Paul que estava com dor de cabeça e nós fomos embora."

– Você chegou a contar para o Paul a respeito?

– Não.

– Por quê?

– A antipatia entre ele e Creighton criava um atrito com Doug e Susan. A família, principalmente Doug, era vitalmente importante para Paul. Eu não queria ser o motivo de uma briga entre irmãos. – Ela ergueu as mãos com as palmas para o alto. – Pronto,

é isso. Toda a verdade, nada mais que a verdade.

– Por que não me contou seu lado antes?

Ela o encarou por um longo tempo.

– Porque, no avião, eu... – Ela baixou a cabeça. – Por isso.

Ele deu as costas e ficou andando de um lado para outro, até que ela perguntou:

– Devo contar minha teoria para Sanford e Kimball?

– Depois de falar com Kate, eles estão acreditando que você e Billy Duke são comparsas.

– Posso dissuadi-los disso.

– Simples assim? Se você for até eles com essa ideia improvável...

– Acha que isso é improvável?

Ele parou de andar.

– Julie, eu digo isso aos meus clientes o tempo todo. Não importa o que eu penso. O que importa é o que o júri pensa e, a essa altura, o júri é composto por Sanford e Kimball. Você pode refutar que conhece esse sujeito, Billy Duke?

– Não. Então, até onde sabem os investigadores que estão no caso, você está envolvida.

– Então, o que é que eu faço? Fico sentada, sem fazer nada, deixo que Creighton se safe do assassinato?

Ofendido por seu tom, ele inclinou-se até ela, batendo o indicador no próprio peito.

– Eu também o quero, Julie. Eu quero picadinho dele. O que ele fez com Maggie é um crime, mas eu não tenho qualquer esperança de que a polícia vá atrás, ou um promotor prove que Creighton fez isso, ou de voltar a ter um fiapo de satisfação num tribunal. – Ele se levantou, deu as costas para ela, se permitiu algum tempo para se acalmar, depois virou de volta. – Ele provou ser incrivelmente esperto. Precisamos ser mais do que ele.

– Fazendo o quê?

– Deixando que eu coloque Dodge no caso.

– Quem é Dodge?

– Meu investigador.

– O tal que me investigou? O habilidoso à sua disposição?

Ignorando seu tom sarcástico, ele disse:

– Muito habilidoso. Eu disse a ele para me manter informado sobre a caçada a Billy Duke. Mas farei com que ele próprio comece a procurá-lo. Espero que tenha mais sorte do que a polícia.

– Se eles não conseguem achá-lo, como poderá esse tal de Dodge?

– Você não vai querer saber como – disse Derek, baixinho. Mudando de assunto, ele perguntou: – O Wheeler alguma vez mencionou se Creighton tinha sido preso? Tem algum registro de delinquência juvenil?

– Ele nunca disse. Seu investigador não pode descobrir?

– Quase impossível, mas vamos ver.

– Ele vai ficar ocupado. Enquanto isso, eu cuido da vida como se não tivesse passado

a encabeçar a lista de suspeitos?

– Você tem advogado?

– Ned Fulton.

– Eu o conheço. Bom homem. Advogado afiado. Ligue para ele no primeiro horário da manhã e conte sobre a conversa de Kate com os investigadores. Você não precisa contar sobre as implicações disso. Ele irá perceber quais são.

– O que você vai fazer?

– Preciso estar na corte às nove. – Ele olhou o relógio de pulso. – Daqui a sete horas.

– Você é bem-vindo para dormir no quarto de hóspedes.

– Obrigado, mas eu preciso... – Ele parou. Abaixou a cabeça e esfregou a testa. – Eu ia dizer que preciso ir pra casa e deixar a Maggie sair. – Ele abaixou a mão e fechou o punho, esfregando na outra mão. – Aquele filho da puta, eu quase me arrependo de ter ligado para a polícia. Agora que passou o choque, pelo menos um pouquinho, a raiva chegou. O que eu realmente gostaria de fazer é caçar Creighton Wheeler e, ao encontrá-lo, matá-lo com minhas próprias mãos. Ele transformou isso numa briga pessoal. Eu adoraria reagir num nível bem primitivo. Olho por olho.

Ela deu um sorriso suave.

– Tentador, eu posso lhe garantir. Mas recomendo que, em vez disso, você termine de ver o filme.

Ele sacudiu a cabeça, o cansaço batendo de novo.

– Eu já vi o bastante. Mas vou cair aqui, se você não se importa, e chamo um táxi de manhã. Amanhã, em algum momento, preciso comprar um colchão novo.

– A polícia vai querer vê-lo outra vez.

– Improvável.

– Acha que consegue dormir?

– Nem cochilar.

– Você pode se surpreender – disse ela. – Está exausto.

– Pareço tão ruim assim?

Ela ergueu a mão, com a intenção de tocar seu rosto, mas recuou antes de fazê-lo.

– Você parece zangado e desolado.

– Estou passando por ondas alternadas de ambos.

– Eu sei exatamente qual é a sensação.

Eficientemente, ela desligou a televisão e o abajur, depois gesticulou para que ele a seguisse até o quarto de hóspede. Era um quarto sóbrio, decorado com uma paleta neutra de tons terrosos, pontuados com toques em vermelho e de estampas animais.

– Não é uma cama enorme.

Derek estava olhando pra ela, não para o quarto. Ele nem olhou para a cama.

– O banheiro é por ali – disse ela, apontando na direção de uma porta fechada do outro lado do quarto. – Acho que você vai encontrar tudo de que precisa, mas...

– Julie. – Ele esperou até que ela virasse pra ele e, mesmo então, ela olhou para o timbre de polo da camisa, relutante em erguer os olhos até os dele. – Eu não agradeci por você ter ido até lá correndo essa noite.

– Não me agradeça, Derek. – Com remorso, ela abaixou a cabeça, sacudindo lentamente. – Independentemente do que você disser, se não fosse por mim, você ainda teria Maggie.

Ele segurou seu rosto com a palma da mão e o ergueu.

– Creighton nos viu juntos.

Sem palavras, ela olhava boquiaberta.

– Em Athens, mas até antes. Ele me viu aqui, com você, ontem à noite. Seguiu-nos até o Coulter House. Ele falou sobre a tempestade romântica, as janelas embaçadas do carro. Não sabe como nos conhecemos, nem quando, mas me atacou por estar tendo relações sexuais com sua "acusadora". Numa linguagem mais vulgar que essa, ele sabe por que eu não iria representá-lo, e isso o deixou injuriado. Para revidar por eu tê-lo recusado, sem dizer o motivo, ele cortou a cabeça de Maggie. – Ele relutou com um aperto na garganta, antes de conseguir prosseguir. – Você foi circunstancial.

– Eu o arrastei para dentro dessa confusão.

– Arrastou? Eu não me lembro de você me arrastando pelo corredor daquele avião. – Os olhos dele ficaram enevoados e vorazes e ele deu um passo à frente. – Eu me lembro de todo o restante.

Sem dúvida, ele gostaria de saber com que nitidez ela também se lembrava. Ela estivera revivendo o encontro, mais cedo, naquela noite, detalhadamente. Tão perto dele assim, sentindo o calor de seu corpo, tendo as pontas de seus dedos acarinhando-lhe o rosto, ela sentiu a lembrança sendo despertada. Perigosamente. Principalmente quando ele se inclinou e pousou os lábios em seu pescoço.

Ela afastou a cabeça para trás, rompendo o contato.

– Espero que você consiga descansar. Boa-noite.

Ele esticou o braço e pegou a mão dela.

– Fique comigo.

– Não, Derek.

– Só fique deitada ao meu lado. Só isso.

Ela lançou um olhar desconfiado que ele não poderia interpretar mal, depois recuou a mão.

Xingando baixinho, ele passou a mão pelos cabelos.

– Por que não? Já veio à tona. Creighton já sabe. Logo, Doug também saberá. Qual é o mal agora?

– O mal, agora, é que...

– Você está grávida?

– O quê? Não!

– Se você estiver esperando um filho de Paul Wheeler...

– Não estou!

Ele olhou-a fixamente, mordendo o lado interno da bochecha, com o corpo tenso de frustração.

– Você o amava.

– Sim.

– Ele ou o que ele fez por você? Ele a salvou de um casamento infeliz, ajudou a montar seu negócio e tratou-a como uma princesa. Você lhe dava frequentes jantares caseiros e todas as terças importantes.

Ela sentiu uma onda de intensa raiva.

– É isso que você pensa de mim? Se é, você não é melhor que Creighton. Meu relacionamento com Paul não era nada do jeito que você está pintando.

– Era amor – disse ele, numa modulação maliciosa.

– Sim, era.

– Para vocês dois?

– Sim.

– Para você tanto quanto para Wheeler?

– Por que você fica voltando a isso? Por que duvida disso?

– Porque você me procurou naquele avião.

– E você sabe o motivo.

– Eu posso engolir isso como único motivo, só que quando eu a toquei, você estava molhada.

Ela abriu a boca para falar, mas não teve palavras.

– E porque você gozou, Julie – disse ele, com a voz rouca. – Você gozou.

Creighton Wheeler era uma porra de um lunático.

Assim que fechou a porta atrás dele, Billy se curvou, com as mãos nos joelhos, e respirou fundo várias vezes.

Havia algo seriamente errado com o homem, algo faltava nele. Ele era vazio e frio, como um daqueles buracos negros do espaço que engolem a luz.

Ele amaldiçoou o dia em que Creighton entrou em sua vida. Maldito ele e seu plano infalível, o que Billy deveria ter reconhecido como sendo bom demais para ser verdade. Porém, na realidade, até que Creighton tivesse explicado a "trama", conforme ele chamava, o primeiro ato já tinha sido encenado, não tinha? Billy tinha sido tragado, antes mesmo de ter uma escolha.

Embora, com toda sinceridade, ele não pudesse alegar ser uma vítima.

Não, ele ficou bem disposto a acompanhar. Até contente. Ele havia sido seduzido pelo charme aristocrático de Creighton, que vinha pela posse do dinheiro. Creighton havia sido a incorporação de tudo que Billy Duke sempre tinha aspirado ser. Então, Billy se agarrara àquilo, na esperança de que um pouco do brilho do milionário passasse pra ele.

E, estupidamente, Billy tinha acreditado que Creighton o escolhera por seu imenso potencial, talento e astúcia.

Mas isso era lenda, e era tarde demais para recuar em decisões já tomadas. Agora, ele estava no modo controle de danos. Precisava pensar numa forma de sair disso limpo. E não somente pela condenação criminal. Ele também tinha que escapar de Creighton Wheeler. Dos dois, isso talvez fosse mais capcioso de conseguir.

Quando você barganha com o diabo, tem que cuidar das costas pelo resto da vida. Ele

havia sido um tolo em não perceber isso antes. Billy Duke era uma ponta que Creighton não ia querer deixar solta.

Ele ficou extremamente vulnerável. Ocorreu-lhe, agora, que Creighton não havia tocado em nada no quarto, nem de manhã, nem essa noite. Tudo que ele tocara, ele levara com ele. Era certo que o estojo do DVD estaria limpo de suas digitais.

Não havia nada que ligasse Billy Duke a Creighton Wheeler. Se a polícia entrasse pela porta, agora, Billy ia se ferrar sozinho. Com ele, estavam os itens do roubo. Guardá-los já não parecia algo esperto a ter feito. E, quanto tempo os cem mil ficariam na conta, se Billy fosse preso? Só até Creighton estar on-line e apertar algumas teclas para esvaziá-la.

A única coisa que ligava os dois era Ariel. O dia todo, na tentativa de alertá-la quanto a Creighton, ele ligara para o número que ele sabia, mas, aparentemente, ela estava no trabalho e ele não fazia ideia de onde era seu emprego agora. Se ele chegasse perto dela, ela chamaria a polícia e eles iriam prendê-lo na hora pelo assassinato de Wheeler, e ele não podia proteger alguém na cadeia.

A ideia de Creighton revivendo a cena daquele filme com sua ex deixara seu estômago embrulhado. O caso deles tinha terminado mal, mas, enquanto estavam juntos, ele a amara. De seu jeito, ele verdadeiramente a amava.

Então, se você não quer que ela morra, pense!

Ele tinha uma boa noção de todas as formas como ele estava ferrado.

Agora, precisava se concentrar no que ele tinha a seu favor.

Foi até a gaveta da cômoda, tirou o saco de joias e colocou em cima da cama. Então, ele pegou outro telefone celular, um que tinha comprado de reserva. Caso Creighton de alguma forma viesse de esperteza pra cima dele.

– Eu não nasci ontem – murmurou ele.

Esses eram seus recursos. Limitados, sim, mas ele tinha que usá-los a seu favor. Ele abriu o telefone novo e apertou o número que programara na memória. Tocou várias vezes, sem ninguém atender. Desligou. Pensou em ligar novamente e deixar um recado para Ariel, mas sabia que ela não ouviria. No minuto em que ouvisse sua voz, iria apagá-lo. Ele tinha que fazer com que ela falasse com ele. Essa noite. Isso era imperativo.

Ao mesmo tempo que estava salvando a vida de uma jovem que poderia morrer exclusivamente por sua ex-ligação com ele, Billy tinha que arranjar um jeito de se proteger. Mas como?

Começando com o dia em que se conheceram, Billy revisou tudo que tinha se passado entre ele e Creighton, e uma coisa sobre a qual Creighton havia sido fanático era o fato de que o assassinato do tio não levasse a ele.

– Uma troca igual. É apenas justo – ficava dizendo ele. Essa noite, ao sair, ele disse isso novamente. – Assegure-se de não deixar nada para trás que possa levá-los a você. Ou a mim, Billy. Principalmente a mim.

Então, essa não seria a chave para o problema de Billy?

A única forma de escapar de Creighton era deixá-lo isento de qualquer suspeita. Se

Creighton estivesse absolutamente certo de que ele se safara na conspiração da morte do tio, não faria sentido que ele matasse mais ninguém. Certo? Tomara.

Pensando por esse viés, Billy olhava o saco de veludo. O telefone. O saco. E, subitamente, ele se lembrou de duas coisas. Uma foi o constante refrão de Creighton. A outra, foi algo que lhe havia sido dito, anos antes, numa época em que ele estava numa grande enrascada. (Ao menos, parecia uma grande enrascada. Comparado a isso, a enrascada de antes era brincadeira de criança.)

Mas quando estava acontecendo, a situação parecia horrível. Ele era culpado conforme estava sendo acusado. Indefensável. Mas seu advogado não estava tão preocupado. Ele dissera a Billy que quando sua defesa não tem sustentação para apoiá-lo, você deixa quieto e joga o caso contra outra pessoa.

– Sua defesa se resume a uma alegação, garoto Billy: "Foi outro cara que fez isso."

Billy se lembrava com clareza total das palavras maliciosas do advogado, e elas o fizeram rir alto. Puta merda, até que ele não estava sem ideias ou vantagens!

Creighton Wheeler se achava muito assustador, mas nem ele poderia superar Billy Duke.

CAPÍTULO 19

Ele chegou ao tribunal na hora.

Como esperado, Derek não tinha pregado os olhos no quarto de hóspedes de Julie. Ao amanhecer, ele chamou um táxi para ir buscá-lo. Demorou meia hora para chegar. Ele estava sentado no meio-fio, esperando, quando finalmente encostou.

Na noite anterior, Julie tinha se afastado dele e, zangada, batido a porta de seu quarto. Ficou fechada a noite inteira. Ele saíra sem vê-la.

A casa dele parecera incrivelmente vazia e fria, sem Maggie ali para recebê-lo. Náusea subiu-lhe à garganta quando ele entrou em seu quarto e viu o mata-borrão Rorschach em seu colchão. Ele tinha tomado banho e se vestido apressadamente, entrou e saiu da casa em menos de quinze minutos.

Tinha dirigido até o escritório. Marlene, Deus abençoe, já estava lá, com o café pronto. Entregando-lhe a caneca, ela lhe deu uma olhada, notando os olhos vermelhos.

– Noite difícil?

– A Maggie está morta.

Ela ouviu em silêncio estarrecido, enquanto ele contou o que tinha acontecido, deixando de fora a menção de Julie e o fato de ter passado a noite na casa dela.

– Você tem certeza de que Creighton Wheeler é o responsável?

– Sim, tenho. – Por enquanto, isso era tudo que ele estava disposto a dizer sobre o assunto. – Peça uma reunião de equipe às onze horas. A menos que alguém esteja na corte, quero todos aqui. Preciso de atualizações sucintas, e enfatizo isso, sobre todos os casos em que cada um está trabalhando.

Independentemente de tudo que estava acontecendo, Derek ainda tinha um escritório de advocacia para tocar. Na verdade, ele estava contente por ter o trabalho e a responsabilidade. Precisava de algum lugar para canalizar sua energia alimentada pela raiva, para que não fosse caçar Creighton Wheeler e matá-lo com as próprias mãos. O trabalho não lhe daria nem de perto essa satisfação, mas, dos dois, isso era o escape aceitável para sua ira.

– Se nossa reunião se estender até o horário do almoço, providencie para que sejam entregues caixas de lanche. Ninguém sai. Se alguém já tiver compromisso para o almoço, que seja cancelado.

Enquanto ele dava as instruções, Marlene anotava freneticamente em seu bloco. Ele tinha terminado o café numa golada e olhou o horário.

– Ligue para minha faxineira e a avise, antes que ela suba. Diga-lhe para jogar fora o saco que está no canto. Ligue para uma loja de colchões. Peça que eles...

Marlene interrompeu:

– Tudo isso será providenciado, Derek. Eu cuidarei para que você tenha uma cama nova quando chegar em casa essa noite. Estou mais preocupada com você. Como está você?

– Já estive melhor. – A compaixão nos olhos de Marlene fez com que os dele ardessem, com emoção renovada. – Vou chegar atrasado ao tribunal. – Ele seguiu até a

porta, dizendo, por cima do ombro: – Entre em contato com Dodge. Essa audiência não deve levar mais que uma hora. Eu o encontrarei aqui, depois.

Ele estava indo à corte para apelar por um adiamento no julgamento de Jason Connor. O escritório da promotoria finalmente havia despachado os arquivos, mas somente ontem à tarde, pouco depois de sua reunião com os Wheeler.

Apesar de seu humor volátil e seus olhos arenosos, ele entrou confiante no tribunal. Cumprimentou seu cliente, que estava algemado e não respondeu. Derek teve vontade de socá-lo pela postura, mas, em vez disso, se dedicou ao negócio em pauta e argumentou de forma persuasiva, citando a negligência do escritório da promotoria em entregar os arquivos.

Depois de vinte minutos de argumento inflamado, o promotor disse:

– Meritíssimo, o arquivo foi entregue de boa-fé assim que ficou completo. Se as exigências de tempo do Dr. Mitchell não lhe permitiram que olhasse, então, ele nem deveria ter assumido esse caso. Algo que fez apenas para arranjar algumas manchetes para si mesmo.

Derek quase lhe deu um beijo. Ele tinha falado demais e Derek sabia, mesmo antes que o juiz se pronunciasse que o pedido seria deferido a seu favor. Ele ganhou mais um mês para tentar arrancar algo do adolescente teimoso, antes que ele fosse a julgamento.

Pediu um minuto a sós com seu cliente e os guardas da prisão lhe concederam.

– Jason, não posso ajudá-lo se você não me ajudar.

Exceto por sua eterna carranca, ele era um menino de boa aparência. Porte compacto, cabelos e olhos escuros, lábios grossos.

– Ajudá-lo, como?

– Dando algo com que eu possa trabalhar. Algo em que eu possa montar uma defesa. Eu olhei os arquivos. Eles vão te pegar, a menos que eu argumente um motivo para que você tenha usado aquela faca contra seus pais.

Ele esperou. Nada. Jason movimentou as pernas, fazendo as correntes tilintarem, mas, fora isso, ele não reagiu.

– Sabe o que eu acho? – disse Derek – Você é um rebelde e um babaca, e nem de longe é o durão que quer que todos achem que é.

Então, o garoto virou a cabeça na direção de Derek, com os olhos em brasa.

– Que porra você sabe a meu respeito?

Tendo finalmente ganhado sua atenção, Derek aproveitou.

– Eu sei que você vai para o corredor da morte, se não parar com esse comportamento e me falar alguma coisa.

– Eu estava zangado, está bem?

Derek bateu com a palma da mão na mesa.

– "Zangado" não vai dar conta, Jason. Os garotos ficam zangados com seus pais toda hora. Eles não massacram. Está me ouvindo? Estou tentando salvar sua vida.

– Quem pediu? – Ele voou da cadeira. Os guardas saltaram à frente. – Por que simplesmente não me deixa em paz? – gritou ele com Derek. Relutou com os guardas,

enquanto o levavam.

Desanimado, Derek estava arrumando sua pasta quando um dos guardas se aproximou e entregou-lhe um envelope comum, tamanho carta.

– Um cara me pediu para lhe dar isso. Disse que sabe do que se trata.

Dodge estava em pé, fumando na sombra do prédio, quando Derek chegou. Ele deu uma olhada em Derek, com os mesmos olhos críticos de Marlene, mas não comentou sua aparência exausta. Apagou o cigarro na terra de um vaso de planta, quando entraram no prédio. Eles estavam sozinhos no elevador.

– Jason Connor está decidido a deixar que o Estado o execute.

– Que chato.

– Creighton Wheeler matou Maggie ontem à noite.

Dodge olhou-o diretamente.

Derek não poupou os detalhes sórdidos, descrevendo-os enquanto eles entravam na firma de advocacia e seguiam rumo ao escritório do canto.

– Que filho da puta do caralho – murmurou Dodge.

– Eu ouvi isso – disse Marlene.

– Pode me processar.

Pode me processar era a expressão favorita de Dodge, a favorita sem ser palavrão.

Marlene abanou a mão diante do rosto, afastando o fedor de tabaco, quando entregou um punhado de memorandos a Derek.

– Nada disso é urgente. A participação na reunião de equipe será completa, e eu alertei que é bom que todos estejam com tudo na ponta da língua. – Depois, num tom mais suave, ela acrescentou: – O veterinário ligou para avisar que está aguardando suas instruções quanto aos restos mortais.

Derek concordou e foi para seu escritório particular, com Dodge atrás dele. Ele perguntou:

– O que você vai fazer?

– Mandar cremá-la.

– Talvez deva esperar um ou dois dias para isso – aconselhou Dodge. – A polícia pode querer examinar o corpo outra vez.

Derek fez um som de deboche.

– Liguei para a sede da Zona Dois, antes de ir para o tribunal. Os novatos que foram até minha casa não estão de serviço essa manhã, mas eu falei com o supervisor deles. Eles entregaram o relatório. Foi dado um número de processo e assegurado que a investigação esteja em curso, que eles entrariam em contato se achassem algo a relatar.

– Mas você não está na expectativa.

– Não.

– Como sabe que foi ele? – Dodge sentou numa das poltronas de frente para a mesa de Derek.

Do bolso do paletó, Derek tirou o envelope que lhe foi entregue na sala do tribunal e

caminhou até o investigador, que olhou curioso, depois abriu, tirou a folha e leu as duas linhas datilografadas.

– "Que tal o trabalho molhado?" Michael Douglas, Um crime perfeito. – Ele olhou para Derek. – Trabalho molhado refere-se a ficar com as mãos ensanguentadas. O que Michael Douglas tem a ver com isso? Há algo que não entendi?

– Creighton Wheeler é uma referência cinematográfica ambulante. Um historiador. O que ele fez com Maggie...

– O poderoso chefão.

– É.

– Meu Deus!

– É.

Dodge colocou o papel de volta no envelope e deslizou-o para o outro lado da mesa de Derek.

– Você vai entregar isso à polícia como prova?

– Como se fosse adiantar.

– Principalmente agora que nós manuseamos.

– Eles provavelmente não investigariam mesmo, mas eu vou pedir que mandem amanhã para o Departamento de Investigação Criminal.

Dodge fez uma careta.

– O pessoal do criminal está de mãos cheias, com gente que mata gente.

– Não estou esperançoso que resulte em algo.

– Por que esse filho da puta desse Wheeler cismou com você? Porque você se recusou a representá-lo?

Derek se acomodou em sua poltrona e girou várias vezes enquanto olhava o investigador surrado. Ele buscou em sua própria mente, coração e alma e não encontrou motivo algum para não confiar nele.

– Dodge, eu vou lhe contar uma coisa.

– A julgar pelo tom, você terá que me matar depois. Francamente, com a mesma rapidez, eu não saberia.

Derek sorriu austero, depois, começou do início, com o voo de regresso da França, e contou tudo a Dodge, concluindo com a teoria de Julie quanto à Creighton ter trocado de assassinato com alguém, presumivelmente o homem identificado como Billy Duke.

Quando ele terminou, um longo silêncio seguiu. Finalmente, Dodge disse:

– Preciso de um cigarro.

– Bem, você não pode ter um, até me dar algum conselho.

– Você que é o crânio aqui, doutor. É quem recebe a bolada para tirar o pessoal de problemas.

Derek interpretou o queixume do outro pelo que era – uma tática de adiamento. Ele precisava de tempo para assimilar tudo que Derek lhe dissera. Concedendo-lhe o tempo, Derek levantou-se e foi até a janela. Olhando lá fora, ele invejou as pessoas lutando no trânsito, apressando-se para os compromissos, cumprindo tarefas, lidando com todos os constrangimentos rotineiros, tendo um dia normal.

A normalidade lhe desertara no instante em que ele havia olhado para o rosto de Julie Rutledge. Nesse sentido, ela estava certa: ele estava nessa confusão por causa dela. Não fosse por ela, Maggie estaria viva. Por outro lado, se não fosse por ela, ele estaria defendendo Creighton Wheeler, e a possibilidade de ser advogado daquele doente lhe dava vontade de vomitar. Ele seguiria um rebelde como Jason Connor até o final, à sua execução. Não defenderia Creighton Wheeler nem por atravessar uma rua distraidamente.

Como se acompanhasse seus pensamentos, Dodge falou:

– Independentemente de qualquer coisa, esse Creighton Wheeler é um escroto que precisa dançar. Eu conheço uns caras. Por uma caixa de Bud e...

– Dodge.

– Estou falando sério.

Derek riu.

– Eu sei que está. E é tentador, acredite. Mas eu prefiro arruinar a vida dele, em vez de acabar com ela.

– Só pela Maggie, ou você acha que essa mulherzinha Rutledge está certa, que Creighton era o mentor por trás do assassinato de Paul Wheeler?

Derek descartou o fato de Dodge ter chamado Julie de mulherzinha.

– Não estou propenso a acreditar que ela esteja envolvida em algo. Assisti a um bom pedaço daquele filme de Hitchcock. O vilão é terrivelmente semelhante a Creighton. Ele é charmoso, bonito e lisonjeiro. Abastado.

– E um psicopata – disse Dodge. – Eu também vi o filme. Há muito tempo. Minha primeira esposa, ou talvez tenha sido a segunda, me botou pra fora de casa. Eu tive que passar umas noites num motel até o negócio esfriar. Tinha um festival de Hitchcock rolando num daqueles velhos cinemas que fazem esse tipo de coisa, e a TV do meu quarto não era a cabo, então, eu fui ver todos os filmes.

Ele parou, pensativo, e coçou o rosto.

– Dá pra ver aonde a garota quer chegar com isso, por ele ser um fanático por cinema e tudo mais. Se ele fez isso com Maggie, é puramente macabro.

Derek desvirou da janela, sabendo que as observações do homem mais velho não paravam por aí.

– Mas o quê?

– Nada. – Dodge apalpou o bolso em busca de um cigarro fantasma.

– Ora, vamos. O quê?

Ele sacudiu os ombros.

– Alguém fica com raiva de outra pessoa e mata o cachorro dele. Isso acontece o tempo todo.

– Você acha que é só isso? Creighton estava com raiva porque eu não queria ser seu advogado, então, ele entra escondido em minha casa pra decapitar minha cadela? É só isso?

– Eu não sei – respondeu Dodge, numa voz tão impaciente quanto a de Derek. – Só estou dizendo.

– Dizendo o que exatamente? – Derek voltou à sua mesa e sentou, e embora Dodge tentasse evitar olhá-lo diretamente, Derek esperou até que ele o fizesse. – Você está insinuando que Julie Rutledge me manipulou uma vez e talvez esteja fazendo isso novamente?

– O que estou dizendo – afirmou Dodge, ofegante – é que a maneira mais garantida que uma mulher tem de conseguir o que quer é usar aquilo que nós, pobres porcalhões, não conseguimos ficar sem. Isso também acontece o tempo todo.

– Mas ela não está usando isso. Ela nem me deixou tocá-la. Desde o avião.

– Mas você quer.

Agora Derek era quem desviava o olhar.

– E ela sabe que você quer.

Derek não respondeu.

– E quanto mais tempo ela segurar, mais você vai querer, e quanto mais você quiser, mais cego fica. Sabia que há uma correlação direta entre um pau duro e uma estupidez cegante?

Derek levantou da cadeira tão rapidamente que a fez girar.

– Certo. Digamos que você esteja certo. Assim como a polícia, você acha que ela conspirou para que Paul Wheeler fosse morto e agora está tentando botar a culpa em Creighton. – Ele recostou-se sobre o encosto de uma cadeira, para frisar seu ponto de vista. – Ela adorava o cara, Dodge. Pra que ia querê-lo morto?

– Porra, sei lá. Eu não estou dizendo que é isso. Só não quero que você descarte essa possibilidade. Você tem que admitir que há alguns pontos contra ela. Sanford e Kimball não são trouxas. Ao contrário, cada um é bom no que faz. Juntos, eles são bons pra cacete. Eles não a estariam investigando, se não sentissem que tem algo fora do eixo.

"Você mesmo disse que não viu nada remexido dentro da casa dela. Você só está aceitando sua palavra quanto a Creighton Wheeler ter entrado e mexido nas coisas dela, que ele estava querendo assustá-la na garagem."

– Ela não matou Maggie. Eu estava com ela.

– Você disse que demorou pra voltar pra casa e que ela estava cuspindo fogo quando vocês se separaram.

– Ela não matou Maggie.

Dodge recuou.

– Provavelmente, não. Mas e o resto... – Ele parou e sugou o ar, ruidosamente. – Apenas pense que ela talvez não seja tão inocente quanto você quer que ela seja. Olhe-a objetivamente, antes de se meter em alguma coisa que possa arruinar a sua carreira, sua reputação, sua vida. Você é esperto demais pra jogar tudo fora por causa de uma bunda.

Derek o olhava fixamente.

– Pode bufar e ficar com raiva de mim, isso não muda a verdade do que estou dizendo. Além disso, você perguntou – acrescentou Dodge, na defensiva. Depois, ele estalou a língua nos dentes e murmurou algo para si mesmo. – Sei do que estou falando, doutor. As mulheres vão te foder com mais velocidade do que qualquer coisa, e

eu tenho a ficha pra provar. Quando uma delas mexe com a gente... – Ele olhou para Derek e sacudiu tristemente a cabeça.

Derek relaxou a postura hostil e voltou à sua mesa. Nunca tendo se sentido tão cansado, ele despencou na cadeira. Sabia que Dodge só estava falando diretamente para seu próprio bem. Ao olhá-lo, ele perguntou desolado:

– Qual é o seu conselho?

– Afaste-se.

Derek fixou o olhar no dele, por alguns instantes.

– Certo. – Dodge suspirou, novamente apalpando os bolsos. – Eu achei que não, mas me atrevi a ter esperança.

– Se Julie armou esse negócio todo, ou se Creighton conspirou para que Paul Wheeler fosse morto, a chave do mistério está com o cara que, de fato, fez isso.

– Esse Billy Duke?

– Até agora, ele é a melhor pista. Você consegue encontrá-lo, Dodge?

Em resposta, o investigador levantou e seguiu até a porta.

– Outra coisa.

Dodge virou de volta.

– Consegue encontrar a ficha juvenil de Creighton Wheeler?

Dodge franziu o rosto.

– Você não pede muito, não é?

– Impossível?

– Bem, Moisés dividiu o Mar Morto.

– O Mar Vermelho. Você poderia tentar?

Novamente, Dodge virou na direção da porta, mas Derek o deteve novamente. O mais velho gemeu.

– Eu realmente preciso de um cigarro.

– Sobre Julie. Você levantou algumas questões válidas, Dodge. Obrigado pela contribuição.

O investigador pareceu amolecido.

– Porra, não é meu papel te dar sermão. E eu posso estar enganado quanto a ela. Espero que esteja. Mas o que eu sei, com certeza absoluta...

– O quê?

– Ela te pegou feio.

Julie e Kate tiveram uma breve reconciliação, na sala dos fundos da galeria, quando Julie chegou. Kate estava esperando por ela. Assim que entrou pela porta, a jovem começou a se desculpar outra vez.

– Ontem à noite, eu lhe disse que não precisava de desculpas, nem de explicações – Julie disse a ela. – Você teve que ir até a polícia com o que sabia. Foi a coisa certa a fazer.

Elas se abraçaram, depois Kate foi até a sala principal olhar a loja, enquanto Julie atacava a papelada que negligenciara havia dias. A primeira ligação foi às 11:30. Como

Kate estava ocupada com os clientes, Julie pegou o telefone ao segundo toque.

– Chez Jean.

Nada. Ela estava quase certa de que a pessoa ainda estava na linha, mas como ninguém respondeu, depois que ela disse alô duas vezes, ela desligou.

Aconteceu novamente, duas horas depois. Julie só disse alô uma vez, antes de desligar.

A terceira ligação veio pouco depois do fechamento. Kate estava assinando um recibo para o entregador da UPS, então, Julie atendeu ao telefone.

– Chez Jean. – Depois de apenas alguns segundos naquele silêncio de expectativa, ela murmurou: – Vá arranjar o que fazer. – E recolocou o fone no gancho, zangada.

– Quem era?

– Um cara que fica respirando.

Kate colocou na mesa de Julie o pacote pelo qual havia assinado o recebimento.

– Ele ligou duas vezes, hoje de manhã, antes de você chegar.

– Você não me disse nada.

– Da primeira vez, eu achei que fosse engano. Da segunda, eu só desliguei e nem pensei mais a respeito. Até agora.

Julie tentou pegar o número no identificador.

– Não identificado.

Aparentemente, Kate não tinha dado qualquer importância às ligações, exceto por serem irritantes. – Ele vai desanimar e parar – disse ela, juntando suas coisas, preparando-se para ir embora. – Por que você não vem tomar um drinque comigo, Julie? Talvez possamos jantar em algum lugar.

– Obrigada, mas quero terminar aqui, antes de ir.

– Então está bem, eu te vejo amanhã. – Kate tocou seu ombro afetuosamente antes de sair pela porta dos fundos.

Julie deu uma olhada no relógio da parede e ligou a pequena TV em sua mesa. A edição do noticiário estava começando. Ela assistiu a todo o programa de meia hora, mas não houve nenhuma menção ao assassinato de Paul ou à busca de Billy Duke. Não sabia se ficava aliviada ou desapontada.

Esperava que os investigadores aparecessem hoje, para confrontá-la com o que Kate revelara-lhes ontem sobre a visita do homem à galeria. Ela havia notificado Ned Fulton, para que ele ficasse de prontidão caso ela precisasse dele. Mas não houve notícias da polícia.

Ela detestava pensar nas horas que eles iriam desperdiçar tentando ligá-la a esse homem que ela não conhecia. Mas suas mãos estavam atadas. A única forma de dizer-lhes para que suspendessem essa busca inútil, por uma ligação que não existia, seria traindo Derek, como sendo a pessoa que lhe contara a respeito.

Derek.

Não tivera notícias dele hoje. O que não era surpreendente, mas ela não sabia se ficava aliviada ou decepcionada quanto a isso também. Quando foi até a frente, para verificar o trinco da porta principal, ela admitiu que estava decepcionada.

Por mais zangada que tivesse ficado com ele ontem à noite, pela colocação constrangedora, tinha sido uma decepção levantar essa manhã e ver que ele tinha partido, sem uma palavra, sem um bilhete. Ele até arrumou a cama do quarto de hóspedes, fazendo parecer que nem estivera ali.

A caminho da sala de estoque, ela parou na frente da porta aberta do gabinete, imaginando que, se respirasse profundamente, ainda poderia sentir o cheiro de seu creme de barbear atraindo-a para dentro da sala. Saudosa, ela removeu a pintura do homem nu que ele detestara tanto, e sorriu ao se lembrar dele perguntando se alguém em juízo perfeito pagaria por aquilo.

Ele a deixara totalmente desconcertada ao aparecer na galeria naquele dia. Era a última pessoa da face da Terra que ela esperava ou queria ver. No entanto, ela continuava ávida por vê-lo novamente. Ela havia reparado em tudo – sua postura, o formato de suas mãos, a forma como seus cabelos cresciam, a cicatriz quase imperceptível no queixo. Ela viu tantas fotos dele antes que todas essas características físicas já eram familiares, mesmo antes de encontrá-lo no avião.

Posso lhe pagar um drinque digestivo? Ele lançara aquele sorriso quase pecaminoso que, pensando agora, ainda dava um friozinho na barriga. Sorrindo triste, ela sussurrou: "Você me ganhou no olá."

– Jerry Maguire, a grande virada.

O coração dela disparou. Resfolegando de susto, ela se virou. Creighton estava no portal. Ele estava recostado negligentemente, de tornozelos cruzados, com uma expressão sarcástica.

– Você está excitada com esse cavalheiro corpulento, com o pintinho miudinho? – Então, num tom mais aveludado: – Ou a peguei sonhando acordada com o advogado bonitão?

Sabendo que não podia demonstrar medo, nem repulsa, ela fez a voz parecer exigente.

– O que você quer, Creighton?

– Julie, Julie. Estou sentindo uma hostilidade. Já que você é praticamente minha titia, pensei em dar uma passada, ver como você vai indo.

– Você poderia ter me perguntado como estou quando ligou hoje.

– Liguei?

– É uma tolice indigna de você ficar nesse joguinho ao telefone, Creighton. Decepar a cabeça de um animal indefeso é mais o seu estilo.

– Não faço a menor ideia do que você está falando. Nem à referência ao jogo telefônico, nem à decapitação. – Ele estalou a língua. – Honestamente, Julie.

Ela estava tendo dificuldade de respirar. Sua repulsa por ele a estava sufocando, e isso lhe deu coragem.

– A galeria está fechada. Você está invadindo. Estou lhe pedindo que saia. Se não sair, vou chamar a polícia.

Ele pegou o telefone sem fio, na mesinha de canto, e estendeu para ela.

– Faça isso. Isso daria uma cena interessante. Você, eu, os dois investigadores que já

suspeitam de você, todos aconchegados aqui no seu pequeno gabinete. Eu dizendo a eles que você me convidou para vir aqui, que agora que meu tio está fora do caminho, você queria recomeçar de onde parou, naquela noite, no vestiário da piscina.

– Eles jamais acreditariam em você. Derek não acreditou.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Derek não acreditou?

– Contei-lhe a verdade sobre isso.

– Ele levantou o assunto?

Ela não disse nada, fazendo com que um sorriso lento se espalhasse no rosto dele.

– O fato de tê-lo feito me leva a crer que ele duvida de sua versão. Mas não se desespere. Talvez você tenha mais sorte com os investigadores. – Ele sacudiu o fone. – Quer que eu ligue pra você?

Ela o empurrou para o lado e passou pela porta.

– Se você não sai, saio eu.

Ela seguiu pelo corredor na direção da sala de estoque, mantendo as costas eretas, fingindo que seu coração não estava na garganta, disparado de medo. Depois de Maggie, não havia dúvida da violência de que ele era capaz.

Ele a pegou pelo cotovelo e jogou-a contra a parede, prendendo-a com seu corpo, os dedos em volta de seu pescoço.

– Talvez você gostasse de foder com o tio Paul. Coisas mais estranhas já aconteceram. Imagino que você goste mais de foder com o abusado e espirituoso Derek Mitchell. Mas o que eu acho que gosta mais que tudo é foder comigo. – Ele se esfregou nela. Ela tentou se desvencilhar, mas isso só fez com que ele desse um sorriso triunfante que a deixou arrepiada de medo.

– Me solta.

– Você gosta de ferrar a minha vida, não é, Julie? Hein? Acha que pode me foder, passando o advogado para o seu lado? Pense melhor.

– Eu estou te avisando, Creighton.

– Se não, o quê? O que você vai fazer? – Os dedos dele apertaram mais a garganta dela. – Você está totalmente fora de sua alçada, meu bem, e, tristemente, é orgulhosa e tola demais para perceber isso. Você deveria recuar, enquanto sua pele linda e macia ainda está intacta.

Ele a soltou bruscamente e sorriu, quando ela se enlaçou com os próprios braços se protegendo.

– Não que eu não esteja tentado a passar minha língua em cada centímetro dessa pele deliciosa. "Eu sempre quis fazer isso." Robert Patrick, A prova final. Eu também anseio descobrir o que nessa boceta deixou meu tio tão enfeitiçado. Mas, que pena, Julie, querida, teremos que deixar essa pesquisa lasciva para outra hora. Hoje eu tenho um encontro.

Depois de dizer isso, ele saiu desfilando pela porta dos fundos. Ao passar pela escrivaninha, parou e olhou o pacote.

– Não se esqueça de abrir seu embrulho.

Ele foi embora pela porta dos fundos, fechando-a, ruidosamente. Julie continuou encolhida junto à parede, com as pernas tremendo tanto que mal podiam mantê-la de pé.

Ela acabou indo até a sala dos fundos, ainda se apoiando na parede. Cambaleou ao entrar pela porta, pela qual ele passara como um raio, depois recostou no portal, respirando ofegante pela boca.

Foi até a mesa e pegou o telefone, mas repensou e deixou onde estava. Creighton não teria vindo aqui se não acreditasse que podia manipular a situação, usá-la a favor dele para prejudicá-la. Ele provavelmente esperava que ela fosse relatar o incidente aos investigadores, para que ele pudesse distorcer qualquer coisa que ela dissesse, fazendo-a parecer ridícula e culpada.

Seu olhar recaiu sobre o pacote em cima da mesa.

Pela etiqueta de despacho, não estava claro quem tinha mandado. Parecia inócuo, mas ela desconfiou da referência descontraída que Creighton fizera a respeito.

Sua mente revolvia com imagens cinematográficas de gente encontrando coisas horrendas dentro de caixas comuns.

Não havia qualquer som na galeria, exceto as batidas de seu coração, conforme ela abriu a gaveta da escrivaninha e pegou o estilete. Deslizou o botão que expôs a lâmina e passou na fita do pacote, fazendo um longo corte que a fez lembrar um escalpo passando na pele. Rapidamente cortou a fita nas pontas da caixa, depois colocou o estilete de lado.

Seus dedos estavam tão frios que ela mal conseguia sentir o papelão ao dobrar primeiro uma aba da caixa, depois a outra. Do lado de dentro, havia bolinhas verdes de isopor. Material comum de embalagem. Perfeitamente inofensivo.

Ela estendeu as mãos, depois rapidamente fechou os punhos e recuou. Respirou fundo várias vezes, desejando que o coração desacelerasse. Contendo a ansiedade, ela novamente estendeu as mãos em direção à caixa. Depois de mais um segundo de terror agonizante, ela mergulhou-as nas bolinhas de isopor. Dúzias de bolinhas se espalharam por seus braços, caindo da caixa, sobre a mesa e pelo chão. Ignorando-as, ela apalpou.

Encontrou um objeto embrulhado em plástico bolha.

Ela o pegou com as duas mãos e tirou.

Imediatamente reconhecendo o que era, ela gritou baixinho. Seus joelhos dobraram e ela abaixou no chão, com o corpo todo tremendo, incontrolavelmente. Soltou um soluço de choro.

Era um pote de vidro que ela encomendara especialmente para um cliente.

Nada mais.

Enquanto ficou ali sentada, tentando recuperar o fôlego, ela olhou a porta pela qual Creighton havia passado.

E imaginou ouvir um riso de deboche.

CAPÍTULO 20

A firma de Derek estava atualmente lidando com uma dúzia de casos ativos. Havia três vezes essa quantidade de casos pendentes. Ele estava bem informado sobre cada um e tinha um envolvimento direto nas defesas que eram preparadas, mesmo que outros advogados da firma estivessem representando o cliente no tribunal.

Depois de uma extensa reunião, sua mente tinha ainda mais dados para armazenar e processar. Mas quando ele atendeu ao telefone e Dodge disse "Eu o achei", o cérebro de Derek focou e ele nem teve que perguntar a quem o investigador estava se referindo.

– Onde?

– Num hotel vagabundo, na direção do aeroporto.

– Como o encontrou?

– Tenho um informante pago que frequenta o bar ao lado. Ele tem uma queda por uma garota coreana que administra o hotel, então, estava por lá e mostrou as fotos de Billy Duke. Ela começou a ficar nervosa. Ele me ligou, então, fui até lá ver a moça. Depois de molhar a mão dela, ela admitiu ter reconhecido Billy Duke, quando mostraram sua foto na TV. Ele está alugando um quarto há quase um mês, mas não com esse nome.

– Por que ela não denunciou?

– Ela é ilegal. Eu tive que lhe dar duzentas pratas para evitar que ela pirasse completamente, temendo ser deportada. – Dodge parou para respirar. – Acho que meu informante pode esquecer um romance com ela, mas, de qualquer forma, achei Billy Duke. Quer que eu bata à sua porta e diga oi?

– Não. Nós precisamos ligar para Sanford e Kimball.

– Precisamos? – perguntou Dodge, sugerindo que não.

– O que Billy Duke dirige?

– A coreana alega não saber.

– Se ele sair, siga-o, mas me avise imediatamente. Fique de olhos grudados na porta do quarto dele.

Derek desligou e pediu a Marlene que colocasse Sanford ou Kimball na linha.

– Diga a quem atender que é urgente.

Enquanto esperava, ele pensou em ligar para Julie, mas as palavras cautelosas de Dodge o impediram. Se ela estivesse dizendo a verdade, logo saberia que Billy Duke tinha sido capturado. Se estivesse mentindo e Duke fosse seu cúmplice, Derek estaria infringindo a lei, ao dizer que ele logo seria preso.

Por hora, sua integridade estava preservada.

Quando Julie chegou em casa, ela ainda estava tremendo. A visita surpresa de Creighton à galeria a deixara completamente nervosa. Indefensável, porém verdadeiro: ele tinha a habilidade de assustá-la. Tinha feito um de seus joguinhos de mente

doentia, e ela caíra. Ele a deixara com medo de abrir um pacote comum.

Usando o controle remoto, ela fechou o portão da garagem assim que entrou com o carro. Mas estar segura em sua garagem não aliviava seu medo. Lembrando-se da pressão dos dedos de Creighton em seu pescoço, como ele esfregara o corpo agressivamente no seu, ela dobrou as mãos no volante e recostou a testa sobre elas, respirando profundamente.

Agora, sempre que ela o via do lado de fora do bar, na galeria, ele vinha ficando cada vez mais agressivo fisicamente. Seria um sinal do aumento de sua psicose?

A garagem havia retido todo o calor do dia. Não demorou muito para que sua pele ficasse pegajosa de transpiração, mas ela ainda tremia de medo de Creighton. O que ele tinha começado ao tramar o assassinato de Paul ainda não tinha terminado. Ela estava quase certa disso. De alguma forma, ele se sentia ameaçado por ela, ou não estaria fazendo ameaças, não estaria alertando para que ela recuasse. Tinha alguma coisa acontecendo. Mas o quê? Se ela nem sabia que crime ele planejava, ou quem poderia ser a vítima, como poderia evitar?

O calor acabou forçando-a a sair do carro.

Desde a invasão, ela tomava cuidado especial em manter todas as portas da casa trancadas, incluindo a que ligava a garagem à cozinha. Ela usou sua chave para destrancá-la.

Mesmo com o sensor de presença falhando, ela também começou a ligar o alarme religiosamente, mesmo quando saía de casa por um curto período de tempo. Também o mantinha ligado quando estava em casa.

Então, quando abriu a porta e entrou na cozinha, ela esperava ouvir um bipe de alerta. O fato de não ter tocado foi mais assustador que um alarme estridente, pois o silêncio era agourento e aterrorizante.

Seu coração começou a bater loucamente. A leve transpiração se transformou em suor, banhando-a instantaneamente enquanto a adrenalina percorria seu corpo. Ela mal podia respirar. Sua mente entrou em alerta total, mas ela se forçou a pensar racionalmente e não entrar em pânico. Ainda não.

Será que sua empregada teria se esquecido de ligar o alarme ao sair?

Não. A empregada não tinha vindo hoje. Não precisava, depois da faxina completa que a casa recebera ontem.

Será que ela teria se esquecido de ligar o alarme hoje de manhã? Ela tentava se lembrar de suas ações e podia jurar que a última coisa que fizera antes de trancar a porta fora ligar o alarme.

Sem fazer barulho, ela colocou a bolsa sobre a mesa da cozinha e tirou os sapatos. Descalça, foi, pé ante pé, até a bancada e pegou uma faca no bloco de madeira. Era uma lâmina longa e serrada, mas se sentiria mais confiante com a arma que recolocara embaixo da cama. Ela foi até a porta que saía da cozinha e parou para ouvir.

A casa estava em silêncio como uma tumba, exceto pelo batimento de seu próprio coração.

Depois de cinco minutos, quando seus músculos começaram a tremer pela força de

ficar imóvel por tanto tempo, ela se forçou a relaxar. Estaria novamente caindo direto no joguinho mental de Creighton?

Teria ligado o alarme essa manhã? Ela estava aborrecida com Derek, primeiro, por ter dito o que disse na noite anterior, Você gozou, depois por partir sem um pedido de desculpas, sem dizer coisa alguma. Talvez – aparentemente – ela tivesse estado tão preocupada em pensar nele que esse novo hábito de ligar o alarme lhe escapara.

Apesar disso, ela segurava a faca à sua frente, enquanto andava pela casa, verificando uma invasão. Nada tinha sido mexido. Deixando a área da sala, ela olhou cuidadosamente para o fim do corredor que levava aos quartos. Novamente, parou para escutar, mas não ouviu nada.

Ainda na ponta dos pés, ela se aproximou do quarto de hóspedes. A cama estava como Derek havia deixado. A porta do banheiro, aberta. Antes que pudesse se convencer a não fazê-lo, ela atravessou o quarto. O banheiro estava como sempre – pronto para um hóspede. Ela reuniu ousadia suficiente para olhar o armário e se sentiu um tanto tola quando, de forma teatral, escancarou a porta. Vazio, exceto pelos cabides e um cobertor dobrado na prateleira do alto. Para completar sua tolice, ela ficou de quatro e verificou embaixo da cama.

Levantando-se novamente, ela sacudiu a cabeça e voltou ao corredor. A porta de seu quarto estava aberta.

Ela estava a alguns passos de distância, quando ele pulou pra fora. Parecia um monstro numa casa assombrada. Súbito, chocante.

Julie estava esperando um susto, mas gritou mesmo assim.

Quando Derek chegou à espelunca onde estava tendo um churrasco, do outro lado da avenida do Pine View Motel, Dodge estava sentado no balcão, de frente para a janela, onde tinha vista total do motel e prédios adjacentes. Derek sentou numa banqueta ao lado dele e afastou um prato de ossos limpos e molho endurecido.

– As costelas não são ruins – disse Dodge.

– Não, obrigado.

O pessoal do restaurante estava servindo pratos de churrasco e acompanhamentos a um pouco mais de uma dúzia de clientes, mas nem os garçons, ou os clientes, tinham ideia da vigília policial que estava acontecendo.

Mantendo a voz baixa, Derek disse:

– Vi dois carros de patrulha no fim do quarteirão.

– Estão com outro na outra ponta também. Mais dois na rua atrás do motel. E eles. À paisana. Derek seguiu a direção que Dodge indicou. Um sedã discreto estava estacionado na frente do prédio. Sob a luz de neon, Derek distinguiu duas silhuetas do lado de dentro, um homem atrás do volante e uma mulher no banco de passageiro.

– Ela costumava me passar informações – frisou Dodge, casualmente.

– Costumava?

– Tínhamos um acordo.

– Que tipo de acordo?

– Um acordo. Mas foi por água abaixo. Se conversarmos com ela, não a deixe perceber que você sabe.

– Meus lábios estão lacrados.

A chegada de Sanford e Kimball suspendeu a conversa. Derek e Dodge observavam os dois investigadores estacionando o carro na frente do escritório do motel. Kimball desceu do carro e entrou. Era como olhar um aquário de peixinho dourado. Ela tocou a campainha do balcão. A mulher coreana abriu a divisória de miçangas que servia de cortina, separando a sala de trás, e se aproximou de Kimball, que mostrou-lhe seu distintivo.

Derek disse a Dodge:

– Parte do acordo, eu fiz com Sanford. Se ela colaborar e der a chave a Kimball, eles não vão entregá-la para a Segurança Nacional.

– Você acredita nisso?

– Provavelmente não.

Kimball deixou o escritório sessenta segundos depois de entrar, empunhando a chave do quarto. Sanford deixou o carro sem marca onde estava. Juntos, ele e Kimball caminharam pela fileira de quartos de frente para a rua, viraram no corredor e seguiram pelo lado longo do L, surgindo nos focos de luz amarela, lançados pelas luminárias acima, desaparecendo nos vãos escuros entre elas.

Quando estavam a vários metros de distância do último quarto, eles se moveram com mais cautela, até se posicionarem nos dois lados da porta. Sanford bateu à porta com o cano do revólver de serviço. Nada aconteceu. Ele disse alguma coisa, depois bateu novamente. Sem resposta, ele sacudiu a cabeça na direção de Kimball, que se inclinou para a frente e encaixou a chave na fechadura. Depois, eles se movimentaram depressa, escancarando a porta e apressando-se para entrar.

Os dois policiais à paisana partiram do carro em direção ao quarto, de pistolas na mão.

– Vamos. – Derek partiu pela porta da churrascaria e saiu correndo. Ele disparou atravessando a rua e logo chegou. Dodge estava bufando ao chegar do outro lado. Ele estava acompanhando o ritmo de Derek, mas sua respiração parecia um exaustor.

Eles tinham quase chegado ao quarto quando os dois à paisana saíram. Agora já não tinham pressa. As armas já estavam nos coldres.

Ao ver Dodge, a mulher parou de repente.

– Que diabos você está fazendo aqui?

– Eu o encontrei. Liguei pra avisar.

– Parabéns. Mas você chegou tarde. Ele não está mais aqui.

– Merda! – chiou Derek.

O parceiro dela olhou para ele.

– O que importa pra você, Perry Mason? – Então, para Dodge: – Você ainda está trabalhando pra ele?

– Ele oferece um bom plano de saúde.

O policial cuspiu no asfalto, depois seguiu pela passagem entre os prédios.

– Estarei no escritório.

Quando ele não podia mais ouvir, Dodge perguntou à mulher:

– Você pode nos colocar dentro daquele quarto?

– Seu escroto.

Dodge exalou longamente.

– Eu tive que ir, Dora. Recebi uma ligação.

– Você me largou com a conta.

– O doutor precisava de mim, urgente.

– Aquele jantar me custou vinte e duas pratas.

– Eu disse que lamento muito. Ora, vamos. Não fique zangada.

Ela deu uma olhada por cima do ombro, na direção da porta aberta do quarto de Billy Duke.

– Assim que Sanford o vir, ele vai cagar.

– Ele vai se sentir melhor depois.

– Não diga a ele que eu te vi primeiro.

– Vai interrogar a gerente? – perguntou Derek.

Ela olhou-o fixamente, desconfiada.

– Talvez.

– Pergunte a ela...

– Não me diga como fazer meu trabalho, Dr. Mitchell.

Dogde se aproximou dela.

– Ele nem pensaria nisso, Dora. Mas se você descobrir algo interessante...

– Pode esquecer, Dodge. Também não quero Kimball no meu pé. – Ela foi caminhando.

– Já esqueceu que te deixei ficar por cima?

Ela continuou andando, mas fez um sinal obsceno por cima do ombro.

Dodge riu. – Sinta o amor.

Ele seguiu Derek na direção da porta aberta do motel. Ao ouvi-los, Sanford se virou do armário, onde estava remexendo. Ele colocou a mão enluvada no quadril.

– Obrigado pela dica, Dr. Mitchell. Mas isso não lhe dá o direito de entrar na festa.

– Todo mundo se conhece? – perguntou Dodge. Ninguém respondeu.

– Algum sinal de Billy Duke? – quis saber Derek.

– Billy Wood – disse Kimball, ao surgir do banheiro. Como seu parceiro, ela estava de luvas de borracha, mas suas mãos estavam vazias. – Era assim que estava registrado. Ele pagou por um mês de aluguel em dinheiro, assim que chegou, dez dias antes de Wheeler ser morto. Desde então, a dona só o viu uma vez. Ela o viu carregando um saco de lixo até a caçamba nos fundos.

– Você só falou com ela alguns segundos – disse Dodge.

A investigadora sorriu. – Sou boa.

– Então, por que não o encontrou?

Kimball lançou-lhe um olhar de "vá pro inferno". Sanford pareceu irritado com todos eles.

– Por que mandou seu funcionário procurá-lo, Dr. Mitchell?
– Tenho interesse.
– Ouvi dizer que não está mais representando os Wheeler.
– Não estou.
– Então, por que está tão ávido por encontrar esse cara?
– Sem comentários.
– Tem algo a ver com seu cão?
Derek olhou diretamente para Kimball, que perguntara. Ela sacudiu os ombros.
– O comentário circulou hoje. Eu lamento. Sinceramente.
Estranhamente, Derek acreditou nela e ficou comovido por sua sinceridade.
– Obrigado.
– Eu também – disse Sanford. – Coisa horrível de se fazer.
Antes que mais alguma coisa fosse dita sobre Maggie, Dodge perguntou sobre a tal caçamba.
– Vocês estão vasculhando?
Kimball voltou à postura de investigadora.
– Não somos amadores. Os oficiais vão revirar tudo, mas talvez tenha sido esvaziada desde que Billy Duke, ou seja lá qual for seu nome, levou o lixo. A moça da recepção não tinha certeza do dia em que o viu. Antes de tudo, alguém talvez faça a tarefa do aterro sanitário.
– E quanto a um carro?
– Desconhecido – disse Sanford.
– Nossa moça da recepção nunca o viu de carro – disse Kimball. – Ele provavelmente estacionou em algum lugar perto, ia e voltava a pé. Temos oficiais vasculhando a área.
Dodge resmungou sua visão pessimista diante disso:
– Nesse bairro vocês vão precisar de informantes. Preparem-se para gastar algum dinheiro.
Aparentemente, os investigadores concordavam, pois nenhum dos dois refutou.
Derek deixou os investigadores conversando. Ele não tinha passado do portal porque, se houvesse alguma prova, não queria contaminá-la. Estava absorvendo o que os investigadores e Dodge estavam falando, mas também tentava obter uma noção do quarto e do cara que o ocupara.
Era um lugar triste, com remendos evidentes de gesso nas paredes e manchas de água no teto. A cama estava desfeita e os lençóis pareciam sujos, como se estivessem sendo usados havia semanas, sem terem sido lavados. Se Duke estava levando o próprio lixo pra fora, o serviço de quarto não devia estar incluído. Atrás de Kimball, através da porta aberta do banheiro, Derek viu toalhas no chão, como se tivessem sido negligentemente largadas ou deixadas de lado.
Mas em todo espaço não havia um único pertence pessoal, nada que não fosse permanente do quarto.
– Ele não está apenas fora, foi embora – afirmou Derek, desanimado.
Sanford franziu o rosto.

– Parece. Nenhuma roupa no armário. Nada nas gavetas da cômoda.

– Nada no banheiro, exceto o fedor – disse Kimball. – Aparentemente, o encanamento não é muito eficiente.

– Você checou a pia do banheiro? – perguntou Dodge.

– Ainda tem gotas de água ali – disse Kimball. – Então, ele não pode ter partido há tanto tempo.

– Tem janela no banheiro?

– Não é grande o suficiente pra que um adulto se esprema e passe.

– Estou vigiando esse lugar desde seis e dez da tarde – Dodge disse-lhes. – Desde então, ele não saiu por aquela porta. Então, ele já tinha saído, quando cheguei aqui, mas não há tanto tempo que a pia tivesse secado.

– No meio da tarde? – Sanford se aventurou.

Dodge ergueu um ombro e sacudiu ligeiramente.

– Estou menos interessado na hora em que ele partiu do que para onde ele foi – disse Derek, impaciente.

– Nós também gostaríamos de saber isso – disse Sanford.

– Mas ainda não temos nada que o conecte ao tiro. Ele poderia simplesmente ser um cara em viagem de negócios.

Derek não acreditava que Kimball realmente cresse nisso mais do que ele.

– Quem, numa viagem a negócios, paga em dinheiro, em vez de cartão de crédito?

– E dá dois nomes – disse Dodge. – Dois, dos quais sabemos.

Com aspereza, ele disse:

– Já entendi, já entendi.

Derek olhou ao redor do quarto ordinário.

– A vibração que tenho desse lugar é que era sua toca, um lugar pra se esconder.

– Estou com você. – Dodge indicou a lata de lixo. – Vazia.

– A do banheiro também – disse Kimball a ele.

– Quando saiu, ele não deixou nada para trás – disse Derek.

– Nada visível. – Sanford esticou a mão para pegar seu celular. – Vou mandar procurar digitais. Talvez consigamos uma que possamos mandar ao banco de dados. Qualquer um usando um pseudônimo provavelmente já foi preso e teve as impressões digitais tiradas em alguma época da vida. No mínimo, podemos conseguir seu nome verdadeiro.

Kimball tinha passado à quitinete, observando, em voz alta.

– Ele lavou a louça. E esvaziou o cesto de lixo. Mas não passou rodo no chão, está grudento. – Ela se abaixou atrás do bar, saindo de vista. Quando levantou outra vez, alguns segundos depois, Derek percebeu um olhar significante que ela lançou ao parceiro.

– Encontrou alguma coisa? – perguntou Derek.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. Talvez a gente possa identificar o que ele derramou, só isso. – Então, ela franziu o rosto. – Por que ainda está aqui? Você nem é policial, e nós lhe dissemos para ir embora.

Dodge cutucou Derek.

– Já viu o suficiente?

– Acho que sim. – Mas ele não fez qualquer movimento para partir.

– O que foi?

– Alguma coisa não bate.

– O que vocês dois estão cochichando? – perguntou Sanford.

Ignorando-o, Derek deu outra circulada lenta pelo quarto. Seu olhar passou pelo aparelho de TV, depois voltou. Ele percebeu o que o incomodara. Tudo no quarto era antigo, menos o aparelho de DVD. – Olhem o DVD.

Sanford olhou-o curioso, mas procurou pelo controle remoto e encontrou em meio aos lençóis da cama. Usou para ligar a TV, depois apertou o botão que abria a bandeja do DVD. Vazia.

Ele olhou para Derek, na expectativa.

Derek suspirou, desapontado.

– Só um pressentimento.

Ariel passou perfume, se olhou no espelho uma última vez e pegou a bolsa. Depois do porre de sorvete, três noites atrás, ela decidiu que não permitiria que um babaca a deixasse gorda. Como seu paizinho costumava dizer, a única forma de superar uma queda é subir de novo no cavalo.

Ela ia sair, e ia se divertir.

E, falando nisso, ele que vá tomar naquele lugar!.

Ela foi cautelosa, passando o trinco na porta ao fechá-la. Conforme se encaminhava até o carro, sua vizinha do outro lado da rua chamou-a. Ela gemeu por dentro, mas acenou e gritou:

– Olá, Sra. Hamilton.

A idosa morava sozinha e aparentemente era solitária. Era comum parar Ariel, geralmente quando ela estava com pressa. Ou assim parecia.

– Ariel, espere!

Ensinada a respeitar o mais velhos, Ariel jogou a bolsa no carro, mas esperou a Sra. Hamilton vir, mancando.

– Suas flores estão bonitas – disse Ariel, quando ela se aproximou. A Sra. Hamilton tinha o quintal mais bonito da rua e se gabava por fazer todo o trabalho sozinha.

– Obrigada, meu bem. – Ela pousou a mão manchada no peito, como se para ajudá-la a recuperar o fôlego. – Estou preocupada com você.

– Por quê?

A Sra. Hamilton geralmente perguntava se ela estava comendo direito, ralhava por ela ficar até tarde na rua, recomendava que usasse filtro solar. Então, ela foi pega de surpresa, quando a idosa disse:

– Um homem veio procurá-la, hoje, enquanto você estava no trabalho.

– Um homem?

– Acho que ele estava drogado – disse ela, sussurrando. – Não gostei nada do jeito

dele.

– Como ele era?

O coração de Ariel começou a bater com força, conforme a vizinha descrevia Billy Duke em detalhes. Não como ela o conhecera, mas como ele estava na foto da câmera de segurança do hotel.

– O que ele queria?

– Eu o vi bisbilhotando em volta da sua casa, espiando pelas janelas, batendo à porta. Gritei do lado de lá, dizendo que você não estava em casa, será que ele não estava vendo?

Em qualquer outra circunstância, a imagem teria sido engraçada, mas Ariel não teve vontade de sorrir.

– Ele atravessou a rua correndo. Eu entrei e passei a corrente na minha tela, mas ele sacudiu as mãos e começou a gritar que nem maluco: "Por favor, me ajude!"

– Ajudá-lo?

– Ele disse que estava desesperado para falar com você, que era uma questão de vida ou morte, e perguntou se eu sabia onde você trabalhava. Tinha ligado para o seu emprego e disseram que você não trabalhava mais lá.

– Mudei de emprego recentemente. – Graça a Deus por isso.

– Perguntou se eu não sabia o número do seu celular, e eu lhe disse que, se soubesse, não lhe daria. Ameacei chamar a polícia, se ele não fosse embora, depois bati a porta na cara dele. Mas fiquei olhando pela persiana. Ele entrou no carro e foi embora. – A Sra. Hamilton olhou-a, preocupada. – Claro que não é da minha conta, mas ele não parecia o tipo com quem você deva andar, Ariel.

– Não se preocupe, Sra. Hamilton, não ando. – Ela apertou a mão da mulher. – Se a senhora o vir novamente, chame a polícia.

– Certamente o farei! Tome cuidado.

Ariel garantiu que tomaria, e a idosa voltou ao jardim. Ariel pensou em voltar para dentro e ligar para a polícia, ela mesma, para relatar a visita indesejada de Billy. Mas isso significaria envolvimento, o que ela prometera a si mesma e a Carol que evitaria. Ela torceu para que o alerta da Sra. Hamilton o tivesse amedrontado.

Ela decidiu não deixar que Billy Duke estragasse a noite que planejara para si, mas quando entrou no bar luxuoso ainda tentava se livrar de uma vaga sensação de inquietude.

E piorou quando ela viu Tony, recostado numa das mesinhas altas dos fundos do salão, incrivelmente elegante e lindo.

CAPÍTULO 21

O grito de Julie ecoou no corredor.

Ele deu um passo em sua direção, depois colocou as mãos, uma de cada lado do portal, se segurando no vão. Sua pele parecia encerada, não humana. Seus olhos estavam fundos.

Julie virou e correu, mas ele saiu correndo atrás dela, pegou-a pelos ombros e virou, caindo por cima dela, cravando-se na faca. A faca entrou até o cabo. Ele abriu a boca para gritar, mas o que saiu de seu estômago era uma bílis repulsiva que golfou sobre o peito de Julie.

Ela gritou de terror.

Tentou empurrá-lo, tirá-lo de cima dela, mas ele se agarrou firmemente, com os braços ao redor de seus ombros. Eles fizeram uma dança estranha, enquanto ela lutava para afastá-lo. Ele a segurava.

Então, ele começou a ter uma convulsão. Já não a segurava mais, ele caiu no chão, aterrissando de costas e sacudindo com tanta violência que seus ombros e calcanhares martelavam o chão de madeira violentamente.

Julie pulou por cima dele e cambaleou até o quarto. Ela pegou o telefone sem fio, no criado-mudo, e discou freneticamente para a emergência. Nada aconteceu. Ela soltou o telefone. Ele bateu ruidosamente no chão. Seu celular estava na bolsa, na cozinha. Ela foi cambaleando de volta ao corredor.

Agora, as convulsões do homem já não eram tão severas. Ela tentou não olhar para o cabo da faca espetada nele, quando se ajoelhou ao seu lado.

– Vou ligar para pedir ajuda. Mas tenho que pegar meu telefone. Já volto. Tente...

Os olhos dele estavam abertos, mas olhava o teto, sem percebê-la. Ele parecia não ter ouvido, nem notado sua presença. Já parecia estar em outro lugar. Ele deu um espasmo.

Depois ficou completamente imóvel.

Derek e Dodge atravessaram a rua e tinham acabado de chegar ao estacionamento da churrascaria, quando Derek viu Kimball e Sandord saírem em disparada do quarto de motel abandonado, como se um demônio estivesse atrás deles.

Eles saíram a toda, seguindo em direção ao escritório do motel. Sanford entrou pelo lado do motorista do sedã e colocou a luz portátil no teto, enquanto Kimball enfiou a cabeça na porta do escritório. Ela gritou algo para Dora e seu parceiro, que estavam interrogando a mulher coreana. Então, Kimball se juntou a Sanford no carro. Ele acelerou o motor, e eles saíram rápido o suficiente para deixar o ar cheirando a fumaça queimada.

Derek olhou para Dodge, então, sem dizer uma palavra, eles zarparam para o carro de Derek. Ele sentou-se atrás do volante, enquanto Dodge entrava pelo lado do passageiro. Ele nem tinha fechado a porta quando Derek pisou com força no acelerador.

– O que você acha? – perguntou ele, enquanto costurava pelo trânsito, igualando à velocidade de Sanford, sem a vantagem da luz vermelha no teto de seu carro.

– Não sei, mas é quente.

– Billy Duke?

– Talvez. Importa-se se eu fumar?

– O que você acha?

Eles seguiram em silêncio tenso. Depois de alguns minutos, Dodge frisou:

– Eles estão seguindo para a direção da sua área.

– Mais na direção da área de Julie. – Derek foi ficando desconfortável ao perceber que estava seguindo o carro civil da polícia e entrando no bairro dela. – Ai, Meu Deus, não.

– O quê? – perguntou Dodge.

Derek não respondeu. Assim que viu as luzes dos veículos de emergência iluminando a quadra dela, com os lampejos piscantes, ele freou com força e engrenou o carro em ponto morto. Antes que o grito de cuidado de Dodge nem sequer o alcançasse, ele já estava correndo pela calçada, empurrando os vizinhos que haviam se aglomerado em pequenos grupos para especular sobre a natureza da emergência.

Ignorando a fita que isolava a cena do crime cercando o gramado, ele passou por baixo e saiu correndo até a porta da frente. Um policial uniformizado entrou em seu caminho.

– Ei! Espere.

– O que aconteceu?

– Você mora aqui?

– Não.

– É sua família?

– Não.

– Então, dá o fora.

– Sou Derek Mitchell, oficial do tribunal. O que aconteceu?

O policial franziu o rosto, olhou em volta e disse:

– Esfaqueamento fatal.

Os joelhos de Derek ficaram bambos.

– Quem... – Sua garganta fechou, antes que ele conseguisse terminar a pergunta, o que pareceu ter tocado a compaixão do policial.

– Espere aqui. – Ele se virou e seguiu até a porta da frente.

– Foda-se. – Derek passou por ele correndo e pela porta da frente, quase colidindo com outro policial, que impediu seu caminho, depois colocou as duas mãos em seu peito.

– Quem o deixou entrar?

– Saia do meu caminho! – Derek tentou tirar as mãos do policial, mas ele não se moveu. O primeiro policial agarrou-lhe os braços, por trás. – Sai de cima de mim!

– Vamos, companheiro, acalme-se, ou vamos algemá-lo.

– Me solta!

Homer Sanford apareceu no arco da sala de estar de Julie, com sua expressão mais

espantada.

– Mitchell? Você de novo? Que diabos?

Enlouquecido, Derek tentou interpretar a expressão do investigador.

– Julie? – disse ele, rouco.

Sanford olhou-o por alguns segundos, depois inclinou a cabeça na direção da sala atrás dele. Derek deu um passo, ou tentou. Os policiais ainda o seguravam.

– Soltem-no – ordenou Sanford. Os homens uniformizados o soltaram. Ele entrou cambaleante na sala, parando subitamente ao ver Julie, pálida como a morte, mas viva.

Ela estava sentada no sofá, encolhida numa manta de chenilha, embora a sala parecesse uma estufa para Derek. Por baixo da manta, a roupa dela estava manchada. Sangue e alguma outra coisa, com uma aparência horrenda e fedorenta. Sua pele estava com cor de massa de pão, fazendo seus olhos parecerem imensos ao cruzarem com os dele.

Um negro magrinho estava em pé, junto à lareira, com um caderninho espiral na mão. Ele parecia constrangido. Outro investigador, um cara sênior, que Derek reconheceu – Graham? Grant? Algo assim –, estava sentado na chaise em que Derek sentara na noite anterior, para ver a televisão mais de perto. Ele estava de frente para Julie e Roberta Kimball, que estavam lado a lado no sofá.

Era um quadro estranho que permaneceu por vários momentos, depois Graham/Grant disse a Sanford:

– Tire-o daqui.

– Sou Derek Mitchell.

– Sei quem você é. E eu sou o Sargento Graham, o investigador que está conduzindo a investigação de um esfaqueamento fatal. Agora que já passamos pelas apresentações, dê o fora da minha cena de crime.

– Sou advogado da Srta. Rutledge.

Os olhos de Julie se arregalaram, mas ela não contestou. Kimball parecia ter levado um susto de alguém que pulara de debaixo do sofá. Ele achou que Sanford havia murmurado algo, mas não tinha certeza.

Graham virou-se para Julie.

– Já ligou para seu advogado?

– Não... eu não liguei para ninguém além da emergência.

– Ele só pode ter nos seguido até aqui – explicou Kimball. – Ele estava no motel, onde Billy Duke estava hospedado. – Ressentida, ela acrescentou: – Na verdade, foi ele quem o encontrou. Ou melhor, seu investigador particular.

– Por que motivo estava procurando por ele, Dr. Mitchell? – perguntou Graham.

Mas antes que Derek pudesse responder, o olhar do investigador desviou para além de seu ombro. Derek virou. Uma maca com o corpo embrulhado estava sendo empurrada em direção à porta da frente por dois médicos da emergência, sob a orientação de um investigador do Centro Médico do Condado de Fulton. Ao reconhecer Derek de inúmeros julgamentos em que havia testemunhado, ele acenou com a cabeça, cumprimentando, mas não se dirigiu a ele.

Em vez disso, disse a Graham:

– Eu lhe avisarei quando a autópsia for agendada, sargento.

– Pode me dizer alguma coisa agora?

– Ele estava morto quando os paramédicos chegaram. Sinais de luta e trauma. Tem o que parece ser uma faca comum de cozinha espetada nas vísceras. – Ele seguiu para o lado de fora sem mais comentários.

Derek olhou para Sanford.

– Billy Duke?

– Ainda não temos uma identificação positiva.

Graham levantou.

– Há muita coisa que não temos, Srta. Rutledge. Terá que vir conosco até a delegacia para responder algumas perguntas.

– Agora?

– Agora mesmo.

– Posso me limpar primeiro?

Graham pensou a respeito, depois disse:

– A investigadora Kimball ficará com a senhorita. – Para ela, ele disse: – As roupas dela são provas.

Conforme Kimball acompanhou Julie passando por Derek, ele esticou a mão para pegar a dela. Ela parecia perdida, oprimida. Ele conteve o impulso de passar os braços ao redor dela. Foi difícil manter uma postura profissional.

– Eu a encontrarei lá, Srta. Rutledge. Não diga nada a ninguém, a menos que eu esteja junto. Entendeu?

Ela assentiu e sussurrou um "obrigada".

Ele deu um apertão tranquilizador em sua mão, antes de soltá-la. Seguindo o fluxo, ela se dirigiu ao corredor. Quando Kimball passou por ele, ela disse, baixinho:

– Curioso, curioso.

Ela estava certa quanto a isso.

Uma hora depois, Julie recontou a história para o sargento Graham e o jovem investigador negro, que ainda não tinha falado uma palavra, ao menos que Julie tivesse ouvido. Ela imaginou que ele havia recentemente ganhado seu status de investigador e ainda estaria sendo treinado por Graham. Ela sabia que Sanford e Kimball estavam na sala ao lado, observando-a através do espelho de duas faces.

Derek estava ao lado dela, o exemplo do profissionalismo. Ele já estava na delegacia de polícia quando ela chegou com Graham e seu parceiro Junior. Eles não haviam trocado uma palavra sequer no trajeto vindo de sua casa. Ela imaginou que o investigador conhecia a reputação de Derek, sabia que causaria um inferno se incentivasse um cliente a falar sem que ele estivesse presente.

Agora, o jovem investigador fazia alguns ajustes na câmera de vídeo, depois deu um sinal positivo para Graham. Graham afirmou a data e a hora, e os nomes das pessoas presentes, depois educadamente pediu que ela relatasse o acontecido.

Ela o fez. Contou tudo que conseguia se lembrar, desde a hora em que entrara pela porta dos fundos e notou que o alarme não apitou, até aquele momento horrível, quando Billy Duke estremeceu, pela última vez, depois ficou completamente imóvel.

Quando ela terminou, houve um silêncio na sala por vários instantes, depois Graham disse:

– Obrigado, Srta. Rutledge.

– Minha cliente quer colaborar. Agora, se isso for tudo...

– Não é – disse Graham a Derek. Voltando a ela: – Não pude deixar de notar que em seu relato referiu-se à vítima pelo nome.

– Me disseram que seu nome era Billy Duke.

– Quem?

– Os investigadores Sanford e Kimball.

– E ele era um invasor, não uma vítima – retrucou Derek.

– Isso é discutível, Dr. Mitchell. A Srta. Rutledge estava com um facão. Billy Duke estava desarmado. É ele quem está no necrotério.

– Ele estava desarmado? – perguntou ela.

– Não tinha nem canivete – respondeu o investigador.

– Eu não sabia – disse ela, baixinho. – Imaginei...

– Ele ameaçou feri-la?

– Sua simples presença já foi uma ameaça à minha cliente.

– Obrigado, Dr. Mitchell – disse o investigador, mantendo o olhar julgador em Julie. – Quando seu alarme não foi acionado, por que não deixou a casa? Por que não ligou para a polícia imediatamente? Disse que achou que havia alguém na casa.

– Eu disse que "temia" que houvesse alguém na casa.

– Qual é a diferença?

– O medo pode fazer com que você imagine coisas. Eu comecei a achar que estava sendo tola. – Ela deu uma olhada para os dedos entrelaçados tão apertados que tinham esbranquiçado. – Passei por um acontecimento traumatizante apenas algumas semanas atrás.

– Eu sei que estava com Paul Wheeler quando ele foi morto.

– Desde então, eu não... tenho andado em meu estado normal. Eu me assusto com facilidade. Achei que essa ocasião fosse um desses momentos.

– Achou que estivesse imaginando um invasor.

– Sim.

– Mas continuou com a faca enquanto vasculhava a casa.

– Caso eu estivesse errada.

– Caso estivesse errada, estava preparada para esfaquear mortalmente um invasor?

– Não responda a isso – disse Derek.

Graham fez outra pergunta:

– Logo que viu o homem, o reconheceu?

– Ele quase me matou de susto. Não pensei imediatamente, Billy Duke. Eu nunca o vira pessoalmente, somente naquelas fotografias da câmera de segurança.

Honestamente, tudo que consegui assimilar era que ele parecia um zumbi. Estava mortalmente pálido. Sua pele parecia artificial.

Ela o descreveu da melhor forma que pôde.

– Ele veio em minha direção, depois meio que se segurou no portal. Assim. – Ela imitou como Billy Duke fizera, caindo à frente, na porta aberta. – Ele estava passando mal. Ferido. Algo assim. Não acho que estivesse me atacando. Claro que eu poderia estar errada, mas não acho que ele vinha em minha direção para me ferir. Acho que estava querendo ajuda.

– Ajuda.

– Foi isso que ela disse – afirmou Derek, num tom irritado. – O cara, que parecia um morto-vivo, saltou do quarto na direção dela. Como qualquer pessoa normal faria, ela virou e correu. Ele a virou de frente, depois se jogou em cima dela, como se precisasse de ajuda para ficar de pé. Está no vídeo.

– Obrigado, Dr. Mitchell. Eu me lembro do que ela disse.

– Então, por que atormentá-la? Qual é a parte que não está clara?

– Eu não o esfaqueei – disse Julie. – Ele caiu sobre a faca. Depois começou a ter uma convulsão.

– Também me lembro da senhorita ter dito isso – disse o investigador.

Julie encontrou o olhar cético do investigador.

– É a verdade.

– Ele vomitou na senhorita.

– Viu minha roupa.

– Ele caiu no chão.

Ela concordou.

– Ele ficou se sacudindo, em espasmos. Depois deu mais uns repuxos e morreu.

– Foi isso que aconteceu.

– O que também poderia acontecer se ele tivesse uma faca nas vísceras.

Ela não disse nada.

– A senhorita disse ao pessoal da emergência que um intruso dentro de sua casa estava morto.

– Isso mesmo. Tentei ligar do telefone de casa, mas não completava a ligação. Eu estava indo pegar meu celular, mas ele morreu antes que eu conseguisse.

– Como soube que ele estava morto? Chegou a tocá-lo, checou seu pulso?

– Não. Mas eu soube. Seus olhos... eu soube. Peguei meu celular na cozinha, onde eu tinha deixado minha bolsa. Liguei para a emergência, depois fui lá pra fora e fiquei na varanda da frente, até que a ambulância chegasse. Os paramédicos o examinaram e me disseram que ele estava morto. O primeiro policial chegou quase instantaneamente. Ele ficou comigo até que vocês chegassem lá.

– Você sabe o restante – disse Derek. – Mais alguma coisa que queira perguntar à minha cliente antes de irmos?

Graham olhou para o investigador mais jovem, que ainda não tinha dito uma palavra sequer. Ele sacudiu a cabeça. Graham deu uma olhada na direção do espelho de duas

faces. Segundos depois, Sanford e Kimball entraram.

Julie olhou-os, mas suas expressões não davam qualquer pista do motivo para que Graham subitamente os tivesse convidado a se juntarem ao grupo. Inquieta, Julie olhou para Derek. Ele também não pareceu gostar da inclusão deles. Ele levantou.

– Vocês todos já tiveram um dia terrivelmente longo.

– Você também – disse Kimball. – Você está aparecendo em todo canto essa noite. Ainda não explicou por que seu ajudante contratado estava procurando por Billy Duke.

– Vocês têm alguma pergunta para minha cliente? – perguntou Derek.

– Quando mudou de lado, Dr. Mitchell?

– Ah, vocês têm uma pergunta para mim.

– Não seja espertalhão – disse Kimball, irritadiça.

– Meio estranho – disse Sanford.

– O que é estranho? – perguntou Derek.

– Primeiro, está representando os Wheeler. Depois, não está mais. Agora, está representando a Srta. Rutledge.

– Obrigado pela lição de história. – Ele tocou com a mão o cotovelo de Julie, sinalizando que ela se levantasse e concluísse a conversa.

Mas Kimball deu um passo à frente.

– Espere. Você disse antes, e repetiu agora, que nunca encontrou Billy Duke, nunca o viu em carne e osso antes que ele morresse em sua casa.

– É verdade.

– Já esteve no Pine View Motel?

– Não responda – disse Derek.

– Tudo bem – disse Julie a ele. – Eu nunca estive no Pine View Motel.

– Tem certeza?

– Não responda.

– Absoluta – respondeu ela, negligenciando o conselho de Derek.

– Encontramos algo no quarto de Billy Duke que não parecia pertencer a uma espelunca como aquela. – Kimball pegou um saquinho plástico no bolso do blazer. Equilibrando na palma da mão, ela o estendeu em direção à Julie. – Perdeu um botão?

Julie sentiu o chão se abrir sob ela.

Dentro do saco havia um botão de pérola, com um aro cromado, um botão que pertencia a uma blusa marfim, um botão que Derek reconheceria.

Ele estava perto. Ela pôde sentir o calor da culpa e constrangimento emanando dele, tão palpável quanto o que irradiava dela. Ninguém disse nada, por alguns instantes, depois, Sanford a cutucou.

– Srta. Rutledge?

– Eu...

– Pelo amor de Deus, é um botão – disse Derek. – Pode-se comprar às dúzias. Pode pertencer a qualquer um.

– Isso lhe pertence, Srta. Rutledge?

Derek não se intimidou. Ele pegou Julie pelo braço e puxou-a, para que se levantasse.

– O homem que vocês estavam procurando, pela ligação a um assassinato brutal, surgiu na casa da minha cliente essa noite. Ela temeu pela própria vida. Ele atacou-a e foi acidentalmente esfaqueado. Tragicamente, ele morreu, sendo pelo ferimento, ou por uma causa desconhecida, que só será revelada pela autópsia. Vocês sabem onde me encontrar.

Antes de deixar a Chez Jean, Creighton disse a Julie que tinha um encontro romântico, mas isso era um pensamento desejoso. Claro que ele poderia ter Ariel quando quisesse. Ele sabia onde ela morava, onde trabalhava. Mas preferia fazer que esse segundo contato parecesse tão casual como o primeiro.

Torcendo para que ela fosse uma criatura de hábitos, ele voltara à Christy's e estava em pé junto a uma das mesas altas de coquetel perto da parede. A posição colocou-o na sombra, mas lhe provia uma vista do bar inteiro, principalmente da entrada. Se ela entrasse, ele a veria.

Novamente, ele deixara o Porsche em casa, vindo com a caminhonete, querendo que o manobrista não se lembrasse dele. Também estava vestido de forma mais discreta, com um jeans de grife e uma jaqueta de tecido, mas nada tão distinto quanto seus ternos.

Mesmo que chamasse a atenção de alguém, seria improvável que soubessem seu nome. Para vergonha de seus pais, ele raramente os acompanhava aos eventos beneficentes, ou reuniões sociais, onde os fotógrafos ficavam inclinados a obter fotos para as colunas sociais dos jornais. Ele não queria seu rosto e nome por aí, tornando-o facilmente identificável.

Sua mãe, abençoada ignorância, achava encantadora a sua timidez com as câmeras, acreditando que isso viesse de uma timidez profunda. Ele não sabia o que pai pensava a respeito. Provavelmente não pensava nada.

Creighton se esforçava tanto para evitar ser fotografado que era de se pensar tratar-se de alguém horrível. Bonito assim, era difícil se tornar invisível, mas ele aprendera a não se destacar e se tornar parte do papel de parede, em lugar do centro de mesa.

Quando desejava anonimato, ele se mantinha na sombra e não fazia nada para chamar atenção para si mesmo. Essa noite era vitalmente importante que ele não fosse lembrado, portanto, não flertara com a garçonete que pegou seu pedido de tônica, não fez contato visual, nem conversou com ninguém. Ainda estava relativamente cedo e o lugar nem atingira sua lotação máxima, portanto, ele podia manter a mesa só pra ele, sem que lhe pedissem para compartilhá-la.

Ele já estava ali havia quase uma hora, quando Ariel chegou sozinha, parecendo ainda mais incerta e constrangida do que na ocasião anterior. Numa tentativa vã de esconder sua insegurança, ela pegou pesado na maquiagem. Ao entrar, deu uma sacudida nos cabelos louros, mas o movimento pareceu ensaiado, não natural.

Logo na entrada, ela parou para olhar a aglomeração. Quando o avistou, ficou tensa. A indecisão em sua expressão foi clara como o dia. Esse era o cara que tinha dado em cima dela, cheio de promessas, depois cruelmente abandonou-a, fazendo com que se

sentisse uma tola. Ela deveria ignorá-lo, ou confrontá-lo e dizer-lhe o bastardo que ele era, ou novamente tentar fazer com que ele gostasse dela?

Ela seguiu a primeira opção. Dando outra sacudida nos cabelos, caminhou em direção ao bar e, mostrando-se desafiadora, estalou os dedos para obter a atenção do bartender.

Creighton esperou até que ela tivesse sido servida de seu Martini verde-pastel que parecia decididamente nauseante, depois perambulou até lá. Ela deu um gole no drinque, sem se permitir olhar para ele.

– "Eu lamento", nem dá pra começar.

Ela virou a cabeça na direção dele, como se tivesse acabado de notar que ele estava ali. Ela não disse nada.

– Fui chamado, inesperadamente. Você estava no toalete feminino. Não havia meio de avisá-la que eu não poderia prosseguir com nossos planos.

Ela virou de volta para o seu drinque. Sorriu para o bartender, quando ele passou, assegurando-se de que Creighton notasse que ela não estava nem aí pra ele ou seu pedido de desculpas.

– Eu tive que ir embora, Ariel. Não tive escolha.

Ela colocou o Martini com força suficiente sobre o balcão para que derramasse um pouco do líquido pegajoso no bar.

– O manobrista me disse que você foi embora com uma mulher.

– Minha assistente.

Isso a desarmou.

– Assistente?

– Minha família estava frenética à minha procura. Enquanto me divertia, eu não atendia às ligações em meu celular. Eles pediram à minha assistente que me procurasse.

– Por quê?

– Minha sobrinha. – Ele olhou para baixo, para o balcão do bar, limpou uma poça sob seu copo de água. – Ela foi estuprada.

– Estuprada? Oh, meu Deus!

Era a mentira perfeita para essa ocasião e induziu à reação esperada. Ele exalou um suspiro.

– Por um cara a quem ela considerava um amigo.

Os olhos de Ariel estavam arregalados como pires, cheios de preocupação, injúria e empatia.

– Ele a levou de carro para um lugar remoto. Fez com que ela... usasse a boca nele, depois... – Ele parou, como se fosse difícil demais para que continuasse.

Ela cobriu a mão dele com a sua.

– Você não precisa me dizer mais nada.

Na verdade, ele estava gostando de descrever como ele atraíra a pequena Alisson Perry para sair de carro com ele. Ele tinha acabado de obter sua carteira de habilitação. Para comemorar a ocasião e seu aniversário de dezesseis anos, os pais lhe deram um

BMW conversível.

Allison ficara deslumbrada e lhe dissera que nunca tinha andado num conversível. Mas quando as coisas ficaram interessantes, ele teve que erguer o teto do conversível para abafar seus gritos. No fim das contas, ele precisou deixá-la desacordada para silenciá-la.

Mais tarde, foi sua palavra contra a dela, quanto ao encontro. No fim – não sem um teatro – os Perry declinaram em prosseguir com uma investigação policial e foram persuadidos que "as crianças" ficariam bem melhor se isso fosse mantido em privacidade. O dinheiro pago para silenciá-los tinha sido polpudo, mas não custou a Creighton nada além de um sermão sério.

Agora, ele dizia à Ariel, com seus olhos arregalados:

– Minha assistente sabe que às vezes venho aqui, portanto, esse foi um dos lugares onde procurou. Ela me encontrou enquanto você estava no banheiro. Eu...

– Tudo bem, eu compreendo. – Ela apertou a mão dele.

– Eu não sabia seu sobrenome.

– Williams.

– Eu não sabia onde você morava. Feito um idiota, eu não tinha pegado seu número. Você deve ter pensado... Deus sabe o que você pensou.

– Eu fiquei bem chateada.

Ele tocou o rosto dela.

– Desculpe.

– Como está sua sobrinha?

– Ela vai viver. Claro que nunca irá superar esse trauma.

– O cara está na prisão?

– A acusação formal está pendente.

– Espero que o tranquem e joguem a chave fora.

– É bom que ele também torça por isso.

– Por quê?

– Porque se eu colocar as mãos nele, ele irá desejar que estivesse seguro atrás das grades.

O rosto dela ficou radiante de admiração pelo cavalheirismo dele. Ele pediu outro Martini para ela, e sugeriu que se afastassem do bar e encontrassem um lugar mais privativo. O local estava bem mais cheio. Um grupo tinha pegado a mesa dele, mas ele guiou Ariel até um canto mais quieto e escuro. Quando terminou seu segundo Martini, ela já estava bem melosa.

Ele olhou seu relógio de pulso e xingou baixinho.

– O que foi? – perguntou ela.

– Meus pais e eu vamos visitar minha sobrinha, no hospital, essa noite.

– Ah.

– Você quer ficar, ou posso acompanhá-la até seu carro?

Se ele estava indo embora, ela não tinha vontade de ficar. Ele ficou contente em saber que ela não tinha usado o manobrista.

– Caro demais – disse ela, enquanto o conduzia ao redor do prédio, atravessando um beco, até o estacionamento dos funcionários, atrás do prédio de escritórios de onde todos já tinham saído. O carro dela era o único no estacionamento. Não havia ninguém em volta.

– Fico grato, mais do que você imagina, por sua compreensão, Ariel.

– Não por isso. Eu só me sinto muito mal por todos vocês. Aquela pobre garota. Sua família.

Eles ficaram em silêncio por um momento, depois ele colocou as mãos atrás dos braços dela e esfregou devagarzinho.

– Você ficou desapontada?

– Quando saí do banheiro? Devastada. Eu provavelmente não admitiria, mas, sim, fiquei.

– Deixe-me compensá-la. – Ele inclinou-se e passou os lábios no rosto dela. – Posso vê-la amanhã à noite?

– Humm. – Ela virou a cabeça de modo que os lábios deles ficaram encostados.

O cheiro de licor de maçã estava forte no hálito dela. Quase o fez vomitar. Mas quando ele gemeu baixinho, fez soar como se estivesse excitado.

– Posso ir até sua casa? Eu queria ficar sozinho com você. Tem problema?

– De jeito nenhum. A pessoa com quem divido a casa está fora da cidade.

Ele inclinou a cabeça para trás e fez uma cara feia.

– Pessoa com quem divide o apartamento? Homem ou mulher?

Ela deu uma risadinha.

– Mulher.

Ele sorriu.

– Ah, bom. Teremos o apartamento só para nós?

– Na verdade, casa. E, sim. Só pra nós.

Ele se inclinou novamente na direção dela e fungou em seu ouvido.

– Estou adorando isso. Se eu for lá amanhã à noite, há alguma chance de que sua colega volte para casa inesperadamente?

– Não.

– Como pode ter certeza?

Ela contou sobre a colega.

– Carol tinha um emprego de professora já programado para o outono, mas estava trabalhando de garçonete para arranjar um dinheiro até as aulas começarem. – Quase sem respirar, ela prosseguiu contando, de forma nauseante, sobre Carol e um tal bar de esportes, em Athens, onde ela trabalhava e ganhava montanhas de gorjeta, porque era bonitinha e bem-dotada. – E – nessa hora ela revirou os olhos – você sabe como os homens gostam de peitões. Principalmente esses caras de faculdade.

Modestamente, ela continuou nesse rumo por vários minutos, até que ele achou que decididamente iria estrangulá-la. Finalmente, ela terminou:

– Para evitar ter que dirigir indo e voltando toda noite, com todos os motoristas bêbados que há na estrada, ela está ficando numa casa que pertence a uma das outras

garotas que trabalha no bar. Ela foi para a Espanha passar o verão e estudar a língua, portanto, Carol está, digamos, sublocando.

Quando ela parou para respirar, Creighton pulou em cima.

– Tudo isso para dizer que não corremos perigo de sermos interrompidos num... momento inapropriado? – As pontas dos dedos dele roçaram a lateral dos seios dela. Ele observou os olhos dela, para ter certeza de que ela havia notado.

Ela notou. Sua respiração estava acelerada quando ela sussurrou:

– Perigo nenhum.

– Perfeito. – Ele a beijou novamente, pressionando-a junto ao carro e forçando-se a empurrar a língua para dentro de sua boca. Quando ele recuou, segurou o rosto dela com as duas mãos. – Então, amanhã, à noite?

Ela sacudiu a cabeça concordando.

Ele pediu o endereço. Perguntou a que horas deveria estar lá. Ela se ofereceu para fazer o jantar, e ele perguntou se podia levar alguma coisa, e ela disse que só ele.

– Então, o encontro está marcado. – Ele deu outro beijo forte, depois a soltou e recuou. – Preciso sair daqui, antes que eu me esqueça o quanto minha sobrinha precisa do meu apoio.

– Você precisa ir vê-la – disse Ariel. Ela destrancou seu carro, entrou e ligou o motor, depois abaixou o vidro. – Eu te vejo amanhã à noite.

Brincalhão, ele tocou a ponta do nariz dela.

– Você nem imagina o quanto estou ansioso por isso.

CAPÍTULO 22

Julie olhou para Derek, que estava atrás do volante de seu carro, atento à direção.

– Eles não me prenderam.

Ele não disse a ela para onde estava indo. Estranhamente, ela estava apática quanto ao destino, contanto que não fosse sua casa. Embora provavelmente ela não viesse a ter permissão para ficar lá essa noite, mesmo que quisesse, por ser uma cena de crime.

– Vão prender – disse ele. – Amanhã. Essa noite, se conseguirem o mandado.

– Vão encontrar a blusa. Está pendurada no meu armário. Acabei de pegar no tintureiro. Quando tirei do saco plástico, não notei que o botão estava faltando. – Ela deu uma olhada rápida para ele. – Achei que tivesse perdido no avião.

– Como um botão de sua blusa foi parar naquele quarto ordinário do Pine View Motel, Julie?

– Eu não sei.

– Sou seu advogado, não a polícia. Se você esteve lá em algum momento, pode me contar.

– Não posso acreditar que você tenha acabado de dizer isso.

Ele parou num sinal vermelho e virou para ela.

– Estou tentando ajudá-la.

– Me chamando de mentirosa?

O sinal ficou verde e o motorista de trás apertou a buzina. Xingando baixinho, Derek acelerou passando pelo cruzamento. O ar estava carregado de ressentimento. Finalmente, ele disse:

– Que explicação você tem para que seu botão, presumindo-se que seja seu, tenha ido parar naquele quarto?

– Creighton. Ele pegou o botão quando esteve em minha casa. Pegou algo inócuo, algo de que eu não daria falta imediatamente, planejando usar isso para me ligar a Billy Duke.

– Talvez Creighton não tenha sido o invasor. Talvez tenha sido Billy Duke, o tempo todo.

– Não. Tenho certeza de que foi Creighton. Foi como um de seus trotes, do tipo sou mais esperto que você. – Ela olhou para Derek. – Eu teria contado isso aos investigadores, se você não tivesse me apressado para sair.

– Eles não acreditariam em você.

– Como você não acredita.

– É razoável. Como você diz, dá a impressão de ser Creighton.

– No entanto?

– Você não pode provar, Julie.

– Achei que o fardo da prova fosse da polícia.

– E é. Mas, acredite, ajuda muito, se você puder cancelar a suspeita deles. Do jeito que está, tudo que você fez foi parecer peculiar. Ontem, você mandou que sua empregada limpasse a casa inteira.

– Porque Creighton esteve lá e eu não podia suportar a ideia...

– Eu entendi. Mas você não pode provar que ele esteve lá. Principalmente agora, que tudo foi limpo. Sob juramento, eu teria que testemunhar que não vi nenhum sinal de uma invasão. Essa faxina repercutiu com Sanford e Kimball.

Ela olhou-o interrogativa.

– É parte do boato, Julie. Dodge ouviu a respeito na área da polícia. Podem alegar que você estava destruindo provas. Agora, eu tenho que perguntar, caso isso surja novamente, que possível desculpa você pode dar para que sua empregada tenha limpado tudo com seu próprio desinfetante?

– Creighton tinha mexido em minhas coisas. A casa dava a impressão de estar suja.

– Posso me identificar com isso – disse ele. – Minha casa também nunca mais voltará a ser a mesma. – Deixando o resto de lado, por enquanto, ele contou a ela sobre o bilhete que recebera de Creighton.

– Como se o que ele fez não fosse ruim o suficiente, ele ainda o provoca a respeito.

– Porque ele queria que eu fosse atrás dele. Provavelmente me esperava logo depois que descobri a carnificina. Como eu não fui, ele mandou o bilhete. Foi difícil de ignorar, acredite. Eu queria matá-lo de pancada. Mas se tivesse feito isso, ele teria ganhado. Eu prefiro surrá-lo na corte da lei, fazer com que seja preso para sempre.

"Mandei o bilhete para a polícia", continuou ele. "Mas tem um problema com o conjunto de provas. Eles irão contestar, dizendo que eu mesmo poderia ter datilografado. Várias pessoas manusearam. Eles não consideram uma arma fumegante."

– Eles interrogaram Creighton a respeito de Maggie?

– Não que eu saiba, embora quando me perguntaram, por rotina, se eu tinha algum inimigo conhecido, eu tenha dado seu nome primeiro.

– Ele é um mentiroso convincente. Negou saber do que eu estava falando, quando mencionei Maggie para ele.

– O quê? – Ele lançou um olhar, mas eles estavam no trânsito, então, ele teve que voltar a atenção à estrada. – Quando foi isso?

– Ele me surpreendeu na galeria depois de fechar. Provavelmente ficou vigiando até que Kate tivesse saído, depois entrou sorrateiramente pela porta dos fundos.

– Não estava trancada?

– Como eu estava lá, quando Kate saiu, ela não tinha trancado. Ou talvez Creighton tenha a chave. Eu não descartaria isso. Tudo que sei é que ele apareceu e me assustou. – Ela relatou o incidente.

"Seu comentário casual sobre o pacote da UPS me deixou com medo de abri-lo, ou do que eu encontraria ali dentro. Por isso eu estava tão assustada quando cheguei em casa. O que eu disse aos investigadores era a verdade. Eu estava tremendo e com medo, mas achei que tinha deixado que o medo me dominasse e que estava sendo tola. Por isso eu não fui embora, nem liguei para a polícia quando meu alarme não tocou." Baixinho, ela acrescentou: "Eu deveria ter prestado atenção aos meus instintos."

Pensar nos momentos finais de Billy Duke a fizeram estremecer. Os detalhes eram vivos em sua lembrança. A visão e o cheiro dele. A sensação da faca ao perfurar sua pele. Como era quente e molhada a gosma que fez sua blusa grudar na pele. Como foram horríveis os sons de golfadas que ele emitia, tentando falar. As batidas de seus ossos contra o piso.

O cenário na rua, além do capô do carro, ficou embaçado, conforme as lágrimas encheram seus olhos.

– Espero que descubram que alguma outra coisa o matou. Que não foi a faca. Como posso viver comigo mesma?

Ele estendeu a mão sobre o console e pegou a mão dela.

– Você estava em perigo mortal, Julie.

– Talvez eu não estivesse.

– Você não o atacou com a faca, ele caiu sobre ela.

– Juro que caiu. Mesmo assim...

– Tente não pensar sobre isso. Estamos quase chegando.

– Onde?

Alguns minutos depois, eles chegaram ao Coulter House. Ele estacionou na frente e virou para olhá-la.

– Nossas casas estão corrompidas. Aqui está bom?

– Qualquer lugar serve.

– Mas "qualquer lugar" não nos daria esse serviço.

Ele desceu e contornou o carro para abrir a porta para ela.

O porteiro cumprimentou-o pelo nome.

– Vocês têm vaga? – perguntou Derek.

– Tenho certeza que para o senhor, sim, Dr. Mitchell.

Alguns minutos depois, um mensageiro usou uma chave de bronze antiga para abrir a porta de uma suíte no último andar e os acompanhou até o interior do ambiente. Havia uma saleta separada do quarto por um par de portas francesas com painéis forrados em tecido sobre vidro. Quando se certificou de que não precisariam de nada, o mensageiro os deixou.

– Eles gostam do chintz – frisou Derek, acendendo uma luminária de chão.

Ela sorriu.

– Gostam mesmo. Mas é encantador. Na verdade, estou impressionada que você saiba o que é chintz.

– Minha mãe faz decoração amadora para as amigas.

– Eu gostaria de ouvir sobre isso.

– Primeiro, a comida.

– Não consigo comer, Derek.

– Você vai comer.

Ele pediu para o jantar creme de milho e caranguejo, acompanhado por saladas verdes e pãezinhos crocantes. Ela acabou descobrindo que conseguia comer. Ele também pediu uma garrafa de vinho branco para ela enquanto bebericava um uísque

do frigobar. Quando terminaram de comer, o garçom do serviço de quarto veio e tirou a mesa.

Julie levou sua taça de vinho até o sofá e sentou no canto, tirando os sapatos e sentando sobre os pés.

– Por que estamos aqui?

– Eu já lhe disse. Nossas casas estão manchadas de sangue. De Maggie e de Billy Duke.

Tecnicamente, o que ele disse estava correto, mas ela achava que tinha mais coisa. Ela continuou a olhá-lo, até que ele deu um sorriso culpado.

– Estamos aqui porque não quero que você seja encontrada. Ainda não.

– Pelos investigadores, você quer dizer? Acha que eles irão me prender?

– Eu não sei. Tenho certeza de que irão vasculhar sua casa. É uma cena de crime, mas eles vão tirar o deles da reta e conseguir um mandado de busca, que dará o direito de virar tudo do avesso.

– Como aconteceu com a minha vida.

Ele não disse nada.

– Você está com medo do que eles encontrarão? – perguntou ela.

– Sim, estou. Não porque eu ache que você está mentindo para mim, mas porque acho que está certa quanto a Creighton. Se ele foi esperto o suficiente para pegar aquele botão e plantá-lo no quarto de Billy Duke, Deus sabe o que mais ele fez para parecer que vocês dois, você e Duke, estavam trabalhando juntos.

Ela olhou para baixo, para o vinho, circulando a borda do copo com a ponta do dedo.

– Estou com medo.

– Eu sei.

– Essa tarde, na galeria, eu realmente fiquei com medo que ele me ferisse. Fisicamente. Eu revelei meu medo a ele. Eu não queria. Tentei não fazê-lo, mas...

– Mas você é humana.

Ela sorriu languidamente e ele retribuiu o sorriso.

– Parece terrível. – Ela deu um gole em seu vinho, depois colocou o copo na ponta da mesa, dobrou as mãos no colo e respirou fundo. – Fale comigo, Derek. Fale comigo sobre qualquer outra coisa. Conte-me sobre a decoração de sua mãe.

Ele riu.

– É um hobby, mas ela leva jeito. As amigas vão até ela para pedir sua opinião sobre as cores que devem pintar as paredes e ela acaba refazendo a casa inteira.

Pela meia hora seguinte, ele falou sobre sua família e sua animação deixou transparecer o quanto gostava deles. O irmão mais velho, contador, morava em Augusta, com a esposa e duas filhas adolescentes.

– A mais velha vai para a faculdade no outono. Não posso acreditar. Parece que foi ontem que ela andava de maria-chiquinha, vindo até mim, para que eu beijasse seu joelho ralado e ossudo.

Sua irmã tinha desistido da carreira de enfermeira quando se casou com um anestesista de Houston.

– Ele é um cara legal, mas tão tedioso que te faz dormir. Eles têm três meninos. De quatro a nove anos. Fazê-los andar pelo Louvre sem um contratempo foi um desafio.

Julie riu. – Tenho certeza.

– Eu ficava com medo de que eles danificassem alguma coisa e isso criasse um incidente internacional. "Americanos infernais criam rebuliço no Louvre." "Delinquentes americanos destroem antiguidades inestimáveis."

Foi bom rir.

– Na verdade, eles são garotos ótimos. – Ele estava esticado numa poltrona, com os pés num pufe. Tinha tirado o paletó do terno, a gravata estava frouxa e as mangas da camisa estavam arregaçadas. Ele ergueu os braços e enlaçou as mãos atrás da cabeça. – Por que só eu falo? Conte-me sobre você.

– Você sabe sobre mim, graças ao Dodge.

– Lamento por isso – disse ele, parecendo sincero. – Eu estava agindo pelo melhor interesse dos meus clientes, que, à época, eram os Wheeler. Checar sobre você era parte do meu trabalho.

– Na verdade, é uma espécie de alívio que você já saiba de tudo. A minha vida se tornou um livro aberto.

– Será? Sei dos fatos de sua vida, não muito além disso.

– Não é verdade. Você sabe que sou apaixonada por arte.

– Você não tem uma queda por aquele cara gordo, tem?

Ela riu.

– Não, mas tenho que manter a mente aberta para minha clientela. Algumas coisas que vendo, eu não gostaria de ter em minha casa.

– E quanto à pintura que eu comprei? Você poderia viver com ela?

– Daquela, eu gosto. Você tem bom gosto.

– Obrigado.

– Você sabe que eu gosto de cozinhar.

– Não sei se cozinha bem.

– Muito bem.

– Posso testar essa afirmação?

– Talvez. Uma hora dessas.

Essa troca não excluiu um futuro entre eles. Mas também não prometeu um. Cada um deles percebeu isso, e um silêncio estranho veio a seguir.

Ele acabou dizendo:

– Seus pais. Você tinha um bom relacionamento com eles?

– Tínhamos alguns tropeços. Coisas típicas. Mas, no geral, tínhamos uma vida familiar muito feliz. Meu pai era dedicado à minha mãe. Ela o amava. Eles me amavam.

– Por que você soa surpresa?

– Surpresa, não. Grata, talvez.

– Por que grata?

Depois de um momento pensativo, ela disse:

– Minha mãe era muito jovem quando eu nasci. Tenho certeza de que foi uma

dificuldade para que ela pudesse concluir seus estudos e começar uma carreira, tendo um marido e uma criança para cuidar. Meu pai não era um marido exigente. Nem um pouco. E eu não era uma criança difícil. Mas... mas ela nunca chegou a explorar outras opções. Nunca viajou, nem experimentou para ver se gostava de outra coisa, além de administração escolar. Ela simplesmente se estabeleceu muito cedo. Eu sempre me perguntava se ela não teria se arrependido da escolha que fizera.

– Você sentia algum ressentimento em relação a você, ou a seu pai?

– Não, nunca. Ela me tratava, tratava a nós dois com amor absoluto. – Ela sacudiu levemente os ombros. – É por isso que fico admirada e sou grata.

Ele mudou de posição na poltrona, depois cruzou com o olhar dela e manteve, como faria com uma testemunha, antes de fazer uma pergunta importante.

– Como seus pais se sentiam sobre você e Paul Wheeler?

– Meu pai era quase dez anos mais velho que minha mãe. Ele morreu alguns anos antes que eu conhecesse Paul. Por conta das minhas circunstâncias infelizes na França, minha mãe não me contou sobre seu câncer, até que já estivesse bem avançado. Ela sabia que eu tinha conhecido Paul, mas nunca nos viu juntos.

"Quando fiquei sabendo que ela estava piorando rapidamente, ele pagou pela passagem aérea para que eu voltasse para casa. Cheguei tarde demais para me despedir dela. Felizmente, Paul tinha vindo comigo. Eu fiquei tão arrasada por sua morte, por não estar com ela, que não sei o que teria feito se ele não estivesse lá. Ele foi de uma ajuda tremenda."

– Pelo que sei dele, ele seria mesmo.

Outro silêncio se prolongou entre eles. Querendo mudar de assunto, ela disse:

– Eu li sobre seu caso no jornal.

– Qual?

– Jason Connor.

Ele suspirou.

– Caso difícil.

– Como pode defender o que ele fez? Ele matou os pais a sangue-frio.

– Ele é acusado de tê-los matado.

– O jornal diz que eles foram picados em pedaços.

– Um "crime de fúria". Eu também li a cobertura da imprensa – disse ele, secamente. – Espero que os prováveis jurados não tenham lido.

– Ele é descrito como um causador de problemas crônico.

– Verdade. Mas matar aula, fumar maconha, cometer pequenos roubos e algumas brigas estão bem longe de duplo assassinato. Ele também é um espertalhão grosseiro, hostil e odeia a humanidade. Deixou claro que não gosta de mim, nem aprecia meu empenho por ele.

– É verdade que você dispensou seus honorários?

– Sim.

– Por quê?

– Porque esse esperto rude merece uma defesa melhor do que a defesa medíocre que

ele teria de um defensor público que simplesmente passaria pelos procedimentos, porque secretamente concorda com o Estado. E porque esse garoto, que nunca teve muito a seu favor, será executado se eu não conseguir poupar sua vida. – Ela estava prestes a dizer algo, quando ele a interrompeu. – Julie?

– O quê?

– Se falarmos sobre o caso Connor, nós vamos discutir.

Ela reconheceu que ele estava certo.

– Imagino que devíamos estar falando sobre o meu caso. Agora que você se candidatou a meu advogado.

– Me pareceu que você precisava de um.

– Obrigada por isso. – Ela ergueu uma sobrancelha. – Imagino que não vá dispensar os honorários comigo.

Ele sorriu.

– De você, eu vou cobrar em dobro.

Embora eles quisessem deixar as coisas mais leves, o problema em comum permeava o quarto confortável como um cheiro de podre.

– Quando você apareceu em minha casa, Kimball disse a Graham que você os teria seguido do motel onde Billy Duke estava.

– Certo.

– O que estava fazendo lá?

– Dodge o localizara. Ele me ligou. Eu liguei para Sanford. Ele e Kimball foram até o local e não ficaram muito felizes de nos ver por lá. Ainda mais frustrante para ela, foi o fato de que o quarto de Duke tinha sido limpo. Nada de lixo, nenhum sinal dele.

– Nem de Creighton.

Ele sacudiu a cabeça.

– Eu sugeri que eles checassem o DVD. Vazio.

– Não há ligação entre ele e Billy Duke.

– Parece que não.

– Mas a polícia pode ligar Billy Duke a mim.

– Você disse que não queria falar a respeito. – Ele baixou os pés do pufe e levantou-se da poltrona. – Por que não tenta dormir um pouco? – Ele fez sinal com a cabeça em direção ao quarto. – Eu fico no sofá.

– Você quer usar o banheiro?

– Obrigado.

Ele sumiu pelas portas francesas.

Sentindo-se meio perdida, Julie foi até a janela e abriu um dos painéis de madeira. O céu noturno estava limpo. Havia uma lua crescente. A rua abaixo estava quieta e, até onde ela podia ver, vazia, sem qualquer curioso atrás deles.

Derek voltou do banheiro.

– Todo seu.

Ela fechou o painel da janela e virou-se para ele.

– Eu estava pensando em Creighton nos seguir até aqui na noite da tempestade. Ele

poderia estar lá fora agora. Detesto pensar nele me observando, nos observando. Ele não é mais um simples incômodo, Derek. Ele passou de detestável a sinistro.

– Ele já tinha encostado a mão em você alguma vez, antes de hoje, na galeria?

– Não daquele jeito. Na Christy's, ele apertou meu braço, me empurrou de encontro à parede. Hoje foi diferente. Ele não estava apenas maltratando, foi agressão.

– Durante nosso encontro em Athens, ele foi malicioso e sarcástico, fez algumas ameaças, falou grosso, mas decapitar Maggie foi um salto e tanto. Pedi a Dodge para ver se conseguia desenterrar alguma ficha criminal juvenil dele. Ele disse que tentaria, mas não estava muito otimista.

Julie estivera analisando o que eles sabiam sobre Creighton.

– Sabe como dizem que os serial killers aceleram? Quanto mais matam, mais frequentes se tornam os crimes?

Ele assentiu.

– Devemos contar a Sanford e Kimball sobre a visita de Creighton à galeria? Contar-lhes o que ele disse e como se comportou?

– Eles sabem sobre Maggie. Até me deram suas condolências, mas não mencionaram a ligação de Creighton com isso. – Ele colocou o dedo embaixo do queixo dela e inclinou sua cabeça para trás, virando de um lado para o outro, olhando seu pescoço. – Não há hematomas.

– Ele não apertou meu pescoço tanto assim. Estava me apertando com o corpo, contra a parede.

– Se nós relatássemos e os investigadores o interrogassem, ele admitiria que esteve lá, mas negaria que qualquer coisa teria acontecido. Beco sem saída.

– Mas você acredita em mim, não acredita?

Ele sorriu.

– Eu gostaria de ter um níquel por cada vez que um cliente já me perguntou isso. – Ele baixou a mão. – Tente dormir um pouco.

Ela foi para o quarto e fechou as portas francesas atrás dela, ciente de que ele tinha evitado dar uma resposta direta à sua pergunta. Isso era um dom especial dele.

Felizmente, era dela também.

Derek ficou deitado de barriga pra cima, por meia hora, olhando o teto e tentando se convencer a dormir. Não funcionou. O sofá era curto demais para ele, mas não eram as acomodações que o mantinham acordado. Era o fato de dividi-las com Julie.

Ele não ouvira qualquer som vindo do quarto pelos últimos vinte minutos, no entanto, sentia que ela também não estava dormindo. Ele não via nenhuma luz, ou movimento, através do tecido fino sobre as portas francesas, mas, de alguma forma, sabia que estava acordada e tão inquieta quanto ele.

Xingando baixinho, ele jogou a manta para o lado, pôs os pés no chão e se levantou. Esticou a mão para pegar a camisa, mas depois mudou de ideia e deixou-a na cadeira. Descalço, ele caminhou até as portas francesas e as abriu devagarzinho. Elas não fizeram qualquer som, mas Julie imediatamente se virou da janela onde estava,

olhando lá fora, como em vigília. Ela estava embrulhada num robe de tecido fornecido para hóspedes do hotel. Estava coberta das orelhas até os tornozelos.

Pelo que pareceu para ele uma eternidade, eles ficaram em pé, de lados opostos do quarto, olhando um para o outro. Mais tarde, ele não se lembraria de ter caminhado até ela. Ele só se lembrava de ter chegado até ela, temendo o que diria, quando ele perguntou:

– Se eu tocá-la, você vai me afastar?

Ela respirou rapidamente e sacudiu a cabeça.

Lentamente, esperando que ela fosse se esquivar a qualquer momento, ele desamarrou o cinto do robe e colocou as mãos do lado de dentro. Ele passou os nós dos dedos em sua barriga nua e ela estremeceu.

– Você está com medo, Julie?

– Muito.

– De quê?

Ela fechou os olhos rapidamente, depois os abriu e respondeu:

– Mais disso.

Mas ela não contestou, não se retraiu, quando ele retirou o robe de seus ombros. A vestimenta deslizou pelos braços dela e caiu no chão acarpetado. Seu sutiã era rendado, do mesmo tipo que ela estava usando no avião. Seus seios curvavam acima dos bojos em meia taça. Ele passou os dedos nas inclinações curvas, depois segurou o rosto dela com as duas mãos.

– Minta para mim sobre qualquer outra coisa. Mas não minta sobre isso.

– Não minto. Não vou mentir.

A voz dela estava trêmula, assim como seus lábios, quando ele inclinou-se sobre eles. Ao contrário de antes, eles começaram lentamente, trocando suspiros, os lábios se aproximando e afastando, testando. Mas sem que nenhum dos dois iniciasse, o beijo se aprofundou. A reserva e a timidez os deixaram. A memória dele tinha se fixado no gosto bom de Julie. Desde aquele voo de regresso da França, ele frequentemente se via atormentado pelas súbitas lembranças da forma sexy como sua boca havia reagido ao beijo dele.

Mas por mais aguçada que sua memória tivesse sido, não se comparava à realidade.

Ele estendeu o braço e desabotoou o sutiã, que seguiu o mesmo caminho do robe do hotel. Ele a enlaçou, segurando-a junto a seu corpo. Sentindo seus seios fartos e macios colados a seu peito, ele gemeu, perdido nas sensações de estar pele com pele.

Eles se beijaram por um tempo infinito. Só isso, mas, de forma apaixonada, sem fôlego, até que finalmente foram forçados a se separarem. Enquanto eles recuperavam o fôlego, ela encostou a testa no peito dele. Depois estendeu os braços e entranhou os dedos nos cabelos de Derek e o puxou para baixo, querendo mais.

A parte de trás de sua calcinha era quase nada, e as mãos dele eram quentes sobre sua pele, conforme ele apertava suas nádegas, segurando a parte inferior de seu corpo junto ao dele. Ela fez um som baixinho que reverberou de sua garganta, em sua boca, junto à língua dele e o deixou louco.

Ele ergueu a cabeça e fixou o olhar no dela enquanto desabotoava a calça e abria o zíper. Ela se afastou dele e, quando ele já estava sem roupa, ela estava na cama, deitada de barriga pra cima, estendendo os braços para ele.

Ele se inclinou sobre ela, puxou sua calcinha deslizando-a pelas pernas, depois colocou a mão entre suas coxas, segurando seu sexo com a palma da mão. E, por vários segundos, os olhos dos dois comunicaram uma intimidade mais fervente do que um mero toque. Ele passava a mão no lugar onde ela era mais sensível. Ofegante, ela arqueou as costas.

Então, ele a cobriu. Conforme mergulhou dentro dela, as mãos dele deslizaram sobre as dela, que estavam ao alto, nas laterais de sua cabeça. Os dedos deles se entrelaçaram e, instantes depois, quando gozaram, ele ficou incerto se estava tentando se segurar nela ou se agarrar à própria alma, que estava sendo lançada em queda livre.

– Você vai dormir aí?

– Eu poderia morrer aqui – murmurou ele. – Feliz.

Ela riu baixinho e remexeu nas mechas de cabelo dele.

– Eu gosto do jeito que você se veste.

– Hã?

– Gosto das suas roupas. Você é um dos homens mais bem-vestidos que eu já vi.

– Estamos satisfeitos depois dessa transa fabulosa, e é isso que você tem em mente? A minha roupa?

Ela deu outra risada.

– Também gosto de como você fica sem elas.

– Ah, é?

– É.

Depois de um segundo, ele disse:

– Acho que prefiro você nua. – Ele ergueu a cabeça e inspecionou o território sobre o qual ele estava esparramado. – É, decididamente. Nua.

Ele pressionou um beijo nos pelos macios onde estava descansando o rosto, depois foi beijando pela barriga acima. Ela encolheu a barriga, quando ele passou o queixo com a barba por fazer.

– Lamento por isso – murmurou ele.

– Eu não lamento. Gosto da aspereza.

– Mesmo na...

Ela ficou com o rosto quente.

– Principalmente...

– Eu fiquei com medo de ser áspero demais naqueles pontos tão sensíveis.

– Não do jeito que você fez.

Igualando sua voz à voz rouca dela, ele disse:

– Bom saber.

Ele beijou seus seios, depois continuou focado num deles e brincou com a língua no mamilo. Julie o observava, enquanto ele acariciava-lhe. Ela tocou seu rosto, passou o

polegar pela maçã bem definida da bochecha. Como uma vela, todo seu ser pareceu inflar de emoção.

– Derek?

– Humm?

– Derek?

– Não me distraia. Eu poderia fazer isso por uma semana.

– Não posso esperar uma semana.

Ele ergueu a cabeça para olhar seu rosto e o desejo dela deve ter ficado aparente, pois ele reagiu imediatamente. Num movimento fluídico, ele se elevou acima e mergulhou novamente dentro dela.

Ela espalmou as mãos sobre as nádegas dele.

– Não se mexa. Ainda não. Eu só quero senti-lo.

Ele fez como ela pediu, só que mergulhou a cabeça e a beijou profundamente. Quando finalmente recuou a cabeça para trás, ficou assustado ao ver que as lágrimas corriam pelo rosto dela.

– Meu Deus, Julie, estou machucando você?

– Não. Não. – Ela o agarrou quando ele tentou se afastar.

– Então, o que foi?

– Eu...

– Wheeler? – A voz dele estava repleta de incerteza e terror. – Você está chorando por causa dele?

– Não – sussurrou ela. – Por causa de você.

– Eu?

– Essa era a última coisa que pensei que fosse me acontecer agora. Eu não... – Ela parou para lamber uma lágrima do canto da boca.

– O quê? Você não, o quê?

– Eu não contava com isso. – Ela passou as mãos pelas costas dele, descendo por seus ombros. Ela tocou seus cabelos, suas sobrancelhas, finalmente, seus lábios, onde manteve as pontas dos dedos. Numa voz quase inaudível, ela disse: – Eu não contava com você.

Quando acordou, a porta do banheiro estava fechada e ela pôde ouvir o chuveiro ligado. Ela se espreguiçou e bocejou, desejando ter um dia para ficar de preguiça e refletir sobre o que havia acontecido na noite anterior, para reviver cada momento precioso. Julgara estar repleta, mas pensar nas mãos de Derek, sua boca, fazia seu corpo formigar com as lembranças eróticas e um desejo renovado. Querê-lo novamente a fez sentir-se alegre e vigorosa.

E terrivelmente triste.

Uma nuvem de vapor o seguiu ao sair do banheiro. Ele estava nu e totalmente à vontade com isso, enquanto as bochechas dela queimavam de constrangimento. Ela ergueu o lençol para cobrir os seios, e sua timidez o fez sorrir.

– Tarde demais. Eu já vi.

Apenas isso e a entonação com que ele disse, causaram uma sensação estimulante em seu baixo-ventre.

– Bom-dia. Há quanto tempo você se levantou?

– Uns dez segundos.

Evidentemente excitado, ele caminhou até a cama, sentou na beirada e puxou o lençol. Ele deslizou uma das mãos entre as pernas dela e com a outra guiou as dela ao seu pênis. Ela acariciou a ponta inchada.

– Você tem tempo pra isso?

– Tem que ser rápido.

Ele passou o polegar nela, fazendo-a resfolegar.

– Isso não será problema.

Quando ele saiu do banheiro, pela segunda vez, estava de cueca. Ela puxou o lençol e o manteve assim.

– Alguma novidade? – perguntou ela.

– Você esteve no noticiário.

Ela deu uma olhada além das portas francesas, na direção da sala de estar, onde ficava uma TV.

Seus olhos desviaram de volta para Derek.

– Eu acordei uma hora antes de você. Peguei o noticiário. – Ele veio até a cama, inclinou-se e segurou o rosto dela com as mãos. – Há equipes de repórteres de todas as emissoras locais estacionadas na porta de sua casa, onde, segundo estão relatando, o suspeito de assassinar Paul Wheeler morreu misteriosamente ontem à noite. Doug foi cercado pelos repórteres ao sair de casa para ir trabalhar.

Ela gemeu, aflita.

– Isso é um pesadelo.

– Pode piorar antes de melhorar, Julie.

– Por isso estou me sentindo mal.

Ele retirou as mãos do rosto dela.

– Desejar que desapareça não fará desaparecer. Receio que hoje será um calvário. É melhor você se levantar.

– Só tenho a roupa com que vim. – Ela olhou em volta procurando.

– Eu pedi ao serviço de quarto que passasse para você. – Ele a beijou rapidamente, depois seguiu em direção às portas francesas. – Vou pedir café pra gente.

Ela não conseguiria comer, mas não discutiu, enquanto saía da cama e seguia ao banheiro. Tomou um banho, lavou os cabelos com o xampu do hotel e usou o secador. Ela não tinha maquiagem, além do que levava na bolsa, para retoques. Passou pó de arroz no nariz, blush no rosto e brilho labial. Teria de ser suficiente.

Como sua roupa ainda estava com a camareira, ela vestiu o robe da noite anterior e se juntou a Derek na sala de estar. O serviço de quarto já entregara o pedido. Ele tirou as tampas de prata das travessas.

– Os blintzes de queijo valem as calorias.

– Derek, não consigo comer.

– Foi isso que você disse ontem à noite.

Ele segurou uma cadeira para ela. Serviu café de uma garrafa térmica. E estava certo, nem seu estômago nervoso pôde resistir a algumas mordidas nos blintzes.

– Qual é o seu plano? – perguntou ela, enquanto bebericava a segunda xícara de café.

– Esperar e ver o que acontece. Não quero expô-la, até ter uma ideia justa do que você irá enfrentar.

Ela olhou em direção à porta.

– Será que os empregados daqui irão me dedurar?

Ele sacudiu a cabeça.

– Eles não perguntam sobre as pessoas que coloco aqui e eu não digo. Gabam-se pela discrição. Além disso, eu gastei uma pequena fortuna com eles ao longo dos anos. Eles me devem.

Ela espetou um dos blintzes com o garfo.

– Eles estão acostumados a ver você passando a noite com suas clientes?

Ele colocou a xícara no pires e esperou até que ela encontrasse seu olhar.

– Nunca aconteceu.

Para encobrir seu constrangimento satisfeito, ela deu um gole no café. Ele estendeu a mão até o outro lado da mesa para pegar a mão dela, observando-a, enquanto afagava seus dedos.

– Eu me pergunto o que teria acontecido se nós tivéssemos nos conhecido antes de você ter ido para a França. Antes de conhecer Paul Wheeler.

– Talvez tivéssemos nos detestado.

– Duvido disso – disse ele, baixinho.

– Eu também – sussurrou ela.

– Talvez tivéssemos nos apaixonado, casado, tido filhos.

A garganta dela ficou apertada demais para falar.

Ele esticou o braço e tocou seu rosto.

– Isso ainda pode acontecer, Julie. Quando tudo isso passar, nós podemos ter uma vida juntos.

O momento foi rompido pelo toque do telefone do quarto. Os dois olharam para o aparelho, depois, um olhou para o outro, cauteloso. Derek levantou e atendeu. Ele ouviu, por um momento, sem tirar os olhos de Julie, depois disse, bruscamente:

– Está bem. – E desligou. – Era o Dodge. Ele está lá embaixo. Está subindo.

CAPÍTULO 23

Dodge bateu. Derek abriu a porta. O investigador entrou. Quando viu Julie, ele sacudiu a cabeça.

– Imaginei.

– Julie Rutledge, Dodge Hanley – apresentou-os Derek.

Sem ligar para a apresentação, Dodge disse:

– O balconista esnobe de cabelo ruim e bunda mole disse que você provavelmente não ia gostar de ser incomodado. Ele deu a entender que você não tinha passado a noite sozinho. Mas eu não quis pensar que você pudesse ser tão imbecil.

– Gostaria de um pouco de café?

O homem mais velho olhou para a cueca de Derek, depois deu uma olhada para Julie, sentada, embrulhada no robe.

– Nós só tínhamos uma muda de roupas – explicou Derek. – Estão sendo passadas.

Dodge gemeu.

– Conveniente.

Derek cruzou os braços sobre o peito nu, percebendo que ao fazê-lo estava numa pose ridícula.

– Você veio aqui proferir calúnias, jogar pedras, ou nos dizer o que está acontecendo?

– Nada bom – murmurou o investigador. Ele caminhou até a mesa e olhou para o prato de Julie. – Você vai terminar isso?

– Fique à vontade.

Ele pegou o blintz que tinha sobrado, segurou como um burrito, lambendo o creme de ricota e morango dos dedos, quando terminou.

– Não tive tempo de tomar café hoje de manhã. Fiquei atendendo ligações.

– De quem? – perguntou Derek.

– De todo mundo que subornei ontem à noite. Minhas despesas nesse caso ficarão por sua conta, e não posso dizer que lamento. – Ele serviu café da garrafa na xícara de Derek e bebeu.

– O que ouviu?

– Eles vasculharam a casa dela, começando pelo sótão, e foram descendo.

– Deixe-me adivinhar – disse Derek. – Encontraram uma blusa com um botão faltando. Sabíamos que encontrariam. Isso não prova que o botão encontrado no motel de Duke tenha saído da blusa de Julie. Não é um botão exclusivo.

– Não estamos na corte e eu não sou jurado – disse Dodge. – Poupe seus tiros, doutor. – Ele deu uma olhada para Julie. – Vai precisar deles.

– Que mais?

Dodge sentou numa mesinha de frente para Julie e se dirigiu a ela.

– Encontraram uma pistola embaixo do seu colchão.

– Paul me deu para proteção.

– Sorte sua não ser do calibre da que foi usada para matá-lo.

– Se tirarem as digitais, as minhas estarão lá – afirmou Derek.

Dodge ficou pálido e olhou para seu chefe.

– Formidável.

– Eu lhe contei isso. Quando entrei na casa dela, estava sem luz, ela estava com a arma...

– Certo, certo. – Virando-se de volta para Julie, Dodge disse: – Esqueça a arma. Essa é a notícia boa. Seu amigo Wheeler usava um relógio bacana.

– Um Patek Philippe. Foi levado no roubo.

– Ahã. Então, imagine como Sanford e Kimball ficaram alvoroçados, quando ele apareceu na sua casa junto com toda a muamba que foi roubada naquele dia.

Derek observou o sangue literalmente sumir do rosto dela.

– Isso é impossível.

– Acho que não, Srta. Rutledge. Estava tudo num saquinho preto de veludo, como descrito pelas vítimas do roubo, incluindo a senhorita. Foi encontrado numa caixa de sapato, dentro do seu armário, em cima de um par de sapatos pretos de cetim. Falando nisso, a investigadora Kimball ressaltou os belos sapatos que a senhorita tem.

Julie olhava para o nada. Derek duvidava que ela tivesse ouvido algo que Dodge disse, depois de mencionar que o saquinho tinha sido encontrado. Ele precisou chamar seu nome duas vezes, antes que ela saísse de seu torpor. Quando ela ergueu o olhar para ele, seus olhos estavam arregalados de incredulidade.

– Ele só pode ter plantado aquilo lá. Billy Duke. Ele estava saindo do meu quarto. Era isso que devia estar fazendo lá dentro. Ele guardou as joias e veio até minha casa deixá-las, para que fossem encontradas.

Ela desviou o olhar desesperado de Derek para Dodge. Ele não tinha certeza do que a sua expressão revelava, mas a de Dodge era claramente cética.

Ela levantou de sua cadeira como um animal acuado, numa postura desafiadora.

– Se eu tivesse idealizado aquele assalto e o assassinato, acham que eu seria idiota o suficiente para ficar com as joias? Numa caixa de sapato?

Dodge não disse nada. Derek passou os dedos pelos cabelos.

– Claro que não.

– Mas um parceiro traidor poderia querer que aquilo fosse encontrado em sua propriedade.

Julie apoiou os punhos fechados na beirada da mesa, ao inclinar-se na direção de Dodge.

– Eu não tinha um parceiro. Nunca tinha visto aquele homem, até ele sair cambaleando do meu quarto.

– E se jogou em cima de um facão de 20cm que a senhorita, por acaso, estava segurando na direção das tripas dele.

– Certo, Dodge – estrilou Derek. – O que mais você pode nos dizer?

Dodge parou de encarar Julie e desviou o olhar para Derek.

– Eles tiraram uma digital daquele muquifo e mandaram para todos os bancos de dados. Num instante, conseguiram uma identificação positiva. William Randall Duke.

Ele tirou um caderninho do bolso do peito da jaqueta amassada e abriu a capa azul

brilhosa.

– Nosso garoto tinha mau comportamento, mas não passou muito tempo preso. Graduado em delito, quando foi julgado por extorsão, no Oregon, três anos atrás. Teve um caso com uma mulher que alegou que ele a chantageou. Ele afirma que foi pago, dez mil dólares, por sinal, pelos serviços prestados. Todas as provas foram circunstanciais, basicamente a palavra dele contra a dela. Ele foi absolvido.

"Ele apareceu em Chicago, ano passado, acusado de andar espreitando. Mas, no fim das contas, a moça estava mentindo para o marido quanto à natureza de seu relacionamento com Duke." Ele ergueu os olhos, desviando de um para o outro. "Aparentemente, gostava das moças. E elas pareciam gostar dele. A acusação de Chicago foi retirada.

"Passando adiante. Alguns meses atrás, ele foi julgado em Nebraska por outra acusação de extorsão. Dessa vez, foi acusado de depenar uma viúva de meia-idade, em milhares de dólares em dinheiro e pertences. Ela e Duke tiveram um caso inflamado, por vários meses, mas ele acabou brigando e ela o colocou na justiça. Na noite anterior em que ela supostamente daria seu depoimento na corte, algo que, segundo a opinião do promotor, teria fritado Duke, a viúva apareceu morta."

– Morta?

– Como um prego, doutor. Assassinada no estacionamento de um supermercado. Ela foi comprar um galão de leite. O galão e seu corpo foram descobertos ao lado de seu carro. O leite estava frio e o corpo quente. O assassino se safou totalmente. Ninguém viu nada. "É como se uma porcaria de um fantasma a tivesse estrangulado." Foi o que disse o garoto que encontrou seu corpo. Estava recolhendo os carrinhos abandonados no estacionamento.

– Duke matou-a?

Dodge riu debochado.

– Ele tinha um álibi sólido como uma rocha. Tinham lhe negado fiança por considerarem o risco de fuga. Ele era um hóspede do condado.

– Ele estava preso? – perguntou Julie.

– Trancafiado, apertadinho que nem... trancafiado – remendou ele. – O promotor público tentou tudo, mas sua testemunha-chave estava morta e ele não tinha muito mais. O júri já tinha saído, em menos de duas horas, incluindo o intervalo de almoço. Duke foi absolvido. O assassinato da viúva continua sem solução.

Nem Derek, nem Julie falaram enquanto assimilavam essa informação. Então, Derek disse:

– Ele veio de Nebraska para cá?

– Ninguém conseguiu determinar quando ele chegou a Atlanta. Nenhum registro de emprego. Ao menos, não com seu número do Seguro Social. Entre esse negócio em Nebraska e três dias antes de apagarem o Wheeler, quando ele apareceu na câmera de segurança do hotel, ele estava localizável. – Ele fechou o caderno e colocou-o no bolso. – E assim acaba a vida e o tempo de William Randall Duke.

– Ele tem família aqui?

– Isso está sendo pesquisado, mas parece que não. Ele nasceu em Washington, de uma mãe solteira. Ela se suicidou quando ele estava na oitava série, e ele passou pelo sistema de lares adotivos. Na há nenhum laço de família, em lugar algum.

– Ele conseguiu escapar de dois julgamentos, por um triz, sem ser condenado.

– O que força – continuou Dodge – a pergunta de por que um cara esperto como ele resolve fazer algo tolo como invadir a casa da Srta. Rutledge para plantar mercadoria roubada, se ele tinha conseguido ir tão longe, evitando sua captura.

Os dois homens se viraram para Julie, esperando uma resposta. Ela estava segurando os cotovelos, com as mãos dentro das mangas largas do robe.

– Ele estava com medo de ser pego com aquilo.

– Então, por que simplesmente não jogou na vala mais próxima? Por que estava zanzando por Atlanta, para começar? Por que não deu o fora da cidade assim que apagou Wheeler?

Eram perguntas lógicas para as quais ela não tinha respostas.

A batida pareceu ruidosa e artificial. Derek abriu a porta. Uma camareira desejou-lhe "bom-dia" e entregou as roupas, caprichosamente passadas, em cabides.

– Obrigado. – Ele pegou os cabides da mão dela e automaticamente levou a mão ao bolso, para pegar uma gorjeta, antes de lembrar que estava sem calça.

– Eu tenho. – Dodge se juntou a ele, na porta, deu uma nota de cinco dólares à camareira, depois a seguiu rumo ao corredor.

– Aonde você vai?

– Fumar. Vista as calças, pelo amor de Deus. E ligue para a recepção. Diga àquele bundão que eu vou voltar, assim que acabar de fumar um cigarro. Não quero passar por aquela chateação de novo. – Ele seguiu pelo corredor.

Derek fechou a porta. Julie pegou um dos cabides dele, depois, sem uma palavra, seguiu para o quarto.

– Julie?

Ela olhou de volta para ele.

– Seu assistente não acredita numa palavra que eu digo.

– Ele não confia em ninguém.

– E quanto a você? – Ela o olhou, por um momento, depois disse: – Você nunca me perguntou, Derek.

– Perguntar o quê?

– Se sou ou não culpada pela morte de Paul.

– Eu nunca pergunto.

– Pergunte-me.

Ele hesitou, percebendo que ela estava testando a confiança que ele tinha nela. – É?

– Não.

Quando ele não disse nada em resposta, a expressão dela se tornou tão remota que ficou difícil para Derek acreditar que eles tinham passado por aquela intimidade maravilhosa a menos de uma hora, quando seu rosto tinha ficado suave de êxtase, mesmo quando o corpo dela se forçava a ter mais dele.

Os olhos dela, que na noite anterior verteram lágrimas de paixão, agora estavam frios. E os lábios, ainda arranhados dos beijos dele, com a barba por fazer, estampavam sarcasmo e tristeza.

– Aposto que você também gostaria de ganhar um níquel por cada vez que um cliente dissesse isso.

Julie levou mais tempo do que o habitual para se vestir, porque suas mãos estavam tremendo e ela não conseguia se concentrar nem na tarefa mais simples. Quando voltou à sala de estar, o serviço de quarto já tinha tirado a mesa e Dodge estava de volta. Ele estava sentado no sofá com o caderno na mão.

Derek andava de um lado para o outro, olhando ocasionalmente pela janela, da qual ele abrira as persianas. O tapete estampado estava listrado pelos raios de sol. Ela percebeu que, para a maioria das pessoas, estava fazendo um lindo dia.

Derek parou de andar quando ela entrou e foi direto ao assunto.

– Eles localizaram um carro abandonado a algumas quadras de sua casa. Tinha uma mochila cheia de roupas e objetos de higiene pessoal, revistas, coisas pessoais. Eles colheram digitais do carro e logo devem verificar que foi o veículo usado por Duke. Ele deixou lá e caminhou até sua casa. Uma das janelas do seu quarto estava arrombada. Ele entrou por ali.

– Como foi que ele evitou o alarme? Todas as janelas têm contato.

– A linha telefônica foi cortada.

– Por isso a primeira ligação para a emergência não foi completada. O telefone estava mudo. – Olhando para Dodge, ela disse: – Eu tenho pensado em aumentar meu sistema de segurança, passando para um sinal de rádio.

– Eu recomendo – disse ele, sarcástico.

– O que mais? – perguntou ela.

Derek gesticulou para que Dodge continuasse a partir dali.

– Os caras do laboratório vão verificar o carro, da mesma forma como fizeram com o quarto do motel.

– Também não vão encontrar nenhuma prova em relação a mim – disse Julie.

Os dois homens trocaram um olhar. Sentindo que o olhar era importante, Julie sentou-se no braço da poltrona, onde Derek parecera tão confortável na noite anterior.

– Já encontraram, não é?

– Um fio de cabelo parecido com o seu foi encontrado no apoio de cabeça do banco do passageiro, achado no estofamento – informou Dodge. – Eu disse "parecido com o seu", porque foi enviado ao laboratório para análise.

– Nunca entrei em nenhum carro dirigido por Billy Duke. Creighton só pode ter pego um fio do meu cabelo, da minha escova. Algo assim. Eu não sei! Tudo que sei, e sei com certeza absoluta, é que ele é responsável por isso. Tudo isso. Deveríamos checar para ver se ele estava em Nebraska na época do julgamento de Billy Duke.

– Não estou acompanhando – disse Dodge.

– Ele pode ter matado aquela viúva para Billy.

– Aquele cenário do filme do trem?

O tom de Dodge sugeria deboche, o que ela ignorou.

– Exatamente daquele jeito. Ele matou aquela mulher para evitar que ela testemunhasse contra Billy, o que obrigou Billy a matar Paul para ele.

– Como é que um playboy de Atlanta ficaria sabendo de um caso de extorsão em Omaha?

– Eu não sei.

– A viúva e seu amante ladrão podiam ser manchete em Nebraska, mas...

– Eu não sei como ele fez! – gritou ela, para cortá-lo. – Só sei que fez. – Ela se virou, apelando a Derek, e disse: – Você não vê? Ele é um gênio. É ousado. Não tem medo porque não tem consciência. Ele provavelmente assistiu a centenas de filmes em que alguém é acusado de assassinato. Saberia como agir para me fazer parecer culpada. Seria um jogo para ele. Ele ficaria deleitado... – Percebendo que começava a soar desesperada e histérica, ela apertou os lábios para evitar dizer mais alguma coisa.

Depois de um tempo, Dodge tossiu, pigarreou, engoliu.

– Derek me disse que Creighton fez uma visita à galeria ontem.

– Ele me aterrorizou. Embora eu tenha certeza de que você não acredita nisso ou acha que estou exagerando.

– Olhe, Srta. Rutledge, o que eu acho é que o mundo seria um lugar melhor sem esse cara. Se foi ele quem matou Maggie, ele é um filho da puta de um sádico. Mas a foto dele foi mostrada à mulher coreana que cuida do motel, aos outros moradores de lá, aos empregados do Moultrie, onde a senhorita e Paul Wheeler se aconchegavam. Ninguém o reconheceu. Nem aquele carro bacana que ele tem, e era pra chamar atenção.

– Ele tem outro carro. Uma caminhonete de algum tipo. Acho que ele tem vários veículos.

Dodge anotou isso e disse:

– Eu vou checar. – Mas Julie não achou que isso fosse uma prioridade para ele.

– Ele mantém sua vida particular em total privacidade. O que quero dizer é que você o chamou de playboy, mas esse é um termo incorreto. Playboys são vistos com belas mulheres. Eles dão festas extravagantes. Têm círculos sociais. Anseiam e cultivam a atenção. Creighton não faz nada disso. Convencido como é, você não acha estranho que ele se mantenha tão voltado para si, evitando os olhos públicos?

– Muita gente rica evita a publicidade.

– Mas a rejeição de Creighton contradiz sua personalidade. Tem de haver um motivo para isso. Você checou para ver se ele tem um registro policial?

– Andei meio ocupado hoje – respondeu Dodge, testando.

Derek, falando pela primeira vez, após vários minutos, disse:

– Conte a ela sobre o telefone.

Ela olhou-o, junto à janela, de costas para a sala. De costas para ela.

– Billy Duke estava com um celular quando morreu. – Dodge enfiou a mão no bolso do peito, novamente, e tirou uma folha de papel. – Uma amiga minha, policial, confiscou

isso para mim em troca de um jantar, num restaurante de sua escolha. É um registro de todas as ligações feitas daquele telefone. A primeira foi feita anteontem, indicando ser um aparelho novo.

– Nenhum dos números de Creighton está ali – disse Derek.

– Ele deve ter insistido para que Billy Duke não lhe telefonasse.

Dodge entregou a folha.

– Por outro lado...

Julie olhou o número que havia sido sublinhado, cada vez que aparecia na lista.

– A galeria.

– Ligou cinco vezes ontem.

– Ligou, sim. Quero dizer, acho que era ele.

Derek virou e olhou-a duramente.

– Não havia razão para mencionar isso – disse ela, na defensiva. – Eu atendi ao telefone da galeria, três vezes, ontem, quando a pessoa que ligava não falava. Você não precisa acreditar em mim. Pode perguntar à Kate.

– Ela estava na extensão?

– Não. Mas ela disse que também aconteceu com ela. Olhe como essas ligações são curtas. Um minuto ou menos.

– Muita coisa pode ser dita em sessenta segundos.

Ela sacudiu o papel para Dodge.

– Isso só prova que ele fez a ligação. Não prova que alguém falou com ele.

Derek olhou para Dodge, que franziu o rosto e disse:

– Ainda assim, não parece bom. Principalmente por ele ter ido à galeria, daquela vez, perguntando pela senhorita.

– Nunca encontrei o homem.

– Então, por que ele foi procurá-la, Srta. Rutledge?

– Não faço ideia.

– Não faz?

– Não.

– Hã. – Dodge observou-a por um instante, depois olhou para o lado e começou a apalpar os bolsos.

Aparentemente, era um hábito nervoso que significava algo para Derek.

– O que foi, Dodge?

O homem mais velho parou de se remexer. Ele olhou para Derek, depois para ela. Quando olhou de volta para Derek, sua expressão era de compaixão.

– Uma última coisa que eu descobri e, Doutor, esse é o filão.

– Diga-nos.

Dodge inclinou a cabeça em direção a Julie, mas não tirou os olhos de Derek.

– Ela sabe. Pergunte a ela.

Tudo dentro de Julie começou a desmoronar. Ela sentia cada molécula desmanchando por dentro. Seria inevitável que eles descobrissem, mas ela torceu para que, antes que o fizessem, Creighton e seu comparsa Billy Duke fossem expostos como assassinos de

Paul.

– O quê? – perguntou Derek, e quando nem ela, nem Dodge falaram nada, ele repetiu: – Mas que droga, o quê?

Julie tentou falar, mas sua língua estava colada ao céu da boca. Ela só conseguiu gaguejar o nome dele, suplicante.

Dodge levantou e caminhou até a porta. Ele até segurou a maçaneta, antes de virar de volta para a sala.

– Aquela terça não foi uma das festas comuns. Ela e Wheeler estavam comemorando algo naquele dia. Certo, Srta. Rutledge?

Ainda sem conseguir falar, ela assentiu.

– Sanford e Kimball tiveram que ir ao supervisor para pedir sua influência. Ele pegou pesado com o advogado de Wheeler e, mesmo assim, o arquivo pertinente teve de ser intimado antes que o advogado abrisse mão.

– Arquivo de quê? – perguntou Derek.

– Do testamento de Wheeler. Ele o havia modificado. Ainda não foi legitimado, mas a Srta. Rutledge terá direito a receber toda a sua fortuna. Sua parte nos negócios, suas propriedades. Tudo, até o último centavo.

As palavras reverberaram, como badaladas mortais, antes que fossem seguidas por um silêncio denso.

Derek olhava para Julie com um misto quase incontido de incredulidade e ódio.

Ela sacudia a cabeça lentamente, de um lado para o outro, sabendo que se dissesse qualquer coisa, naquele momento, certamente seria algo errado.

Dodge disse:

– Estarei lá fora.

Alguns minutos depois, Derek se juntava a ele, no pátio, onde o hotel servia chá, de três às cinco da tarde, se o clima permitisse. O local, sombreado e sereno, era cercado por muros cobertos de hera, em três lados, e por uma cerca de folhagens, impenetrável, do lado da rua. No centro, havia uma fonte de pedra, minando água de um querubim que segurava uma lira.

Eles estavam sozinhos.

Derek sentou junto a uma mesinha de ferro, onde Dodge já tinha acendido um Camel sem filtro. Por algum tempo, eles apenas ficaram ali sentados.

Finalmente, ele olhou para Derek.

– Você deu um pega nela?

– Desde o avião?

– Desde o café da manhã.

Derek fungou.

– Básico.

Dodge assentiu enquanto apagava o cigarro. Ele acendeu outro.

– Ela nunca falou do testamento.

– Não.

– Hora ruim pra descobrir.
– Nem me fale.
– O que ela disse a respeito agora?
– Nada. Não dei chance. Tive que tomar um ar, espairecer a cabeça.
– Já espaireceu?
– Nem de longe.
– Então, o que vai fazer?
– Sei lá. – Derek levantou-se e começou a andar de um lado para outro.
– Você não me disse que ela tinha contratado Ned Fulton para representá-la?
– É, e ele é bom.
– Doutor, meu conselho é que deixe que ele fique com ela e fique longe dessa bagunça.

Derek continuou andando, Dodge continuou fumando. Alguns instantes se passaram, então, Dodge falou:

– Não vai fazer isso, vai?

Derek parou de andar e ficou olhando um beija-flor, acima de uma flor enorme, como um guarda-sol vermelho.

– É muito provável que estejam armando pra cima dela, Dodge.
– Parece terrivelmente melodramático.
– Essa é a questão. Decapitar Maggie foi melodramático. Não podemos descartar Creighton e sua propensão ao melodrama. Ele é desvirtuado. É uma maldita enguia. Como Julie disse, ele não tem consciência. É presunçoso e cem por cento confiante em sua habilidade de fazer qualquer coisa que queira e se safar.
– E ele teria o mesmo motivo para matar Wheeler – pensou Dodge alto. – A herança. Talvez ele soubesse que o tio estava prestes a mudar o testamento e quis apagá-lo antes que o fizesse.
– Ou pode ter ficado sabendo que já tinha sido feito e o matou para se vingar.
– Se esse era o caso, por que ele também não mandou matá-la?

Derek pensou a respeito, pensou nos traços da personalidade de Creighton e em tudo que Julie lhe disse sobre o homem.

– Isso não teria sido divertido.
– Divertido?
– Ele gosta das piadas particulares. Se ele for bem-sucedido em jogar a culpa do assassinato do tio pra cima dela, ganha uma gargalhada à sua custa e também garante que ela nunca gaste a fortuna. Se ela for condenada, ele e os pais provavelmente conseguem cancelar o novo testamento.
– Milionário enganado por amante assassina. Sobrinho reintegrado como herdeiro.
– Precisamente. Isso renderia a Creighton umas boas gargalhadas.

Dodge amassou um maço vazio e, pensativo, abriu outro.

– Funciona. Em teoria. Mas ainda não há nada que ligue Creighton Wheeler a Billy Duke.
– Não haveria. Ele é esperto pra cacete. Algo estava me incomodando, mas eu não

conseguia identificar. Mas quando Julie começou a falar quanto a ele se manter no anonimato, eu percebi o que era. Naquele primeiro dia, quando ele foi ao meu escritório, e a outra vez, depois, ele não tocou em nada. Nem num copo, nem nos braços da cadeira, nem na maçaneta. Eu ou Marlene que seguramos a porta aberta pra ele, toda vez. Ele nem apertou a mão.

– Não deixa nenhum rastro de si mesmo.

– Nenhuma prova física.

– Em contraste, eles têm caminhões de provas contra ela. – O investigador apontou o queixo na direção do quarto do hotel, onde Derek e Julie tinham passado a noite. – Eles terão um mandado de prisão até a hora do almoço. Pode escrever.

– Pela morte de Billy Duke?

– Ele. Wheeler. Pode escolher. Talvez, ambos.

– É circunstancial, Dodge.

– Eles ainda podem segurá-la por alguns dias enquanto reúnem mais provas.

– Não há prova que não tenha sido plantada. Tenho certeza disso. Ela amava Paul Wheeler.

– Estamos falando de muito dinheiro, Derek.

Dodge nunca o chamara pelo primeiro nome. E ele também nunca falou com tanta brandura. Derek não pôde deixar de notar o significado de ele estar fazendo isso agora. Ele repetiu:

– Ela amava o cara, Dodge. Acredite, não tenho o menor prazer em dizer isso, mas é um fato.

Ele ficou encarando Dodge, até que o mais velho cedeu.

– Tudo bem. Ela não mandaria matar Paul Wheeler por dinheiro nenhum. Você pode dizer isso eternamente, mas ainda não soluciona seu problema.

– Não vamos conseguir nada de Creighton. A solução está com Billy Duke. – Derek pensou por um momento, depois falou: – Julie disse que ele parecia lívido, doente, precisando de ajuda. Quando acha que a autópsia estará pronta?

– Já que há tanta coisa dependendo disso, tenho certeza de que os investigadores estão pressionando o médico-legista para obter logo isso.

– Fique na fonte, Dodge. Diga-me tudo que ouvir.

– Isso vai sair caro.

– Prometa àquela policial, Dora?, três jantares bacanas. Preciso de informação que se traduza em munição. Comece com o conteúdo da mochila que eles encontraram no carro de Billy Duke.

– Eu já lhe disse.

– Me consiga um inventário completo, se puder. E...

– Eu terei tempo de dar uma mijada?

– Hoje não. Verifique se há uma ficha policial para Creighton.

– Já fiz isso. Nada. Nem direção sob influência de substâncias. Ele só recebeu algumas multas por excesso de velocidade. Só isso.

– Delinquência juvenil?

– Acionei algumas antenas cautelosas, mas isso é como o Santo Graal.
– Faça o que puder.
– Enquanto isso, o que você vai fazer?
– Voltar lá pra cima e conferenciar com minha cliente.

Ariel não tinha ouvido a notícia sobre a morte de Billy Duke, até que ligou a TV, cedo, naquela manhã. Conforme ia surgindo um noticiário atrás do outro, cada um mais assustador que o anterior, ela tentou ligar para Carol, para perguntar se a amiga tinha ouvido. Claro que, como Carol lhe pedira para não se envolver, Ariel deixaria de fora seu papel ao identificá-lo. E ela queria continuar fora daquilo. Mesmo assim, era empolgante ouvir repetidas referências à ligação anônima que ela fizera para a polícia.

Ariel ficara chocada ao ouvir que Billy tinha morrido na casa de Julie Rutledge. A porta-voz do departamento policial, a investigadora Roberta Kimball, insinuara, embora não tivesse dito claramente, que ele não tinha morrido de causas naturais, como um ataque cardíaco, e que a Srta. Rutledge causara sua morte de alguma forma.

Ariel se perguntava por que uma mulher de classe como ela teria se envolvido com um cafajeste como Billy Duke. Mas, por outro lado, o milionário era mais velho que a Srta. Rutledge. Talvez ele não conseguisse satisfazê-la sexualmente, enquanto isso era a especialidade de Billy. Ele também sabia ser suave, encantador, e engraçado, se estivesse a fim. Julie Rutledge seria um alvo para esse tipo de coisa.

Ariel ficou tão envolvida com os noticiários relativos ao assunto que, sem notar, meia hora já tinha passado, significando que ela ficaria com sua programação atrasada pelo resto do dia. Logo hoje, que tinha tanto a fazer!

Ela queria fazer tudo perfeito para seu jantar romântico dessa noite.

Só saía do trabalho às 17:30, e o jantar estava programado para 19:30, por isso, ela queria fazer o máximo possível com antecedência.

Vestiu-se apressadamente para ir trabalhar, depois, entrou na cozinha, dourou o rosbife no azeite de oliva, colocou-o numa panela de cozimento a fogo brando, onde passaria o dia. Quando chegasse, ela acrescentaria os legumes. E faria as saladas. E colocaria os sorbets em tigelinhas individuais, retornando-as ao freezer.

Tinha arrumado a mesa ao voltar para casa, na noite anterior, alegrinha dos martínis de maçã e embriagada de prazer por tê-lo visto outra vez, tendo descoberto que, no fim das contas, ele não a deixara falando sozinha, e que ele realmente queria vê-la novamente. A sós. E quantas vezes ela teve de garantir que ninguém chegaria para atrapalhar?

Se isso não parecesse promissor, ela não sabia o que pareceria.

No caminho da saída, ela deu uma última olhada na mesa, desejando que tivesse uma tela ou algum outro meio de separar a mesa da cozinha. Velas ajudariam a dar um efeito suavizante. Precisava se lembrar de adquirir algumas, quando comprasse as flores e o vinho. Tinto. Para combinar com a carne. Tony saberia dessas coisas: que vinho tinto se toma com carne vermelha.

E ela também tinha de se lembrar de comprar uma caixa de preservativos.

Uma garota podia ter esperança.

Quando começou o noticiário, ela aumentou o rádio do carro e claro que Billy foi mencionado. Da última vez que tinha ligado, ele tentara dizer algo, antes que ela imediatamente desligasse, depois tirasse o fone do gancho para que ele não voltasse a ligar. Isso tinha sido a noite de anteontem.

Ariel torcia para que sua vizinha, a Sra. Hamilton, não fizesse a conexão do homem cuja morte estava nos noticiários matinais com o homem que viera procurar Ariel, ontem, apenas algumas horas antes de morrer. Algo meio assustador. Ariel não podia deixar de imaginar o que Billy quisera lhe dizer.

"Questão de vida ou morte", ele dissera à Sra. Hamilton. Ariel tinha achado tratar-se apenas do sentido figurado, mas obviamente não era. O comportamento de Billy finalmente o pegara. Ele estava morto. Enquanto ela lamentava por ele, como um ser humano, estava aliviada por não ter mais que se preocupar com ele.

Ela podia tirá-lo da mente e ficar sonhando acordada somente com seu encontro romântico dessa noite, com Tony.

CAPÍTULO 24

Derek voltou ao quarto do hotel e encontrou Julie ao celular, aparentemente falando com Kate. Ela estava admitindo para a assistente que o fato de Billy Duke ter surgido em sua casa e morrido lá havia sido uma experiência angustiante.

– Infelizmente, os noticiários estavam corretos. Ele teve um ferimento à faca, mas... – Ela deu uma olhada para Derek, que estava fazendo um sinal de quem corta a garganta. – É um assunto policial, Kate, portanto, eu realmente não tenho liberdade para falar a respeito.

Ela passou a assegurar Kate de que estava em segurança e bem, e que confiava a administração da galeria à assistente, até segunda ordem.

– Espero estar de volta ao trabalho muito em breve – concluiu ela.

– Você disse a ela onde está? – perguntou Derek, assim que ela desligou.

– Eu me esquivei disso.

– Bom.

– Eu estou oficialmente evitando ser presa?

– Ainda não.

– E quanto ao seu escritório? Você não vai lá?

Ele sacudiu a cabeça.

– Liguei para a Marlene a fim de atualizá-la, disse que estarei fora o dia todo. Ela sabe como lidar com indagações.

– De forma evasiva?

– Exatamente.

– E quanto aos seus outros clientes?

– Você é quem está na situação urgente, portanto, recebe minha atenção.

– Obrigada.

– Não é grátis. Você será cobrada. Pode pagar – acrescentou ele, baixinho.

Ela franziu o rosto.

– Esse é exatamente o tipo de observação que eu esperava evitar.

– Por isso que não me disse? Para evitar piadinhas? Ou o fato de estar herdando uma maldita fortuna lhe escapou?

– Quando teria sido um bom momento para mencionar isso, Derek?

– Qualquer hora.

– Por exemplo?

– Quando nos conhecemos.

– Isso não é algo que se diz a alguém absolutamente estranho.

– É, isso teria sido esquisito. Tanto antes, quanto depois que transamos. – Ela ficou vermelha como um pimentão, mas ele prosseguiu antes que ela pudesse responder. – Que tal no dia seguinte, quando apareci na galeria?

– Você estava furioso, sem clima para ouvir.

– Você poderia ter me contado ontem à noite.

Ela não disse nada em relação a isso. Nem precisava. A expressão que ela

demonstrou já dizia tudo. Ele xingou de frustração, foi até a janela, olhou lá fora e voltou.

– Viria à tona, cedo ou tarde. Você certamente sabia disso.

– Eu torci para que fosse tarde. Estava aterrorizada. Seria a última gota.

– Pelo amor de Deus, então, por que você não me contou, Julie?

– Porque eu sabia que você reagiria assim. Eu sabia que isso mudaria tudo.

– Você pode apostar que muda tudo! – disse ele, inflamado. – Isso lhe dá o motivo mais antigo da história da jurisprudência. É a lei criminal 101.

– Eu sei! Eu sei como pareceria para você. Como pareceria para Sanford e Kimball. Pra todo mundo.

– Não ficaria tão mal quanto agora.

A raiva dela evaporou.

– Eu errei em esconder. Eu percebo isso.

Ele também recuou.

– Estou com tanta raiva de mim quanto de você. O tempo todo eu sabia que você estava me escondendo alguma coisa.

– Na verdade, você não está tão zangado quanto eu achei que ficaria.

– Como Derek, o cara com quem você fez amor a noite inteira, estou furioso com você. – Ele acenou o braço em direção às portas francesas que separavam os cômodos. – Ali dentro, nada foi... Nós... Como você pôde... – Sua eloquência o abandonou. Ele xingou, depois cortou o ar com as mãos. – Vamos lidar com isso depois. Como seu advogado...

– Você ainda vai me representar?

– Pegaria mal com a polícia se eu recuasse agora, depois de me declarar seu representante legal ontem à noite. Raiva não é uma emoção à qual posso me dar ao luxo. A raiva é contraproducente. É uma percepção tardia. Você se equivoca ao analisar um jurado que achou que talvez o favorecesse, você calcula mal quanto uma testemunha pode ser convincente, a mentira de seu cliente é exposta para você, no tribunal, e aquilo não tem jeito. Está feito. Você lida com isso e segue em frente. – Ele sentou-se na chaise, de frente para ela. – Portanto, primeiro, o principal. Sanford e Kimball vão querer saber quando isso surgiu.

– A mudança que Paul fez no testamento? Ele mencionou isso há quase um ano e continuou tocando no assunto. Eu tentei dissuadi-lo.

– Eles vão duvidar disso seriamente.

– É a verdade.

– Quem daria as costas para esse tipo de dinheiro?

– Eu daria. Eu dei. Mas Paul não foi dissuadido. Ele mandou seu advogado fazer um novo testamento. Ele o assinara na terça-feira de manhã, antes de me encontrar para o almoço.

– Por isso a comemoração.

– Comemoração dele. Não minha. Ele estava satisfeito. Eu estava...

– Insatisfeita?

– Apreensiva. Eu sabia que traria problemas.

Derek ficou pensativo por um momento, depois perguntou o que o advogado tinha achado do novo testamento.

– Ele tentou convencer Wheeler a não fazer?

– Eu não tive acesso ao que eles conversaram. Mas ele foi muito gentil comigo, quando nos encontramos, depois da morte de Paul. Deixei claro que eu não tinha pressa em fazer com que o testamento fosse legitimado.

– Creighton teria.

– O advogado se esquivou dele.

– Então, os Wheeler não sabiam e ainda não sabem que Creighton não vai mais ser herdeiro?

– Até onde eu sei. Paul foi enfático quanto a ser mantido somente entre nós pelo maior tempo possível. Acho que ele temia que Creighton fizesse algo. Paul não fazia segredo de sua afeição por mim. Creighton não fazia segredo de não gostar disso.

– Ele a via como uma ameaça.

– O que me faz pensar por que não fui seu alvo em vez de Paul.

– Dodge também comentou isso. – Derek contou a ela o que tinha conversado com o investigador.

– Você provavelmente está certo – disse ela, depois de pensar um pouco. – Se Creighton tivesse me eliminado, não teria, nem de longe, se tornado o jogo que se tornou. Receio que ele ainda esteja jogando. – Ela se inclinou em direção a ele. – O que Billy Duke estava fazendo em minha casa, Derek?

Ele afirmou o óbvio.

– Plantando uma prova que ligasse você ao roubo.

– Se pudermos provar isso...

– Estamos ferrados.

Isso a surpreendeu.

– Por quê?

– Porque, então, vai parecer que Billy Duke estava agindo sozinho ou queria trair a parceira, você. De qualquer forma, Creighton sai limpo.

– Billy Duke estava fazendo isso a mando de Creighton.

– Sem dúvida. Mas não conte essa teoria aos investigadores, Julie.

– Por que não?

– Porque eles perguntariam por que Creighton não escondeu as joias em sua casa, quando mexeu em suas coisas, se as tinha o tempo todo.

– A polícia não sabe disso.

– Mas vai saber. Tem que saber. Essa será sua única explicação para a faxina extensa que sua empregada fez e mencionou a Kate, que contou aos investigadores.

– Que acharam isso importante.

– Eles não são investigadores à toa.

Ele baixou a cabeça.

– Além disso...

Ela gemeu. – Tem mais?

– Billy Duke não tinha uma arma. Racionalmente, não podemos argumentar que ele tenha ido à sua casa para feri-la.

– O que faz parecer que éramos amistosos.

– No mínimo, conhecidos.

– Mas eu não o deixei entrar. Ele invadiu.

– Isso é alguma coisa. Mas não muito.

Ela suspirou. – Isso é ruim, não é?

– Não vou te enrolar, Julie. É. Eles têm motivo.

– O novo testamento. Mas e quanto à oportunidade? Quando eu teria supostamente tramado isso com Billy Duke? Nunca pus os olhos nele até ontem.

– Há provas preponderantes em contrário – disse ele. – Os registros telefônicos. Ele ter ido à galeria. O botão no quarto dele, o cabelo no carro. Tudo circunstancial, porém, somado ao patrimônio de Paul, é o suficiente para deixar um promotor ambicioso salivando.

Ela levantou e foi até o bar, abriu um refrigerante, mas largou a lata, sem beber.

– Enquanto isso, Creighton está livre de suspeitas.

– Receio que você esteja certa. Seu matador está morto e, até agora, ninguém conseguiu ligar os dois.

– Onde eles teriam se encontrado? Nebraska?

Fazendo o papel de advogado do diabo, Derek perguntou:

– O que estaria um cosmopolita como Creighton fazendo em Omaha? Até consigo vê-lo estremecendo diante da ideia de sequer sobrevoar Omaha, a trinta mil pés.

– Ele foi lá para recrutar Billy Duke.

– Para trocarem assassinatos.

– A viúva por Paul.

– Possivelmente.

Percebendo as dúvidas dele, ela perguntou:

– O quê?

– Primeiro, nós precisamos localizar Creighton em Omaha. E, se Billy Duke estava na cadeia, onde eles se encontraram para fazer essa barganha? Imagino que Creighton possa tê-lo visitado na cadeia, mas...

– Ele seria esperto demais para isso – disse ela. – A prisão teria um registro de sua visita.

– Exatamente o que eu ia dizer. Se Creighton estrangulou uma mulher no estacionamento de um supermercado, como um "fantasma", e sem que ninguém testemunhasse isso, ele...

– Ele ia querer que alguém soubesse.

Dessa vez foi Derek quem se surpreendeu.

– Não era isso que eu ia dizer. Isso contradiz o que você disse sobre ele, mais cedo, quanto a se manter discreto publicamente.

– Não, não contradiz. Isso seria sua piada particular. Exatamente a cara dele.

Voltando ao filme, além do ponto em que paramos de assistir, tem uma cena em que o milionário aparece numa festa.

"O assassinato da esposa do jogador de tênis é a conversa da cidade. Ao longo de uma conversa na festa, uma velha tola questiona como uma pessoa mataria a outra estrangulada. O milionário se oferece para mostrar-lhe. Ele coloca as mãos ao redor de seu pescoço, para demonstrar. É claro que ninguém, exceto o jogador de tênis, sabe que ele está, de fato, encenando o assassinato que cometeu."

Ela volta a sentar no sofá.

– Creighton não quer ser flagrado, mas eu acho que ele gostaria de se exibir, particularmente para nós, mostrando o quanto é esperto.

– Ele nos quer inteirados de sua piada particular.

– Sim, e eu tenho medo de como será o ponto alto da piada.

Derek levantou e começou a andar de um lado para o outro.

– Nós temos que ligá-lo a Billy Duke.

Ela pegou a folha que Dodge havia deixado pra trás, os registros telefônicos do celular de Billy Duke.

– A galeria não é o único número para onde ele ligou várias vezes. – Ela apontou o outro número para ele. – Ele ligou em todas as horas da noite.

– Pode ser um número de entrega de pizza.

– Não é. Enquanto você estava fora com Dodge, eu liguei e fui atendida por uma daquelas secretárias eletrônicas automáticas, sem uma saudação pessoal.

– Se nós notamos isso, pode apostar que Sanford e Kimball notaram. – Derek esticou o braço para pegar seu celular, abriu, e usou a discagem automática para ligar para Dodge.

Ele atendeu imediatamente.

– Suas orelhas devem estar queimando. Eu estava prestes a lhe telefonar.

– Ouça, quanto àqueles registros telefônicos...

– Eles já checaram.

– E aí?

– Ariel Williams. Vinte e sete anos de idade. Garota trabalhadora. Ficou morta de medo quando Kimball apareceu em seu local de trabalho, querendo fazer perguntas sobre Billy Duke.

– Ela o conhecia?

– Admitiu ter ligado para identificá-lo, depois de ver sua foto na TV.

– Qual era o relacionamento deles?

– Ela ficou enrolando sobre isso, mas a ideia geral é que ele era um ex-namorado, de quem ela não queria mais saber.

– Onde se conheceram?

– Nebraska. Ela não queria sua aproximação. Disse que queria que ele fosse para a cadeia, que era o que ele merecia. Ela se mudou pra cá e estava toda feliz, quando ele ligou e disse que a teria seguido. Ela disse para ele dar o fora e deixá-la em paz. Mas ele foi persistente. Ficou fazendo aquele esquema de ligar e desligar, como fez com a

Srta. Rutledge.

Derek tinha colocado o telefone no viva voz para que Julie também pudesse ouvir. Ele desviou o olhar para ela, quando Dodge disse isso e ela lançou um olhar de satisfação.

– A garota jurou sem parar que não tinha visto Billy Duke, desde que deixara Nebraska, e quando soube que ele estava morto, no noticiário matinal, não sentiu pena. – Dodge parou para respirar.

– Ela mencionou Creighton Wheeler?

– Não que eu saiba.

– Pergunte.

– Certo. Mais uma coisa. Vocês já ouviram falar de um filme chamado Frenesi?

– Não. – Derek olhou para Julie, que sacudiu a cabeça.

– Bem, eu não sei o que isso significa, se é que significa algo – disse Dodge. – Mas um DVD desse filme foi encontrado na mochila de Duke.

– Não posso acreditar nisso da Julie – disse Sharon Wheeler, passando manteiga num pãozinho de queijo.

Doug afastou o prato, literalmente sem tocar no almoço.

– Eu não acredito.

– Eu acredito. Nunca confiei nela. – Creighton gesticulou para que Ruby reabastecesse seu copo de chá gelado. – Havia algo... estranho entre ela e o tio Paul.

– Estranho?

– Sim, pai. Estranho. Nunca consegui identificar o que era. Mas decididamente estava ali. – Ruby, com um comportamento sem disfarce, despejou o chá no copo dele. Ele a pegou e beijou sua mão. Ela arrancou a mão e se afastou, resmungando baixinho. – Obrigado – disse ele, numa voz cantarolada. Nem mesmo o ranzinzar de sua empregada poderia afetar o bom humor em que ele se encontrava, desde que ligara a televisão em seu banheiro, essa manhã, e ouvira que Billy Duke tinha morrido na casa de Julie Rutledge, aparentemente, por uma facada fatal.

A notícia o deixara de pau duro.

Billy Duke tinha ido à casa de Julie. Julie o esfaqueara. Ele estava morto e ela, sob investigação.

Perfeito! Inestimável!

Ele era ou não brilhante? Tinha preparado o terreno. O botão da blusa dela, facilmente largado no chão da cozinha do motel. O fio de cabelo colocado no carro de Billy. Ele planejara que a polícia encontrasse Billy morto, no Pine View Motel, assassinado, com o rastro levando a Julie.

Mas isso era melhor ainda. Esse cenário ainda a fazia parecer mais culpada, e a diversão tinha muito mais valor.

Desde o começo, o destino de Billy estava selado. Creighton jamais pretendera deixá-lo continuar vivendo, depois que ele tivesse mantido seu lado da barganha. No entanto, ele decidira que era justo deixar Billy viver o bastante para ver sua ex-namorada ter a morte repulsiva que ela merecia.

Mas depois Billy forçara Creighton a repensar a cronometragem. Primeiro, ele viera ao prédio de Creighton deixar o bilhete. Isso foi uma imbecilidade. Sua afirmação comovida "Ela é só uma criança. E eu também não fui justo com ela" e tudo o mais, tinham convencido Creighton que Billy, apesar das tantas vezes que ele falara mal da garota por testemunhar contra ele, era, de fato, enfeitiçado pela bocetinha dela. Um homem nesse estado de espírito não pensa com clareza e é capaz de fazer algo precipitado. Como confessar.

Portanto, tchau Billy, foi um prazer fazer negócio com você.

Por sorte, Creighton estava preparado quando foi ao Pine View Motel. Billy gostava de cerveja. Ele estava mergulhado demais em sua infelicidade para notar quanto tempo Creighton demorou para destampar as garrafas. Não suspeitara de nada.

Creighton se perguntava se, mais tarde, talvez no meio da noite, quando suas tripas começassem a se retorcer e ele ficasse enjoado e desorientado, ele adivinharia.

Talvez ele achasse que o presunto estava estragado. Ou o queijo. Talvez achasse que tinha pegado uma virose.

Mas, na verdade, matar Billy não dera a Creighton a menor emoção. Ele não pôde testemunhar o fim. Talvez, se o tivesse feito, fosse mais emocionante. Enquanto compartilhavam a última refeição de Billy, ele ficava dizendo a si mesmo que estava matando o homem, que isso era tão bom quanto assistir a ele morrer.

Quando, honestamente, tinha sido um tédio. Não tinha sido tão excitante quanto ver o sangue jorrar da artéria rasgada daquele cão.

Mas tinha sido eficaz, e ninguém podia ter tudo.

Creighton tinha planejado voltar àquele motel asqueroso uma última vez, antes que o corpo de Billy começasse a feder, para procurar as joias, porque ele sabia que o filho da puta ganancioso estava mentindo descaradamente quanto a tê-las jogado fora. A arma, ele provavelmente teria descartado, como dissera. Porque até Billy era esperto o suficiente para não se arriscar a ser flagrado com a arma de um crime. Mas as joias, isso daria lucro, e Billy gostava de roupas chamativas.

Creighton fora poupado do desagradável trabalho de limpeza quando, por motivos que permaneceriam eternamente desconhecidos, Billy tinha ido à casa de Julie. Creighton provavelmente jamais saberia o motivo de Billy para fazer isso. Obviamente, Billy estivera tentando se livrar da prova que o ligava ao assalto e assassinato. Mas por que correr o risco de ser pego?

Ora essa, o que isso importava agora? O fato de Billy morrer na casa de Julie tinha favorecido Creighton, e era só isso que lhe interessava. Ele estava limpo e Julie parecia terrivelmente culpada.

Xi!

Essa manhã, para comemorar sua reviravolta fabulosa, assim que saiu do chuveiro, ele fizera uma ligação para a cafetina que logo mandou uma de suas garotas. Seu pai tinha ligado enquanto ela estava lhe dando uma chupada profissional. Foi difícil esconder sua alegria quando ele disse ao pai que sim, tinha ouvido falar da notícia sobre Julie, e isso não era absolutamente assombroso?

Doug lhe dissera como era importante que a família mantivesse uma frente unida e sugeriu – melhor, ordenou – que Creighton não falasse com ninguém da mídia. Como se ele realmente fosse fazê-lo.

– Em vez de ir para o escritório – disse Doug –, por que você não passa o dia aqui, com sua mãe e eu? Nós temos que nos reorganizar e ver que postura vamos assumir em relação a isso.

Creighton não tivera qualquer intenção de ir ao escritório, como seu pai bem sabia, mas ele estava tão cheio de bondade que não quis discutir com seu velho, evitando atritos.

Depois de uma breve declaração aos repórteres que se aglomeravam na rua, diante da propriedade, Doug tinha se recolhido em seu escritório para ver sua papelada. Sharon tinha passado a manhã planejando um jantar para quando "tudo isso tivesse finalmente passado". Creighton tinha trabalhado sua mão invertida, com a máquina de lançamento de bolas da quadra de tênis, depois foi nadar. Ruby perguntara se eles gostariam que o almoço fosse servido no terraço, e Creighton dissera que parecia uma excelente ideia.

Estava agradável ao ar livre, não tão quente, e eles se prolongaram na refeição.

– Creighton – perguntou-lhe a mãe –, você realmente acredita que Julie e esse Billy Duke tramaram para que Paul tenha sido morto?

– Isso é o que parece, não? Humm. Eu juro, ninguém faz salada de frango como Ruby. – Ele olhou para o prato do pai. – Não está com fome?

– Não.

– Julie e eu nunca tivemos muito em comum – comentou Sharon, enquanto distraidamente brincava com suas pérolas. – Ela declinou, quando eu ofereci para incluir seu nome para análise de membro de meu clube de jardinagem, mas foi bastante agradável a respeito. E ela parecia amar Paul.

– Ela o amava, mesmo – declarou Doug. – Tenho certeza disso.

Creighton revirou os olhos.

– Você sempre a defende.

– Não estou defendendo. Estou afirmando um fato. Independentemente de como parece, eu jamais serei convencido de que Julie conspirou com um... um criminoso para que Paul fosse morto. Nossa posição unânime quanto a isso – enfatizou ele, olhando para Creighton – será que nós temos Julie Rutledge na maior estima e, segundo todas as indicações, ela foi tão dedicada a Paul quanto ele a ela, e estamos certos de que após uma investigação minuciosa ela será inocentada de todas as suspeitas. Entendido?

Sharon esticou o braço até o outro lado da mesa e tocou-lhe a mão.

– É claro, querido.

Depois de ter dito o que queria, ele empurrou a cadeira para trás e levantou.

– Estarei no escritório.

– Ele ainda está de luto – disse Sharon a Creighton, depois que Doug tinha entrado. – Qualquer lembrança de Paul o perturba. É melhor que eu vá conversar com ele. – Ela deixou a mesa e seguiu o marido para dentro de casa.

Creighton se espreguiçou e bocejou, olhou os galhos do carvalho que lançava sombra na mesa e ficou imaginando o que faria com o restante de seu dia, agora que não precisava voltar ao Pine View Motel e procurar pelo Patek Philippe de seu tio Paul.

Ele até se sentiu meio sem objetivo e abatido, agora que estava tudo acabado. Fora um plano tão complexo, inspirado por um de seus filmes prediletos, e perfeitamente executado. Desculpem a piada.

Tudo começou no dia em que seu treinador de tênis ficara mais tempo com outro jogador. Inicialmente, Creighton tinha ficado aborrecido por ser deixado esperando, mas acabara sendo fortuito. Ele raramente lia os jornais. As coisas que imaginava eram sempre mais interessantes do que os acontecimentos factuais. O drama da vida real empalidecia em comparação ao que sua mente imaginava.

Mas até os gandulas do country clube estavam ocupados, naquele dia, e não havia mais nada a fazer, enquanto ele esperava pelo treinador, portanto, ele pegou um jornal que alguém deixara para trás e estava folheando, quando notou uma história sinistra sobre uma jovem de Atlanta que fora intimada a comparecer na corte de Omaha, Nebraska, para testemunhar contra um homem num julgamento sobre extorsão.

O que Creighton achou mais interessante foi o fato de que o caso do promotor dependia do testemunho da mulher de Atlanta, uma ex-namorada do homem acusado, e da viúva por quem ele era acusado de chantagem.

Pobre otário, pensou Creighton. Aposto que ele gostaria que elas estivessem mortas.

Ele não ficou para sua aula de tênis.

Em vez disso, trocou o Porsche pelo Land Rover que comprara só por capricho, mas só havia dirigido algumas vezes. Ele entrou no Wal-Mart, pela primeira vez em sua vida, e comprou as roupas mais horríveis que encontrou, óculos de leitura com um grau mínimo e um kit de tinta capilar temporária.

Levou dois dias para dirigir até Omaha, onde se registrou num motel, com nome falso. No dia seguinte, ele esteve no fórum, enquanto a corte estava em sessão. Ao chegar, a viúva foi cercada pelas equipes locais de notícias. Desfrutando do brilho de sua notoriedade, ela parecia relaxada e experiente, e, na opinião de Creighton, mal recrutada para o papel de vítima de fraude.

Billy Duke mostrava uma máscara de deboche e complacência nada convincente.

Creighton leu todas as histórias sobre o julgamento e assistiu a todos os noticiários na TV de seu quarto de motel. Foi relatado que a jovem mulher de Atlanta havia tagarelado ao longo de seu testemunho. Ela fora chamada de testemunha-personagem, e o retrato que havia pintado do acusado nada tinha de lisonjeiro.

Ela admitira ter tido um relacionamento sexual com Billy Duke. Ele a fez crer que era amor verdadeiro e que resultaria em casamento. Durante todo o tempo em que fazia promessas matrimoniais a ela, ele estava transando com a viúva.

Billy Duke era um cafajeste miserável. Se era ou não um criminoso, isso só seria decidido pelo testemunho da viúva, e ela chegaria à corte enfurecida, querendo metralhá-lo.

Durante dois dias, Creighton rastreou todos os seus passos, esperando pela

oportunidade. Na noite do segundo dia, ela parou num supermercado. Quando saiu, ao se aproximar do carro, Creighton caminhou até ela e, usando seu sorriso mais desconcertante, perguntou se ela era a mulher que ele vira na TV. Lisonjeada, ela sorriu, piscou seus cílios falsos, empinou seus seios imensos e disse, ora essa, sim, era ela.

Vaca imbecil. Ela o revoltou. Ele tentou evitar tocar qualquer parte dela, exceto sua garganta. Fora isso, foi incrivelmente fácil.

Até a hora em que o júri recebeu o caso, ele já estava enojado de Ohama, de suas roupas compradas no Wal-Mart, de seus cabelos escuros.

Logo depois da absolvição de Billy Duke, Creighton apareceu em sua porta da frente e se apresentou como a pessoa a quem Billy devia sua vida. Então, ele disse ao homem emudecido o que ele tinha de fazer, em retribuição. Billy ficou tão impressionado – ou intimidado – pela audácia de Creighton, e tão grato por sua liberdade, que foi facilmente persuadido. Os cem mil dólares ajudaram a mitigar quaisquer reservas ou moral que ele pudesse ter.

Billy tinha sido astuto, do seu jeito, mas não era do mesmo patamar que Creighton. Nem de perto. Também havia uma ressalva pungente: Billy sempre teve uma queda pela "garota meiga". Ele havia implorado por sua vida.

– Até o fim amargo.

– O que foi, querido? – Creighton não percebeu que falara em voz alta, até que a mãe voltou para o seu lado, trazendo um café, numa xícara com pires. – Expresso?

– Não, obrigado.

– Seu pai está ao telefone com o advogado de Paul.

Ela continuou com sua conversa infantil, mas Creighton a tirou de sintonia. Ele não tinha o apego à garota meiga como Billy tivera. E ele não deixava pontas soltas. Se Billy andou ligando para a casa dela, quem poderia saber o que ele talvez dissesse, intencionalmente ou não, sobre Creighton Wheeler?

– Uma das vans de noticiário deixou marcas de pneus no gramado, do lado de fora do portão – dizia sua mãe. – Eles não têm qualquer respeito pela propriedade dos outros.

Além disso, seria divertido. Subitamente, ele se levantou.

– Com licença, mãe. Eu preciso ir.

– Ir? Achei que você fosse passar o dia conosco. Doug espera que você o faça. Ele ficará zangado.

– Ele vai superar.

– O que devo dizer a ele? O que é tão importante?

Creighton inclinou-se e beijou-lhe o rosto, depois, ao se endireitar, ele piscou. – Tenho um encontro romântico.

CAPÍTULO 25

Enquanto Kimball estava entrevistando Ariel Williams na empresa onde ela trabalhava, Sanford estava no Centro Médico do Condado de Fulton, observando a autópsia de Billy Duke. Os investigadores haviam decidido se separar para maior eficiência. Uma moeda determinou quem iria para onde.

Sanford perdeu.

Ele levou dois pacotes de chiclete Doublemint e mastigou com força, enquanto os órgãos de Billy Duke estavam sendo removidos. Depois de terminar, o médico-legista deixou que seu assistente fizesse a sutura e foi à pia lavar as mãos. Sanford, feliz por aquilo ter terminado, pediu uma opinião preliminar.

– Ele morreu de hemorragia, certo?

– A faca decididamente teria potencial fatal. Ele teria morrido de hemorragia. Logo. – O patologista sacudiu a água das mãos e puxou duas toalhas de papel do suporte. – Mas, pelo que sei, o pessoal de emergência chegou ao local minutos depois do ferimento.

– Isso mesmo. Recebemos a mensagem de que a emergência chegou em seguida.

– A vítima recebeu socorro imediato e poderia ter sobrevivido ao esfaqueamento.

– Isso significa o quê?

– Significa que ele morreu antes da hemorragia. Morreu de outra coisa.

– Como o quê?

– Eu lhe informarei.

Sanford chegou à delegacia de polícia antes de Kimball, que trazia um pacote de biscoitos de água e sal e colocou em sua mesa.

– Pra que isso? – perguntou ele.

– Você sempre fica enjoado depois de uma autópsia. Biscoito ajuda.

– Obrigado. – Ele comeu logo dois. – O que a garota tinha a dizer?

Kimball recapitulou o interrogatório com Ariel Williams.

– Tenho a impressão de que ela está dizendo a verdade. Ela é meio superficial quanto aos detalhes do relacionamento, mas podia não ser fácil para ela falar a respeito. Ela trabalha naquele lugar há pouco tempo. Todos os seus colegas de trabalho ficaram olhando feito uns bobos. Ela parecia assustada e inocente, e disse que podia ter algo cruel a dizer, mas estava contente que Billy Duke não estivesse mais por perto para lhe causar mais tristeza.

Sanford comeu outro biscoito.

– Ela disse algo sobre Julie Rutledge? Duke alguma vez a mencionou?

– Nunca.

– Isso teria sido fácil demais – disse ele. O telefone de sua mesa tocou e ele atendeu. – Olá, Doc. Até que foi rápido. É, põe na minha conta. – Ele ouviu, depois disse: – Ele morreu de quê? – Inclinando-se para a frente, pegou uma caneta e um bloco, rabiscou algo, depois empurrou na direção de Kimball.

Ficou ouvindo, por mais um minuto, sem interromper. Então, disse:

– Faz alguma ideia do período de tempo? Ahã. Ahã. Certo. Estará por aí, hoje, se precisarmos que responda a algumas perguntas? Ótimo. Obrigado por retornar tão depressa. – Ele desligou.

– Necrose hepática decorrente de intoxicação – disse Kimball, lendo o que ele havia escrito no bloco. – Ele foi envenenado?

– O doutor está supondo que seja uma overdose de acetaminofeno.

– Tylenol?

– É mais provável que seja acetaminofeno combinado com propoxipfeno, algo que não se consegue comprar no balcão da farmácia, como um analgésico com prescrição médica.

– Tem certeza?

– Você não lê os folhetos que circulam sobre as drogas de rua?

– Sei que você está certo quanto a isso – disse Kimball, zangada. – Como o legista sabe o que matou Billy Duke? Ele nem teve tempo de fazer um trabalho completo sobre a intoxicação.

– É um palpite. Disse que viu muito disso quando trabalhou na emergência. Pelo fato de as drogas serem tão disponíveis, é uma forma conhecida de suicídio. Ele perdeu um paciente por isso. Um cara mudou de ideia, umas dez horas depois de tomar um frasco inteiro de Darvocet, tipo umas trinta cápsulas. Ligou para a emergência e foi levado ao pronto-socorro. Foi tratado com o antídoto indicado, que geralmente funciona, se ministrado a tempo. Mas foi uma overdose muito grande e o cara esperou tempo demais. Os efeitos não puderam ser revertidos. Ele sofreu de falência aguda do fígado e morreu. O legista diz que irá colocar os órgãos de Duke nos testes necessários, é claro, mas ele está bem certo de que tem razão.

– Então, Billy Duke estava morrendo ao chegar à casa de Julie Rutledge.

– É o que parece. – Sanford abriu seu caderninho espiral e leu suas anotações. – Segundo a equipe de Graham, eles encontram vômito na cama da Srta. Rutledge, no chão do banheiro e na cômoda. Aparentemente, Billy Duke estava lá havia um tempo, antes que ela voltasse para casa e o descobrisse. O médico disse que ele teria ficado cada vez mais grogue e se sentindo mal.

– A overdose foi intencional? Um suicídio?

– Se foi, por que ele se arrastaria até a casa dela?

– Ele deve ter sido forçado por algum motivo terrivelmente importante. – Kimball suspirou. – Tanto faz. Ela não estava mentindo quanto a ele parecer doente e precisando de ajuda.

– Mesmo assim – disse Sanford, fechando o caderno –, eu gostaria de saber se ela já teve alguma receita de analgésico.

– E aí, Linds. Hora ruim?

Mesmo com um jeans e uma camiseta larga, em lugar do vestido bordado, a amiga ruiva de Derek era deslumbrante. Hoje, seus cabelos magníficos estavam presos num coque bagunçado. Ela desviou o olhar curioso dele para Julie, depois deu um passo ao

lado e gesticulou para que eles entrassem no foyer de sua casa.

Derek beijou-a no rosto.

– Eu teria ligado antes, mas estivemos meio ocupados.

– Eu ouvi dizer. Vocês dois foram mencionados no noticiário. Você agora é advogado dela?

– Desde ontem à noite. Lindsay Graveau, essa é Julie Rutledge. Julie, Lindsay.

A mulher sorriu para ela, dizendo:

– Nós nos conhecemos na noite do leilão.

– É imperdoável – disse Julie – invadirmos sua casa dessa forma.

– Vocês estão com problemas?

– Um pouquinho – admitiu Derek. – Mas não a ponto que a faça infringir a lei ao nos deixar entrar.

Ela riu.

– Eu os deixaria entrar, mesmo com um batalhão policial atrás de vocês. Venham aqui pra trás. Eu estava replantando umas plantas no deque. – Eles a seguiram pela casa, passando por uma bela cozinha.

– Onde está Jackson? – perguntou Derek.

– Na casa de um amigo. Fiquei de ir buscá-lo às cinco. Gostariam de algo para beber?

– Para mim, nada – disse Julie.

– Na verdade, nós viemos assistir a um filme. – Ele segurou o saco plástico da locadora com um DVD que eles tinham alugado no caminho. – Podemos pegar sua TV emprestada?

– Claro, mas o que houve com a sua?

– Estou relutante em voltar pra casa. E não podemos usar a da casa de Julie, porque foi revistada pela polícia essa manhã. Tenho certeza de que está uma bagunça. – Ele não contou à amiga que o quarto de hotel onde eles tinham passado a noite juntos não tinha DVD. – É complicado, Linds, mas nós achamos que esse filme pode fornecer uma pista.

– Pra quê?

– Não temos certeza – respondeu Julie, honestamente.

Julie gostou dela por aceitar a situação sem esclarecimentos. Ela indicou uma sala ao lado da cozinha e disse a Derek:

– Você sabe onde fica, porque foi você quem instalou. Peguem o que quiserem na geladeira. Estarei lá fora, se precisarem de mim.

Julie seguiu Derek para dentro de uma sala aconchegante que parecia ser um local onde Lindsay e o filho passavam bastante tempo. Havia um Game Boy na ponta da mesa e um par de tênis embaixo do sofá com as pontas para fora. Um quebra-cabeça em cima da mesinha estava montado pela metade. Livros, aparentemente bem lidos, estavam empilhados na segunda prateleira da mesa de centro. Havia uma variedade de DVDs nas prateleiras abaixo da TV de tela plana presa à parede.

– Você deu a TV para eles?

– De Natal, ano passado.

– O que deu esse ano?

– Um Wii. – Vendo a expressão dela, ele sacudiu os ombros. – Eu mimo Jackson. Sei que mimo. Mas gosto de fazer isso, e ele não é um garoto chato, nem exigente. Lindsay cuida disso.

Eles sentaram no sofá, e ele usou o controle remoto para iniciar o filme. – Você já assistiu a isso?

– Não.

– Nem eu. – Durante os créditos de abertura, ele disse: – Nós estamos na última fileira. Quer ficar de sacanagem em vez de assistir? – Ela olhou pra ele e sorriu. – Afinal, já faz horas.

– Metade do tempo você ficou furioso comigo.

– Isso não significa que eu não queira te pegar.

Ele esticou o braço e circulou o polegar na palma da mão dela. A sensação deliciosa subiu por seu braço, mas ela sussurrou:

– Estamos perdendo as cenas do começo.

Era outro suspense de Hitchcock, uma história arrepiante sobre um serial killer de Londres. Derek adiantou o filme à procura das cenas violentas.

– Eu me sinto um psicopata, adiantando, só interessado na violência.

A cena principal era de uma violência cinematográfica das mais chocantes. Depois de assistir, Derek parou o DVD. Por um instante, eles ficaram perturbados demais pelas imagens para falarem. Derek finalmente expirou longamente.

– Isso a incomodou tanto quanto a mim?

Ela assentiu.

– Violência sem sangue.

– Como em Pacto sinistro. Brutal. Calculado.

– E como aquele vilão, esse é tão...

– Focado. Frio. Cruel.

Sem dizer mais nada, eles assistiram ao filme até o fim. Lindsay entrou quando terminou.

– São quase cinco horas. Eu preciso ir buscar Jackson. Há algo que eu possa fazer por vocês enquanto estou fora? Querem que eu traga uma comida para viagem?

– Não, obrigado. Você é um anjo por ter nos deixado assistir ao filme aqui. – Derek se levantou, foi até ela e lhe deu um abraço. – Duvido que ainda estejamos aqui quando você voltar.

– Quando sair, tranque e ligue o alarme. Você sabe o código.

Julie se levantou.

– Eu realmente agradeço, Lindsay.

– Não tem de quê. Espero que as coisas estejam melhores para você da próxima vez que nos encontrarmos. – Ela sorriu gentilmente para Julie, depois sussurrou algo no ouvido de Derek e o beijou no rosto.

Julie esperou até ter certeza de que Lindsay tinha saído, então perguntou:

– O que foi que ela disse?

Ele tirou o celular do suporte no cinto e olhou o visor.

– Estava no sinal vibratório. Dodge ligou duas vezes. Eu não quis atender e ouvir o que ele tinha a nos dizer.

– A Lindsay disse algo sobre mim?

– Ela disse que estava contente por estarmos juntos.

– Como ela soube?

– Acho que ela viu a expressão sonhadora em seus olhos, toda vez que me olha.

Julie o encarou, e ele riu.

– Intuição feminina? Não sei. – Ele sacudiu os ombros, indiferente, e continuou a remexer no telefone. – Dodge não deixou recado. O que provavelmente significa que a notícia é ruim.

– Você conversou com Lindsay sobre mim?

– Na verdade, não. Mas na noite daquele evento beneficente, quando eu a levava para casa, ela me disse que eu deveria esperar o tempo apropriado, em respeito a Paul Wheeler, para depois convidá-la para sair.

– Ela disse?

– Sim. Mas eu lhe disse que não havia pressa, pois eu tinha transado com você, então...

– O quê?

Ele olhou para ela e sorriu.

– Brincadeira.

– Você não contou sobre o avião, não é?

– Claro que não. Sou padrinho do filho dela. – Ele apertou o botão com o número de Dodge gravado. – Mas ela me disse para ligar para você. Disse que você era inteligente, tinha classe, era adorável, exatamente o tipo de mulher de que eu precisava.

– O que você respondeu?

Ele deu um sorriso.

– Eu murmurei algo no sentido de não precisar de uma casamenteira, muito obrigado. Depois segui dirigindo direto para sua casa e quase tomei um tiro. E aí, Dodge. Desculpe, eu só...

Julie pôde ouvir a voz de Dodge pelo telefone. Ele parecia alvoroçado.

Derek interrompeu:

– Não, nós estamos de roupa. Estamos na casa de Lindsay Graveau. Viemos até aqui para assistir àquele filme que Billy Duke... tudo bem, espere aí. – Ele colocou no viva voz. – Fale. Agora nós dois podemos ouvi-lo.

Sem rodeios, Dodge perguntou:

– Srta. Rutledge, já tomou algum analgésico com prescrição médica?

– Por quê?

– Apenas responda.

– Na última primavera.

– Recebi o resultado da autópsia – disse ele, parecendo infeliz por isso.

– Ele morreu do ferimento à faca?

– Não. Mas seria melhor se tivesse morrido. A senhorita poderia alegar legítima defesa.

Olhando para a expressão preocupada de Derek, Julie sentou-se no sofá de Lindsay, apavorada com o que Dodge tinha a dizer.

– Na opinião do legista, Billy Duke ingeriu uma dose letal de um analgésico vendido sob prescrição.

Dodge parou, aparentemente esperando pela reação de um dos dois. Derek continuou em silêncio, observando Julie.

Ela fez um gesto de impotência.

– Paul pôs na cabeça que eu deveria aprender a jogar golfe, para que pudéssemos jogar juntos. Eu era terrível e realmente não estava aprendendo o jogo. Quase fiquei contente, quando distendi um músculo das costas. Isso me deu a desculpa de desistir das aulas. O médico prescreveu um anti-inflamatório e um analgésico sossega-leão. Eu fiquei com medo. Só tomei dois, para conseguir dormir, na primeira noite. Depois de um dia de repouso, o anti-inflamatório reduziu bastante a dor. Eu não precisei de mais nada.

A polícia esvaziou seu armário de remédios durante a busca. Não havia analgésicos de prescrição – disse Dodge. – Mas Kimball ligou para sua farmácia. Sua receita foi de março.

– Guardou as cápsulas que sobraram, Julie?

– Sim – respondeu ela a Derek. – Eu queria tê-las à mão, caso minhas costas voltassem a incomodar. Creighton deve ter pegado o frasco quando esteve em minha casa. Eu não teria sentido falta, nem no dia seguinte, quando estava fazendo a faxina.

Depois de uma pausa curta, porém expressiva, Dodge continuou: – Sanford fez uma pesquisa. Os sintomas de overdose incluem vômito, icterícia, desorientação, dificuldade de falar e andar, convulsões. E por aí vai. Exatamente como sua descrição de Billy Duke no depoimento à polícia.

– Isso é inconclusivo – disse Derek. – Esses sintomas também são de outras doenças.

– Eles farão um teste toxicológico completo. O fígado dele pode ter sido frito por outra coisa. Mas, enquanto isso...

– É outro ponto contra mim.

Nenhum dos dois homens disse nada contraditório, portanto, ela soube que eles estavam pensando a mesma coisa. – Imagino que ache que isso confirma minha culpa, Sr. Hanley.

Dodge tossiu pigarreando. – Não, Srta. Rutledge. Na verdade, eu lhe devo um pedido de desculpas.

As sobrancelhas de Derek se ergueram. – E por quê?

– Creighton tinha, sim, uma ficha juvenil, exatamente como suspeitou. Esteve em minhas mãos por cinco minutos, tempo suficiente para que eu visse que a senhorita sempre esteve certa quanto a esse cara. Ele é doido. É muita coisa e eu só vou dar a vocês os pontos principais, porque depois de ter visto tudo, fiquei realmente temendo

de estarmos correndo contra o tempo.

Derek e Julie se entreolhavam, com suas expressões tão solenes quanto a voz de Dodge. Nenhum dos dois interrompeu.

– Um tal de Jerry Bascomb era colega de classe de Creighton na escola. Uma escola preparatória na Carolina do Norte. Creighton alegou que Jerry quis fazer sexo no vestiário, então, ele cortou seu dedo mindinho com uma faca de caça. Em vez de dizer um simples não, obrigado, ele mutilou o garoto pelo resto da vida.

"O garoto Bascomb jurou, sem parar, que não tinha tendência homossexual e que tal proposta jamais ocorreu. A polícia questionou o que Creighton estaria fazendo de posse de uma faca de caça no armário do vestiário. Enquanto eles estavam conduzindo a investigação, os Wheeler foram até a outra família e disseram que certamente poderiam resolver suas diferenças através de um mediador."

Derek disse: – Aposto que houve uma ameaça implícita, quanto aos Bascomb não quererem que Jerry fosse exposto como um degenerado que fazia essas propostas aos colegas de classe, portanto, seria melhor que deixassem a questão de lado.

– Tanto faz – disse Dodge. – Creighton nunca foi acusado. O problema passou.

– Houve dinheiro mudando de mãos?

– O que acha, doutor? Vamos para o verão seguinte. Creighton está com quinze anos e vai para um acampamento. Onde Sarah Walker o acusou de tê-la estuprado. Ela admitiu ter ficado bêbada com a bebida que entrou escondida no churrasco do acampamento. Creighton convidou-a para caminharem sozinhos na mata. Uma hora depois, quando ela voltou cambaleando, estava sangrando na vagina. Histérica. A versão dele foi não saber que ela era virgem, que estava seguindo as insinuações dela, dando-lhe o que ela queria.

– Ah, sem dúvida, ela pediu para ser violentada – disse Julie com sarcasmo.

– Ele chamou aquilo de "sexo rude". Isso é uma citação de seu relato. A garota ficou um lixo. Teve que fazer terapia. Não saía do quarto. A família dela estava pressionando o promotor para uma acusação formal quando, subitamente, vários outros garotos do acampamento se apresentaram, prontos para testemunharem mencionando punhetas e chupadas e outros atos sexuais. Disseram que Sarah só era virgem no sentido técnico e que se eles tivessem sido provocados para ir para o mato como o bom camarada Creighton, teriam agido exatamente como ele.

– Creighton não tem camaradas – disse Julie.

– Apenas muito dinheiro para distribuir. – Isso foi dito por Dodge, depois de um som de cuspida.

– Deixe-me adivinhar – disse Derek. – Deixaram por isso mesmo.

– As acusações foram retiradas quando Sarah Walker se recusou a testemunhar.

– Os bolsos da família dela foram recheados?

– Isso não está no arquivo, mas eu não duvido – disse Dodge. – E tem mais. Alguns pequenos delitos que datam de quando ele era garoto. Um homem relatou que ele e a esposa acordaram e viram Creighton ao pé da cama, apenas olhando pra eles. Foi atribuído a sonambulismo. Uma manicure que fora à casa deles fazer as unhas de

Sharon Wheeler o acusou de se expor, enquanto estava "excitado". Ele admitiu estar se masturbando, mas não tinha ideia de que ela estava olhando, o que gera dúvida quanto ao fato de que seu sêmen foi parar no sapato dela. Mas a manicure subitamente arranjou um emprego, num salão elegante, em Amelia Island.

"Outra garota, Allison Perry, saiu com ele, quando Creighton fez dezesseis anos. Ele a levou em seu novo conversível, onde ela foi atacada por sodomia. Ele disse que eles haviam concordado que esse seria o meio mais garantido de evitar a gravidez."

– Cristo. – Derek passou as duas mãos no rosto.

– Ele alguma vez foi preso?

– Nenhuma, Srta. Rutledge.

– Os Wheeler compraram os acusadores.

– E provavelmente subornaram vários oficiais públicos ao longo do caminho – disse Dodge. – Seja lá o que tenha feito, o merdinha sempre apresenta um comportamento transviado. O que estou pensando é que ele passou a assassinato.

Julie riu secamente. – Ele é o transviado e eu sou a principal suspeita.

– Mantenha-se à frente deles, Dodge – disse Derek ao investigador.

– Estou em cima.

Ele desligou. Pensativo, Derek tamborilava o telefone nos lábios.

– E agora? – Ela gesticulou na direção da TV. – O filme não nos deu a solução.

– Ainda não o descartaria como sendo insignificante. – Ele estudou a tela vazia da TV, como se estivesse vendo as imagens, depois olhou para Julie. – Não era o caso de Billy Duke ter um acervo de DVDs para passar seu tempo no Pine View Motel. Ele só tinha um. Esse. Por que esse filme, especificamente? Eu nunca tinha ouvido falar a respeito até hoje. Será que foi o Creighton que deu ao Billy Duke? Quando? E onde? – Ele bateu o pulso fechado na palma da outra mão. – Droga! Por que não conseguimos estabelecer a ligação entre eles?

– Eu estava apostando minhas esperanças na garota que identificou Billy Duke. Mas, segundo Dodge, ela não tinha nada de útil para dizer a Kimball.

Subitamente, ele parou de andar de um lado para o outro.

– Lembra-se mais cedo, quando eu disse que a lei criminal 101 era dinheiro como motivo?

– Sim.

– Sabe o que é a lei 102?

– O quê?

– Todo mundo mente.

Creighton deixou a propriedade dos pais pela saída de serviço, de modo a evitar os repórteres que estavam na frente, esperando algo. Ele foi para seu condomínio e passou uma hora e meia em sua academia particular, exercitando-se até que seu corpo ficasse coberto de suor.

Secou-se com a toalha, depois deitou na câmara de bronzeamento para igualar os tons da pele. Em seguida, ele fez uma sauna de quinze minutos, para suar quaisquer

impurezas e removê-las de seu corpo. Depois veio um banho com bastante espuma, e a banheira de gelo para fechar os poros. Passou fio dental antes de escovar os dentes, limpando-os tão vigorosamente que, ao cuspir, a pasta de dentes estava tingida de sangue.

Ele cortou e lixou as unhas. Usou uma máscara esfoliante no rosto e em seguida aplicou um tonalizante, que deixou sua pele lisa e formigando. Secou os cabelos com o secador e a escova.

Antes de se vestir, ele parou para admirar seus infinitos reflexos lançados nas paredes espelhadas do banheiro. Podia ver sua forma nua polida de todos os ângulos. Não encontrava uma única falha.

De costas, ele parecia a estátua de Adônis. Era perfeitamente proporcional, com músculos tonificados dos ombros até o quadril. Suas nádegas eram rijas, ligeiramente côncavas nas laterais, lindamente arredondadas onde se fundiam com as coxas. As horas na quadra de tênis tinham moldado suas panturrilhas.

Ele gostava ainda mais de frente. O que havia para não gostar? Cabelos alourados pelo sol. Olhos água-marinha. Um nariz que nem mesmo o cirurgião plástico mais especialista e caro poderia melhorar. Seus lábios eram bem moldados e sensuais, nem muito pigmentados, nem pouco. A beleza da boca era realçada pelo maxilar quadrado e angular.

Ele não tinha pelos no peito. Se tivesse teria mandado tirar. Pelos no peito lembravam homens que roíam ossos de animais grandes e copulavam com mulheres de pés imundos. Repulsivo.

Seu peito era liso e dourado. Ele pegou nos mamilos e quando estavam rijos, apertou-os até que o prazer se transformou em dor. Seu pênis remexeu, depois cresceu inchando. A beleza do membro lhe trouxe lágrimas aos olhos.

Ele se masturbou lentamente, indo devagar, desfrutando o prazer de fazer amor com as infinitas imagens de si mesmo que o cercavam. Seu clímax o deixou fraco, porém, eufórico.

Ele se vestiu com roupas que nunca tinha usado. Era uma noite importante e ele queria estar com sua melhor aparência. Infelizmente, ninguém saberia disso, exceto ele. Se ele ao menos pudesse compartilhar a forma brilhante como pegara a trama de um filme e transformara num drama da vida real.

Julie estava levando o crédito por Billy Duke, assim como Billy Duke tinha recebido o crédito pelo tio Paul. Ninguém sabia, ou jamais saberia, que Billy tinha sido apenas um facilitador. Creighton era o mentor.

Na verdade, era uma pena que lhe fosse negado o merecido reconhecimento. Mas ficar sem crédito era o preço que ele tinha de pagar por sua porção particular de brilhantismo. Ainda como adolescente, ele se conformara com o fato de que ninguém jamais saberia, nem poderia saber, de sua genialidade, exceto ele mesmo.

E suas vítimas, claro.

A protagonista dessa noite era particularmente inocente. Ela morreria num estado de espanto supremo, pois nunca, nem em um milhão de anos, ela esperaria por essa. O

perfeito corte súbito.

CAPÍTULO 26

Apesar do dia angustiante que tivera, Ariel conseguiu aprontar tudo para o jantar romântico às 19:30. O assado preencheu sua casinha com um aroma delicioso. A salada estava esfriando na geladeira. O Cabernet, aerando. O jarro de rosas estava no centro da mesa, ladeado por velas prontas para serem acesas.

Ela fora tão organizada que doze minutos tinham sido reservados para que tomasse banho e retocasse a maquiagem, antes de se vestir. Seu vestido de verão era preso no pescoço e escandalosamente curto.

Passou loção nas pernas raspadas e colocou as sandálias de salto alto, afofou os cabelos, passou perfume nos ombros e entre os seios, pendurou os brincos dourados nas orelhas e estava pronta.

Às 19:30, ela acendeu as velas, depois espiou pelo vidro da porta da frente, olhando a rua, à procura dele, imaginando se viria no Porsche. Imagine o que os vizinhos iriam pensar ao ouvirem o ronco do motor, o carro passando em frente às casas modestas e parando na frente da sua!

Às 19:30, ela checou o assado para ter certeza de que não estava secando.

Às 19:45, estava preocupada, mas não muito. Ele podia estar preso no trânsito. Por conta dos curiosos, um pneu furado no acostamento da rodovia podia deixar o trânsito lento, uma batidinha no para-choque podia parar tudo.

Às 19:50, ela disse a si mesma que morreria se ele lhe desse um bolo novamente. Morreria mesmo.

O que era isso? Semana pra jogar bosta em Ariel?

Hoje, mais cedo, quase tinha desmaiado, quando foi intimada à sala do chefe e apresentada a uma investigadora atarracada.

– Ela quer lhe fazer algumas perguntas.

Isso foi uma maneira de atenuar a verdade.

Durante a meia hora seguinte, a investigadora a interrogou a respeito de Billy Duke.

Isso aconteceu uma hora depois que Ariel tinha decidido que ele agora estava morto e ela o tiraria da cabeça para sempre. Era bem o estilo dele continuar sendo uma ameaça.

Ela assumira ter feito a ligação para o disque-denúncia da polícia, acreditando que isso demonstraria à investigadora o quanto era uma cidadã sólida. Mas ela não foi aliviada com tanta facilidade. Roberta Kimball tinha insistido, fazendo perguntas sobre Omaha.

– Ele chegou a morar com você lá?

– Não. Nunca. Ele passava a noite no apartamento, de vez em quando. Coisas assim. Mas era só isso.

Ela estivera particularmente interessada em saber quando Ariel tinha visto Billy pela última vez.

– Não vi mais desde seu julgamento. – Ela não contara à investigadora sobre sua tentativa de visitar sua casa ontem.

A investigadora citara suas ligações repetidas.

– Mas ele nunca dizia nada, nem eu. Eu sempre desligava.

– E quanto à colega com quem você divide a casa? Ela falou com ele alguma vez?

– Não. Carol está passando o verão em Athens.

A investigadora tinha perguntado se Billy Duke alguma vez mencionara Paul Wheeler ou Julie Rutledge.

– Não. Tenho certeza absoluta quanto a isso. Eu nunca tinha ouvido falar deles até a morte do Sr. Wheeler.

Ariel tinha respondido a todas as suas perguntas dizendo a verdade, mas não disse nada por iniciativa própria. A investigadora acabou parecendo satisfeita por Ariel ter dito tudo que sabia, vendo que interrogá-la mais seria um desperdício de tempo. Ela agradeceu a Ariel por sua colaboração e foi embora.

Ariel voltou aos seus afazeres, fingindo estar inabalada pelo interrogatório. Não tinha sido agradável, mas ela até que passou bem por aquilo. Billy estava morto. Seus dias de espreita sobre as mulheres tinham terminado. Logo as pessoas esqueceriam que ela o conhecera.

Mais uma vez, ela se determinou a não deixar que nada, principalmente o falecido Billy Duke, estragasse sua noite com Tony. Até o fim do dia de trabalho, tinha tirado a investigadora e tudo relativo a Billy da cabeça, permitindo-se a expectativa da noite por vir.

Como precaução, ela não atendera ao telefone. Ele tinha tocado várias vezes, em intervalos regulares, desde que ela chegara em casa. Ela não reconhecia o número e não havia nome de identificação da chamada. Temendo que Roberta Kimball estivesse ligando para outra rodada de perguntas, ela deixara a secretária eletrônica atender.

Ariel sabia que não era Tony. Nunca lhe dera seu número – nem o celular, nem o número de casa – e isso tinha sido intencional. Ela evitara porque, no fundo, tinha medo de que ele cancelasse.

Quando deram oito horas e ele não tinha chegado, teve certeza de que não viria. Como podia fazer isso com ela duas vezes? Como ela pôde ser tão inocente pela segunda vez? Ele devia achá-la a maior retardada do mundo. Se é que pensava nela.

Às 20:15, ela assoprou as velas e foi para o quarto mudar de roupa. Aos prantos, chutou as sandálias e estava erguendo as mãos para desamarrar a tira do vestido, atrás do pescoço, quando ouviu uma leve batida à porta.

Seu coração quase pulou do peito. Todas as coisas horríveis que pensara a respeito dele, todos os palavrões que xingara, sumiram de sua cabeça. Tonta de felicidade, ela correu até a porta e escancarou-a.

O nome dele morreu em seus lábios.

Enquanto Ariel Williams estava do outro lado da cidade, esperando pela chegada de seu encontro amoroso para o jantar, Derek estava gritando em seu telefone celular.

– O que você quer dizer com ela se acanhou?

– Você não sabe o que significa acanhamento? – Dodge disparou de volta.

– Sim, eu sei o que significa acanhamento, mas achei que você tinha dado um jeito nisso. Tudo que estamos pedindo é um endereço.

– Você não é um cara muito bem quisto na delegacia de polícia, doutor, caso não saiba. Por sua causa, muitos canalhas foram libertados. Agora está tentando livrar a cara daquele garoto, o Connor. Está fazendo estardalhaço, dizendo que os primeiros policiais na cena do crime ferraram as coisas, no sentido de juntar as provas, e que as informações justificatórias foram enterradas. Os policiais não ficam tão injuriados assim, desde o julgamento de O.J. O primeiro.

– Terminou?

– Eu só estou dizendo. Dá uma folga. Eu consegui a ficha juvenil, não consegui? Quase tive que chupar o pau do cara e qual é o agradecimento que recebo?

– Desculpe. Obrigado.

– De nada.

– Mas nós precisamos desse endereço, Dodge.

– Eu entendo. Mas se a fina nata da polícia de Atlanta não liga para quem matou seu cão, eles certamente não estarão dispostos a lhe dar informação, sendo, no caso, o endereço de Ariel Williams. E eu tenho um limite para forçar a barra com Dora. Ela é mãe solteira de dois filhos. Precisa resguardar seu emprego. Diz que se eles descobrirem que foi ela quem vazou a informação sobre a busca na casa da Srta. Rutledge e a autópsia, e...

– Tudo bem. – Derek esfregou a testa, cansado. Ele olhou para Julie, do outro lado do console de seu carro, que também estava ao celular, falando com Kate. Ao sacudir a cabeça, ela demonstrou que não estava tendo mais sorte que ele.

Dodge estava dizendo:

– As coisas realmente se complicaram agora que eles estão oficialmente procurando por Julie pela morte de Duke.

– Eu sei que você está fazendo o melhor, mas eu realmente preciso desse endereço. Ariel Williams pode ser a chave de tudo isso.

– Além disso...

– O quê?

– Bem, sabendo o tipo de cara que é Creighton Wheeler, eu fico meio preocupado com essa garota. Ele não deve ter gostado que ela tenha identificado Duke para a polícia.

– Isso é mais um motivo para encontrá-la logo. Volte àquela moça, sua amiga. Prometa que ela vai ficar em cima. – Derek fechou o celular.

Julie, que tinha finalizado sua ligação antes, ergueu as sobrancelhas, interrogativa.

– Não pergunte – disse ele. – A Kate teve alguma sorte?

– Ela ligou para a empresa onde Ariel Williams trabalha, mas, como já terminou o expediente, foi atendida pelo número de emergência. Ela ligou, mas era outra gravação, pedindo que deixassem o nome e número, e o tipo de problema, e alguém retornaria.

"Ela olhou todas as formas como Ariel Williams poderia figurar na lista telefônica, mas havia milhares de Williams, nenhuma delas era a correta, e se essa garota estava

recebendo ligações incômodas, era improvável que sequer estivesse listada.

"Uma busca no Google levou às páginas que Ariel tem no Facebook e MySpace, mas nenhuma delas tinha seu endereço residencial, e as postagens mais recentes foram há duas semanas. Kate passou um e-mail para ela. Nada de resposta. Ela ainda está pesquisando." Julie pegou uma batata frita que já esfriara, pensando a respeito, depois colocou de volta, desinteressada. "Eu me sinto mal por pedir à Kate que faça isso por mim."

– Ela quer ajudar. Disse que queria. Acha que lhe deve isso, depois de ter conversado com a polícia pelas suas costas.

– Eu sei que sua disposição de ajudar é verdadeira. Mas eu sou uma fugitiva. Ela está me acobertando.

– Ninguém perguntou se ela sabe onde você está.

– Porque ela não atendeu às ligações dos investigadores. Ela não atende ao telefone, a menos que saiba que sou eu. Isso é uma esquiva deliberada.

– O que não pode ser provado. Mesmo que eles perguntem a ela sobre seu paradeiro, ela pode dizer honestamente que não sabe, porque não sabe mesmo. – Ele olhou pelo para-brisa do carro, para os arcos em neon do McDonald's. Eles tinham feito o pedido pelo drive-thru, depois estacionaram para comer seus Big Macs enquanto faziam as ligações.

Derek achava que Ariel Williams poderia se abrir com eles com mais facilidade do que faria com uma investigadora ameaçadora como Roberta Kimball. De qualquer forma, valia a tentativa, então, eles começaram a ligar para ela assim que deixaram a casa de Lindsay, mas todas as vezes foram atendidos pela secretária eletrônica.

Já fazia quase três horas que eles esperavam que Dodge conseguisse alguma informação, como o endereço dela, mas, até agora, ele também nada conseguira. Ele não obtivera contato com nenhum de seus informantes do Departamento de Trânsito, nem da receita federal, que poderiam acessar os registros. E a policial estava intimidada.

– Ele vai continuar tentando passar uma cantada carinhosa nela – disse Derek.

– Não consigo imaginar Dodge passando uma cantada carinhosa.

– É um esforço.

Julie embrulhou o resto de seu hambúrguer e colocou de volta no saco, junto com as batatas fritas que não comera.

– Enquanto isso, eu sou uma fugitiva da justiça. Você acha que eles realmente podem me condenar?

– Sem chance.

– Você está falando com o coração, ou essa é sua opinião objetiva, profissional?

– Com o que eles têm, não podem condená-la. Aposto minha carreira nisso.

Ela esboçou um sorriso fraco.

– Acho que já apostou.

– E continuarei a fazê-lo.

– Não tenho tanto medo de ser julgada e condenada, quanto tenho de Creighton ficar

livre. Ele é mau, Derek.

Ele colocou os restos dentro do saco, junto com os dela.

– Não posso negar isso. Eu só voltei à minha casa uma vez desde que encontrei Maggie. Não quis voltar. Não consigo me imaginar naquelas salas sem ela. Foi um ato de brutalidade irracional. Ele fez por pura crueldade. Maldade, se preferir.

"Ele não apenas matou meu amado bicho de estimação, como também profanou a minha casa. Para mim, jamais será a mesma. Cada vez que penso nisso, o ódio borbulha dentro de mim. E sempre que Maggie me vem à cabeça..." Ele parou, sem conseguir continuar.

Julie se inclinou para o outro lado do console, colocou as mãos no rosto dele e o beijou suavemente nos lábios.

Quando ela se afastou, ele olhou todas as feições de seu rosto e sussurrou:

– Sabe aquele negócio que eu disse, no café da manhã, de conhecer e se apaixonar?

Ela assentiu.

– Bem, sabe da maior?

Ele fitou-a com olhar expressivo, até que o celular tocou. Ele abriu.

– Por favor, me diga que a Dora conseguiu.

– Talvez eu tenha que me casar com ela.

– Ariel Williams?

O sorriso alegre da jovem desapareceu, ao vê-los. Ela estava com o rosto corado e ficou evidente para Julie que andara chorando. Seu rímel estava borrado. Exceto pelos sapatos, ela estava vestida para uma ocasião especial, não para ficar em casa. Atrás dela, Julie viu a fumaça de velas que tinham acabado de ser apagadas.

– Ariel Williams? – Julie repetiu.

Sem voz, ela sacudiu a cabeça.

– Meu nome é Julie Rutledge.

Ela engoliu em seco.

– Eu sei quem você é.

– Como? – perguntou Derek.

Ela desviou os olhos para ele.

– Eu a vi na TV. No noticiário.

– Meu nome é Derek Mitchell. – Como ela não disse nem fez nada diante disso, ele disse: – Gostaríamos de falar com você.

– Sobre o quê? Se for sobre Billy, eu já contei tudo que sei à polícia. – Seu lábio inferior tremeu ligeiramente. – E esse não é um bom momento.

– Você sabe como o Billy Duke morreu? – perguntou Julie.

– Você o esfaqueou, ou algo assim.

– O médico-legista acredita que ele tenha morrido de falência do fígado, devido a uma overdose de drogas.

Os olhos de Ariel, brilhando das lágrimas recentes, se arregalaram.

– Eu nunca soube que ele usava drogas.

– Ele caiu em cima da faca que eu estava segurando para me proteger, mas morreu de overdose de um remédio comum. Eu não dei a ele. Nós, o Dr. Mitchell e eu, acreditamos que um homem chamado Creighton Wheeler fez isso. – Julie parou, depois disse: – Por favor, Ariel, podemos entrar, só por alguns minutos? Prometemos que não vamos demorar. É muito importante, ou não obrigaríamos você a isso.

A garota desviou os olhos de um para o outro, depois suspirou.

– Acho que tudo bem.

A porta abria diretamente em sua sala. Ela gesticulou para eles, em direção ao sofá, que tinha um forro de musselina, e almofadas soltas coloridas. O sofá e uma cadeira de balanço eram as peças principais na sala. Havia algumas mesinhas e luminárias sem combinar, e pôsteres de viagens emoldurados. Era uma decoração feita com economia, mas com bom gosto quanto à cor e proporção, fazendo com que Julie se lembrasse de seu primeiro apartamento em Paris. Era uma sala agradável e muito arrumada.

Ariel sentou na cadeira de balanço e, para Julie, ela parecia indiferente a eles e ao motivo que os trouxera a sua porta, sem serem anunciados. A mesa estava posta com pratos e taças, flores e velas. Havia uma garrafa de vinho aberta, mas intocada.

Julie viu Ariel olhando a garrafa, tristonha.

– Você está esperando um convidado?

– É, mas ele... parece estar meio atrasado.

Isso explicava as velas recém-apagadas e as bochechas manchadas de rímel.

– Ele está perdendo – disse Derek. – O cheiro está ótimo e esse vestido é um arraso.

– Obrigada. – Ela corou. – Então, o que querem saber?

– Primeiro, como você conheceu Billy Duke.

Ela revirou os olhos.

– Eu lamento por aquele dia. Minha amiga e eu estávamos na boate.

– Isso foi em Omaha? – perguntou Derek.

Ela confirmou.

– Billy apareceu na boate em que estávamos. Nós ficamos junto com ele, naquela noite. Então, ele passou a frequentar o local regularmente. Ele era bonitinho. Amistoso. Andava bem-vestido, tinha um carro legal e não se importava em pagar as rodadas de bebida. Estava sempre se gabando, bancando o garanhão, sempre ostentando dinheiro. Mas nunca foi específico quanto ao que fazia para ganhar a vida. Agora eu sei por que ele não falava de seu trabalho. Ele era um vigarista profissional.

– Você não sabia, inclusive depois, que ele estava envolvido com a viúva e roubando-a?

– Deus, não! Mas depois eu comecei a desconfiar que ele fosse inconstante.

– O que a fez desconfiar?

– Ele não aparecia nos encontros. Evitava dar respostas diretas a perguntas diretas. Desaparecia durante dias, depois aparecia com flores e vinho, mas sem uma explicação quanto a onde estivera. Todos os sinais de que estava saindo com mais alguém. – Ela se dirigiu à Julie. – Mas você sabe como nós, mulheres, somos. Detestamos admitir o que no fundo sabemos.

Ela novamente olhou a mesa e sua expressão de decepção comoveu Julie. Ela parecia uma menina meiga e estava magoada. Voltando a eles, ela disse:

– Quando Billy foi preso, eu vi a oportunidade de um novo começo. Convenci Carol a...

– Carol? – perguntou Derek.

– Minha amiga, que divide a casa comigo.

– Eu a convenci a deixar Omaha e ir para um lugar novo. Ela e eu nos mudamos para cá. Adoramos de cara. O jeito que as pes soas falam. – Ela franziu as sobrancelhas. – Não fiquei tão chocada quando Billy foi acusado de extorsão. O julgamento e tudo mais. Depois eles o soltaram! Eu não pude acreditar!

– O promotor foi desleixado – disse Derek. – Ele não deveria ter baseado o caso todo no depoimento da vítima. No instante em que a viúva morreu, ele perdeu.

Ariel olhou-o estranhamente. Julie disse:

– Ele é um advogado de defesa.

– Ah.

Derek continuou:

– Billy a seguiu até Atlanta.

– Também não pude acreditar nisso. Já era um novo começo, em outro lugar. Da primeira vez que ele ligou e se identificou, eu fiquei furiosa e desliguei imediatamente. Ele não tinha o número do meu celular, mas continuou a ligar para o telefone de casa.

– Nós conhecemos o modus operandi – disse Derek. – Ele não falava nada. E você desligava.

Timidamente, ela abaixou a cabeça. Derek deu uma olhada em Julie, e ela sabia que ele sentiu que era mentira.

– Eu disse àquela investigadora... Srta. Kimball? Eu disse a ela que nunca falei com ele. Mas isso não é totalmente verdade. Ele tinha ligado pra cá, na mesma noite em que eu havia ligado para o disque-denúncia da polícia, dando seu nome. Eu já estava farta daqueles telefonemas imbecis. Gritei com ele, disse o quanto eram patéticas as ligações e que aqueles joguinhos telefônicos eram infantis, e ordenei que parasse. Claro que ele não parou. Continuou ligando até a noite da véspera de sua morte. Ele ligou de um número que eu não reconheci, então, eu atendi. Mas era ele.

Julie franziu o rosto.

– Ele disse alguma coisa?

– Ele tentou, mas estava meio enrolado. Eu não... – Ela cobriu a boca com a mão. – Ai, meu Deus. Vocês acham que ele já estava drogado? Estava ligando para pedir ajuda? Eu tirei o telefone do gancho – disse ela, aflita.

– Você achou que fosse outro trote – Derek disse a ela, amistosamente. – Essa foi a última vez que você teve notícias dele?

Ela desviou o olhar de um para o outro enquanto mordiscava o lábio inferior. Não poderia parecer mais culpada e Julie percebeu que essa jovem não poderia mentir de forma convincente, independentemente do quanto tentasse. Roberta Kimball não devia ter feito as perguntas certas.

Derek disse seu nome, baixinho, como se estivesse amansando um potrinho

assustado.

– Tem mais alguma coisa?

Ela hesitou, depois falou:

– Billy veio aqui ontem. Mas eu estava no trabalho. – Ela contou toda a história sobre a vizinha idosa que morava do outro lado da rua. – Ela o viu batendo à minha porta. Gritou, perguntando o que ele queria. Ele disse que queria falar comigo e era questão de vida ou morte. Ela disse que ele não estava com uma aparência muito boa. Na verdade, achou que estivesse drogado. Imaginei que fosse apenas a impressão de uma velhinha, mas acho que ela estava certa. De qualquer forma, ele a assustou. Ela correu pra dentro e trancou a porta.

As lágrimas encheram seus olhos.

– Agora, eu acho que ele talvez estivesse me procurando em busca de ajuda. Nossa, eu me sinto terrível. Quero dizer, eu não suportava o cara, ele era um safado, mas se estava morrendo... – As lágrimas transbordaram e rolaram por suas bochechas. – Por que ele não foi para o hospital?

– Talvez ele não soubesse que tinha ingerido uma dosagem letal – supôs Derek.

– Se ele fosse para o hospital, teria sido preso – disse Julie. – Ele não queria isso. – Ela esticou o braço e pousou a mão sobre as mãos enlaçadas de Ariel. – Mas eu entendo exatamente como você se sente. Ele esteve dentro da minha casa. A polícia acha que ele passou um bom tempo lá. Horas, talvez. Acredito que ele tenha ido lá plantar uma prova, para me fazer parecer culpada pela morte de Paul. Mas ele também estava morrendo. Eu não sabia disso. Reagi como qualquer um que achasse estar sendo atacado.

– Eu nunca achei que você tivesse a intenção de matá-lo – disse Ariel. – Quando ouvi no noticiário o que tinha acontecido, eu sabia que tinha de haver alguma outra explicação. Uma overdose. Nossa. Quem você disse suspeitar ter dado isso para ele?

– O sobrinho de Paul Wheeler, Creighton – disse Derek.

– O nome parece familiar. Ele também apareceu na televisão?

– Não – disse Julie, dando uma olhada para Derek. – Ele evita publicidade. Seu nome é familiar para você, porque a polícia o interrogou várias vezes.

Os olhos da garota se acenderam.

– Ele tinha um álibi. Agora eu me lembro.

– No entanto, Julie e eu achamos que ele conspirou para que o tio fosse assassinado.

– Com Billy?

– Sim. Nós achamos que eles firmaram um acordo em Omaha, que Creighton matou a viúva que estava prestes a testemunhar contra Billy, depois alegou que Billy lhe devia.

– Nossa. – Ariel ficou imaginando tudo. – Então, depois que Billy tivera sua serventia, o sobrinho o queria fora de cena?

– É nisso que acreditamos – disse Julie a ela. – Infelizmente, não temos como provar. Por isso viemos até você. Tínhamos a esperança de que você talvez nos dissesse algo.

– Tipo o quê?

– Algo que ligasse Creighton e Billy – disse Derek.

– Eu lamento. Não posso. Nunca o ouvi mencionar alguém chamado Creighton.

– E quanto aos amigos de Billy em Omaha?

– Se ele tinha algum amigo, eu não conheci.

Derek inclinou-se para a frente.

– Ariel, eu não quero assustá-la, mas Creighton já machucou pessoas. Não estou supondo, nem fazendo acusações falsas. Os crimes violentos que ele cometeu são uma questão de registro. Se ele considerava Billy Duke uma ameaça que precisava eliminar, talvez ele pense isso de você também.

– Eu? – Ela deu um gritinho. – Eu nunca o conheci.

– Mas você era ligada a Billy. Você identificou Billy à polícia. Creighton pode recear que Billy tenha lhe contado algo sobre ele.

Ela olhava os dois, desesperada.

– Ariel. – Julie esticou o braço e tocou novamente em sua mão. – Como Derek disse, nós não queremos alarmá-la. Mas caso Creighton se aproxime de você, afaste-se dele o mais rápido possível e chame a polícia.

– Ou a polícia, ou um de nós. – Derek tirou um cartão de visita do bolso e entregou a ela. – Aqui estão todos os meus números, o celular de Julie, o telefone do meu investigador. Seu nome é Dodge. Ele sabe a seu respeito. Irá atender imediatamente. É um cara legal para ter do seu lado.

Ela pegou o cartão e segurou firme.

– Não quero ficar aqui sozinha. Vou pedir à Carol para voltar.

– Boa ideia. – Derek sorriu para ela, tranquilizando-a. – Eu realmente acho que se Creighton fosse abordá-la, a essa altura, já teria feito. – Ele olhou para Julie. – Mais alguma coisa?

– Apenas tome cuidado, Ariel, e mantenha contato. Eu gostaria de saber como você vai indo.

Meio encabulada, ela disse:

– Foi triste o que aconteceu com o Sr. Wheeler.

– Sim, foi. Obrigada.

Todos eles levantaram e caminharam até a porta. Derek deu uma olhada de volta para a mesa.

– Seu convidado para o jantar te deu o bolo?

Ariel suspirou.

– É o que parece. Era para ele estar aqui há mais de uma hora.

– Qual é o nome dele? Vou caçá-lo e dar-lhe uma surra por você.

Ela deu uma risadinha, corando novamente, diante da atenção de Derek.

– Seu nome é Tony. Na verdade, Bruno, mas o apelido é Tony.

– Não é de se admirar – frisou Derek. – Qualquer que seja seu nome, ele é um tolo em dispensar um encontro com você.

– Obrigada – disse ela, corando profundamente.

Eles apertaram a mão dela, depois desceram pelo caminho da calçada, até o carro de Derek.

– Ela é bonitinha. Meiga – disse ele. – Sinto por ela, uma pena ter se envolvido com um assassinato e essa confusão, sem que nada tenha a ver com ela.

– Eu também. Pra completar, o cara deu um bolo.

– Que babaca.

– Na hora em que ela abriu a porta, eu logo vi que algo estava errado. Depois, eu vi a mesa e... – Julie parou de repente, e o agarrou pelo braço. – Ai, meu Deus!

Ela deu meia-volta e saiu correndo até a casa.

– Julie? O que foi?

– O nome dele – gritou ele de volta para ele. – Acabei de perceber.

– O nome dele?

– Bruno. Esse é o nome do assassino em Pacto sinistro.

– Meu Deus, você está certa.

Julie chegou primeiro à porta de Ariel e começou a bater com força e gritar seu nome. A garota abriu, de olhos arregalados de medo.

– O que foi agora?

– Bruno – Julie disparou. – Qual era seu sobrenome?

– Anthony. Por isso que o chamam de Tony.

Julie olhou para Derek.

– Bruno Anthony.

– Por quê? – perguntou Ariel. – Qual é o problema?

– Como ele é, Ariel?

– Ele é... muito bonito. Quero dizer, lindo de morrer.

– Alto? Magro? Louro? De olhos azuis?

Ela assentiu.

– Bem-vestido? Muito cortês?

– Como sabem?

– Esse é Creighton Wheeler.

A jovem deu um passo para trás.

– Quando você o conheceu? – perguntou Derek.

– Algumas noites atrás.

– Onde? Como? Ele a abordou?

– Sim. Na... na Christy's. No bar, sabe? Eu... eu o vi me encarando. Ele... ele veio e começou a conversar e me pagou um drinque. – Ela contou a eles sobre ele tê-la convidado para um café, depois ter saído correndo, deixando-a para trás. – O manobrista me disse que ele foi embora com outra mulher.

– Deve ter sido eu – disse Julie, dirigindo-se a Derek. Depois, de volta a Ariel: – Eu talvez tenha salvado a sua vida naquela noite.

– Provavelmente por isso ele estivesse tão zangado, quando foi à minha casa, depois daquele encontro – disse Derek. – Você estragou os planos dele para Ariel.

Ela choramingou: – Planos dele, para mim?

Num gesto protetor, Derek pousou a mão em seu ombro.

– Nossa, estou muito feliz porque a encontramos essa noite.

– Sim, graças a Deus – respirou Julie.

Ariel não compartilhava o alívio.

– Por que ele ia querer me machucar?

– De alguma forma, ele ficou sabendo, talvez através de Billy, que provavelmente foi você que o identificou para a polícia. E você disse que Billy era de se gabar. Talvez Creighton temesse que, na esperança de ganhar de volta o seu afeto, Billy fosse se gabar por estar em parceria com um cara rico, sobre matar seu tio para ele.

– Na esperança de ganhar de volta o meu afeto?

– Depois que ele a traiu com a viúva.

Confusa, Ariel olhou para os dois.

– Não foi a mim que Billy traiu. Ele não era meu namorado. Era namorado de Carol.

CAPÍTULO 27

– Carol Mahoney?

O rosto dela – ele só conseguia ver metade – era um misto de surpresa e cautela. Os olhos dela remexiam, olhando além dele.

– Sim?

Creighton sorriu.

– Graças a Deus. Tive um trabalho terrível para encontrá-la.

Ela abriu a porta somente até onde a corrente permitia. Ele a reconheceu das fotos que acompanhavam os relatos sobre o julgamento de Billy em Nebraska.

– Quem é você?

– Desculpe. – Ele abriu outro sorriso. – Peter Jackson – disse ele, apostando que ela não sabia distinguir diretores de cinema, nem mesmo os ganhadores do prêmio da Academia. – Sou escritor de matérias para o The Atlanta Journal.

O rosto dela, já inchado de chorar, ficou hostil.

– Não quero falar com nenhum repórter.

Antes que ela pudesse fechar a porta, ele disse:

– Ariel me disse que você era muito tímida com a imprensa. Ela me alertou que você provavelmente bateria a porta na minha cara.

Ela hesitou.

– Você falou com Ariel?

– Pessoalmente, não. Ao telefone. – Citar o nome de sua amiga e confidente tinha ajudado, mas havia indecisão em seus olhos marejados. – Olhe, eu espero enquanto você liga para ela e verifica. – Era um blefe e, enquanto ela estava argumentando a respeito, ele estava pensando Tire-me dessa varanda, antes que alguém passe de carro e me veja.

– Não quero incomodar Ariel essa noite – disse ela. – Ela tem um convidado que vai lá jantar.

Ele riu.

– Ah. Esse deve ter sido o motivo para que ela parecesse sem fôlego ao telefone.

– Ela acabou de conhecê-lo, está empolgada.

Sou bom, ou não?

– Então, fico ainda mais contente por ela ter cedido um tempo para falar comigo. Receio que eu tenha sido persistente.

– Imagino que queira perguntar sobre Billy?

– Billy Duke é uma grande manchete hoje. Morrer na casa da amante de sua vítima. É algo e tanto.

A expressão dela ficou amarga.

– Não se você conhecesse Billy.

– Eu não conheci. É por isso que eu queria lhe fazer algumas perguntas. Ter sua impressão sobre ele.

– Não quero falar sobre ele. Não quero passar por isso de novo.

– Pelo que passou em Omaha?

– Você sabe sobre isso?

Ele deu um sorriso triste.

– Precisei fazer minha pesquisa, Carol. Esse é meu trabalho.

– Então, eu lamento, Sr...

– Jackson. Pode me chamar de Peter.

– Você parece legal, Peter, e eu lamento que tenha dirigido até aqui, tenha tido o trabalho de me encontrar. Mas não quero comentar. – Novamente, ela estava prestes a fechar a porta. Claro que ele poderia ter enfiado o pé, arrebentado a corrente frágil, mas não era assim que queria fazer aquilo. Seria melhor se não houvesse qualquer sinal de entrada forçada.

O corpo dela seria encontrado dias depois e a identidade do agressor permaneceria um mistério. Até então, ela não tinha notado que ele havia chegado sem carro. Ele estacionara no fim da rua, numa moita, fora de vista. A casinha não poderia ser mais bem posicionada para o que ele estava prestes a fazer. Se ele estivesse à procura de locações para um filme em que uma mulher estivesse em perigo, ali teria sido perfeito. Ficava fora da via principal, não tinha um endereço discernível e o vizinho mais próximo estava a um quilômetro de distância.

– Eu compreendo sua reserva – disse ele, rapidamente, antes que ela fechasse a porta. – Nossa, afinal, depois do que aconteceu em Omaha, quem pode condená-la? Mas eu quero lhe dar um alerta justo. Um dos meus colegas está fazendo uma página de capa sobre Billy Duke que será veiculada amanhã. Você é mencionada. Li o rascunho e não estava muito lisonjeiro para você. Ele passou a ser um misógino de carteirinha depois que a mulher o abandonou.

Baixando o tom de voz para uma entonação de empatia, ele disse:

– Minha história teria um viés diferente sobre você e seu relacionamento com Billy. Eu não vou pintá-la como uma das vagabundas...

– O outro repórter me chamou de vagabunda?

Creighton sacudiu os ombros, impotente.

– Ele é um babaca. Eu vou esclarecer as coisas. Mas não posso fazê-lo, se você não falar comigo.

Através da fresta da porta, ela o olhou de cima a baixo, e ele viu que suas defesas estavam enfraquecendo.

– Eu estava tomando um copo de vinho na varanda dos fundos. Quer dar a volta?

Ele sorriu, virou-se e foi contornando a casa. Se ela não mudasse de ideia e ligasse para Ariel, ele estaria são e salvo.

Havia uma ironia incrível ali. Carol Mahoney tinha escapado das garras do suspeito de assassinato Billy Duke, para acabar sendo assassinada por uma pessoa não identificada, aparentemente, sem motivo.

Ele podia até imaginar um dos policiais locais arriscando um palpite de que ela havia sido morta por um cliente do bar esportivo onde trabalhava, onde toda noite espremia seus peitos volumosos numa camisetinha dois tamanhos menor, onde ela carregava

bandejas de asas de frango e canecas de cerveja acima da cabeça, provendo uma vista desobstruída de seus peitos para uma galera de beberrões e babuínos excitados.

Ela os provocava e insultava para ganhar gorjetas melhores.

Seria concluído que um deles teria se cansado de ser provocado.

Qualquer um que assistisse a um filme de terror sabia que a piranha sempre morria. A contagem de cadáveres de garotas mal comportadas superava em muito as virtuosas. A amiga promíscua de Jamie Lee Curtis, em Halloween. Diane Keaton em À procura de Mr. Goodbar. A lista era infinita.

Mas havia problemas com isso. Primeiro, como ele dissera a Billy, ela era uma ponta solta que ele não podia se dar ao luxo de manter. Se Billy havia sido imbecil o suficiente para usar o celular inúmeras vezes e fazer ligações para a casa que Carol dividia com Ariel, então, só Deus sabia as imbecilidades que ele talvez tivesse feito. Creighton não estivera em posição de perguntar a Ariel se ela cedera, dizendo a Billy onde encontrar sua ex-namorada. Mas Creighton presumira que ela o tivesse feito. Pois, pelo que ele sabia, Billy vinha abrindo seu coração para Carol havia dias. Talvez semanas. Pelo menos o problema do telefone tinha sido resolvido. Ele estava no fundo do Lago Stone Moutain, a menos que um peixe o tivesse engolido.

Segundo, ele prometera a Billy que faria isso e, embora Billy estivesse morto, havia sido seu parceiro, e Creighton sentia honra em manter sua palavra.

Terceiro, ele queria.

Ele já havia torturado pessoas e isso resultou num prazer imenso, mas, no fim, o ápice havia sido estrangular aquela viúva desgrenhada, até sentir a vida deixando seu corpo. Tinha sido foda e fantástico. Na verdade, isso era impreciso. Tinha sido infinitamente superior a uma foda. Nenhuma comida, nem bebida, nem droga, nem alta-costura, nem carro, nem sexo, nada se igualava àquela onda de prazer. Aquele êxtase tinha de ser especificamente por tirar a vida de outra pessoa, de interpretar o papel de Deus daquele ser, o ditador de seu destino.

Desde o momento em que a viúva ficou desfalecida, ele queria sentir novamente aquela excitação. O tio Paul não contava. Na verdade, nem Billy. Ele não teve a chance de vê-los morrer. Para chegar àquela emoção, tinha de ser uma experiência de mão na massa.

Finalmente, Carol tinha traído Billy quando testemunhou contra ele, e não deveria ser permitido a ela, realmente, escapar impune sobre isso.

Ariel só continuaria vivendo porque alguém no Christy's poderia se lembrar de tê-la visto com ele. Sem dúvida, a pobre garota ficaria devastada quando descobrisse o assassinato da colega. Sua lealdade a Carol era clara. Ela tinha se esforçado muito para deixar Omaha. Ela suportaria o incômodo de Billy para proteger Carol de maiores envolvimentos com ele.

Claro que ela jamais ligaria o assassinato de Carol a Creighton. Se algum dia viesse a descobrir que o desprezível que lhe dera dois bolos não era Bruno Anthony, mas ninguém menos que Creighton Wheeler, havia uma explicação simples: ele sempre usava um nome falso ao conhecer uma mulher, evitando que ela fizesse a ligação entre

ele e as Organizações Wheeler. No instante em que as mulheres descobriam seu verdadeiro nome, elas grudavam. Tornavam-se sanguessugas sedentas pela fortuna da família. Portanto, ele raramente dizia seu nome verdadeiro a uma mulher que tivesse acabado de conhecer.

Se essa descoberta preocupasse Ariel a ponto de levar a questão à polícia, ele poderia verdadeiramente dizer que seus encontros com ela tinham sido aleatórios, ambas as vezes. Estando meio alegrinha por conta dos martínis de maçã, ela podia ter mencionado algo sobre uma ex-ligação com um criminoso, mas – meu Deus! – quem poderia imaginar que ela estava se referindo a Billy Duke, o assassino sangue-frio de seu tio? Qual seria a probabilidade disso?

Os investigadores poderiam achar que as chances eram bem remotas, mas não conseguiriam provar nada. Ele e Ariel tinham se encontrado duas vezes, no mesmo bar, por pura coincidência. Ele nunca havia ligado para ela, nem ela para ele. Sim, ele tinha marcado um jantar com ela, depois mudou de ideia. É certo que ele era um grosseiro por ter dado o bolo. Mas furar um encontro, ou até partir seu coração, não era um delito criminoso.

E agora que ele sabia que ela estava ligada ao assassinato de seu tio Paul, mesmo remotamente, bem... Graças a Deus que ele tinha confiado em sua intuição e furado o encontro do jantar.

Tudo isso lhe passou pela cabeça, ao contornar a casa. Carol estava esperando junto à porta de tela da varanda dos fundos, servindo um vinho cor de urina num copo comum.

Ele notou que a grama começava a vários metros de distância da fundação da casa e que a terra pura ao redor estava úmida. Estava torcendo para que pegadas não fossem deixadas na lama. Não que ele tivesse deixado de tomar suas precauções em relação a isso. Estava calçando sapatos que comprara antes de ir para Nebraska. Eram horríveis e estragavam a perfeição de seu guarda-roupa, mas, se alguma pegada fosse descoberta, seria rastreada de volta ao Wal-Mart, onde centenas de milhares de homens da grande Atlanta poderiam ter comprado sapatos. Creighton tinha pagado em espécie.

Observação para si mesmo: livre-se dos sapatos essa noite. Ele não ia chorar por causa dos troços horríveis.

Ele parou na margem da grama e assentiu na direção do vinho.

– Quanto você já tomou hoje?

– Não o suficiente.

– Ou muito. Você precisa trabalhar essa noite. Eu fui até o bar onde Ariel disse que você estaria. – Na verdade, ele colocou um conjunto esportivo por cima da roupa, fingindo ser um corredor se alongando por conta de câimbras na panturrilha, enquanto ficou espreitando o bar, por uma hora. Como não a viu, ele procurou por ela na casa da amiga, tendo que realizar um trabalho de investigador para isso.

Ariel ajudara com o restante.

Nunca estive lá, mas ela me disse que fica no fim de uma estradinha rural. É um lugar muito legal. Meio antigo, mas charmoso, sabe? Tem uma vinha de hera que cobre uma

parede inteira. Acho que a casa era da avó da garota, ou algo assim.

Obrigado, Ariel.

Carol estava dizendo o que ele já havia deduzido.

– Liguei dizendo que estava doente e não ia trabalhar hoje.

– Quem pode condená-la?

– Ariel. Eu disse a ela que não estava a fim de ficar servindo drinques essa noite. Ela me disse para ir. Ela disse que havia tirado Billy da cabeça e eu também deveria fazê-lo. Acho que ela se recuperou mais depressa que eu. De qualquer forma, ela achou que eu deveria ir trabalhar. Mas eu simplesmente não consegui.

Ele olhava em volta, assimilando o cenário. Escolhendo o local. Ele gesticulou para uma linha de árvores a quase trinta metros de distância.

– O terreno termina ali?

– Não sei exatamente onde fica o limite do terreno. Sei que há um córrego ali atrás, em algum lugar, um cemitério indígena.

– Vamos caminhar.

– Caminhar? Está escuro.

– O que torna tão agradável. A lua está saindo. – Sorrindo de forma cativante, ele estendeu a mão. – Acho que você precisa sair de casa. Ficou enfurnada o dia todo, não foi? Tentando entender seus sentimentos conflitantes sobre Billy? Você o detestava, mas depois se envolveu com ele e não consegue evitar se sentir mal pela forma como ele morreu.

Ela baixou a cabeça.

– Exatamente isso.

– Eu logo vi que você tinha andado chorando. Se for algum consolo para você, pelo que ouvi dizer daquele cara, ele não vale uma única lágrima. Principalmente sua. Venha. Você precisa de ar fresco.

E simplesmente assim, ela era sua.

Ela destravou e abriu a porta de tela. Estava de short e camiseta. Descalça. Suas unhas dos pés estavam pintadas de rosa-escuro. Ele deu uma olhada apreciadora em suas pernas.

– Ariel me disse que eu a reconheceria assim que entrasse no bar. Ela disse que você era um colírio para os olhos. Achei que estivesse exagerando. Mas não estava.

Ela fez um gesto constrangido.

– Obrigada.

Nesse instante, começou a tocar "I Will Survive", de Gloria Gaynor, em algum lugar dentro da casa. Carol parou e olhou para trás.

– É o meu celular.

Porra!

E assim que ele pensou isso, outro telefone começou a tocar.

– E esse é o telefone de casa. Alguém está tentando falar comigo.

– Maldito! – disse Creighton.

Carol olhou pra ele, assustada por sua veemência.

– Quem?

– Meu colega. O bastardo tem as mesmas fontes que eu. Só estou surpreso por ter conseguido encontrá-la primeiro.

– Por que ele estaria me procurando, se já escreveu a história?

– É assim que ele age. Ele escreve a história do jeito que for, tendo ou não precisão. Depois ele faz o protagonista discutir a respeito. Claro que o público acredita no que é publicado primeiro. – Com o ódio emanando em ondas, ele disse: – Você quer atender?

Ela hesitou, depois sacudiu a cabeça firmemente e começou a caminhar com determinação em direção às árvores.

– Não. Ele realmente parece um babaca.

Creighton esticou o braço para pegar a mão dela e ela o deixou segurá-la.

Com a outra mão, ele afrouxou a gravata.

– Investigadora Kimball?

– Srta. Rutledge? – A voz da investigadora soou surpresa, tensa, brusca. – Onde você está?

Julie estava em disparada. Ariel estava no banco de trás, aos prantos, rezando e freneticamente apertando os números em seu celular. Derek estava dirigindo feito um maluco.

– Ouça-me, por favor, investigadora – disse Julie. – Há uma jovem em perigo.

– Temos um mandado para prendê-la, Srta. Rutledge.

– E Derek e eu estamos com Ariel Williams.

– Ariel...

– Estamos a caminho de Athens, para encontrar a colega com quem ela mora.

– Carol Mahoney – disse a investigadora.

– Creighton Wheeler irá matá-la, se nós não o impedirmos.

Houve um breve silêncio, depois ela ouviu Kimball dizer:

– Encoste – e imaginou que ela estivesse se dirigindo a Sanford. – Do que está falando, Srta. Rutledge? O que Creighton Wheeler tem a ver com a colega de Ariel Williams? Como foi que a senhorita a localizou e o que...

– Tudo isso pode esperar. – Derek, que estava ouvindo no viva voz, entrou na conversa. – A vida dessa jovem está em perigo. Ligue para a delegacia de polícia de Athens, para o escritório do xerife do Condado de Clarke. Providencie para que alguém vá até... Ariel, onde ela trabalha?

Ela soluçava. – No... no... Red...

– Red Dog? – disse ele.

– Red Dog – afirmou ela.

– No Red Dog – disse ele, alto o suficiente para que Roberta Kimball pudesse ouvir. – É um bar esportivo. Todos os policiais das redondezas saberão onde é. Peça para que uma patrulha vá até lá. Ela precisa de proteção policial. Diga aos oficiais para que fiquem com ela.

– De que diabos vocês dois estão falando? – A voz de Sanford entrou na linha, como

se viesse do fundo de um poço. Ele também estava no viva voz. – Posso expedir um mandado de busca e apreensão para seu carro, Dr. Mitchell.

A ameaça nem abalou Derek.

– Pode. Isso levará tempo e então, se essa garota morrer essa noite, você pode carregar a culpa para seu túmulo.

– Por que Wheeler ia querer matar Carol Mahoney? – perguntou Kimball.

– Pela chance de que ela possa fazer a ligação entre o falecido Billy Duke e ele – disse Julie. Ela olhou de volta para Ariel. – Alguma sorte?

– Já liguei para o celular dela uma dúzia de vezes. Nada de resposta. Mas quando está no trabalho, ela geralmente não atende. Ela me liga de volta quando tem um intervalo. Ou trocamos mensagens de texto.

– Você mandou uma?

– Umas oito. Ela não respondeu. Imagino que ela possa estar sem bateria, embora nós duas sejamos cuidadosas quanto a isso.

– Você tem o número da casa onde ela está morando?

Ariel começou a teclar o número.

Durante essa conversa, Kimball e Sanford ficaram alternadamente gritando perguntas e fazendo exigências que foram todas ignoradas.

Agora Derek gritava de volta.

– Vocês vão ou não mandar alguém pra lá?

– Não vou – disse Kimball. – Não até que haja um motivo.

– Nós já lhe dissemos o motivo – retrucou Julie.

– A senhorita tem preconceito contra Creighton Wheeler, Srta. Rutledge – disse Sanford.

Olhando para Derek, Julie disse:

– Eu poderia contar a eles sobre a trama do filme.

– Filme? Disse filme? – gritou Kimball ao telefone. – Filme de quê?

– Isso seria um desperdício de tempo – disse Derek, somente para Julie. – E não levaria a nada. Não com a mente fechada que eles estão. – Falando mais alto, ele disse: – Poderiam pelo menos ver se conseguem localizar Creighton Wheeler?

– Por que motivo?

– Perguntem a ele onde ele deixou o corpo.

– Que corpo?

– Da garota que foi morta enquanto vocês dois estão de babaquice. – Depois, ele disse para Julie: – Desligue. – Ela desligou. – Deixe-os digerir isso por um tempo, vamos ver o que eles fazem.

– Ela também não atende em casa – disse Ariel, do banco traseiro. – Liguei cinco vezes. A secretária eletrônica sempre atende. Estava falando pra valer sobre o corpo dela? – perguntou, trêmula.

– Não, Ariel, isso foi só para chocar a polícia e fazê-los entrar em ação. – Mas ele desviou o olhar para Julie que sabia que ele também temia pela segurança de Carol Mahoney.

O telefone de Derek tocou.

– Dodge – disse ele a Julie.

Enquanto eles corriam da casa de Ariel para o carro de Derek, ele ligou para Dodge, disse que largasse tudo e seguisse de carro para Athens. Pediu que ele ligasse para obter mais informações quando estivesse a caminho.

Derek atendeu no segundo toque.

– Onde está você?

– A uns vinte minutos de distância.

– Como chegou aí tão depressa?

– Infringi a lei. A mais de 120km/h e furando todos os sinais vermelhos de Lawrenceville. Aonde devo ir, quando chegar lá?

– Ao Red Dog. É um bar...

– Conheço. Já estive lá em dia de jogo.

– Você vai procurar Carol Mahoney. Carol Mahoney. Ela é garçonete de lá. Espere um segundo. – Olhando para Ariel, pelo retrovisor, Derek pediu que ela descrevesse a colega, alto o suficiente para que Dodge ouvisse.

– Miúda. Cabelo escuro. Bonita. Seios grandes.

– Entendeu?

– Seios grandes.

– Ela vai ficar com medo de você, então, seja gentil.

– Eu sempre sou gentil.

– Diga que você está indo a pedido de Ariel. Chame-a num canto se puder. Não tire os olhos dela. Se ela quiser falar com Ariel, ligue pra mim.

– Por que estou fazendo isso?

– Nós achamos que Creighton Wheeler vai tentar matá-la. Mas não diga isso a ela.

– Onde está você?

– Atrás de você, mas já passei por todos os sinais vermelhos de Lawrenceville.

– Eu ligo – disse Dodge e desligou.

Julie subitamente tomou uma decisão.

– Eu mesma vou ligar para a polícia de Athens.

– E se entregar? – perguntou Derek.

– Vou deixar que Ariel fale com eles. Ela pode dizer que está preocupada com a amiga porque não teve mais notícias dela e pedir que um policial seja enviado à sua procura.

– Só faz algumas horas que elas se falaram. É isso que vão dizer.

– Mas eles têm que verificar, certo?

– Vale tentar – disse ele, sem parecer muito esperançoso.

Julie conseguiu o número da delegacia de Athens com o auxílio à lista.

– Sabe – disse Derek, ao teclar o número –, você está ao telefone há horas. A delegacia de Atlanta pode nos localizar assim.

– Teremos que correr o risco. – Passando o telefone para Ariel, ela disse: – Mencione que Carol foi amante de Billy Duke. Eles irão reconhecer o nome dele.

Ariel estava chorosa e assustada, às vezes, a ponto de parecer histérica. Julie não

tinha certeza se isso era ou não uma vantagem. Ela desligou depois de cinco minutos.

– Eles disseram que a cidade inteira está de cabeça pra baixo por conta dos preparativos da semana de comemorações nas fraternidades. Está todo mundo espalhado essa noite. Mas disseram que vão mandar alguém até o bar, para perguntar por Carol, quando puderem dispor de um policial.

Julie olhou para Derek.

– O que mais podemos fazer?

– Nada, exceto esperar que alguém nos retorne.

– Quanto falta?

Ele apertou o acelerador até o chão.

A investigadora Kimball fechou o celular, finalizando uma ligação.

– Sharon Wheeler disse que Creighton almoçou com eles, depois saiu porque tinha um encontro com uma garota. Ela não sabia com quem. Desde então, nem ela, nem o pai falaram com ele. Ela quis saber por que estávamos ligando e perguntou se podia ajudar. Você ouviu o que eu disse.

– Só estamos checando.

– Só estamos checando.

– Que impressão você teve?

– A ligação a deixou inquieta – disse Kimball. – Hoje eles foram informados do novo testamento. Ela começou a chorar, disse que eles estavam apreensivos quanto a contar a Creighton, sobre a "traição" de Paul. Isso é uma citação.

– Creighton ainda não sabe?

Kimball sacudiu os ombros, mas pegou o radiotransmissor.

– Vamos pedir para que alguém passe pelo seu condomínio, para ver se ele está lá, se seu carro está no estacionamento. – Ela falou com o despachante e pediu um retorno urgente.

Quando ela terminou, Sanford disse:

– Aquela conversa de filme. Julie Rutledge mencionou e Mitchell concordou.

– É. Sobre o que era aquilo?

Sanford flexionou e esticou o braço direito, como se estivesse se aquecendo para receber uma bola. Você se lembra da primeira vez que nós interrogamos Creighton?

– A empregada nos serviu chá doce e biscoitinhos caseiros.

– É disso que você se lembra?

– Precisei suar as calorias no dia seguinte. Do que você se lembra?

– Eu perguntei a ele qual era sua função nas Organizações Wheeler. E ele disse: "Eu sou o rei do mundo!"

– Eu me lembro, sim. Ele abriu os braços e gritou isso.

– Ahã. Como Leonardo DiCaprio, em Titanic. Meus filhos já assistiram àquele filme mais de doze vezes. Eles adoram. Eu fico provocando, dizendo que o fim nunca muda. O navio sempre afunda.

– Achei que ele só estivesse sendo um babaca – disse Kimball. – Esfregando na cara

de dois policiais mal pagos o fato de não ter que fazer nada na empresa da família.

– Foi isso que eu também pensei. Uma forma meio estranha de dizer isso. Uma parte do diálogo de um filme.

– Então, o que isso significa?

– Eu sei lá.

O despachante interrompeu para transferi-los ao policial que se encontrava no prédio de Creighton Wheeler. Ele disse:

– O Porsche dele está na vaga.

– Ah – disse Kimball, meio decepcionada.

– O Land Rover também.

– Ele tem um Land Rover?

– E uma SUV. A vaga dessa está vazia. Uma das outras proprietárias estava na garagem, quando cheguei aqui. Ela disse que Wheeler tem uma SUV azul e bege. Não tem certeza do modelo, porque, para ela, todos os veículos se parecem. O carro não está aqui e ele não atende à campainha.

Kimball agradeceu e pediu que ele ficasse ali e relatasse quando e se Wheeler voltasse. Ela olhou para Sanford e disse:

– Derek Mitchell é esperto, certo?

– O mais esperto que há. Por isso nós o detestamos. E ele sempre tira o dele da reta.

– Então, ele não faria alegações malucas, só porque alguém o induziu ao caminho errado.

– Seria ruim para os negócios.

– Ele não iria se expor, a menos que...

– Ele tivesse certeza absoluta de estar certo – disse Sanford, concluindo o raciocínio para ela. – No entanto, ele pode arriscar o pescoço por ela.

– Ela, sendo Julie Rutledge?

– Eu captei vibrações. Você captou vibrações?

Kimball revirou os olhos.

– Se por vibrações, você estiver falando de deslocamento das placas tectônicas no fundo da terra, então, sim. E sabe, um dos oficiais que atenderam ao chamado por causa do cachorro?

– O que tem?

– Ele me mandou um e-mail essa tarde. Perguntou se eu sabia que Julie Rutledge estava lá dando um apoio. Não sabia se isso era importante, mas...

– Você não me disse.

– Tudo isso aconteceu hoje, só lembrei agora.

Sanford ficou matutando.

– Certo, digamos que eles estão tendo alguma coisa.

– Acho que é seguro dizer.

– Ainda assim.

– Derek Michell é precavido.

– Isso também é o que estou pensando. Se ele diz que Creighton Wheeler representa

uma ameaça a alguém...

– Estou entendendo. – Kimball pegou novamente o radiotransmissor e pediu ao despachante que entrasse em contato com a delegacia de polícia de Athens. – Ah, e daí? – disse ela a Sanford, enquanto esperava. – Não será a primeira vez que fiz papel de tola. Nem você.

Sem dar uma palavra, Sanford colocou a luz vermelha em cima do teto do carro e pisou no acelerador, dirigindo rumo a Athens.

CAPÍTULO 28

O telefone de Derek tocou. Ele abriu na hora e colocou no viva voz.

– Ela não está lá – afirmou Dodge.

– O quê?

– Você está com uma rolha no ouvido?

– Ela saiu com alguém?

No banco traseiro, Ariel estava alucinada.

– Ele já está com ela. Eu sei.

– Ela não foi trabalhar hoje – disse Dodge. – Uma das outras garotas disse que ela ligou dizendo que estava doente e ela ficou muito zangada, porque eles não conseguiram encontrar uma substituta e está uma loucura. Festa da fraternidade grega. Ou uma merda dessas. O lugar estava abarrotado. Acho que a única pessoa em Athens que não está naquele bar, essa noite, é Carol Mahoney. Mas lá ela não está.

– Então, você tem que ir até a casa dela. Ariel. – Derek deu uma olhada para ela, atrás. Estava com os braços enlaçados ao redor do tronco, sacudindo-se para a frente e para trás. – Ariel – repetiu ele, firme.

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele, pelo espelho retrovisor.

– Onde a Carol está morando?

– Na casa de uma garota.

Derek tentava desesperadamente manter a paciência.

– Eu sei, mas qual é o endereço?

Ela desviou o olhar para Julie, dizendo, lamentosa:

– Não sei. Nunca fui lá, e Carol nunca me disse o endereço.

Pelo autofalante do telefone, dava pra ouvir Dodge xingando baixinho.

– Ariel, você não consegue se lembrar de nada? O nome da rua? A área da cidade? Fica perto do campus? – quis saber Julie.

– Não. Fica meio afastado. Pelo menos, foi a impressão que eu tive. Ela disse que tinha uma mata atrás da casa. Uma das paredes é coberta de hera.

– Isso nos leva à metade das casas de Geórgia – frisou Derek.

Ouvindo isso, Ariel começou a chorar.

Ouvindo-a, Dodge xingou. Depois de uma breve pausa, ele disse:

– Eu tenho uma ideia. Já ligo de volta.

Dodge voltou ao bar lotado e foi abrindo caminho em meio à massa, até encontrar a garçonete com quem tinha falado antes.

– Onde Carol está morando?

– Na casa de Savannah.

– Você sabe onde fica?

Ela disse que não. Ele não conseguiu ouvi-la, mas deu pra ler seus lábios.

– Onde está o gerente?

– O quê?

Ele levou os lábios perto de sua orelha com mil furos.

– Me aponte seu gerente.

Incomodada quando havia gorjetas a serem ganhas, ela ficou na ponta dos pés, olhou o salão, depois apontou na direção do bar.

– É aquele, com o boné virado ao contrário. De camiseta dos Bulldogs.

Dodge balançou a cabeça agradecendo e empurrou dois caras que estavam dando em cima da mesma garota. Ao chegar ao bar, ele se aproximou do cara de trinta e poucos anos que lhe fora apontado.

– Você é o gerente? – gritou ele.

– Sim. O que foi?

– Tem uns caras esvaziando sua sala de estoque.

– Roubando?

– Achei que você ia querer saber.

– Merda!

Ele empurrou uma cerveja para seu cliente, gritou para que outro bartender o substituísse, e partiu para a porta dos fundos do bar, sumindo por uma porta vaivém. Dodge foi atrás. Ele o encontrou no meio da sala de estoque, de mãos no quadril, confuso.

– Você tem uma garçonete chamada Savannah. Preciso do endereço da casa dela.

– Mas que porra é essa? Você é maluco? Quem é você?

Dodge caminhou até o cara, agarrou sua mão direita e puxou seu polegar até quase fazê-lo encostar no pulso.

– Eu sou o cara que vai quebrar seu polegar, se você não me der o endereço de Savannah. Vou contar até dois. Estou no um e meio.

– Eu deveria ter calçado alguma coisa – disse Carol. – Estou com medo de pisar em alguma planta espinhenta.

– Você prefere sentar? Tem uma árvore caída, ali.

– Terá insetos. Talvez até uma cobra.

Deus, como ela reclama, pensou Creighton. Ele ficou imaginando o que Billy teria visto nela. Além do óbvio. Os peitos.

– Vamos voltar – disse ela. – Está escuro demais para enxergar e é meio assustador. O cemitério, e tudo mais.

– Você ainda não me contou sobre Billy.

– Eu lhe direi com um copo de vinho.

– Diga agora.

Ela parou e olhou para ele e, sob o luar, ele pôde ver a primeira pontada de apreensão. Ela tentou esconder com um sorriso pouco convincente.

– Ficaremos bem mais confortáveis na varanda. Também tenho um bom queijo.

Ele se forçou a retribuir o sorriso.

– Agora, sim. Vá na frente.

O sorriso dela se abriu. Então, ela se virou e começou a caminhar em direção a casa.

Seguindo, ele a alcançou e tirou a gravata do colarinho.

– Carol?

– Hã?

– "Se eu me esquecer de dizer mais tarde, me diverti muito essa noite."

– Certo. Fica na Dabney Road, saindo da 441, rumo ao lado sul da cidade – Dodge relatou pelo viva voz do telefone de Derek. – Sabe onde fica isso?

– Eu conheço a rodovia. É dentro ou fora do anel rodoviário?

– Fora, mas não muito. Estou com meu GPS.

Como Derek estava dirigindo, Julie anotava as instruções do caminho, enquanto Dodge falava. – Não espere por nós – disse Derek a ele. – Estamos no anel agora, apenas alguns minutos do retorno.

– Já estou a caminho.

Derek desligou.

– Ariel, ligue para o telefone da casa mais uma vez. – Ela obedeceu sem comentar. Ele olhou para Julie e deu para ver uma preocupação que se igualava à sua, quanto ao que poderiam encontrar, quando chegassem lá.

Julie deu um pulo, quando seu telefone tocou em sua mão. Ela atendeu.

– Sim?

– Julie?

Julie, não Srta. Rutledge. Era uma mudança e tanto, desde a última vez que falara com Roberta Kimball.

– Sim?

– O investigador Sanford e eu entramos em contato com a delegacia de polícia de Athens. Um oficial no Red Dog ouviu do gerente que um homem o forçou a dar informação sobre Carol Mahoney.

– Esse foi o Dodge – disse Derek, de modo que pudesse ser ouvido. – Não sabíamos o endereço de onde Carol Mahoney está e ficamos desesperados. Dodge provavelmente não disse por favor.

Sanford perguntou:

– É pra lá que estão indo? Para a casa?

Sem querer ser interceptada, Julie se esquivou.

– Ariel está muito preocupada com a amiga. Ela está ansiosa para ter certeza de que ela está bem.

– Ouçam. – Era Sanford, falando muito sério. – Eu quero lembrá-los de que isso é um assunto policial.

– E eu quero lembrá-los de que vocês não reagiram, logo que ligamos – disse Julie, inflamada.

– Esperem pela polícia de Athens – disse Roberta Kimball. – Eles enviaram um carro até a casa. A delegacia do xerife também foi notificada.

– Eles estão atrasados e nós estamos aqui. – Julie desligou. Adiante, ela viu Dodge,

em pé, sob a luz da varanda de uma casinha. Enquanto ela olhava, ele bateu com o ombro contra a porta da frente e arrombou.

Derek parou o carro. Os três praticamente caíram do carro ao abrir as portas. Eles subiram correndo os degraus da varanda.

Dodge os encontrou na porta da frente.

– Não estão aqui.

– Algum sinal de violência?

– Não. Um copo de vinho na varanda dos fundos.

– O carro dela está aqui – disse Ariel. – Ela tem que estar aqui.

Ela passou por Dodge e correu pelos cômodos, freneticamente gritando o nome de Carol.

Assim que Ariel não podia mais ouvir, Dodge falou, num tom baixo.

– Eu não quis que ela pirasse, nem ficasse histérica, mas eu não fui o único a pedir esse endereço ao gerente.

– Creighton?

– O gerente disse que um cara ligou, se passando por um membro do corpo docente do departamento de línguas estrangeiras, dizendo precisar esclarecer esse endereço de Savannah. Agora o gerente percebe que foi manipulado a dar a informação. Ele não sabia que não deveria fazê-lo.

Ariel voltou correndo para a sala e Dodge achou que ela parecia à beira de um ataque histérico.

– Ela não está aqui. Onde está ela? O que ele fez com ela?

Julie a pegou pelos ombros.

– Você mencionou a mata atrás da casa, não foi?

– Droga! – disse Kimball.

Sanford fez a curva em duas rodas.

– O quê?

– Os oficiais acabaram de chegar a casa.

– Não tem ninguém lá?

– Estão todos lá – relatou Kimball. – O carro de Carol Mahoney e mais dois.

– Uma SUV?

– Não. Derek e suas piadinhas. Eles verificaram as placas. No entanto, uma caminhonete marinho e bege foi vista abandonada no mato, a meio quilômetro da casa.

Sanford xingou e Kimball também. Nessa eles erraram desde o começo. Se Carol Mahoney acabasse morta nas mãos de Creighton Wheeler, eles seriam responsabilizados.

– Pelo menos – disse Sanford –, os locais podem evitar que Mitchell e a Srta. Rutledge façam justiça com as próprias mãos.

– Só havia carros lá. Nem sinal de gente.

– O quê?

– A casa está vazia.

– Onde diabos eles se meteram?

Os quatro atravessaram correndo a clareira que separava a casa da mata. Derek estava grato pela lua, mas estava com sapatos sociais e o solo era todo desnivelado. Pelo menos ele tinha um condicionamento físico decente. Dodge estava com dificuldades. Embora os dois estivessem bem à frente das duas mulheres, que o ignoraram quando ele disse que elas esperassem na casa. Elas estavam atrás dele e de Dodge, mas não muito.

– Você tem uma arma? – gritou Dodge.

– Não.

– Péssimo hábito, doutor. Sempre deve andar armado.

Derek deu uma olhada para trás e viu Dodge tirando uma pistola da parte de trás, debaixo da jaqueta. Ele tinha porte.

– Se pegá-lo, o que espera fazer sem uma arma?

Derek chegou à floresta, mas não desacelerou, entrou com tudo na escuridão.

Creighton citou a frase de Julia Roberts, em Uma linda mulher, um segundo antes de enlaçar a gravata por cima da cabeça de Carol e apertar ao redor de seu pescoço.

Ela fez um som de choque que se transformou num gorgolejo engasgado. Seus joelhos dobraram e suas mãos voaram até a garganta. Ele puxou apertando ainda mais a gravata, torcendo na nuca, e continuou a torcer, como se estivesse tentando tirar água. Ela relutava loucamente, cravando os tornozelos descalços na terra.

Ela começou a enfiar as unhas na gravata e esticou os braços para trás, para unhar o rosto dele, as mãos dele. Mas ele já esperava por isso e estava pronto. Colocando uma das mãos atrás da cabeça dela, ele bateu com seu rosto de encontro ao tronco de uma árvore, deixando-a tonta e fazendo com que suas mãos caíssem ao longo do corpo.

Mas ele não queria matá-la logo. Seria rápido demais. Ele torceu a gravata apertando mais, esperando provocar uma reação. Em Frenesi, o assassino da gravata ficava cara a cara com sua vítima. Ele tinha a chance de observar seu rosto enquanto a estrangulava. Creighton teria gostado disso, mas as circunstâncias eram diferentes. Ele tampouco estava estuprando Carol Mahoney enquanto a estrangulava. A hora e o lugar simplesmente não eram apropriados para que copiasse a cena com exatidão.

Ele também ia gostar se ela gritasse. Como Sarah Walker e Allison Perry tinham gritado, quando ele rasgou suas carnes virgens! Como Jerry Bascomb tinha gritado, ao ver seu dedo mindinho decepado, numa poça de sangue, nos ladrilhos do chão do banheiro do vestiário. Creighton imaginou que o garoto magricela havia gritado mais pelo terror do que via do que pela dor, mas tinha sido igualmente divertido.

Claro que a falta de ar impedia um grito de Carol Mahoney, mas ele gostaria de pelo menos um gemido. Como a viúva fizera, no estacionamento do supermercado.

– Carol!

O grito veio, a distância, mas fez com que ele congelasse. E despertou a garota do torpor. Ela gemeu e começou a se mexer, numa tentativa fútil de escapar dele.

– Carol!

Dessa vez, outra voz. A voz de Julie. Julie? Que diabos...?

Ao ouvir um som, ele virou bem na hora que seu rosto foi de encontro ao punho fechado de Derek Mitchell, que acertou seu queixo. O soco foi tão forte que o mandou voando para trás. A gravata escorregou de sua mão.

Mitchell o levou para o chão, aterrissando em cima dele, montando sobre seu peito.

– Seu assassino filho da puta.

Mitchell deu um soco no rosto de Creighton e a dor reverberou em seu crânio.

– Derek?

Julie? Ela, de novo? A mulher era uma praga. Ele deveria ter mandado Billy matá-la também.

– Aqui!

As palavras estavam distorcidas. Creighton estava tendo dificuldade para focar.

Mitchell estava dizendo:

– Essa é por todos aqueles garotos que você machucou e se safou. Essa é com os cumprimentos de Paul Wheeler.

Outro golpe no queixo de Creighton o fez morder a língua com os dentes que depois foram quebrados.

– E essa é por Maggie.

Creighton viu o punho se aproximar e estava impotente para detê-lo.

Ele ouviu seu osso facial ser triturado. A dor chegou depois, mas quando veio, foi com a intensidade de um bate-estaca e quase o fez apagar. Ele estava ciente de que Derek Mitchell estava plantando a mão em seu peito e saindo de cima dele. Mas depois ele ouviu Mitchell gritando, alarmado:

– Julie! Não! Não faça isso!

Creighton entreabriu os olhos. Julie estava em pé, acima dele, segurando a pistola com as duas mãos, mirando o cano diretamente para seu rosto. Com a voz mais aterrorizante que ele já tinha ouvido, ela sussurrou:

– "Faça o meu dia."

E puxou o gatilho.

– Para sua mão. – Dodge entregou a Derek um saco de gelo.

Ele assentiu agradecendo e aplicou aos nós dos dedos inchados e ensanguentados.

Dodge tinha saído para fumar meia hora antes e acabara de voltar. Além do saco de gelo, ele trouxera um saco da Starbucks com três cafés dentro. Passou um para Julie e um para Derek, e ficou com o outro.

Eles estavam na emergência do Hospital Regional de Athens, para onde Creighton e Carol tinham sido levados, em ambulâncias separadas. Policiais uniformizados e agentes da delegacia do xerife estavam andando em volta, tentando parecer oficiais, tomando café da máquina expressa e atrapalhando o pessoal da equipe médica. Os colegas à paisana estavam reunidos num canto, confabulando com Sanford e Kimball.

Dodge bebia seu café ruidosamente.

– Alguém já olhou?

– Minha mão? – Derek flexionou e esticou os dedos. – Está tudo bem. Nenhum osso quebrado.

– Um milagre, do jeito que você bateu nele.

– Ele merecia até mais.

– E ganhou. – Dodge deu uma olhada de esguelha para Julie.

Derek rosnou:

– Que diabos você estava pensando, Dodge, quando deu sua pistola pra ela?

– Eu não aguentava mais correr e ia desmoronar. Não quis que ela seguisse atrás de você sem uma arma. – Ele deu um sorriso de admiração para ela. – Eu não sabia que ela ia bancar a Dirty Harry.

– Eu só quis que Creighton achasse que eu ia – disse ela, baixinho. Quando Paul insistiu que ela guardasse o revólver embaixo da cama, para proteção, ele também insistiu que ela aprendesse a atirar com precisão.

O estrondo da pistola tinha feito Creighton gritar. Ela havia disparado a arma no chão, bem perto de sua cabeça, a uma distância suficiente para que ele pudesse sentir o impacto e saber como tinha sido o último momento da vida de Paul Wheeler.

Dodge deu uma olhada na direção dos investigadores.

– Eles fizeram alguma menção de fichar algum de vocês?

Derek sacudiu a cabeça.

– Provavelmente estão discutindo jurisdição.

– Eles nem sequer nos interrogaram. – Julie, que estava sentada perto de Derek, espanava a terra dos joelhos da calça dele. – Eu disse a eles que Creighton não seria derrubado tão facilmente, e que eu e Derek tivemos que fazer o possível para dominá-lo até que a polícia chegasse.

Dodge deu uma gargalhada.

– Dominar? Vou te contar.

– Ariel me respaldou.

– Pelo que vi do Wheeler, quando o colocaram na ambulância, o osso do rosto estava afundado – disse Dodge.

– Ele agora está em cirurgia.

– Ele não será mais tão bonito de agora em diante. – O investigador deu uma fungada. – E aposto que tiveram que trocar sua cueca. – Ele olhou em volta. – Onde está Ariel?

– Com Carol – disse Julie a ele. – Os médicos a examinaram. Ela ficará com hematomas e o pescoço dolorido, mas estará bem em alguns dias. Ariel recebeu permissão para passar a noite com ela, depois que a mandarem para um quarto. Ambas ainda estão abaladas.

– Mais alguns segundos e teria sido tarde demais – disse Derek. – Mesmo que tivéssemos capturado Creighton, Carol estaria morta.

– Mas ela não está – disse Julie, esfregando a coxa dele.

Derek virou a cabeça e sorriu pra ela, depois, ao dar um gole em seu café, ele

apontou em direção à entrada.

– Eles chegaram.

Doug e Sharon Wheeler, e um homem que Julie não reconheceu passaram pelas portas automáticas. Ao vê-la, eles vieram em sua direção. Doug parecia resoluto. Sharon parecia arrasada, quase sem conseguir manter a compostura. Julie nunca a vira com um fio de cabelo fora do lugar. Essa noite, ela parecia devastada.

– Eles trouxeram um peso-pesado – disse Derek, baixinho, referindo-se ao homem que seguiu em direção a Sanford, Kimball e seus colegas da delegacia de polícia de Athens.

– É um advogado? – perguntou Julie.

– Está mais para anticristo – murmurou Dodge. – Eu vou fumar.

Os Wheeler nem olharam para Dodge, ao passar por eles, rumo à saída. Julie se levantou para encontrá-los. Derek também.

– Não é verdade! – Sharon deu um gritinho, fazendo todos na sala de espera virarem para olhar.

Doug pousou o braço ao redor dela e a puxou para perto, sem tirar os olhos de Julie. Ele disse seu nome, como se fosse uma pergunta.

– Creighton ainda está em cirurgia – disse ela. – Ele foi ferido...

– Ele foi brutalmente espancado! – gritou Sharon, fulminando Derek.

– Seu filho foi flagrado tentando estrangular uma jovem, Sra. Wheeler – disse ele.

Julie adorou o fato de Derek ter falado com Sharon sem rancor. Seu tom chegava a ser bondoso.

– Se eu não o impedisse – acrescentou –, ele a teria matado.

Sharon se encolheu junto ao marido. Derek rapidamente chegou para o lado e ajudou Doug a conduzi-la até uma cadeira. Ela cobriu o rosto com as duas mãos e começou a chorar. Doug se inclinou sobre ela, sussurrou algo em seu ouvido, enquanto afagava suas costas, depois se endireitou e virou para Julie e Derek.

– Faremos o melhor por Creighton. – Seu tom insinuava que ele esperava que os dois argumentassem. Ele deu uma olhada na direção do advogado que estava falando com Sanford e Kimball, que permaneciam firmes diante de seu discurso.

Quando Doug virou de volta para Julie, a dor nos olhos dele – olhos de Paul – era incomensurável. Ela teve total compaixão por ele.

– Lamento, Doug – disse ela, com a voz embargada de sentimento. – Sinceramente.

– Eu sei. – Ele fez um gesto de impotência. – Creighton é... uma tragédia. Mas ele é meu filho. Como pai, tenho que fazer tudo que puder por ele.

– É isso que os pais fazem. Cuidam de seus filhos.

Doug olhou para ela por vários segundos, depois disse:

– Como Paul fez com você. Que é filha dele.

EPÍLOGO

– Preciso que você pendure minha pintura.

– Você ainda não pendurou?

– Eu primeiro mandei pintar as paredes.

– De que cor?

– Da mesma cor.

– Entendo. Bem, a pintura parecia boa na parede onde estava encostada.

– Você acha?

– Imagino que você ainda a queira em seu quarto.

– A menos que você encontre um lugar melhor para ela.

– Posso dar uma olhada, com o maior prazer. É só me dizer quando for uma hora conveniente para que eu vá até lá.

– Está bem.

Era sábado de manhã, duas semanas depois daquela longa noite em Athens.

Sem esperar por ele, Julie tinha atendido à porta com um avental por cima de um jeans e uma camiseta regata. Ele também estava com roupa de sábado de manhã.

A conversa acabou quando eles ficaram se olhando, na porta. Ela estava ansiosa para vê-lo, mas não se atreveu a entrar em contato. Sabia que se voltasse a vê-lo, a iniciativa teria de partir dele. Seu coração estava disparado, quando ela limpou as mãos no avental.

– Tem café fresco. – Ela gesticulou para que ele entrasse, depois seguiu na frente, rumo à cozinha. – Eu estava cozinhando.

– Imaginei. – Ele apontou o avental.

– Coq au vin. Quer café?

– Claro.

Ela serviu uma xícara e conseguiu passar para a mão dele, sem tocá-lo.

Ele deu uma olhada na direção do forno.

– O cheiro dá água na boca.

– Estou fazendo isso para a mãe de Kate. Ela vai receber seu grupo de Bunco essa noite e queria servir algo especial.

– Legal de sua parte ter todo esse trabalho por ela.

– Não é trabalho nenhum. Eu gosto. Cozinhar é uma terapia.

– Você precisa de terapia?

Ela riu levemente e reabasteceu a própria xícara.

– Sente-se.

Eles sentaram um de frente para o outro, na mesinha de bistrô, e ficaram tomando café, em silêncio. Parecia que nenhum dos dois sabia para onde olhar. Ela foi a primeira a falar.

– Você pintou as paredes. Então, pretende continuar naquela casa. Não vai se mudar.

Ele a olhou interrogativo.

– Você disse que achava que a casa jamais voltaria a ser a mesma sem Maggie –

prosseguiu ela. – Achei que talvez fosse mudar.

– Ela sempre fará falta, e cada cômodo guarda uma lembrança dela. Mas mudar seria me punir. Eu adoro aquele lugar. Além disso, me recuso a deixar que Creighton Wheeler tenha tanta influência assim em minha vida.

– Fico contente que você permaneça lá. É um lugar lindo.

– Obrigado. Quando você for pendurar o quadro, eu te mostro tudo.

– Ficarei ansiosa por isso.

Outro silêncio estranho se prolongou entre eles.

Finalmente, ela disse:

– Roberta ligou e...

– Agora é Roberta?

– Ela insiste. Ela ligou e disse que assim que Creighton conseguiu falar, ele fez um relato eloquente, por mais de cinco horas, em sua cama hospitalar. Eles gravaram em vídeo.

Derek estava concordando.

– Eu também fui citada. Ele confessou tudo, orgulhosamente e sem qualquer remorso, inclusive crimes que ninguém sabia que havia cometido.

– Eles encontraram os corpos daquelas duas garotas que ele alegou ter matado?

– Ontem. Exatamente onde ele disse que estariam.

Julie sacudiu a cabeça, tristemente.

– Pelo menos agora, as famílias sabem o que aconteceu com elas.

– Ele temia que Paul se casasse com você, talvez até tivesse um filho, e isso usurparia sua fortuna, como herdeiro de Paul. Segundo Sanford, depois que ele começou a falar, seu ego se apossou de sua língua. Seu advogado ficou paralisado, mas Creighton queria se gabar sobre o quanto era brilhante. Resumindo, ele é um psicopata.

– Roberta queria assistir ao filme que ele estava imitando com Carol Mahoney. Eu dei a ela o DVD de Frenesi e disse que não queria de volta. Aquela cena... – Ela esfregou os braços, que ficaram arrepiados. Lentamente, ela acrescentou: – Aquela jovem lhe deve a vida, Derek.

– Você desvendou o mistério, não eu. Se não fosse por você ter aquela intuição quanto ao Pacto sinistro...

– Eu ainda seria a suspeita principal.

– E Carol Mahoney estaria morta. Talvez até Ariel. Embora Creighton alegue que não tinha planos de matá-la, eu acho que ele pegou gosto pela coisa. De qualquer forma, aquelas mulheres também lhe devem a vida.

– Bem... – Ela não queria levar crédito por um conjunto de circunstâncias felizes. – Uma coisa que não consigo entender é o motivo para que Billy Duke tenha vindo à minha casa plantar as provas.

– Quer saber meu palpite?

– Por favor.

– Creighton estava tentando eliminar todas as suas ligações com Billy. Talvez Billy estivesse tentando eliminar as dele com Creighton. Ele estava tentando passar a culpa

para você.

– Para depois fugir e me deixar com as joias na mão.

– Literalmente.

– Eu o vi atirar em Paul. Ele o matou a sangue-frio. Mas acho que ele jamais mataria alguém, se Creighton não o tivesse coagido. Em um sentido bem real, ele também foi vítima de Creighton. Ele teve uma morte horrível. Nunca vou me esquecer.

– Há muita coisa que nunca esqueceremos.

Eles ficaram se olhando por vários segundos. Ela foi a primeira a desviar.

– As notícias sobre Jason Connor... Você estava certo quanto a ele.

A história vinha predominando os noticiários havia dias. Havia sido a irmã de Jason, uma menina de doze anos, que cometera o duplo assassinato numa crise de ira, por ter sido vítima de abuso sexual do padrasto durante anos. Por medo, porém, provavelmente mais por indiferença, a mãe permitia. Jason desconfiava que a irmã viesse sofrendo abuso, mas as situações sempre ocorriam quando ele não estava em casa, e a garota sentia vergonha demais e medo de represálias para contar a ele.

Ele chegou da escola e a encontrou sentada no chão, perto dos corpos dos dois, coberta de sangue, com a faca na mão, em estado catatônico. Ele a limpou e assumiu a culpa, sentindo-se culpado e merecedor de punição por não protegê-la. Quando ele foi preso, ela foi deixada sob a guarda de parentes, a quem ela confessou.

– Eu não estava em posição de discutir com você sobre ele – disse Julie. – Peço desculpas.

– Geralmente, os meus clientes são culpados, Julie. Alguns são vis, sem qualquer qualidade que salve. Vou à batalha por eles, por terem direito constitucional a uma defesa. Alguns são ricos e influentes, mas igualmente culpados. Eles, também, têm direito à defesa.

– Mas ocasionalmente surge alguém como Jason, que é realmente inocente. Por isso eu consigo fazer o que faço. Esse é o motivo para que eu faça. De vez em quando, uma pessoa é, de fato, acusada injustamente, e precisa desesperadamente de alguém do seu lado que acredite nela, lute por ela.

– Eu nunca mais vou pedir que você justifique nada pra mim. Eu prometo. – Ela respirou fundo. – Você, por outro lado, merece uma explicação, há muito tempo.

Ele pousou a xícara de café.

– Paul Wheeler era seu pai, não seu amante.

Ela ergueu os ombros levemente.

– Depois de se formar no segundo grau, minha mãe foi passar o verão na praia com algumas primas distantes. Ela conheceu Paul num baile. Eles tinham dezessete anos, estava quente, havia luar na costa, vinho de morango. Você já entendeu. Aconteceu.

– Wheeler não sabia?

– Ele soube. Minha mãe entrou em contato com ele e disse que estava grávida. Meu pai, o homem que me criou, já era apaixonado por ela havia anos, e esperava que ela tivesse uma idade adequada para se casar. Ela também contou para ele. Ele quis casar com ela mesmo assim, e ela realmente o amava.

"Ao ver como era o relacionamento dos dois, Paul desistiu de seus direitos de pai, sabendo que seria melhor para mim se o fizesse. Ele estava prestes a entrar na universidade. Não era casado. Meu pai queria se casar com minha mãe e me assumir como sua. Então, Paul elegantemente se retirou de minha vida.

"Ele ofereceu ajuda financeira, mas minha mãe e meu pai respeitosamente recusaram. Honrou esse desejo deles, mas fez minha mãe jurar que se ela ou eu algum dia precisássemos de alguma coisa, ela mandaria avisá-lo. Ela nunca o fez. Até que eu tive problemas em Paris."

O relógio do fogão apitou. Ela levantou, pegou as luvas térmicas e tirou uma assadeira de ferro do forno. Voltou à sua cadeira e tirou as luvas.

– Minha mãe estava doente, sem poder me tirar daquela confusão, então, mandou chamar Paul. Mesmo depois de fazer anos que eles não tinham qualquer contato, ele foi vê-la imediatamente. Ela contou sobre Henri. Ou melhor, o que ela sabia. Eu tinha escondido dela, sem querer preocupá-la com a situação que eu havia criado para mim. Paul largou tudo e, como você disse, voou para me salvar.

Derek a olhava pensativo.

– O que você pensou, quando esse milionário americano apareceu e se apresentou como seu pai?

– Era de esperar que eu fosse me ressentir com ele, não? Você é meu pai? Onde esteve todo esse tempo? Mas Paul foi incrivelmente gentil. Ele tinha a maior consideração por minha mãe, tanto pela garota que ela havia sido, quanto pela mulher em que se transformara. Ele louvava meu pai pelo homem amoroso e receptivo que ele havia sido. Disse que esse tipo de amor incondicional era raro e que ele, Paul, era grato por eu ter sido criada com um homem daqueles cuidando de mim.

Ela esboçou um sorriso fraco.

– Embora sua notícia tivesse abalado as estruturas de minha vida, eu não via motivo para odiá-lo. Ele logo deixou claro que embora detestasse que eu tivesse sofrido com Henri, e a infelicidade que ele me causara, ele estava grato pela oportunidade de fazer algo por mim. Disse que embora não tivesse participado de minha vida, eu nunca tinha ficado longe de seus pensamentos. Ele queria me recompensar pelo tempo perdido. Não só queria me ajudar a sair daquela situação de crise, mas queria me conhecer, ter o relacionamento que nos havia sido negado.

– Mas ele não a reconheceu como filha.

– Eu não deixei que ele o fizesse.

– Por quê?

– Em primeiro lugar, por respeito ao meu pai. E em respeito à esposa de Paul, a quem ele amou, com todo o coração. Eu não queria que ele me reconhecesse, se Mary não pudera lhe dar filhos.

– Ele contou a ela sobre você?

– Sim. Eles não guardavam segredo um para o outro. Ele disse que, de tempo em tempo, ela o incentivava a me procurar, me convidar a entrar na vida deles, mas, por todos os motivos que eu lhe disse, ele não o fez. Talvez, se ela ainda estivesse viva,

quando ele foi a Paris, talvez, se minha mãe tivesse vivido, nós tivéssemos tomado decisões diferentes quanto a ele me assumir publicamente, mas achei melhor que as coisas ficassem como estavam, que ele e eu deixássemos que nosso relacionamento não tivesse sua natureza esclarecida, que as pessoas concluíssem o que quisessem.

– Você sabe o que concluíram.

– Em troca do deboche de gente com quem eu não me importava, eu tive dois anos com alguém com quem me importei muito. E foram anos maravilhosos, Derek. Sem tirar nada das duas pessoas queridas que me criaram, Paul e eu recompensamos muito pelo tempo perdido. Ele me amava e eu o amava também.

– Nem Doug sabia sobre você.

– Não, até que o advogado de Paul disse a ele, por conta do testamento. Fico contente que agora ele saiba.

– Ele irá aceitá-la como membro da família?

– Eu não sei. Se for o caso, irá preservar o segredo de nosso parentesco. Mas eu espero que ele e Sharon me aceitem de alguma forma. Eles irão precisar de apoio, agora que Creighton está atrás das grades. Estão enfrentando isso sozinhos. Quero ajudá-los da forma que eu puder, da forma que eles deixarem.

Derek remexeu na alça de sua caneca de café, mas não pegou. Finalmente, ele disse:

– Você poderia ter me contado, Julie.

Ela esticou o braço por cima da mesa e cobriu a mão dele.

– Quase contei naquela noite em que estávamos estacionados na frente do hotel e você me beijou.

– Você disse "Não faça isso comigo".

– Porque era uma tortura, eu não ficava com um homem desde Henri. Não procurei um relacionamento romântico durante todo o tempo em que fiquei com Paul. Ele me incentivava a namorar. Queria me ver feliz com alguém que me amasse. Acho que teria gostado de ter netos – acrescentou ela, com um sorriso triste.

"Mas o que aconteceu com Henri me deixou cautelosa. Além disso, a maioria dos homens não teria compreendido meu 'relacionamento' com um homem bonito e mais velho. Portanto, parte de mim tinha ficado reprimida, por um bom tempo. Até aquela noite, no avião." Ela olhou para ele, depois desviou o olhar. "Eu evitei seus beijos porque, embora o quisesse, eu sabia que você estava pensando que eu era uma caçadora de fortuna, pronta para pegar o homem seguinte. Direto da cama de Paul para a sua."

– Eu não estava pensando nada horrível assim.

– Mas parecido?

Ele sacudiu os ombros, culpado.

– Então, seria sem intimidades para que eu te respeitasse no dia seguinte.

Ela sorriu.

– Por mais que pareça clichê, sim.

– Então, por que você não me contou naquela noite? Em momento algum? Por que me deixou ficar pensando o pior?

– A princípio, eu não podia confiar em você, com o segredo.
– E depois?
– Até que eu confiasse em você, já tinha virado uma mentira de omissão que me faria parecer até menos digna do que você achava.
– Independentemente do que eu achava, isso não impediu que eu a quisesse. Mas, se me perguntar se estou contente por você ser filha de Paul, em vez de sua amante, sim. Decididamente.
– Fico contente que você esteja contente.
Ele hesitou, depois perguntou:
– E quanto ao dinheiro?
– Não tenho intenção de tocar nele. Vou doar.
– Muito nobre, mas seja realista, Julie. É uma fortuna absurda. Até para doar irá demorar um tempo.
– Eu tenho o resto da minha vida. – Ela olhou para ele, apelativa. – Por favor, não deixe que isso seja um problema para você. Porque, eu te juro, não é problema pra mim.
Ele estudou o rosto dela atentamente e quando viu que ela estava sendo sincera, suas feições relaxaram.
– Dodge está pretendendo te pedir um empréstimo.
– Ah, agora ele gosta de mim?
– É, gosta. – Baixando o tom de voz, ele acrescentou: – Eu também.
– Eu também gosto de você – disse ela, com a voz grave. – Muito. Por onde você andou?
– Desde que saí como uma bala da emergência? Pensando.
– Em nós?
– Em como eu e meu ego nos sentíamos depois de termos sido feitos de tolos.
– Eu não guardei meu segredo para fazê-lo de tolo, Derek. Eu estava protegendo Paul, minha mãe, meu pai, Mary Wheeler, todos eles, de um escândalo.
– É, essa foi uma das conclusões que eu e meu ego tiramos.
– E quais são as outras?
– Que você era a filha de Paul Wheeler quando nos conhecemos. E que se eu soubesse, isso não teria feito a menor diferença quando a toquei pela primeira vez.
– Não teria?
Ele sacudiu a cabeça.
– Você ainda teria...?
– Ah, sim. Nada teria me impedido de segui-la até aquele toalete.
Ele se levantou e deu a volta na mesa. Depois a puxou da cadeira e passou os braços ao redor de sua cintura.
– A última coisa que concluí foi que eu realmente seria um tolo se me negasse anos de felicidade por causa de um pequeno orgulho.
– Anos.
– Começando hoje. Começando agora mesmo.

Ele encostou levemente os lábios nos dela, e eles se agarraram, dando beijos famintos.

Quando finalmente ergueu a cabeça, ele disse:

– Isso era tudo que eu queria saber. Depois acertamos os detalhes.

Ele se inclinou para beijá-la novamente, mas ela recuou a cabeça para trás.

– Uma coisa.

Ele fungava o pescoço dela, enquanto desamarrava o avental e enfiava as mãos por baixo de sua camiseta regata.

– Seja breve.

– Quando nossos filhos perguntarem como nos conhecemos...

Ele riu.

– Pensaremos em alguma coisa.



SANDRA BROWN é autora de inúmeros romances da lista dos mais vendidos do The New York Times, incluindo O álibi, Calafrio, Cortina de fumaça, Inveja, Jogue sujo, Obsessão, Tempo quente, Tiro indireto, A troca, Uma voz na escuridão, todos publicados pela Rocco. Ao longo de quase três décadas, a escritora nascida em Waco, no Texas, já vendeu mais de 70 milhões de exemplares e seus livros foram traduzidos em 33 línguas.